

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana – PPGE

Daniela da Cruz Miranda Diniz

**“DEPOIS QUE EU FUI PRA ESCOLA, EU FUI PERDENDO ESSE
CERTO BRILHO, SABE?”**
NARRATIVAS DE JOVENS DE 15 A 17 ANOS

Belo Horizonte
2022

Daniela da Cruz Miranda Diniz

**“DEPOIS QUE EU FUI PRA ESCOLA, EU FUI PERDENDO ESSE
CERTO BRILHO, SABE?”**
NARRATIVAS DE JOVENS DE 15 A 17 ANOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa 1: Culturas, memórias e linguagens em Processos Educativos

Orientadora: Karla Cunha Pádua

Belo Horizonte
2022

Ficha Catalográfica: Arlete Inocência Menezes Leal Granados CRB/6 - 3100

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana – PPGE

Dissertação intitulada *”Depois que eu fui pra escola, eu fui perdendo esse certo brilho, sabe? Narrativas de jovens de 15 a 17 anos*, de autoria da mestranda Daniela da Cruz Miranda Diniz aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dra Orientadora: Karla Cunha Pádua (orientadora) FAE/UEMG

Prof.^a Dra. Licínia Maria Correia (membro titular) – FAE/UFMG

Prof.^a Dra. Álida Angélica Alves Leal (suplente) – FAE/UFMG

Prof.^a Dra. Cirlene Cristina de Sousa (membro titular) – FAE/UEMG

Prof.^a Dr. Francisco André Silva Martins (suplente) – FAE/UEMG

Belo Horizonte, 13 de junho de 2022.

Dedico este trabalho ao Éder (in memoriam) e aos inúmeros jovens que assim como ele, passaram pela escola com seu saber e suas histórias em busca de afetos, compreensão e diálogo.

Agradecimento

Este trabalho começou muitos anos antes da minha entrada no mestrado. Ele é fruto das minhas vivências e aprendizados numa interlocução profunda com familiares, amigas-professoras, estudantes e a minha orientadora. Expresso a todos e todas meus agradecimentos, em especial:

Primeiramente agradeço aos jovens da escola estadual Esperança que voluntariamente participaram dessa pesquisa cedendo parte de seu tempo e compartilharam seus conhecimentos tão preciosos comigo. Um sentimento de gratidão me invade ao me recordar do nosso primeiro encontro lá na escola. Ainda fazendo parte do meu primeiro agradecimento, junto com os estudantes entrevistados neste estudo, está o meu irmão Éder (em memória) já que não posso te agradecer pessoalmente, sei que receberá meu agradecimento onde estiver. Durante o meu caminhar, sua presença se fez nos encontros com os estudantes.

Dentre os muitos que estiveram ao meu lado; agradeço à Karla Pádua pela atenção expressa nos áudios de WhatsApp com o seu sempre: - “Oi Daniela”, e sua dedicação em ler o texto e sempre com os seus “pitacos” me apontar a melhor direção a seguir no percurso do mestrado. Obrigada Ana Paula, Silvia e Telma, pois acompanharam de “perto virtualmente” meu percurso na escrita desta dissertação, me fazendo cada dia mais segura do que fazer, justamente na hora em que eu não fazia ideia de como prosseguir.

Não posso deixar de agradecer a Elisabeth e Maria José que tanto me auxiliaram neste estudo, que foram muito solícitas em me receber e atender pessoalmente disponibilizando informações sobre os estudantes diante de uma situação jamais esperada, a pandemia do Covid-19. Sou grata ao diretor Bruno Denis, Nazareth, Silvana, Silas Inácio, Silvia, Rosângela, Diego, Vinicius, Janaina e a todos e todas demais funcionários da escola “Esperança” por me ajudar a compreender a escola como um espaço sociocultural.

Gratidão ao professor nevense Heli Sabino da FAE-UFMG por me conceder a honra de ser sua aluna de disciplina isolada no Promestre, mesmo depois de 24 anos e por compartilhar o seu aprendizado comigo. Agradeço a minha amiga nevense Vanuza,

mesmo que agora estamos distante uma da outra em distância, sempre me apoiou e me ajudou nos momentos mais difíceis quando retomei os estudos. A partir daí, a minha retomada à vida acadêmica se fez mais intensa e por isso agradeço também da FAE-UFMG: Licínia, Shirlei, Adriana Duarte, Juliana Reis e Juarez Dayrell. As leituras indicadas e as tão profundas discussões durante as três disciplinas isoladas aprendi a tecer um olhar mais sensível para a juventude dentro da sala de aula como professora, como também neste estudo. Como também, a galera do Observatório da Juventude pelas ricas discussões durante a pandemia em nossos encontros virtuais. Sou grata pela acolhida e por me afinar ainda mais o meu olhar mais sensível para os jovens. Saibam que me fizeram estar mais perto dos jovens num momento em que era necessário estarmos “isolados coletivamente” em razão da Covid-19. A agora doutora em Educação, Helen Cristina, seus textos e sua tese, especificamente o questionário sociocultural, a sua sensibilidade e organização do seu trabalho foram “meu Sul, leste, oeste e qualquer outra direção que você pensar”.

À professora Cirlene Cristina por contribuir tanto na sua leitura atenta e contribuições desde a leitura do parecer do projeto de pesquisa até a escrita final da dissertação de mestrado. Não poderia deixar de agradecer as minhas colegas do Grupo de pesquisa “Ações Coletivas Narrativas” pelos nossos encontros e as reflexões tecidas neles acerca do processo narrativo-biográfico.

Gratidão tenho pelo meu parceiro e companheiro de vida: Rondnelly por me motivar e apoiar nos estudos. À Laura, minha filha, por me alegrar nos momentos mais angustiantes e tensos deste estudo. Agradeço aos meus pais: “o senhor e a senhora fizeram o que lhes era possível naquele momento”. À minha irmã por me ajudar a pensar “fora da caixa” e com isso, me fazer desnaturalizar “velhos pensamentos coloniais”. Finalmente, À nova geração de jovens: meus sobrinhos e sobrinhas por me ajudarem a compreender e a perceber a singularidade que cada ser humano carrega dentro de si.

Todo saber humano tem em si um testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância.”
(FREIRE, 2016, p.35)

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a compreender e analisar como se constroem as trajetórias escolares de jovens entre 15 a 17 anos matriculados no 9º ano do ensino fundamental em uma escola pública estadual na cidade de Ribeirão das Neves em Minas Gerais. Para tanto, este estudo analisa como seus saberes e sentidos se relacionam com seus percursos notados como de insucesso escolar. Busco identificar quem são os jovens de 15 a 17 anos, investigando dimensões culturais do ser jovem que entram em conflito com a cultura escolar e analisando como algumas ações e práticas escolares direcionadas a essa faixa etária contribuem para o aumento das retenções escolares. Em nosso referencial teórico optamos por ater aos estudos que têm sido realizados sobre Juventudes e a sua relação com a educação formal. Em nossa metodologia consistimos da abordagem quantitativa e qualitativa. Quanto aos instrumentos de pesquisa, recorreremos ao preenchimento de questionários, pesquisa e análise bibliográfica, análise dos dados educacionais junto a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD/IBGE – e Censo Escola. Como também, num primeiro momento tentamos realizar a entrevista narrativa, entretanto, dada a uma condição específica da faixa etária pesquisada, optamos por finalizar a pesquisa de campo com a entrevista dialógica. O universo desta investigação correspondeu a 15 (quinze) jovens que responderam ao questionário, e a 3 (três) destes que ofereceram as suas narrativas. A pesquisa se mostrou relevante por acenar, tanto nas estatísticas e nas narrativas realizadas com os entrevistados, para trajetórias escolares marcadas por experiências de reprovação e conflitos intermitentes com a escola. Os resultados obtidos em nosso estudo, nos levaram a sugerir uma alta probabilidade de que as condições de vida, de moradia e de acesso a vários serviços básicos de saúde e alimentação podem estar comprometidos. Condições de desigualdades sociais que podem ter sido aprofundadas e acirradas pela pandemia da Covid-19 que se repercutem nas escolas com a negligência e ausência de políticas públicas que busquem diminuir os altos índices de reprovações desta faixa etária. Observamos ainda que o estabelecimento de pontos de diálogos com os estudantes pode contribuir para a adequação das necessidades e demandas dos alunos. Isso possibilitaria uma mudança na percepção dos acontecimentos, conflitos e fatos que afetam a todos dentro do ambiente de ensino. Por fim, nas entrevistas realizadas, pudemos compreender a necessidade do acolhimento e da escuta sensível como possibilidade de mudança na maneira como são percebidos estudantes desta faixa etária e com trajetórias de vida interditas dentro da escola.

Palavras-chave: Juventudes. Escolarização. Narrativas

ABSTRACT

This research aims to understand and analyze how the school trajectories of young people between 15 to 17 years old enrolled in the 9th year of elementary school are built in a state public school in Ribeirão das Neves city in Minas Gerais. Therefore, this study analyzes how their knowledge and meanings relate to their paths noted as school failure. I seek to identify who are young people between 15 and 17 years old, in the search to is investigating cultural dimensions of being young that come into conflict with school culture and t is to analyze which school actions and practices aimed at this age group don't contribute to the reduction of school dropout. In our theoretical framework, we chose to stick to the studies that have been carried out on Youth and their relationship with formal education. In our methodology, we consist of a quantitative and qualitative approach. As for the research instruments, we resorted to filling out questionnaires, research, and bibliographic analysis, and analysis of educational data together with the National Household Sample Survey - PNAD/IBGE - and the School Census. As well as, at first, we tried to carry out the narrative interview, however, given the specific condition of the age group researched, we chose to end the field research with a dialogic interview. The universe of this investigation corresponded to 15 (fifteen) young people who answered the questionnaire, and to 3 (three) of those who offered their narratives. The research proved to be relevant for pointing, both in the statistics and in the narratives carried out with the interviewees, to school trajectories marked by experiences of failure and intermittent conflicts with the school. The results obtained in our study led us to suggest a high probability that living conditions, housing, and access to various basic health and food services may be compromised. Conditions of social inequalities that may have been deepened and intensified by the Covid-19 pandemic have repercussions in schools with the negligence and absence of public policies that seek to reduce the high rates of failure in this age group. We also observed that the establishment of points of dialogue with students can contribute to the adequacy of students' needs and demands. This would enable a change in the perception of events, conflicts, and facts that affect everyone within the teaching environment. Finally, in the interviews carried out, we were able to understand the need for welcoming and sensitive listening is a possibility of changing the way students in this age group are perceived and with life trajectories prohibited within the school.

Keywords: Youth. schooling. narratives

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- O começo de tudo	14
Figura 2- Foto Satélite da Escola Estadual Esperança	67
Figura 3- Foto satélite com a demarcação da E. E. Esperança e os bairros localizados ao seu redor.	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Taxas de distorção idade-série, segundo cor/raça no Brasil	79
Gráfico 2- Taxas de distorção idade-série, segundo o sexo no Brasil.....	80
Gráfico 3 e 4- Divisão dos participantes por Idade e Cor/Raça.....	83
Gráfico 5- Localização da moradia dos estudantes.....	84
Gráfico 6- Número de moradores na moradia do estudante	85
Gráfico 7- Renda média mensal da família do estudante	85
Gráfico 8- Grau de Escolaridade dos responsáveis	87
Gráfico 9- Religião dos Participantes	93
Gráfico 10- Quantos anos estuda na E.E. Esperança	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Estrutura do Sistema Educacional Brasileiro	55
Tabela 2- Total de matrículas na Educação Básica dos anos de 2015 a 2019	56
Tabela 3- Jovens de 15 a 17 anos matriculados/as na Educação Básica por etapa e/ou modalidade de ensino	61
Tabela 4- Matrículas de jovens de 15 a 17 anos no Ens. Fund. Regular (anos iniciais e anos finais) – por Região do Brasil em 2019.....	63
Tabela 5- Taxa de distorção idade-série no ens. Fund. (iniciais e finais): 2015-2019	65
Tabela 6- Escola Estadual Esperança: taxas de distorção idade-série	73
Tabela 7- Grau de Parentesco dos responsáveis	86
Tabela 8- Profissão dos Responsáveis.....	88
Tabela 9- O que você costuma fazer no seu tempo livre?	90
Tabela 10- Equipamentos	91
Tabela 11- Tipo de acesso à internet	91
Tabela 12- Prática de Esportes	92
Tabela 13- Atividades Esportivas	92
Tabela 14- Você trabalha?	94
Tabela 15- O jovem e o trabalho	95
Tabela 16- Distribuição dos adolescentes de 15 a 17 anos, de acordo com o ano em que foi reprovado	97

QUADRO

Quadro 1- Quadro sinóptico: 1ª entrevista com os participantes	39
Quadro 2- Categorias retomadas na Entrevista narrativa dialógica	40

Sumário

1.INTRODUÇÃO	14
2. O PERCURSO METODOLÓGICO	26
2.1. Trilhas abertas ao caminhar	26
2.2. Buscando conhecer o perfil sociocultural e trajetória escolar dos jovens	30
2.3. Da entrevista narrativa à entrevista narrativo-dialógica	34
3. JUVENTUDES E ESCOLA	42
3.1. A Delimitação do Campo da Pesquisa	42
3.2. Juventude e seu conceito	46
3.2.1. Produção Acadêmica atual sobre a Juventude	48
3.3. O Conceito de Geração	49
3.4. A Condição Juvenil	51
3.5. A Juventude e a escola	54
4. A ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ENTRE 15 A 17 ANOS NO BRASIL	57
4.1. Um olhar sobre as políticas de escolarização no Brasil	57
4.2. Os obstáculos sociais à igualdade das oportunidades	60
4.3. A Distorção idade-série no 9º ano do Ensino Fundamental em números no Brasil	64
5. A ESCOLA ESPERANÇA: CAMPO DE SABERES E SENTIDOS NA PESQUISA	69
5.1. A periferização de Ribeirão das Neves	74
5.2. A Escola Esperança em números	77
5.3. A Perpetuação das desigualdades de cor/raça e gênero na distorção idade-série	80
5.4. O perfil dos jovens esperançosos	85
5.5. As dimensões do ser jovem e suas interdições escolares	94
6. AS NARRATIVAS DIALÓGICAS COM OS ENTREVISTADOS: SEUS SABERES E OS CAMPOS DE TENSÃO COM A ESCOLA	103

6.1. Sujeitos, Tramas singulares	104
6.2. As trajetórias escolares juvenis e suas contradições	114
6.2.1. "Depois que eu fui pra escola, eu fui perdendo esse certo brilho, sabe?"	115
6.2.2. "No "início de tudo, [...] aprendi muita coisa."	126
6.2.3. "Eu tô doido pra me formar logo pra começar em um serviço, ser feliz."	128
6.3. "E no caminho veio a reprovação": seus sentidos e significados	131
6.4. Os projetos de futuro e saberes juvenis	134
 7. CONCLUSÃO	 141
 8.REFERÊNCIAS	 146
 9. APÊNDICES	 155
Apêndice I. Termo de Anuência	155
Apêndice II. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis).....	156
Apêndice III. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para menores, crianças e adolescentes)	158
Apêndice IV. Questionário Perfil Sociocultural e Trajetória Escolar.....	160
Apêndice V - Transcrição das Entrevista Narrativa e dialógicas	164

1. INTRODUÇÃO

A exclusão escolar é um problema social, político e econômico que afeta a escolarização de aproximadamente 1/3 da população juvenil na faixa etária de 15 a 17 anos. A complexidade desse problema é compreendida pelos fatores que permeiam as desigualdades no acesso e na permanência no ambiente escolar. A proposta desta pesquisa é compreender e analisar como se constroem as trajetórias escolares de jovens entre 15 a 17 anos, estudantes do 9º ano do ensino fundamental em uma escola estadual na cidade de Ribeirão das Neves em Minas Gerais. O meu interesse sobre esta questão surgiu mais claramente, a partir da minha trajetória profissional como professora da rede pública estadual de Minas Gerais ao lecionar para adolescentes em escolas localizadas nas regiões periféricas de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves, bem como, quando exerci a função de vice-diretora por oito anos na mesma escola, que foi o primeiro lugar em que comecei a lecionar. Este interesse se aprofundou mais adiante, quando perdi uma pessoa muito especial na minha vida. Em suma, foram muitos os pensamentos, reflexões e questionamentos que me fizeram caminhar até a minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Entretanto, primeiramente considero importante voltar um pouco no tempo, e narrar alguns fatos ocorridos na minha vida pessoal e dos meus irmãos. Confesso estar ansiosa por buscar respostas internas para acontecimentos externos. Vejo aqui a importância desta narrativa não como apenas um simples exercício de recordar minhas memórias, mas também situá-las dentro de um determinado contexto social e histórico. Embora elas façam parte de mim, ao libertá-las, tenho que entender que será parte de algo maior, mais extenso. Por que não, parte de algo coletivo e reflexivo?

Meus pais vieram de diferentes cidades, ainda muito jovens, para tentar a vida na capital no final da década de 1970. Meu pai tinha apenas 18 anos de idade, veio da tão pequena cidade de São José do Divino (lugarejo de 4.000 habitantes situado na região do Vale do Rio Doce aproximadamente a 55 km de Mantena). Já minha mãe se mudou de Pouso Alto, zona rural de Afonso Cláudio, interior do estado do Espírito Santo, para “BH”, com apenas 16 anos de idade.

Nasci e morei por seis anos na Vila Sumaré, localizada na região noroeste de Belo Horizonte. Meu pai trabalhou dobrado por um bom tempo, até conseguir juntar dinheiro para comprar um lote em um bairro, mesmo que fosse afastado do centro de Belo Horizonte. Ele dizia: - “Favela não é lugar de criar filho”. Em 1986, eu e minha família nos mudamos para o bairro Maria Helena, na cidade de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte. Filha mais velha de três irmãos (um irmão e uma irmã), fui a única que cursou o ensino superior. Para uma melhor compreensão da história aqui narrada, entre as poucas fotografias da minha infância, destaco o retrato 3 por 4, do ano foi 1985 na sequência aparecem (Daniela com 5 anos, Eder de 3 anos e Stela com apenas 2 anos de idade):



Durante minha vida escolar, com exceção da antiga 5ª série – ano em que tive uma reprovação escolar – sempre fui considerada pelos professores como uma boa aluna. As minhas amigas na escola eram com meninas e meninos considerados estudiosos e disciplinados. Meus pais nem sabiam o que eu fazia na escola, pois me achavam estudiosa, portanto, não precisavam se preocupar comigo. Certa vez diante de alguns questionamentos elaborados por mim e feitos ao meu pai a respeito dele não se preocupar tanto com a minha vida escolar, recebi a seguinte resposta: - “Sabe filha, quando a gente vê que um filho tem juízo. A gente como pai tem que se preocupar com aquele que é mais fraco e sem juízo.”

Por outro lado, o meu irmão do meio é quem tinha dificuldades de aprendizagem e de rendimento na escola. Lembro-me até hoje, o quanto era difícil para ele escrever corretamente palavras com dígrafos. Entrava ano e saía ano, ele sempre escrevia na capa do caderno de Português: “Protuguês”. Embora gostasse muito de desenhar carrinhos e possuir uma linda caligrafia, o destaque na escola eram para seus problemas de indisciplina, dificuldades de aprendizagem e reprovações. Estes fatores ou “imbróglis” contribuíram para que finalmente ele abandonasse os estudos na 7ª série (8º ano).

Aos 16 (quinze) anos de idade comecei a trabalhar como operadora de telemarketing (função exercida por 7 anos) e que facilitou para que eu continuasse meus estudos após o término do ensino médio. Entretanto, nessa mesma época, meu irmão do meio já havia saído da escola e trabalhava em um lava jato. Meu pai exigia que uma parte de nossos salários fosse para o pagamento das despesas da casa e pagamento de contas tais como: luz, água e telefone. Como dificilmente ele comprava algum móvel ou eletrodoméstico para a casa, acabava que também fazíamos a compra de móveis, liquidificador, computador, televisão, etc. A outra parte do nosso salário usávamos com nós mesmos. Olhando para trás, agora com a bagagem dos estudos sobre políticas públicas, vejo que meu pai e muitos brasileiros enfrentavam dificuldade financeira devido à situação política, social e econômica no Brasil. Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente da república e seu mandato (1994-1997) foi pautado por privatizações de várias empresas públicas estatais brasileiras tais como: Vale do Rio Doce, a Telebrás (empresa de telecomunicações), o Banespa etc. Era o Brasil sendo entregue ao sistema neoliberal. As famílias tiveram que racionar o consumo de água, luz e gás.

A minha meta era fazer um curso de graduação ou alugar uma casa e tentar morar sozinha. O principal motivo estava relacionado aos conflitos e brigas entre meus pais e a falta de liberdade em casa. Eu gostava de ouvir música com som alto, receber amigos e assistir filmes. No entanto, isso dificilmente podia acontecer. Meu pai não gostava de música alta, e não gostava que ninguém de casa recebesse amigos e amigas em casa, até a minha mãe.

Durante toda a minha permanência na casa dos meus pais, eu tive que assumir uma “dupla identidade: uma de conformismo, e a outra de resistência” (ABRANTES, 2003, p. 95). Em casa, eu era a filha calada, que apenas ouvia as reclamações da minha mãe sobre o meu pai, e no meu pensamento, a minha meta era prometer para mim mesma nunca querer ter uma vida como aquela. Na rua, no trabalho ou na escola, outra parte da minha identidade emergia e resistia. Com o passar do tempo, a melhor parte de mim, se agarrou a tudo que as “pessoas mais maduras” podiam oferecer e me ajudar.

Um pouco de tempo depois, eu me dividia entre o trabalho e os estudos preparatórios para o vestibular. Era início do ano 2000, logo não havia ainda políticas públicas de acesso ao ensino superior e nem mesmo o exame do Enem. Visto que a lei nº 10.260 de 12 de julho de 2001 instituiu o Fundo de investimento estudantil (FIES), e da mesma maneira, a lei nº 11.096 publicou em 13 de janeiro de 2005 o Programa Universidade para Todos (PROUNI). Ambos os programas representaram a expansão de vagas no ensino superior privado no Brasil, ao qual permitiram a inserção de pessoas das classes menos favorecidas que tivessem cursado e concluído o ensino médio em escola pública ou em escola privada na condição de bolsista integral. Dessa forma, negros, indígenas, professores da rede pública de ensino puderam ter acesso ao curso superior, em instituições de ensino superior pública ou privada.

Embora tenha feito um ano de cursinho preparatório para o vestibular, com a finalidade de conseguir uma vaga numa universidade pública, não foi possível passar num vestibular da Uemg – Universidade do Estado de Minas Gerais em música, pois fui reprovada já na primeira etapa. A escolha por este curso se deu pelo motivo de eu já fazer aulas de canto e possuir um desejo enorme de trabalhar e viver de música. No entanto, antes mesmo de fazer a inscrição no vestibular da UEMG, já existia um segundo plano: ser professora de inglês ou português. Desde os tempos da “5ª série”, a vontade de ser professora de línguas, já existia dentro de mim. Esse desejo se dava pela relação tida com as professoras de português, literatura e inglês nos anos finais do ensino fundamental.

Diante da interdição imposta na 1ª etapa do vestibular de música na UEMG, restou-me procurar uma alternativa adequada a minha condição financeira que me

proporcionasse a oportunidade de cursar o ensino superior, buscar aprovação em uma instituição de ensino superior privada e tentar obter uma bolsa social ou financiamento estudantil do governo federal. Em meio a essa busca, fui aprovada no vestibular para o curso de Letras na Unifemm – Unicentro Fundação Educacional Monsenhor Messias de Sete Lagoas, no turno noturno. Esta decisão ocorreu pelo fato de uma amiga do trabalho ter ido prestar o vestibular nesta instituição, e como eu estava em dúvida sobre qual instituição estudar, ela acabou me convencendo a fazer a prova. Infelizmente, ela não conseguiu passar na prova, e para minha surpresa, eu obtive uma boa nota, sendo, portanto, aprovada para o curso. Esta IES – Instituição de Ensino Superior, na época, ainda faculdade, por estar localizada na cidade de Sete Lagoas, possuía menores valores em suas mensalidades em todos os cursos, comparada a grandes instituições situadas na cidade de Belo Horizonte. Desta forma, atraía inúmeros estudantes – moradores da região metropolitana de BH, como também os que residiam nesta cidade. Lembro-me dos vários ônibus que saiam do centro de Belo Horizonte com destino à Sete Lagoas, lotados de estudantes, em sua maioria para os cursos de Administração, Economia, Direito e Licenciatura em Letras, Pedagogia e Matemática.

Entretanto, o primeiro obstáculo foi no pagamento da matrícula, que correspondia na época a duas mensalidades do curso. Como forma de conseguir a quantia, tive a ideia de pedir demissão do emprego. No entanto, uma funcionária do meu trabalho me impediu de fazer tal ação no exato momento em que estava no setor de Recursos Humanos. Ela me emprestou o dinheiro que precisava dividindo-o em algumas parcelas. Desta forma, tal apoio permitiu minha entrada na faculdade. Este olhar retrospectivo sobre a minha inserção no curso superior me fez lembrar a teoria de Martucelli (2007) acerca de como o indivíduo compreende seu processo de individuação tendo como ponto de análise as “provas sociais”.

Enquanto isso na minha família, da mesma maneira como meus pais, meus irmãos também se tornaram pais muito jovens. Suas trajetórias de vida caminharam num sentido oposto ao meu. Meu irmão aos dezessete anos já era pai (de uma linda menina que hoje tem 20 anos, trabalha e faz curso superior de Psicologia), morava em um barracão de três cômodos (pois havia constituído uma família) e trabalhava como mecânico em uma oficina alinhando carros, além de realizar pequenos

consertos. Ao mesmo tempo, minha irmã mais nova abandonou os estudos na 8ª série (9º ano) para se casar aos 16 (dezesseis) anos de idade, sendo que, pouco tempo depois, tornou-se mãe aos dezoito anos. Hoje seus filhos têm respectivamente: 19,15 e 9 anos de idade. Do mesmo modo seu filho de 19 anos será pai ainda no final deste ano de 2021.

Retomando a conversa sobre minha trajetória escolar, eu trabalhava numa distribuidora de cimento durante o dia e estudava à noite. Meu irmão se enveredou por caminhos tortuosos, se envolvendo em roubos de carros, caminhões de carga e desmontagem de carros. Enquanto isso, minha irmã já havia se separado e voltado para a casa dos meus pais com o filho (fruto do casamento).

Meu irmão vivia com as roupas, o rosto e até as unhas sujas de graxa, mas era sempre elogiado por ser tão novo e inteligente no conserto de carros, ainda mais por nunca ter feito cursos profissionalizantes ou ter ensino médio. Em função disso, algumas pessoas que iam ao local onde ele trabalhava, e percebendo seu empenho e ambição, resolveram convencê-lo a ganhar um dinheiro extra. No início, dada a sua agilidade, ele desmontava carros roubados. Posteriormente, com um maior envolvimento com “essas pessoas”, sempre de uma maior idade que a dele, começou a participar de pequenos roubos. Ele ainda trabalhava em um local fixo e de carteira assinada. No entanto, diante de uma ameaça de morte, isso culminou com a sua fuga para a cidade de Ipatinga, onde permaneceu por dez anos. Nesse período, se casou por mais duas vezes e teve outros 3 filhos, não se envolvendo com nada ilícito, trabalhando inclusive de carteira assinada numa grande oficina de autopeças da cidade. Dez anos depois, ao ser chamado por uma pessoa no portão de sua casa, foi alvejado por 3 tiros que ceifaram sua vida instantaneamente. Falecendo aos 32 anos de idade, deixou 5 filhos de 3 relacionamentos. Hoje acredito que sua passagem na minha vida tenha sido a grande referência, fonte de aprendizado e inspiração para as minhas vivências em relação como compreender e ver o “outro” como humano.

Mas qual é a relação dessa narrativa com a pesquisa em curso? Para Silva e Pádua (2010, p. 105): “as narrativas, com suas sutilezas psicológicas e capacidade de suscitar emoções, espanto (...) teriam a vantagem de reintroduzir no discurso sóbrio conciso das ciências novas possibilidades de reflexões e de interpretações.” Sendo

assim, ao recontar parte da minha história e a dos meus irmãos, vinte e um anos depois, percebo elos substanciais com as histórias dos jovens não só desta pesquisa, mas também com a de muitos estudantes em que me deparei no meu trabalho como professora. Além disso, ao evocar meu passado, acabo retendo o que mais significativo aprendi com as experiências vividas, possibilitando assim, novas reflexões e interpretações.

A minha trajetória docente na educação básica iniciou-se em 2005 na escola estadual Esperança, no distrito de Justinópolis, em Ribeirão das Neves e ao mesmo tempo, no Projovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária. Lecionar no Projovem para jovens com idade 18 a 29 anos residentes em áreas urbanas periféricas na cidade de Belo Horizonte me proporcionou a chance transitar e conhecer vilas e comunidades desconhecidas por mim, até então, uma recém-formada e moradora de Ribeirão das Neves. Mas também, o trabalho me permitiu aprender muito com os jovens que estavam em situação de exclusão escolar, social e econômica. Contribuir para a elevação da escolaridade e reintegrá-los era um dos principais objetivos do programa visto que a maioria deles não tinham empregos de carteira assinada. Entretanto, considero que o maior aprendizado veio da minha relação com os jovens. Isso se deve ao fato das demandas exigidas na minha função de professora, pois tive que aprender a compreender as trajetórias juvenis e a sua relação com a família, trabalho, moradia, entre outros aspectos. Durante a permanência dos estudantes no espaço escolar, tínhamos também que lidar com questões relacionadas ao uso de drogas, jovens-mães que levavam seus filhos para a escola (pois não tinham com quem deixar), conflitos e questões advindas da relação entre os jovens e a comunidade e também entre eles.

Como consequência disso, vejo que a escolha pela temática proposta neste estudo se deu a partir da participação neste programa no qual permaneci até 2011. No meu percurso profissional pude perceber sujeitos com trajetórias desiguais profundamente ligadas às dificuldades próprias de seu contexto socioeconômico e cultural. Estas trajetórias “de filhos de famílias desfavorecidas” (DUBET, 2004, p. 552) assumem diferentes configurações que importa conhecê-las ouvindo a singularidade das histórias desses jovens. Tais trajetórias tomam direções diferentes e passam por problemas que acabam sendo “decisivos para sua exclusão escolar e podem ser

agrupados em três níveis, dependendo dos mecanismos pelos quais cada um dos fatores é determinado: fatores individuais ou familiares, efeitos comunitários, e macrocondições agregadas”. (UNICEF, 2013, p. 10). No período de 2012 a 2018 atuei como vice-diretora, na mesma escola que comecei a lecionar, especificamente, no turno que atende demanda escolar de adolescentes e jovens matriculados nos anos finais do ensino fundamental e médio. Como vice-diretora as questões relacionadas à permanência, os sentidos e significados da escola para os jovens de 15 a 17 anos estavam sempre presentes na dinâmica escolar. Nesse contexto, eu passava por momentos de aflição, incertezas e certezas de que era possível auxiliá-los na continuidade dos estudos. A aproximação pelas vivências dos estudantes dentro e fora era inevitável. Entretanto, enquanto a escola voltava-se e se apegava ao que acontecia com o aluno dentro da sala de aula, ou seja, se preocupava com o ofício de aluno/a, a direção e alguns professores acenavam para a necessidade de voltarmos também, para a condição do sujeito, no sentido de aproximar a escola para a vivência acerca da diversidade de experiências juvenis vividas fora da escola e que corroboram para a existência de algumas ações do aluno dentro da escola.

Para Arroyo (2019), diante de “corpos tão precarizados vêm apelos para rever valores sociais, políticos e pedagógicos.”(p.11) Desta forma, a partir do momento em que nós – educadores tomamos consciência de nosso ofício docente, torna-se necessário o exercício de desnaturalizar as práticas pedagógicas que desumanizam, precarizam e ignoram o saber dos estudantes. Temos que afirmá-los como sujeitos possuidores de cultura, de linguagens e de direitos. O entendimento sobre como as especificidades dos jovens se relacionavam com a cultura escolar, se fez mais presente a cada dia vivido na escola.

As discussões e reflexões ocorridas no meu trabalho como vice-diretora foram se afinando, tal como um grão de ouro, e avançaram para o campo da pesquisa. Esta pesquisa de mestrado foi proposta por questões configuradas a partir da ideia de que os jovens e seu processo de escolarização se entrelaçam com múltiplos sentidos presentes em sua história de vida, seu pertencimento à escola e à sua comunidade, desigualdades econômicas, arranjos familiares entre outros aspectos. A busca por esse entendimento fez pensarmos em quatro questões: Quais os sentidos da escola para jovens que têm suas trajetórias estudantis marcadas pelo insucesso escolar?

Quem são os jovens e as jovens estudantes matriculados no 9º ano dos anos finais do ensino fundamental? Quais as dimensões do ser jovem entram em conflito com a cultura escolar? E finalmente: Como algumas ações e práticas escolares direcionadas a essa faixa etária, não dialogam com as culturas juvenis?

Os jovens com quem convivia na escola apresentavam demandas provenientes da necessidade de conseguir um trabalho para ajudar a família financeiramente, algumas alunas relataram o motivo de querer desistir dos estudos devido à gravidez, ou porque se envolviam em situações relacionadas à violência, tanto familiar, quanto àquelas que se desenvolviam em torno da escola ou da comunidade em que viviam. Havia também um grupo de estudantes que tinha dificuldade em lidar com questões associadas à forma como a escola propõe o aprendizado das disciplinas, pois tinha problemas em aprender os conteúdos que por sinal estavam muito distantes de sua realidade sociocultural; além da falta de diálogo mais humano e menos hierarquizado entre seus colegas, professores e a direção da escola. Associado a isto, observei que outros elementos interferiam para que alguns destes alunos sofressem bullying, discriminação pela raça e gênero, ou por causa de alguma deficiência física ou cognitiva.

Assim, a partir dessas observações elencadas acima, foi possível construir uma percepção de que havia uma rede que os entrelaçam no sentido de mantê-los ou não na escola. Em virtude disso surgiu a necessidade de compreender as barreiras que impedem ou ainda dificultam os jovens-estudantes de prosseguirem em seus estudos na educação básica, tendo como base a definição de Machado e Gonzaga (2007, p.45), segundo a qual “a criança é considerada atrasada em termos educacionais se não tem o total de anos de estudo completos compatível com a sua idade no início de cada ano letivo”.

Até que ponto as características dos domicílios (familiares e pessoais), como por exemplo: a renda per capita, o grau de escolaridade, sexo e idade do “chefe” ou responsável pela família podem impactar os números da defasagem idade-escolaridade para os estudantes na escola? A nossa questão baseia-se diante da afirmativa que associa o progresso educacional de crianças a influência do “background familiar” (educação e renda familiar). (MACHADO E GONZAGA ,2007,

p.450) Além disso, nos interrogamos a respeito de como a infraestrutura urbana (saúde, segurança e educação), a política educacional e as condições macroeconômicas do país (Estado de direito, desigualdade de oportunidades, padrões culturais e globais e os choques econômicos) podem motivar a permanência ou a exclusão dos jovens no ensino fundamental e/ou médio.

A complexidade dessas questões aprofunda-se quando analisamos os dados publicados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua (2016-2018). De acordo com a publicação, a taxa de escolarização em 2018, das pessoas de 15 a 17 anos foi de 87,2% e não variou em relação ao ano de 2016. O que nos chama a atenção, é que das 7.099,004 milhões de matrículas registradas em 2018 no ensino médio, apenas 72% dos jovens desta faixa etária estavam matriculados na idade-série adequada. O censo escolar de 2018 constatou que a taxa de distorção idade-série nos anos finais do ensino fundamental é de 25%, e no ensino médio é de 28%. Neste sentido, os dados indicam que 22% dos alunos que ainda estão cursando o 9º ano do ensino fundamental, já deveriam estar cursando o 1º ano do Ensino Médio. Para exemplificarmos melhor nossa preocupação com esta questão, tomamos como base, o ano de 2018, que teve um total de 27.183,970 matrículas no ensino fundamental (anos iniciais e finais). Segundo o Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o percentual total de distorção idade-série foi 17,2 %, isto significa que ainda temos 4.675,642 milhões de estudantes que estão atrasados em relação à série/ano que deveriam estar cursando efetivamente de acordo com a sua idade.

Deste modo, esses dados apresentados evidenciam que no Brasil temos um importante desafio que é o de promover, segundo a emenda constitucional nº 59/2009, “a universalização do ensino médio na etapa adequada à faixa etária de 15 a 17 anos”. As estatísticas acenam para trajetórias escolares marcadas por experiências de reprovação e conflitos intermitentes com a escola. Como também, os dados sobre a evasão, distorção idade-série e fluxo escolar denunciam que existe outra questão observada por Freitas (2002) o “que está em jogo não é apenas o lado humano e formativo, mas sim econômico e sistêmico – ou como se costuma dizer: o custo/benefício.” (p. 306) A partir daí, surge a importância de avaliarmos os objetivos

da permanência desses jovens mesmo que seja por um determinado período no sistema escolar.

Esta pesquisa busca compreender os sentidos da escola para jovens que têm suas trajetórias estudantis marcadas pelo insucesso escolar e os campos de tensão existentes entre seus saberes e a escola. E tem como objetivos específicos: identificar quem são os jovens de 15 a 17 anos que estão matriculados no 9º ano do ensino fundamental na escola pesquisada que vivenciam experiências ditas como fracasso escolar; investigar as dimensões do ser jovem que entram em conflito com a cultura escolar; e analisar as ações e práticas escolares, direcionadas a essa faixa etária, que não dialogam com as culturas e saberes juvenis.

Tendo em vista nossos objetivos, organizaremos nossa dissertação em 6 (seis) capítulos. Logo após esta introdução, iniciamos com o segundo capítulo, intitulado: “Percurso metodológico”, no qual abordaremos, a entrevista dialógica narrativa como escolha metodológica. Descrevemos todo o processo de nossa pesquisa, o caminho traçado, os desafios, além dos instrumentos utilizados na coleta dos dados quantitativos e qualitativos: questionários, levantamento de dados bibliográficos e de documentos. Neste Capítulo também damos sequencia inserindo nossas primeiras observações da experiência no campo de pesquisa – a escola.

O Capítulo 3- “A Juventude e a escola” aborda os caminhos teóricos e empíricos percorridos, desde a delimitação teórica do campo da pesquisa à construção do conceito de “Juventudes”. Finalmente o capítulo disserta sobre a condição juvenil reconhecendo as singularidades envolvidas na faixa etária dos jovens participantes na pesquisa. Além de relacionar os estudantes e os seus processos escolares marcados por insucessos escolares.

Já no Capítulo 4 intitulado “A Escolarização de Jovens de 15 a 17 anos no Brasil” realizamos a retomada sobre as políticas públicas de escolarização no Brasil, considerando os anos iniciais e finais do ensino fundamental, ensino médio e educação de Jovens e Adultos. Em seguida, o capítulo contextualiza a democratização do ensino público no Brasil e os obstáculos sociais relacionados à

igualdade de oportunidades, relacionando-os a distorção idade-série no 9º ano do Ensino Fundamental através das desigualdades de cor/raça e gênero.

Em seguida, no capítulo 5- A escola Esperança: campo de saberes e sentidos na pesquisa trouxemos para nosso estudo um pouco da história do surgimento da escola pesquisada, como também procuramos entender e analisar a formação urbana da cidade de Ribeirão das Neves. Para isso tivemos que nos dedicar a leituras sobre a criação e expansão da cidade de Belo Horizonte. E finalmente ainda neste capítulo nos dedicamos, especificamente ao contexto da pesquisa, o da observação na escola, inserimos e analisamos os dados obtidos na aplicação dos questionários perfil sociocultural e a trajetória escolar dos 15 participantes.

No último capítulo, intitulado: “As narrativas dialógicas com os entrevistados: seus saberes e campos de tensão com a escola, apresentamos a entrevista dialógica com os 3 (três) sujeitos entrevistados que me ajudaram a entrelaçar esta dissertação. O modo como compreendem e percebem as suas vivências juvenis e como as relacionam com suas experiências escolares.

Por fim, apresentamos a “Conclusão” a respeito da compreensão dos sentidos e sentidos da escola atribuídos aos jovens, delineando-a com os nossos objetivos e objeto de estudo, perpassando as questões que surgiram ao final da nossa pesquisa.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO

Ao nos interrogarmos sobre os sentidos da escola para os jovens estudantes de 15 a 17 anos matriculados no 9º ano do ensino fundamental, nos remetemos às experiências vividas por eles e à maneira como se apropriaram das interdições sofridas durante o processo de escolarização. Sendo assim o foco de nossa investigação foi precisamente compreender a relação que estes jovens estabelecem com a escola. Nesse sentido quais seriam as formas de atingirmos nossos objetivos? Para isso, nossa perspectiva metodológica se apresentou com uma abordagem quantitativa e qualitativa. A quantitativa foi com o objetivo principal de identificarmos quem eram os jovens desta faixa etária matriculados no último ano do ensino fundamental não só nas 5(cinco) regiões do Brasil, como também no estado de Minas Gerais, no município de Ribeirão das Neves e por fim, na escola estadual Esperança. Desta forma realizamos levantamento de dados e análise de documentos.

Em seguida lançamos mão da abordagem qualitativa concedida através da pesquisa de campo na Escola Estadual Esperança. Paralelamente a isto, fizemos também a revisão bibliográfica referente a produção acadêmica acerca do tema pesquisado. Como também, foram feitas pesquisas nas seguintes redes sociais (Instagram, Facebook e WhatsApp). O objetivo desta ação foi coletar e perceber outros elementos referentes às redes de sociabilidade e cultura dos jovens participantes. Concluindo esta etapa foram realizadas a análise de questionários socioeconômicos e escolar aplicados aos jovens participantes.

Finalmente como finalização do trabalho de campo foram feitas as entrevistas com três participantes com a finalidade de possibilitar a compreensão das percepções e ações dos sujeitos.

2.1. Trilhas abertas ao caminhar

No primeiro ano do mestrado tive a oportunidade de reestruturar o projeto desta pesquisa através das reflexões promovidas durante o curso das disciplinas; no acompanhamento, orientação e diálogo com minha orientadora Karla Pádua; do valioso retorno da estimada parecerista Professora Dr^a Cirlene Cristina de Sousa, e

finalmente, das trocas realizadas nas orientações coletivas, formada pelos/as colegas orientandos: Ana Paula, Silvia e Jonhatan. Para a realização desta pesquisa considero que esse conjunto de práticas foi fundamental para a construção do percurso metodológico e me forneceram as principais ferramentas para a concretização deste estudo.

Sabemos que é indiscutível a necessidade da existência do método, pois entendemos que ele é “o caminho que devemos seguir, entre os inúmeros possíveis, para responder uma questão de partida.” (FERREIRA, 2017, p.18). Esta investigação tem como principal desafio compreender os sentidos da escola para jovens de 15 a 17 anos, matriculados no 9º ano do ensino fundamental, que têm suas trajetórias estudantis marcadas pelo insucesso escolar e os campos de tensão existentes entre seus saberes e a escola.

A investigação com jovens como sujeitos de pesquisa nos faz deslocar de um lugar para outro. O primeiro nos desloca para o cuidado e atenção relacionado às particularidades do mundo juvenil, visto que “as experiências juvenis com dispositivos dialógicos de inquirição por parte de adultos significativos, como pais ou professores (...) podem ser associadas a dispositivos adultocêntricos de avaliação ou de controle social através da pergunta.” (ibidem, p. 58). Esta afirmação do autor nos estimula a pensar acerca da importância do papel do pesquisador ao operacionalizar o percurso metodológico. Por outro lado, o segundo deslocamento nos convida a observar, conforme Ferreira o quanto somos de uma certa forma privilegiados:

Num mundo onde as vozes juvenis raramente modelam os discursos públicos produzidos em torno das categorias «adolescência» ou «juventude» (onde ressoam com maior legitimidade as vozes de figuras como os professores, pais, especialistas, técnicos, decisores políticos, etc.), conversar com jovens e ouvir as histórias que têm para contar pela sua própria voz continua a ser uma forma privilegiada de entrar nas suas vidas, de compreender as suas experiências vividas e realidades subjetivas. (idem, p.21)

Nesta perspectiva, nós devemos nos atentar para uma melhor maneira de operacionalizar nossa investigação. A partir do momento em que nos conscientizamos da responsabilidade na pesquisa, isso se mostra mais necessário. Para a realização dessa pesquisa optamos por utilizar na metodologia a abordagem quantitativa e qualitativa. Num primeiro momento realizamos uma análise bibliográfica, que por sua

vez tem percorrido toda a pesquisa com o objetivo de dar coerência, consistência e validade para o tema pesquisado. Para Luna (2002), “torna-se inadmissível que o estudo prescindia de uma revisão que circunscreva o fenômeno no âmbito da teoria.” (p. 94) Nesse sentido, para o autor a revisão é a explicação de como o problema em questão vem sendo pesquisado, especialmente do ponto de vista metodológico.

Lançamos mão também da análise de documentos junto a base de dados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD/IBGE – e Censo Escolar para, em seguida, realizar a pesquisa de campo, especificamente na escola Esperança. Nessa escola, pudemos aplicar questionários com o objetivo de obtermos informações sobre o perfil sociocultural, econômico e a trajetória escolar junto aos jovens de 15 a 17 anos participantes de nossa investigação. Em seguida, demos prosseguimento à pesquisa colocando em prática o principal instrumento para a coleta de dados em campo, a entrevista narrativa. Ela tem como finalidade possibilitar a compreensão das percepções e ações dos sujeitos, de um determinado contexto histórico.

Para a escrita da dissertação, sintetizamos os resultados da pesquisa bibliográfica, tabulamos os dados quantitativos e qualitativos contidos nos questionários, bem como realizamos a transcrição, análise e estudo das entrevistas.

Acerca da pesquisa bibliográfica, é preciso ressaltar que o campo teórico sobre a “Juventude” é vasto e mantém numerosas conexões com temas que se relacionam entre si. Neste estudo, consideramos os estudos relativos à educação formal, compreendendo trabalhos que abordam concepções, metodologias, práticas e especificidades desta categoria associada ao tema distorção idade-série, saberes e sentidos atribuídos pelos jovens aos processos de escolarização. Sendo assim, para a nossa análise bibliográfica utilizamos como fonte, os trabalhos apresentados e publicados nos anais das reuniões Científicas da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) – especificamente, os trabalhos publicados nas 3 (três) últimas reuniões nacionais (36^a, 37^a e 38^a) realizadas respectivamente nos anos: 2013, 2015 e 2017. Escolhemos mapear as publicações da Anped pelo fato de serem encontros bianuais e trazerem temas iminentes e estudos acadêmicos inéditos produzidos pelos pesquisadores da área de educação de mestrado e doutorado.

O levantamento inicial bibliográfico foi feito através do uso das seguintes palavras-chave: Juventudes, Trajetórias escolares – Distorção idade-série. Em seguida, procedemos à consulta na seguinte ordem: título – resumo e leitura do texto. Entretanto, para a organização deste levantamento, tivemos o cuidado de selecionar e separar os vários textos em fontes primárias e secundárias. Segundo o autor, “uma fonte primária é o texto original como foi escrito e impresso pelo autor. (...) Já a citação de um autor por outro autor é indiscutivelmente uma fonte secundária e há poucas circunstâncias que a justifiquem.” (ibidem, p.108)

De acordo com os resultados encontrados nos trabalhos publicados e apresentados nas 3(três) reuniões analisadas, foi possível identificar os principais temas relacionados à Juventude: a relação família; jovem e a escola; jovens em conflito com a lei; privação de liberdade; jovens matriculados na EJA- Educação de Jovens e Adultos; distorção idade-série e reprovação no ensino médio; a transversalidade juvenil nos processos de socialização e individuação; como também os jovens e as redes sociais; diálogos sobre homofobia e juventude negra.

Sobre a condução do segundo momento da pesquisa, análise de documentos, fizemos a análise dos dados educacionais junto a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD/IBGE – e Censo Escolar com a finalidade de analisarmos e interpretarmos os resultados anuais (nas três esferas do executivo: nacional, estadual, municipal e a instituição escolar – foco da pesquisa) de taxas de matrícula (quantitativo de alunos matriculados - geral por modalidade e/ou etapa de ensino, e específica: aos jovens da faixa etária de 15 a 17 anos) compreendendo o período de 2015 a 2019). Também pesquisamos o percentual de distorção idade-série (quando o aluno reprova ou abandona os estudos por dois anos ou mais durante a sua trajetória de escolarização) nos anos finais do ensino fundamental, bem como o percentual por cor/raça e sexo as taxas que se referem ao fluxo escolar (taxa de aprovação). Isto se fez necessário para evidenciarmos como a segregação social acontece dentro do espaço escolar.

A análise desse tipo de dados mais quantitativos, de acordo com Diehl (2004, p. 69) se difere pelo uso da quantificação, tanto na coleta de dados, que foram mensurados,

classificados e analisados, quanto no tratamento das informações que serão obtidas através de “técnicas estatísticas, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação, possibilitando uma maior margem de segurança.” O principal propósito dessa abordagem foi a de “correlacionar várias variáveis específicas para responder às questões específicas da pesquisa” (RICHARDSON, 1989, p. 90). O objetivo é levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e algumas situações vivenciadas pelos estudantes em sua relação com o cotidiano escolar. Isso nos possibilita responder através dos dados obtidos neste levantamento documental a seguinte questão específica de nossa pesquisa: Quem são os jovens estudantes matriculados no 9º ano dos anos finais do ensino fundamental?

2.2. Buscando conhecer o perfil sociocultural e trajetória escolar dos jovens

Para entrar em contato com os jovens a serem entrevistados, realizamos uma primeira etapa composta da aplicação de um questionário sociocultural no qual teve como objetivo principal realizar a composição de informações sobre o conjunto de jovens participantes na pesquisa. A instituição escolar escolhida para nosso estudo é a Escola Estadual Esperança – nome fictício escolhido pelo diretor escolar da instituição. O motivo desta escolha se deu devido a 3 (três) fatores: o primeiro deles deve-se ao fato desta ser a instituição que por mais tempo atuei, tanto como professora, quanto como vice-diretora. Outro fator está relacionado ao seu atendimento a diversas formas de oferta da escolarização dos/das jovens de 15 a 17 anos em turmas do ensino fundamental (do 6º ano ao 9º ano), ensino médio e Educação de Jovens e Adultos. E, finalmente, a instituição escolhida está localizada numa região periférica entre os limites das cidades de Ribeirão das Neves e Belo Horizonte, especificamente no distrito de Justinópolis.

Os questionários foram aplicados entre os dias 03 de agosto a 06 de setembro de 2021, período em que os jovens voltaram do recesso escolar ocorrido do dia 19 a 30

de julho de 2021. O questionário¹ foi formulado tendo como base 48 questões, distribuídas em 4 (quatro) eixos: 1- Dados pessoais, 2- Contexto socioeconômico; 3- Contexto sociocultural e 4- Escolarização.

A seleção dos jovens participantes que responderam ao questionário se deu de forma remota, dada a declaração da pandemia do Coronavírus ou Covid-19. A doença foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março do ano de 2019. A impossibilidade do ensino presencial nas escolas, seja pública, ou privada, submeteu crianças e jovens a continuarem seus estudos de forma remota e emergencial em casa. Desta forma, primeiramente foi realizada uma análise na enturmação de alunos (as) matriculados (as) no 9º ano do ensino fundamental na escola pesquisada e que tinham idade entre 15 a 17 anos. Para isso, contamos com o apoio e ajuda fundamental da professora de Língua Portuguesa, Maria José Campos Machado e da vice-diretora do turno da manhã: Elisabeth Ribeiro. Válido ressaltar que as professoras deram autorização para que fosse usado o nome real na pesquisa. Ambas compõem o quadro de professores há mais de 10 anos na escola Estadual Esperança.

Mas como fizemos para chegar até os jovens ou as jovens participantes desta pesquisa? Por que escolher esses jovens e não aquelas jovens que também fazem parte da mesma comunidade? Ao tecermos uma reflexão crítica sobre quem e como justificar a seleção do público-alvo, me deparei com a seguinte afirmação da pensadora e feminista negra norte-americana Bell Hooks:

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração, e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. (HOOKS, 2015, p;33)

A dimensão de exploração e dominação enunciadas por Hooks foram ao encontro não apenas dos dados quantitativos coletados, como também das memórias que tenho quando meu falecido irmão foi preso, e teve sua imagem exposta num jornal de uma

¹ O questionário teve como modelo os estudos de tese: O Não-Lugar do lugar da Escola: sentidos produzidos por jovens de 15 a 17 anos na Educação de Jovens e Adultos, de Maria Clemência de Fátima Silva no PPGE- FAE-UFMG.

determinada cidade do interior. Bem como do uso dos adjetivos e comentários tecidos por repórteres e apresentadores de telejornais ao noticiar diversas ocorrências policiais envolvendo jovens que em sua maioria são “coincidentemente” de cor preta ou parda. Ao mesmo tempo estabelecemos uma conexão ao nos voltarmos para o contexto da pesquisa – a escola - me atendo aos números sobre a distorção idade-série e reprovação, quanto a cor e o sexo do estudante. Os dados evidenciam o perfil de quem é o aluno – vítima da exclusão e interdição escolar. Os jovens de cor preta ou parda, do sexo masculino são os que em sua maioria tem sua trajetória escolar interrompida, sendo assim, este grupo se constitui mais vulnerável quando analisamos a sua permanência nos estudos.

Nesse sentido, a lista elaborada dos “futuros” jovens-participantes deste estudo contou com 21 (vinte e um) nomes. O Pré-requisito para a participação no preenchimento do questionário era ser aluno do 9º ano do ensino fundamental na escola Esperança, do sexo masculino, de cor preta ou parda e finalmente ter uma idade de 15 a 17 anos. No dia 02 de agosto foi realizado o contato telefônico e/ou WhatsApp (Aplicativo de envio de mensagens de textos e áudio) com os participantes na presença da vice-diretora na escola.

Com o retorno parcial do ensino presencial, a aplicação do questionário² foi realizada pessoalmente na instituição escolar. Voltar à escola depois de tanto tempo, fez meu coração bater mais forte. A felicidade e a emoção sentidas podiam ser comparadas ao primeiro encontro de um casal de namorados. Ao entrar nas primeiras ruas do bairro, me peguei lembrando os anos que tive de convivência com os alunos e alunas, funcionários e pessoas da comunidade, e ao mesmo tempo, recordo-me de coisas acontecidas na minha vida durante minha estada na escola, e o quanto minha vida mudou depois de ter saído de lá no ano de 2018. Entretanto, saber que muitos ainda estão lá, tentando terminar seus estudos, me fez pensar: o que faz estes jovens permanecerem ainda lá – na escola? O que há de bom ao estacionarmos ou pararmos literalmente a vida desses jovens por tanto tempo através da reprovação e de determinadas práticas pedagógicas?

² Questionário disponível no Apêndice IV deste documento.

Para executar esta fase de nosso estudo, foi necessário ocupar uma sala vazia, e ao passo que os alunos foram chegando, eu fui explicando as etapas da pesquisa, os objetivos, os termos que deveriam ser assinados. No primeiro dia apenas 4 (quatro) estudantes puderam comparecer pessoalmente para o preenchimento TCLE³ e questionário. Nos dias e semanas que se seguiram foram elaboradas diversas tentativas de contato (mensagens por aplicativo, ligações telefônicas, visitas em residências e locais de trabalho) com os jovens selecionados, para que pudéssemos finalizar a aplicação do questionário individual.

Ao mesmo tempo, enquanto os jovens participavam desta 1ª fase do trabalho de campo, decidi expor a outra a fase da pesquisa, a entrevista narrativa. Já no primeiro dia, três estudantes se colocaram a disposição para participar da 2ª fase. Apesar da timidez presente e evidente em todos os três participantes, pude perceber o interesse em participar através da disponibilidade deles em comparecer na escola, independente do horário que eu marcaria. Ao observar seus olhares e a pré-disposição deles em vir me encontrar pessoalmente tive a sensação de que na verdade, eles queriam de alguma forma serem ouvidos, percebidos e interpretados. Era um diálogo silencioso no qual me diziam: - “Apesar de tudo, eu sei algo sobre a vida, mas não consigo entender o que acontece comigo.”

No entanto, não foi possível encontrá-los todos juntos em um único turno na escola. Em algumas ligações telefônicas realizadas com os responsáveis – em sua maioria mães – pude perceber o quão difícil está a vida das pessoas das camadas populares durante a pandemia. Uma mãe relatou problemas emocionais em razão da perda precoce de uma filha ainda no ventre, aos 9 meses de gravidez. Mãe de 6(seis) filhos, um deles se desdobrava cuidando de 3 irmãos menores, para que ela, o esposo e dois filhos pudessem trabalhar. Já outro jovem contou-me sobre a perda da mãe para o coronavírus e como complicada tornou-se a sua vida e a dos demais irmãos. Seu pai decidiu deixar sua irmã mais nova aos cuidados de uma tia, para que ele (o pai) e o jovem-aluno (participante da pesquisa) de 17 anos pudessem trabalhar na zona rural de Itabira de 2ª feira a 6ª feira com ganhos semanais de 200 reais cada um.

³ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE disponível no Apêndice II deste arquivo.

A situação escolar dos estudantes estava regular. Entretanto, mediante a grave crise econômica, política e social vivida em todo o Brasil diante deste contexto pandêmico, os trabalhadores juvenis foram desafiados e obrigados a procurar trabalhos precários expostos ao vírus, mas “talvez” livres da fome. Os jovens de 15 a 17 anos que já vinham se deslocando da escola para o mundo do trabalho devido a diversos fatores, tiveram sua saída antecipada e agravada com a pandemia. Desta forma, a inserção no mercado de trabalho informal deu-se porque para muitas famílias o auxílio emergencial sequer chegou a seus lares, pois houve uma dificuldade para se cadastrar no aplicativo disponibilizado pelo governo, além das burocracias impostas para estar apto a recebê-lo. Diante dos impasses econômicos e políticos, os jovens se veem obrigados a assumir papéis na hierarquia social. O trabalho compõe a condição juvenil e apesar de ser uma entrada imediata e precoce, é a única alternativa apresentada a eles no momento pandêmico. E com os jovens participantes deste estudo não foi diferente. Como forma de contatá-los pessoalmente houve dias em que me desloquei até suas casas. Infelizmente todos os contatos desta forma estavam naquele momento no trabalho. Inclusive, em uma determinada visita, um vizinho me disse: - “Dona, aqui não existe pandemia. Estamos todos tentando sobreviver”.

Nesse sentido foram feitas mais de 8 visitas na instituição para que fosse possível o recolhimento dos termos assinados pelos jovens participantes e seus respectivos responsáveis. Finalizando esta etapa com um total de 15 (quinze) questionários respondidos.

2.3. Da entrevista narrativa à entrevista narrativo-dialógica

Nesta fase do percurso metodológico que teve o campo (a escola) como lugar, utilizamos a abordagem qualitativa que, de acordo com Richardson (1989, p. 90): “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.” Complementando o conceito de abordagem qualitativa, Lüdke & André (1986, p. 12), entre as características básicas que configuram a pesquisa qualitativa está o ambiente natural e o pesquisador como principal instrumento, no caso desta pesquisa: os jovens e suas trajetórias. As autoras ainda ressaltam que “a preocupação com o processo é

muito maior do que o produto, e ainda com o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”.

Partindo destes pressupostos, tivemos como proposta inicial e principal instrumento para a coleta de dados em campo a entrevista narrativa, com a finalidade de possibilitar a compreensão das percepções e ações dos sujeitos, de um determinado contexto histórico. Com o propósito de realizar uma investigação qualitativa, tal metodologia se daria pelo exercício da escuta do entrevistado pelo pesquisador. Por sua vez, os sujeitos iriam “emprestar e confiar suas vidas aos/as entrevistadores/as, que delas recolhem não somente os fatos, mas os sentidos, os sentimentos, os significados e interpretações que tais sujeitos lhes conferem.” Nesse exercício de fala, de contar sobre si mesmo, as vidas dos que têm “suas identidades e histórias interrogadas, registradas e (e)laboradas” (TEIXEIRA e PÁDUA, 2006, p. 02) passam por um processo reflexivo complexo que colabora na construção de si.

Complementando a afirmativa das autoras acima, nos baseamos ainda em Bolívar que define a investigação narrativa como um processo complexo e reflexivo, do qual o investigador se desafia, no momento da escrita, a recriar as histórias de modo que o leitor possa “experimentar” as vidas e os acontecimentos narrados. Ao serem transformados em “documentos públicos, de acordo com as mudanças nos padrões que normalmente governam na comunidade científica em questão” (p. 18, *tradução nossa*)⁴, busca-se “uma espécie de visão binocular, uma dupla descrição (...) na qual o relato de vida responde a uma realidade socialmente construída.” (p. 17, *tradução nossa*)⁵ (2002, p.18)

Durante a aplicação dos questionários socioculturais, alguns jovens sinalizaram o desejo em participar da 2ª fase deste estudo denominada como entrevista narrativa. Os jovens demonstraram interesse sobre o estudo fazendo-me as seguintes perguntas: o porquê deste estudo na escola e quais seriam suas próximas etapas.

⁴ La investigación narrativa es un proceso, complejo y reflexivo (...)El investigador recrea los textos de modo que el lector pueda “experimentar” las vidas o acontecimientos narrados. Los discursos recogidos en el campo son, entonces, transformados en documentos públicos, de acuerdo con las pautas cambiantes que suelen regir en la comunidad científica en cuestión.

⁵ “Entonces, hay que practicar en la investigación narrativa una especie de *visión binocular*, una “doble descripción”(...) pensando que el relato de vida responde a una realidad socialmente construída.”

Posteriormente, um deles disse-me sobre o desejo de fazer parte de algo diferente na escola. Há uma frase de Freire que resumiria o sentimento presente no olhar de muitos jovens em nossos primeiros encontros: “sua presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere”. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História”, (2002, p. 28). Esse posicionamento foi percebido nos estudantes Ukeme Taiyo, Mário e Paulo. O anseio dos estudantes em falar, dizer da sua condição juvenil provocou em mim, um desejo de escuta no sentido anunciado por Freire associado a “disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.” (ibidem, p. 61) É um ouvir aberto ao diálogo, disponível não apenas no tempo, mas a curiosidade, aos desafios e aos saberes que a entrevista poderia trazer para a minha prática educativa. Esse exercício de escuta de acordo com Freire “deve estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos”. (ibidem, p. 70) Para isso seria importante realizar uma aproximação do meu mundo (a da professora, mãe, pesquisadora, ex-moradora de Ribeirão das Neves) com a realidade tão perversa dos jovens participantes deste estudo. Para tanto seria necessário que eu fizesse uma preparação.

O comunicado aos participantes da entrevista narrativa se deu após a tabulação e análise dos dados coletados na 1ª etapa da pesquisa. Destacamos que para a organização e execução das entrevistas narrativas, como os alunos-participantes são menores de 18 anos, foi necessário coletarmos uma autorização escrita e assinada de um membro familiar que fosse responsável pelo jovem; além também da autorização escrita do próprio jovem ser entrevistado; além da comunicação prévia com o diretor da instituição escolar com o objetivo de marcarmos um dia e horário apropriado na escola. Foram selecionados respectivamente 3 (três) jovens do total de 15 que preencheram os questionários: Ukeme Taiyo, Mário e Paulo. Os nomes são codinomes escolhidos pelos jovens participantes.

Para realizarmos as entrevistas narrativas, iniciamos com uma questão gerativa se certificando que esta, seja uma questão narrativa. FLICK considera que:

Se a intenção for realizar uma narrativa que seja relevante para a questão de pesquisa, a questão gerativa narrativa tem de ser formulada com clareza, devendo, porém, ser, ao mesmo tempo, específica o suficiente para que o

domínio experimental interessante seja seguido como tema principal. (FLICK, 2004, p. 110)

O uso da narrativa como método qualitativo teve como objetivo na investigação de que os participantes (jovens entrevistados) trouxessem elementos e novos questionamentos que pudessem proporcionar uma melhor compreensão do objeto da pesquisa.

Por outro viés, o uso desta metodologia representa o ponto de partida que aproxima e aprofunda os dados quantitativos elencados na análise de documentos. Em outras palavras, a combinação destas duas abordagens (quantitativa e qualitativa) nos permite aprofundar a compreensão sobre a construção social existente entre os dados macrossociais com a realidade microsocial dos estudantes da rede pública. E com isso possibilitar a outra interpretação e compreensão da realidade dos jovens de 15 a 17 anos que têm suas trajetórias notadas como insucessos escolares.

Ressaltamos que “faz-se necessário um treinamento para as entrevistas cujo foco esteja na escuta ativa – ou seja, comunicando o interesse sem intervir - e nos modos de manter a relação com o entrevistado.” (FLICK, 2004, p. 114). De acordo com Godson (2015, p. 35), podemos considerar as seguintes etapas para a 1ª fase do desenvolvimento do estudo: questões de procedimento, preparação do cenário, ganhar confiança e uso de gravador ou anotações.

A primeira entrevista foi marcada para o dia 21 de setembro (Terça-feira) às 9 horas da manhã com o estudante Ukeme da turma 903. No dia anterior à entrevista, a professora orientadora Karla realizou uma reunião de orientação de forma remota via plataforma Microsoft Teams como forma de preparar-me para o antes, durante e depois da entrevista narrativa. Conversamos e discutimos sobre a questão gerativa, válido ressaltar que a pré-escrita foi enviada para a professora. E durante nosso encontro virtual, Karla teceu importantes considerações a respeito da entrevista narrativa. Chegamos à conclusão de qual seria a questão gerativa: *“Conte-me sobre a sua relação com a escola, começando pelos primeiros momentos da sua vida escolar até os dias de hoje, relatando em detalhes as razões que te levam a permanecer estudando, as experiências difíceis ou prazerosas que você já vivenciou na escola e, finalmente sobre os seus planos e projetos de futuro.”*

A orientação dada pela orientadora focou também em procedimentos que deveriam ser feitos antes da gravação como, por exemplo: explicar em detalhes toda questão gerativa de modo a não restar nenhuma dúvida ao jovem participante. Karla também orientou sobre a importância de o entrevistado sinalizar o término de sua fala (relato). Como também, a necessidade de transparecer confiança e compromisso, além de me apresentar – contar um pouco da minha história e os principais motivos que me levaram a pesquisa. A sinalização da professora vai ao encontro da perspectiva de Ferreira no que é explicitado em seus pressupostos denominados como “dispositivos de excecionalidade”:

É armar-se dos artifícios de naturalidade que levam a que os interlocutores sintam essa interação como um momento de conversa interessante, mais do que interessada ou até interesseira. Descontração e discrição na manipulação dos equipamentos, empatia e abertura ao outro, disponibilidade na escuta e espontaneidade na pergunta, são atitudes do entrevistador no sentido de suscitar a colaboratividade e o empenho dos interlocutores na situação de entrevista, para que esta se torne num diálogo mutuamente relevante e significativo (FERREIRA, 2014, 986-987).

Para esta investigação foram realizadas um total de três entrevistas no qual teve como participantes: Ukeme, Mário e Paulo. Mais adiante iremos expor mais detalhes sobre como ocorreu a entrevista narrativa, bem como detalhes da análise realizada em costura com a nossa dissertação. Entretanto, após acolher e considerar as observações e considerações dadas pelas professoras participantes da banca de qualificação, fez-se necessários realizarmos um novo encontro com cada jovem entrevistado anteriormente.

As ponderações colocadas no exame de qualificação convergiram com as minhas aflições na primeira entrevista, até então, intitulada como Entrevista narrativa. Antes mesmo das gravações, as dificuldades dos participantes em narrar sobre si, vinham em forma de solicitações como por exemplo: daria para você me fazer perguntas ao invés de eu falar direto, ou ainda, eu e você podemos ler juntos a pergunta durante a gravação? Em virtude da técnica de entrevista empregada e adotada de início, as dificuldades dos jovens se confirmaram quando as transcrições foram lidas e analisadas na qualificação.

A partir das reflexões colocadas pela banca de qualificação, como também, as leituras

sugeridas pela orientadora, optamos pela abordagem narrativo-dialógica. O dispositivo supracitado foi escolhido com o objetivo de validar todas as entrevistas anteriores, porém, esta poderia dar conta de promover através do diálogo por sua vez mais fluído entre os participantes e a pesquisadora. Como forma de tentarmos entender como seria o nosso reencontro com os jovens, nos deparamos com Bakhtin nos convidando a refletir sobre o exercício da palavra, como ele entre o locutor e o ouvinte, no caso em questão, o entrevistador-pesquisador e o entrevistado-participante.

(...) constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2004, p. 115)

Entretanto, ao mesmo tempo tivemos a necessidade de inserirmos e considerarmos neste estudo as 3 (três) entrevistas realizadas com os jovens, mesmo que elas após analisadas não terem se encaixado no formato narrativo. A análise da transcrição destas primeiras entrevistas possibilitou a construção de um quadro sinóptico (veja quadro a seguir), elaborado a partir das palavras ou ideias contidas nas falas dos entrevistados. A partir de cada agrupamento de temas, que aparecem em cores no quadro, tivemos acesso a categorias ou núcleos de significação que foram retomados na entrevista narrativa-dialógica que realizamos com os mesmos sujeitos, a fim de, nessa segunda rodada, os jovens pudessem aprofundar um pouco mais sobre os temas que emergiram nas primeiras entrevistas.

QUADRO 1- SINÓPTICO DA ENTREVISTA NARRATIVA					
Ukeme - 1ª Entrevista	página	Mário - 1ª Entrevista	página	Paulo - 1ª Entrevista	página
Agrupamento das palavras, ideia ou expressão por cor		Agrupamento das palavras, ideia ou expressão por cor		Agrupamento das palavras, ideia ou expressão por cor	
Socialização inicial difícil	1	Antes eu estava muito	1	Mudanças: casa e escola	1
Primeira amizade na escola	1	No início muita aprendizagem	1	Mãe e tios	1
Discriminação no 1º ciclo	1	No início da trajetória	2	Infância em Almenara	1
Ambiente escolar negativo	1	Gostei demais da escola	2	Vinda para Belo Horizonte	2
Sentimento de rejeição	1	Mudança de ciclo	2	Família	7
Discriminação por Bullying	1	Muitas experiências no 6º ano	2	Primeiro Ciclo no Lindomar	3
baixo desempenho escolar pós bullying	2	Más influências no 6º ano	2	A primeira escola	4
Tipo de vitimização sofrida	2	Compreensão do novo ciclo	2	Mudou de escola	2
Causas do Bullying	2	Distanciamento dos estudos	2	Mudança de ciclo e de escola	3
Percepção sobre os agressores	3	Mudança de comportamento	3	Professores escrevem muito no quadro	4
Motivo do “querer repetir”	3	Comportamento após castigos	4	Mudança de ciclo	5
Como conseguiu enfrentar o Bullying	7	Resultado final do ano letivo	4	Os Professores	1
Repetiu porque quis	1	Expectativa sobre o resultado final	4	Professor marcante	6
Decepção na 2ª reprovação	1	Repência no 6º ano	1	Professor menos atividade	6
Emoção em ser aprovado	1	Estudo demais	1	Reprovação	4
Motivo de querer ser aprovado	4	Culpabilização	3	Motivo da reprovação	5
Decepção em ser reprovado	4	Perda de amigos	4	Não consegue prestar atenção	7
O que significa a recuperação	6	Significado da reprovação	4	Família e a escola	9
Antes da escola: pessoa extrovertida	2	Separou-se das más influências	5	Relação com os colegas	1
Perda do brilho na escola	2	Comportamento pós reprovação	5	Sentimento pelos colegas	5
O significado da escola	7	Culpabilização	6	Amizades	9
Conhecimento de vida e o conhecimento escolar	10	Projeto de futuro	1	Lazer	8
Divorcio entre os jogos e a escola	11	Projeto de futuro	7	Projeto de Futuro	10
Apoio recebido pela família	2	Trabalho	8		
Conhecimento de vida	3	Viajar para fora	8		
Trabalho com o avô	9	Viajar como lazer	8		
Amizades fora da escola	5	Homogeneização dos repetentes	4		
Diagnostico do Deficit de atenção	6	Metodologia usada na recuperação final	5		
Tratamento não contínuo do TDA	6	Alunos e estudos de recuperação	6		
Relação com pares pós bullying	6	Conhecimento	7		
Sua relação com o aprender	5	Influências positivas	7		
Visão sobre o conhecimento científico	5	Contato com o mundo do trabalho	7		
Relação com a internet	8	Visão sobre os Estados Unidos	9		
Arte como Catarse emocional	8	Oportunidades nos Estados Unidos	9		
O que desenha	8	Amizades na escola	1		
Aprimoramento dos desenhos	8	Conquista de novas amizades	4		
Consciência sobre si	9	Momento prazeroso	6		
O Jogo como lazer	10	Relacionamento com os professores	10		
O uso do seu saber na internet	11	Afinidades com os professores	10		
Projeto de futuro	7	Amizades de hoje	10		
Mundo do trabalho	9	Reação da família	3		
A relação com o mundo dos jogos	9	Castigos em casa	3		
A Influencia dos Youtubers	9	Reação da familia a resultados positivos	6		
Fazer Faculdade	11	Profissão dos pais	8		
Fazer Faculdade	11	Ausência de suporte	9		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A viabilização de um processo metodológico narrativo-dialógico permitiu ampliarmos as reflexões trazidas no primeiro encontro, foi pensado, para esta pesquisa. Desta forma, a segunda entrevista realizada com cada entrevistado foi mediada por questões e palavras geradas sintetizadas no quadro sinóptico acima. Logo abaixo no quadro 2 a seguir, inserimos as categorias que surgiram ao final do processo de análise. Sendo assim, para o segundo encontro foram selecionados alguns trechos para que fosse solicitado ao participante alguns detalhes ou explicações que consideramos pertinentes à compreensão de seus posicionamentos. E a partir destes

novos detalhamentos, surgiram novas palavras, “carregadas de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2004, p.95) que foram nos guiando por toda a segunda entrevista.

Quadro 2- Categorias retomados na Entrevista Narrativo-dialógica

Ukeme	Mário	Paulo
Início de tudo	No início eu gostava da escola	Relação com os professores
Bullying	Mudança de ciclo na escola	Reprovação
Ser aprovado ou reprovado	A Reprovação dele	Família
O Significado da escola	Projeto de Futuro	Início de tudo
Família	Oportunidades de Recuperação	Sociabilidade Juvenil
Transtorno Deficit de Atenção	Saberes juvenis	Projeto de futuro
Como eu aprendo	Sociabilidade Juvenil na escola	
Lazer	A Relação da família com a escola	
Projeto de Futuro		
Subcategoria: jogos		
Trabalho dos Pais		
Recuperação		

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Desta forma finalizada a fase do reencontro com os jovens, iniciou-se a última etapa do processo metodológico: transcrição das entrevistas, caracterizada pela mudança do discurso oral para escrita, em seguida, análise e interpretação dos trechos mais importantes em categorias surgidas durante a(s) fala(s) dos (das) participantes.

Na continuidade de nosso estudo, ao entrelaçarmos cada capítulo, nos deparamos com a necessidade de nos debruçarmos sobre a realidade, vozes e particularidades do “ser um jovem” de 15 a 17 anos numa cidade da região metropolitana de Belo Horizonte.

3. JUVENTUDES E ESCOLA

O Conhecimento quanto à importância de estudos sobre juventude figura-se como o ponto de partida em nossa pesquisa. Neste capítulo buscamos delimitar o tema central da pesquisa: Juventude e escola. Inicialmente interessou-nos conhecer melhor os elementos singulares presentes na vida de como é “*ser jovem*” na cidade de Ribeirão das Neves, isto se deu pelo fato deste já ser o primeiro objetivo específico desta pesquisa.

Em seguida realizaremos o debate teórico e conceitual sobre a Juventude e seu conceito à luz de teóricos tais como: Groppo, Charlot, Bourdieu entre outros. Ademais realizamos um esforço de pesquisa junto ao banco de dados das reuniões científicas da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) compreendendo o período de 2013 a 2017.

Além da percepção sobre juventude, ainda procurando debatê-la, entendemos que se fez necessário entrelaçá-la ao conceito de geração de Mannheim e de condição juvenil já anunciada por Pais e outros autores, e finalmente relacioná-la com a instituição escolar.

3.1. A Delimitação do Campo da Pesquisa

Partindo do objetivo central dessa investigação, que busca compreender os sentidos da escola para jovens que têm suas trajetórias estudantis marcadas pelo insucesso escolar e os campos de tensão existentes entre seus saberes e a escola, buscaremos refletir neste capítulo sobre alguns conceitos que podem auxiliar-nos na localização deste estudo no campo teórico da sociologia. Ao mesmo tempo, acreditamos que ao fazermos uma primeira aproximação teórica iremos necessariamente adquirir de uma maneira mais aprofundada uma maior compreensão sobre os sujeitos jovens participantes deste estudo, principalmente sobre as interpretações que estes fazem de suas experiências narradas na entrevista dialógica.

Por esta razão, optamos por localizar este estudo sobre os aspectos que marcam a complexa juventude periférica e que compõem nossa pesquisa, os jovens de 15 a 17

anos, moradores da região metropolitana de Belo Horizonte. Os sujeitos de nosso estudo compõem a densa e periférica juventude residente em um bairro considerado como “a periferia da periferia” da cidade de Ribeirão das Neves. Eles vivenciam experiências escolares diferenciadas, não só quando comparados aos moradores da região centro-sul da capital de Minas Gerais, mas também aos jovens moradores da região central do Justinópolis ou de Neves. Os jovens deste grupo se diferenciam por diversos marcadores sociais: a localização geográfica, cultural, raça, gênero e econômica.

Nesse sentido, a juventude moradora da periferia de Ribeirão das Neves vivencia uma luta diária pela sobrevivência. De acordo com Oliveira e Oliveira, para esses jovens e suas famílias que fazem parte deste grupo social (moradores das periferias urbanas brasileiras):

São recorrentes problemas ligados ao saneamento básico, as condições adequadas de moradia, aos equipamentos de esporte e lazer, atendimento médico, e escolas públicas de qualidade, contudo pesquisas que têm apresentado a potência das juventudes periféricas, seus modos de viver, agir, e produzir a vida, tem crescido nas últimas décadas, o que pode ter possibilitado uma percepção diferenciada acerca do que seja a juventude apenas como um marco cronológico, retratado apenas como algo para além da adolescência em risco, ou da juventude transviada. (2019, p.41)

Durante toda a minha juventude como moradora do Justinópolis, distrito de Ribeirão das Neves, muitas foram as vezes em que no meu local de trabalho ou numa saída à noite com amigas, eu dizia que morava em Venda Nova (região da cidade de Belo Horizonte e também, um distrito, na organização territorial do estado de Minas Gerais e que faz divisa com Ribeirão das Neves). Confesso que eu tinha vergonha de dizer que residia em “Neves”. No meu entendimento era o mesmo que dizer que morava em uma cidade periférica conhecida pelos seus estigmas de: “cidade dormitório”, “cidade das cadeias ou dos presos”, em razão dos habitantes dependerem em sua maioria economicamente de Belo Horizonte para trabalharem e na contra mão, pelo fato da cidade possuir 5 (cinco) unidades penais de segurança, me fez por muitas vezes, omitir o nome do lugar onde eu morava.

Mas afinal, o que esse sentimento ou receio significava? Depois de muitos anos, ao analisá-lo, penso que havia um medo de ser humilhada, exposta e constrangida. Dizer

o nome “Ribeirão das Neves” estava relacionado com a imagem que a cidade tinha e ainda têm nos meios de comunicação de massa, como por exemplo a televisão e nos meios virtuais que sempre se referem-na como a cidade de roubos, homicídios, tráfico de drogas, homicídios, jovens delinquentes e finalmente, um lugar marcado pela falta de infraestrutura e serviços públicos. O sentido esboçado pelo “meu eu” na juventude sobre o significado de morar na periferia, é antes de tudo, ainda de acordo com Oliveira e Oliveira: “um construto simbólico, uma demarcação de posição de sujeitos que se encontram em áreas urbanas marcadas pelo estigma e pela segregação social.” (2019, p.42)

Dentro dessa perspectiva vários fatores sociais estão presentes e delimitam as vivências do “ser jovem” em Ribeirão das Neves. Num contexto, cuja população de 72% que se autodeclara negra há uma segregação socioespacial a começar pelas condições impostas e estão marcadamente presentes no território “nevensense” a começar pela sua infraestrutura. De acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2019 apenas “74.3% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 69.2% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 8.5% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).” A localização do bairro no qual a escola e os estudantes- participantes deste estudo está distante do centro comercial do Justinópolis e mais ainda, da regional sede da cidade de Ribeirão das Neves. Deslocar-se para outros lugares utilizando ônibus impõe dificuldades que um outro jovem (morador do centro de Belo Horizonte) não teria.

Um outro aspecto do estigma e exclusão social imposto aos “jovens nevensenses” diz respeito à falta de acessibilidade aos equipamentos públicos tais como: hospitais, postos de saúde, praças e quadras poliesportivas, estabelecimentos comerciais e outras redes de serviço. Como os bairros pertencentes à comunidade está distante do centro do Justinópolis, os estudantes-jovens além de não conseguirem frequentar e ter acessos a estes espaços, acabam sendo entregues à falta e à carência de opções de lazer.

Nesse sentido, aos relacioná-los com a escola, podemos refletir que para eles permanecerem e progredirem em seus estudos se trata de algo muito mais difícil. As

desigualdades escolares são interpeladas pelas suas desigualdades sociais. De acordo com Carrano:

A escola espera alunos e o que chega são sujeitos com múltiplas trajetórias e experiências de vivência do mundo. São jovens que, em sua maioria, estão aprisionados no espaço e no tempo – presos em seus bairros e incapacitados para produzirem projetos de futuro. Sujeitos que, por diferentes razões, têm pouca experiência de circulação pela cidade e se beneficiam pouco ou quase nada das poucas atividades e redes culturais públicas ofertadas em espaços centrais e mercantilizados das cidades. Jovens que vivem em bairros violentos, onde a violência é a chave organizadora da experiência pública e da resolução de conflitos. (2007, p.65)

A centralidade de nosso estudo buscou compreender os sentidos da escola para os jovens que têm suas trajetórias estudantis marcadas pelo insucesso escolar e os campos de tensão existentes entre seus saberes e a escola. Nesta perspectiva a primeira proximidade com o tema principal veio através de uma incômoda pergunta na qual surgiu em meio ao universo desta investigação: quem são esses jovens de 15 a 17 anos matriculados no 9º ano em uma escola pública em Ribeirão das Neves que tiveram suas trajetórias escolares interditadas? Quais são as interdições e as dificuldades impostas a ele? O que eles sentem ao ter sua trajetória escolar interrompida? Estes sujeitos não conseguiram aprovação para o próximo ano letivo dentro do tempo ao qual foi estabelecido pelo marco legal e socialmente determinado.

Este esforço se fez necessário, pois entendemos ser de suma importância que a/o pesquisadora/o conheça as teorias fundantes que enredam o pensamento e o olhar sobre o jovem contemporâneo. A relevância deste conhecimento se torna indispensável ao refletirmos sobre as palavras de Groppo ao afirmar que o modo como “os sujeitos jovens enxergam e experimentam o mundo é único, revelador a seu modo, cheio de descobertas por entre lamentos e expressões de angústia.” (2017. p.9)

Para este intento, primeiramente nosso estudo precisou aprofundar as contribuições que vários sociólogos deram para o campo da sociologia da juventude. O nosso propósito foi compreender a concepção sobre o conceito de Juventude de modo a promover para a nossa pesquisa, como lhe são impostas determinadas condições e finalmente, qual é a discussão sobre os processos sociológicos envolvidos na normatização de comportamentos colocados a ela na instituição escolar.

Em seguida, pesquisamos trabalhos que abordam a conceito de condição juvenil. E finalmente, trazemos os teóricos que tratam dessa questão relacionando-a com a escola, bem como as especificidades desta categoria, notadamente às referentes aos jovens entre 15 a 17 anos e a sua inter-relação com os entraves e interdições presentes em sua trajetória estudantil. Tal levantamento tem a finalidade de promover uma análise crítica e sistemática sobre o que tem sido pesquisado sobre este assunto. Esta análise bibliográfica percorreu toda a pesquisa com o objetivo de dar coerência, consistência e validade para o objeto de pesquisa.

3.2. Juventude e seu conceito

Quando pesquisamos e discutimos sobre os jovens, a primeira referência que buscamos é a categoria juventude. Os primeiros estudos datam do século XVIII que por sua vez, foi marcado pela primeira revolução industrial ocorrida na Inglaterra. Mais adiante, grande parte do conhecimento sobre esta categoria virá a partir da primeira metade do século XX, desenvolvida pela sociologia da Juventude. Em nossa pesquisa não nos debruçamos sobre o conceito de Juventude tendo em vista apenas a questão etária e a sua transição para a vida adulta, pois há um conjunto de estudos acadêmicos e debates realizados sobre a Juventude que demonstram a complexidade desse conceito. Dentre estes podemos destacar o da tentativa de delimitar o início e o fim da juventude em virtude das transformações sociais que têm ocorrido ao longo da modernidade.

Ao nos debruçarmos nas leituras sobre as teorias críticas da sociologia da juventude podemos compreender que a juventude remete a um conjunto de relações sociais entre jovens e adultos seja em quaisquer espaços. A articulação entre essas relações e uma conjuntura histórica define a condição da juventude em uma determinada época. Essa condição faz sentido além das diferenças nacionais, geográficas, étnicas e até de gênero. Entretanto, nem por isso se deve esquecer que, adotando-se uma distinção usada por vários sociólogos brasileiros, essa condição é vivida em várias situações de gênero, classe, etnia, etc. Esse é um dos embasamentos para a utilização do termo juventudes no plural e leva a combinar o plural com a unicidade dos jovens, em especial em relação a outras gerações. (CHARLOT, 2007, p.209)

Ao escolhermos esse fio condutor como parte da nossa escolha teórica nos deparamos nos deparamos com a afirmativa de Bourdieu em” A Juventude é apenas uma palavra”, a respeito da banalidade de definirmos a idade como um dado biológico. Para o sociólogo o simples fato de falar sobre os jovens como se eles fossem uma unidade social, um grupo constituinte, com interesses comuns, e “relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente.” (1983, p.2).

Avançando o nosso recorte sobre o conceito, temos também uma importante consideração de Pais nos convidando a refletir sobre a pluralidade e a heterogeneidade desta categoria que por sua vez, está presente em sua problematização. Para ele, é possível encontrar diferentes sentidos que o termo tem tomado em diferentes modos de pensar e agir, das representações mais vulgares sobre a categoria para “que depois possamos chegar à noção (paradoxa) de juventude como construção sociológica.” (1990, p.141). Essa construção sociológica se dá de acordo com o contexto, bem como a relação do indivíduo com o meio social, cultural e histórico. Em resumo podemos dizer que essa categoria apresenta também características próprias do seu tempo, pois a cada época histórica, temos compreensões diferentes do que seja a juventude.

Corroborando ainda sobre essa categoria, Dayrell (2003, p. 24) afirma que as diferentes imagens da juventude presentes no imaginário social acabam interferindo “na nossa maneira de compreender os jovens”. Ele destaca que “uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações presentes”. (ibidem, p. 40) Essa representação revela um entendimento negativo do que seja juventude, estando seus atos sempre condicionados a um futuro. Desta forma, tende-se a negar todos os saberes e sentidos vividos pelo jovem em suas experiências como espaço válido de formação, assim como as demandas existenciais que são vivenciadas por eles, as quais são bem amplas e fundamentais do que um projeto futuro.

Entendemos que esta categoria como afirma Groppo (2017) , p. 17): “(...) está sujeita a transformações e metamorfoses, a ponto de poder desaparecer quando dada

sociedade se reconfigura.” Desta forma, os jovens como categoria mais vulnerável, acaba tendo que se inserir na sociedade, sobreviver e experimentar à sua maneira seu modo de viver e ser jovem. (DAYRELL, 2016, p.42)

3.2.1. Produção acadêmica atual sobre a juventude

Realizamos nossa análise sobre os trabalhos acadêmicos publicados sobre a temática juventude como já dito anteriormente, nas 36^a, 37^a e 38^a reuniões da ANPED. Haja vista a importância as contribuições que as reuniões Nacionais da Associação têm para o fortalecimento da pós-graduação em todas as regiões do país, na qual vêm possibilitando o duplo processo de interiorização e internacionalização da pesquisa em Educação. Nossa pesquisa verificou em cada grupo de trabalho nas categorias pôster, trabalho e resumo publicado no portal da Anped.

Na 36^a Reunião Nacional da Anped ocorrida no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás (UFG) no período de 29/09 a 02/10 de 2013. Dentre as publicações, destacamos a publicação de Correa (2013) do qual apresentou os resultados parciais da pesquisa intitulada “A exclusão de jovens adolescentes de 15 a 17 anos no ensino médio no Brasil: desafios e perspectivas”. Tal discussão faz parte de uma pesquisa realizada em parceria entre o Fundo das Nações Unidas para a Infância/Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. Além do Brasil, o estudo contou com a participação de mais 23 países cujo principal objetivo foi traçar uma visão sobre o problema dos jovens excluídos e verificar quais os “gargalos, barreiras, políticas e estratégias” que possam contribuir para uma melhor compreensão sobre como a exclusão escolar se dá para jovens de 15 a 17 anos. (2013, p.01)

Já na 37^a reunião da Anped ocorrida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no ano de 2015, analisamos as publicações, e consideramos pertinente para essa revisão da literatura o artigo de GIL (2015) que “pretendeu localizar e compreender quando e de que modo a reprovação e a repetência passam a ser mobilizadas como problema no discurso educacional”.

No mesmo evento, também encontramos o estudo da autora Soares (2015) que por sua vez, tratou das “necessidades de reflexões que busquem compreender o papel

da avaliação na produção e correção do insucesso escolar” visto que o aumento do número de estudantes com idade superior ao ano escolar em curso denuncia uma desarmonia presente nos processos de aprendizagem e promovem uma reflexão sobre a eficiência e eficácia do sistema educacional brasileiro. Ainda analisando o artigo de Soares (2015), consideramos importante para nosso estudo a afirmativa de que as medidas e práticas governamentais “não têm sido exitosas para que sejam promovidas as aprendizagens dos estudantes e como correção do fluxo escolar.”

Concluindo nossas buscas nos anais das reuniões Científicas da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação-ANPED, especificamente na 38ª Reunião Nacional da Anped realizada no ano de 2017 na Universidade Federal do Maranhão. Um achado foi o trabalho de Godoi (Universidade Federal Fluminense), a forma como o autor utilizou o percurso metodológico biográfico contribuirá para uma intensa imersão nas experiências singulares de cada jovem a participar da entrevista narrativa a ser elaborada no estudo em questão.

3.3. O conceito de geração

Grosso (2017) reitera que “(...) esboçada na Europa e Estados Unidos, a sociologia da juventude, concebeu a juventude como momento da socialização secundária, destacando o caráter transitório da condição juvenil.” O autor ainda destaca que tal construção do conceito, “privilegiava a continuidade e a integração social, tendendo a considerar os conflitos e descontinuidades entre gerações como disfunções no processo de socialização.” (p.24)

Essa afirmativa de Grosso, nos convoca a refletirmos sobre a “noção de geração” trazida pelo sociólogo húngaro, Karl Mannheim, pois consideramos que através da sua sociologia do conhecimento surgiu uma das mais significativas contribuições para a teoria sociológica da juventude. Dentro desta perspectiva procuramos levar em consideração apenas o período vivido pelo sociólogo na Alemanha de 1920 a 1933, conhecida como a fase sociológica-filosófica, abrangeu o trabalho: “O problema das gerações” (1928), visto que outros trabalhos só chegaram ao conhecimento do público em meados da década de 1980. Para Weller (2007, p.7) O autor representa um importante contribuinte para as teorias críticas da sociologia da juventude, ao publicar

em 1928 seu ensaio: “*As Generations*”. Mannheim introduziu a teoria da geração associada “às bases sociais e existências do conhecimento em relação ao processo histórico-social.” (FEIXA & LECCARDI, 2010, p. 189) Isto quer dizer que o mero fato de pertencer a um determinado grupo etário, não determina por si só a orientação total de várias pessoas. Para o sociólogo, este mesmo grupo pode estar dividido em vários subgrupos. É importante que se estratifique essa subdivisão para “significar traços comuns a alguns indivíduos são determinados não pela escolha consciente, mas em virtude da sua localização “aqui” e não “ali” num processo contínuo.” (MANNHEIM, 1952, p. 38) Portanto para o autor não há concretude quando visualizamos a geração como um grupo ou uma classe social.

Em razão disso ela não é definida por “uma data de nascimento comum – a “demarcação geracional” é algo “apenas potencial” (Mannheim, 1952) – mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham (a geração atual).” (ibidem, 2010, p.190) Nesse sentido, a contribuição de Mannheim nos ajuda a compreender que o conceito de geração passa por uma variação ao longo do tempo, portanto, em cada época são fixados diferentes modos a cada geração, em relação aos tempos da existência humana e entrelaçados com a mudança social.

Dialogando com o conceito de geração fundamentado por Mannheim, a socióloga brasileira Marialice Mencarini Foracchi em sua obra marcante “A Juventude na Sociedade Moderna procura afirmar que “a juventude representa a categoria social sobre a qual se inflete de modo particular a crise no sistema.” (1972, p.11) Para isso, a autora utilizou da unidade das gerações e a estratificação das experiências. Tal demonstração é dada através do comportamento singular através das omissões, contradições, conflitos e improvisações que o jovem é obrigado a realizar diante dos impasses e desafios colocados pelo sistema. Para a autora, apesar dos cerceamentos impostos pela “condição juvenil e pela sua incipiência histórica” e que serão delineados pelo “estilo de ação peculiar e que se difere do estilo de ação preexistente, posto pela geração anterior “(1972, p.19), no estilo de ação peculiar dos membros de uma determinada geração estão contidas a experiência de vida, situações de vida e oportunidades de trabalho usufruídas e compartilhadas e comum. Como também, as experiências prazerosas e difíceis, as tensões, as conquistas, derrotas, alegrias e

tristezas, sendo possível definir a continuidade e as diferenças existentes entre uma geração e outra.

Numa importante observação acerca do conceito de geração, Foracchi explicita sobre atuação da geração mediatizada pela universidade, e que desta forma, a compreensão da juventude só se dá para apenas os grupos sociais pertencentes as classes altas e favorecidas. Uma outra dimensão evidenciada pela autora ao explicitar a análise de Mannheim sobre os problemas das gerações e que contribui para o nosso estudo diz respeito à imagem da sociedade que o jovem adolescente⁶ espelha:

É certo que essa imagem não apresenta contornos definidos, nem superfícies nítidas, mas nem por isso é menos verdadeira como esboço. A essência da imagem ainda está oculta pelas angústias da busca da identidade, pela permeabilidade às situações que ainda são vividas como novas sendo, por tal razão, extremamente perturbadoras, aguardando impacientes o trabalho dos anos para complementar. (1972, p. 23)

Dessa maneira “as situações vividas como novas”, trazem para a nossa análise em essência, novas possibilidades de maneira “aberta, contraditória e contestando e experimentando este mundo como um livro” (GROPPO, 2017, p.57), propondo alternativas e a descoberta de novos caminhos vivenciados em seu processo de escolarização. Logo, os acertos e erros destas experiências seriam e ainda são de suma importância não só para os jovens, mas também, contribuiria para a “renovação da sociedade”. Groppo (2017) Pensar o conceito, o conflito ou o problema das gerações proposto por Mannheim nos possibilita repensarmos em nossa pesquisa como o jovem se relaciona com os conceitos e fundamentos propostos por uma sociedade representada por adultos pertencentes a outras gerações.

3.4. A condição juvenil

A partir do ano de 2015, sob a inspiração das várias leituras realizadas ao cursar disciplinas isoladas no Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais pude vivenciar em parte a proposição aqui colocada anteriormente, na qual Dayrell nos convoca a mudar o eixo da reflexão entre o eu (professora) e os jovens estudantes. Os sentidos, sentimentos e significados

⁶ Em nossa pesquisa optamos pelo uso do termo: jovem adolescente

contidos em cada ano de docência foram aos poucos se modificando. As rígidas atitudes disciplinares e aflições impotentes foram lentamente sendo substituídas por longos diálogos. O tom da voz enérgico e impositivo tornou-se calmo e fraterno.

Nosso estudo tem como sujeitos jovens de 15 a 17 anos e refletir sobre a condição juvenil que lhes é imposta pela sociedade, significa também lidar com toda a diversidade que perpassam suas vidas, visto que muitos não têm acesso a direitos e são privados de cuidados próprios, impossibilitando assim, a sua vivência juvenil de modo pleno. Do mesmo modo como o conceito de Juventude, a condição juvenil é marcada pela desigualdade social que por sua vez se reproduz no contexto escolar. Jovens de diferentes classes sociais têm a sua condição marcada pelas “desigualdades econômicas, disparidades regionais, dicotomias entre campo e cidade, assim como preconceitos e discriminações (de gênero, raça-etnia, orientação sexual, religião, etc.)” (BRASIL, 2014, p.19).

Nesta perspectiva, após iniciarmos nossa delimitação teórica abordando o conceito de juventude e geração é inevitável, a nossa aproximação sobre o que entendemos como condição juvenil. Compreendida a noção de geração trazida sobre os estudos e contribuições de Mannheim, podemos entender que há também uma variação social e histórica, mesmo quando abarcamos uma mesma faixa etária juvenil. Para tanto, de acordo com Correia (2011, p. 51): “A dinâmica social na qual se inscrevem os diversos grupos juvenis dificulta qualquer tentativa de segmentação, pois os jovens são produto de seu tempo.” Parte deste desafio tem também como elemento a ideia de que mesmo em grupos de uma mesma idade temos um agrupamento de condições determinadas e relativas marcando de maneira única o modo de ser e estar do jovem em cada momento de sua vida.

Assim sendo, se torna de suma importância a consideração que Groppo afirma sobre a necessidade de utilizarmos melhor a palavra juventude “no plural que no singular, certamente, já que para compreender as juventudes é preciso correlacionar a chamada condição juvenil com outras categorias sociológicas.” (GROPPO, 2016, p. 110) Em outras palavras, num mesmo período de tempo (década ou ano) de acordo com a classe social teremos diferentes juventudes.

De tal maneira que se faz necessária uma análise minuciosa sobre as várias temáticas que atravessam a questão da juventude. Estas temáticas nos permitem aproximar da realidade concreta em que vivem os jovens moradores da periferia de Ribeirão das Neves, como também nos permite tecer estratégias de aproximação que possibilitam de acordo com Oliveira e Oliveira:

(...) a construção de trajetórias de escolarização mais bem-sucedidas para esse grupo social no nosso sistema de ensino. (...) com vistas a promover uma educação libertadora, que construa com a cultura local, novas possibilidades de inserção dos jovens das periferias na educação, tais como: diminuição da repetência e evasão escolar.” (2019, p. 42)

Para isso recorremos a metáfora utilizada por Pais (2006) que ilustra tais transformações sociais e aqui assemelhamo-las à condição social de milhares de jovens estudantes em escolas públicas pelo país. Pais escreve sobre “as viagens de estrada de ferro nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, gênero e qualificação acadêmica, tomavam diferentes comboios com destinos predeterminados”. (p.80)

Em nosso debate, os jovens moradores da periferia urbana de Ribeirão das Neves vivem um dia de cada vez, lutando para sobreviver. De acordo com a localização dentro da cidade temos diferentes comboios, alguns saem do centro da cidade, outros fazem divisa com outras cidades tais como: Belo Horizonte, Contagem, Pedro Leopoldo, Esmeraldas, Vespasiano e São José da Lapa, mas que apesar da localização o destino para a grande maioria já está predeterminado. Um destino já marcado por inconstâncias, flutuações, descontinuidades e reversibilidades e que para muitos jovens de 15 a 17 anos torna a trajetória escolar mais curta que a um outro grupo social, por exemplo, localizado no centro da capital de Belo Horizonte. As inconstâncias e flutuações aprofundadas com a chegada da pandemia do Coronavírus no início do ano de 2020, trouxeram desafios e tensões para a “juventude Nevensense” que representaram o fechamento de portas ou melhor dizendo: projetos de futuro ausentes repletos de “um vazio temporal de enchimento adiado” (PAIS, 2006, p.10)

Um outro aspecto da socialização secundária a ser considerado é a questão do desemprego na família na qual o jovem está inserido e como se dá o relação família e escola. Em razão das dificuldades de sobrevivência dos membros familiares, dada

as desigualdades econômicas, muitos indivíduos são privados de viver a sua juventude, pois são obrigados antecipadamente dada a sua condição social e econômica a se tornar um “jovem adulto”.

3.5. Juventude e a escola

Quando falamos em socialização juvenil pensamos na escola como uma das principais instituições que tem a função de consagrar a unificação e a equalização entre as relações sociais. Ela preza pela conservação e transmissão de determinados conhecimentos. Entretanto, o sociólogo da juventude, Juarez Dayrell destaca algumas implicações que devem ser consideradas:

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. (...) Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. (DAYRELL, 2001, p. 2)

Essa complexa trama se dá a cada instante diariamente no processo escolar entre os sujeitos que adentram a escola, lidando com a “reprodução do velho e a possibilidade da construção do novo”. Dayrell (ibidem, p.2) Nesse sentido, o autor ilustra o caráter conflitante dando como exemplo, a ênfase dada na materialização do conhecimento, que posto e visto como “objeto”, acaba sendo valorizado apenas em provas e notas, tendo sua finalidade reduzida em algo para “passar de ano”. No entanto em meio a “política de resultados”, o aluno deseja também poder conversar com os professores sobre assuntos “fora da matéria”, participar de várias excursões para outros lugares distantes da escola, desenvolver habilidades artísticas, ter um bom relacionamento com professores e colegas, utilizar a quadra ou demais espaços extraclasse, entre outras práticas e atividades que vão muito além do “passar de ano ou passar no Enem”.

Ao desconsiderar as dimensões acima citadas, a escola deixa de valorizar, dar atenção a várias dimensões humana existentes entre os sujeitos de diferentes gerações que vivenciam cotidianamente situações marcadas por divergências,

impasses, acordos, desacordos, aceitação e negociação de preceitos no ambiente escolar. Ignora a possibilidade do exercício do criar e recriar ou da mudança ou reinvenção do próprio conhecimento cultural reproduzido.

Nessa perspectiva, Forquin (1992, p. 29) desenvolve uma análise de que “essa reprodução cultural seria operada por meio de uma constante reinterpretação e reavaliação do que é conservado e o que não é.” Num duplo movimento de homogeneizar o que é heterogêneo, os sujeitos têm que lidar com diversas contrariedades presentes em sua condição social. Os estudantes das escolas públicas convivem e são envolvidos em uma dúbia ação: o de integrar-se e o de não conseguir se adaptar, o de se adequar a papéis sociais e o de desenvolver sua identidade juvenil.

Além disso, dentre as múltiplas dimensões simbólicas existentes na escola para a juventude, temos a relação da representatividade da instituição escolar para os jovens como um espaço para vivências e experiências não escolares. Nessa perspectiva Abrantes ressalta que: “a escola constitui hoje uma das instituições fundamentais em torno das quais os jovens estruturam as suas práticas e discursos, os seus trajectos e projectos, as suas identidades e culturas”. (2003, p.93) No contexto periférico vivido pelos jovens-estudantes desta pesquisa, a escola constitui em muitas das vezes, em o único espaço – lugar de possibilidades para socializar suas vivências. Nessa medida, o jovem-aluno deve construir sua integração no espaço escolar articulando “cada vez mais relações entre sua condição juvenil e o estatuto de aluno, tendo de definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens”. (DAYRELL, 2007, p. 1120)

Para o autor, parte das inquietações e desentendimentos existentes entre a juventude e a escola acontecem pelo fato destas terem sofrido intensas mutações ocorridas ao longo do tempo na sociedade ocidental. Dialogando sobre isso, nos deparamos com a argumentação de Sacristán a respeito da concepção restrita do aluno ao desempenhar seu ofício:

Nas salas de aula repletas, encontramos seres reais com um status em processo de mudança, que estão enraizados em contextos concretos, que têm suas próprias aspirações e que, em muitos casos, não se acomodam a ideia que os adultos haviam feito deles (...) o mundo mudou, os alunos também. Teremos de alterar nossas representações do mundo e dos alunos (SACRISTÁN, 2005, p.17).

A partir desta afirmação, podemos refletir sobre a necessidade de haver uma mudança de como o aluno é visto e representado no espaço escolar. Sendo assim, esta nova concepção acerca da visão e construção social deverá apontar para um modo diferente no fazer no processo pedagógico. Na relação do ensino e aprendizagem deve se aproveitar os conhecimentos, as potencialidades juvenis por meio de uma metodologia que contemple as especificidades dos educandos.

4. A ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ENTRE 15 A 17 ANOS NO BRASIL

Neste capítulo temos como objetivo mostrar quem são os jovens-participantes deste estudo por meio dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua – PNAD Continua nos anos de 2015 a 2019. Isto se deve ao fato de tentarmos entender as orientações e adoções de políticas públicas que possam interromper o círculo de pobreza e exclusão social que tem ameaçado e interrompido o processo de escolarização e o futuro dos jovens pelo país. Optamos por dividir o capítulo em 3 (três) tópicos. Inicialmente faremos um recorte sobre as políticas de escolarização na educação básica no Brasil, através da abordagem de leis, Plano Nacional de Educação, e dados sobre o quantitativo de crianças e jovens matriculados nos 4(quatro) últimos anos do ensino fundamental.

O segundo tópico abordará os obstáculos sociais que impedem a permanência de jovens nas escolas públicas. E finalmente no último tópico apresentaremos especificamente os dados da distorção idade-série no 9º ano do ensino fundamental no Brasil.

4.1. Um olhar sobre as políticas de escolarização no Brasil

A história da Educação Brasileira e das Políticas Públicas Educacionais para os estudantes das redes públicas de ensino teve na promulgação da Constituição Federal de 1988 um marco legal do direito à educação, pois regulamentou o acesso e a permanência para crianças, jovens e adultos no sistema público. E posteriormente com a publicação da LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), o direito à educação foi concretizado no qual foram definidos: os princípios, os deveres, as etapas e modalidades de ensino. Com isso houve uma expansão no número de matrículas e oportunidades de acesso às escolas pelas camadas populares. Por meio da LDB 9394/96, tivemos a implementação do PNE- Plano Nacional de Educação, no qual foi aprovado e sancionado através da Lei 10.172 em 9 de janeiro de 2001 no governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Este PNE foi criado em 1996 e teve a vigência de 2001 a 2010. Entretanto, apesar deste Plano Nacional de Educação possuir metas, cabe ressaltar que algumas

questões primordiais que faziam com que os estados e municípios as cumprissem, foram vetadas pelo presidente. Sendo assim, o formato deste plano possibilitou que apenas 1/3 das metas fossem cumpridas.

Mais a frente a Emenda Constitucional nº 59 de 2009 ratificou a normatização da universalização do ensino gratuito e obrigatório, prevendo o atendimento de crianças e jovens de quatro a dezessete anos de idade e ampliação da abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica. Esta Emenda possibilitou uma mudança na condição do Plano Nacional de Educação, pois passou de uma disposição transitória da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) para uma exigência constitucional com periodicidade decenal, o que significa que planos plurianuais devem tomá-lo como referência.” A partir daí, o PNE representou um articulador do Sistema Nacional de Educação, no qual foi também incorporado e previsto o percentual do Produto Interno Bruto (PIB) na composição do FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Desta forma, o Novo PNE, na qual a vigência é de 2014 a 2024, dentre as 11 metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade, temos na Meta 2(dois): “universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada.” (BRASIL, 2014, p. 9) A meta designa que a idade adequada para que um aluno conclua o ensino fundamental é a de 14 anos, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1- Estrutura do Sistema Educacional Brasileiro instituído no artigo 4º da LDB Nº 9394/96 organizada da seguinte forma:

	Etapas	Duração	Faixa Etária
Educação Básica	Educação Infantil Creche	3 anos	0-3 anos
	Educação Infantil Pré-escola	2 anos	4-5 anos
	Ensino Fundamental	9 anos	6-14 anos
	Ensino Médio	3 anos	15- 17 anos

Fonte: Elaborado própria, 2021.

Desta forma, espera-se que o período de realização e conclusão do ensino médio (etapa final da Educação Básica) para os estudantes se dê na faixa etária de 15 a 17 anos. Percebe-se no estabelecimento desta meta uma preocupação em assegurar não apenas a permanência da criança ou do jovem na escola, mas também oferecer maiores e melhores oportunidades de aprendizagem. Em outras palavras, isso significa que a qualidade da educação é: “respeitar as características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas das crianças, bem como adotar orientações pedagógicas que levem em consideração essas características, para que elas sejam respeitadas como sujeitos do aprendizado.” (ibidem, p. 19)

A tabela a seguir retrata a evolução no número de matrículas na educação básica no Brasil (redes pública e privada) de 2015 a 2019, de acordo com os dados do Censo Escolar publicado na Sinopse Estatística da Educação Básica.

Tabela 2- Total de matrículas na Educação Básica dos anos de 2015 a 2019
EDUCAÇÃO BÁSICA

Matrículas	2015	2016	2017	2018	2019
total:	48.796.512	48.817.479	48.608.093	48.455.867	47.874.246
Educação Infantil	7.972.230	8.279.104	8.508.731	8.745.184	8.972.778
Ensino Fundamental	27.931.210	27.691.478	27.348.080	27.183.970	26.923.730
Ensino Médio	8.076.150	8.133.040	7.930.384	7.709.929	7.465.891
Educação Profissional	1.917.192	1.859.940	1.831.003	1.903.230	1.914.749
Educ. de Jovens e Adultos	3.491.869	3.482.174	3.598.716	3.545.988	3.273.668
Clas. Esp. e Esc.Espec.	179.700	174.886	169.637	166.615	160.162

Fonte: Inst. Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira/ Censo Escolar / Sinopse Estatística da Educação Básica 2015 a 2019. Elaboração Própria, 2021.

Verifica-se uma evolução no quantitativo de matrículas na educação infantil em todos os anos analisados. Entretanto, notamos um encolhimento das matrículas das seguintes etapas: ensino fundamental e médio. Acredita-se que esta queda “deve ser atribuída principalmente a ações ou omissões deliberadas de governos estaduais e municipais. “(DAVIES & ALCÂNTARA, 2020, p. 17) O levantamento acima evidencia a necessidade de se priorizar políticas educacionais focadas na melhoria da qualidade

do ensino, pois a universalização do ensino precisa vir acompanhada de iniciativas que promovam a conclusão das etapas ou modalidade na idade adequada.

4.2. Os obstáculos sociais à igualdade das oportunidades

Com a democratização do acesso das pessoas das classes sociais subalternas aos bancos escolares, a escola começou a ser reconhecida como um lugar de possibilidades, pois os estudantes além de poderem adentrar naquele espaço, poderiam permanecer nele, e consequentemente almejar um futuro melhor do que os demais membros adultos de sua família. Portanto, a escola começou a receber um contingente maior de estudantes desprovidos de capital cultural, o que introduziu novas contradições e desafios. Quanto mais se aumentava o número de matrículas na rede pública, mais se precarizava o ensino público ofertado nas escolas.

Na contramão da democratização do acesso, os investimentos na educação pelas entidades governamentais eram insuficientes para a realidade apresentada naquele momento. Devido à massificação do ensino escolar, dada apenas pelas oportunidades de acesso, grande parte dos recursos foi destinada à infraestrutura (construção e ampliação dos prédios escolares). Desta forma, as dimensões referentes à gestão da escola e dos sistemas de ensino e, finalmente, as discussões sobre a atividade pedagógica não foram contempladas para uma melhor “qualidade na educação”. Para Correa et al. (2014, p. 24): “[...] a escola não se readequou para receber a nova e crescente clientela. [...] os recursos destinados à educação não se ampliaram na mesma proporção, daí vieram as dificuldades na infraestrutura, na modernização das escolas e na precarização da condição docente.”

De fato, estas dificuldades ainda não foram sanadas, isto pode ser observado quando analisamos os dados no Censo Escolar de 2019. Por exemplo, a porcentagem de escolas que possuem esgoto na rede pública vem aumentando gradativamente. Entretanto, apenas 56% delas têm acesso a este serviço. Outro dado importante está relacionado às dependências da escola, pois o percentual de escolas com biblioteca ou sala de leitura é de 56,3%. A dimensão da “infraestrutura é um fator que compõe a oferta educativa (insumo) e, ao mesmo tempo, um fator mediador para o ensino e

aprendizagem (processo), sendo um atributo para a garantia do direito à educação.” (GONZAGA & XAVIER, 2018, p. 24)

Levando-se em consideração os dados e afirmações acima apresentados, temos a imagem que permanece nos dias atuais sobre a escola pública: “uma escola pobre para atender pobre” (ibidem, p. 24) Diante de toda esta percepção sobre a expansão do ensino no Brasil, podemos entender que a demanda por mais educação caracterizada pelo acesso obteve mais espaço do que a reflexão sobre como deveria ser o processo de ensino aprendizagem e quais seriam as condições necessárias dentro da instituição escolar para se ter um ensino de qualidade. Nesta perspectiva, de acordo com Araújo & Oliveira (2003, p.8), a “tensão entre qualidade e quantidade (acesso) tem sido o condicionador último da qualidade possível, ou, de outra forma, a quantidade (de escola) determina a qualidade (de educação) que se queira”.

Esta contribuição dos autores explica muito a ideia presente no imaginário social sobre a qualidade da educação, a “boa escola pública da memória coletiva era também uma escola para poucos” (PEREGRINO, 2011, p. 240). Ela era boa porque seu acesso era restrito às camadas médias, e a partir do momento que começou a se expandir, as crianças e adolescentes que começaram a ingressar no sistema público, eram os que tradicionalmente, eram os excluídos. Sendo assim, a massificação do ensino trouxe consigo uma mudança de função, visto que este novo público trouxe consigo aspectos próprios de sua classe social. No entanto, a oferta proposta pela educação escolar tradicional não vai ao encontro da função esperada pelo público atual escolar, o de se ascender socialmente. Ou seja, a função tradicional desempenhada pela escola contradiz e se torna conflituosa para a maioria dos alunos matriculados na rede pública.

Ao realizarmos um recorte na história da educação no Brasil podemos perceber que esta sempre foi, e ainda é marcada por fortes desigualdades social e escolar: ora pelo não acesso ao sistema escolar, ora pela exclusão de dentro do próprio sistema, e finalmente, pelo acesso a padrões diferentes de qualidade educacional. Todas essas desigualdades, na opinião de Sampaio e Oliveira (2016, p.512) impedem o acesso e o efetivo exercício da cidadania.

Isto nos faz refletir sobre a necessidade de tecermos uma análise a respeito do conceito de justiça na educação presente na democratização do ensino por meio da expansão de vagas e ampliação das oportunidades de acesso. Para Crahay existem 3 (três) princípios de justiça: a igualitária, a meritocrática e a corretiva. Marcel Crahay irá se basear nos princípios de justiça tendo como base a igualdade de conhecimentos adquiridos, inspirado em Aristóteles – filósofo grego que ressaltou a importância e validação do conhecimento empírico. O autor é contrário à ideia de justiça meritocrática na educação dada a sua incoerência que considera que um indivíduo deve receber seus méritos de acordo com seus talentos e aptidões que já vem adquiridos e são individuais. Ao analisarmos como ele as define, vimos que o modelo de justiça empregado na escola está pautado na “justiça meritocrática” definida como: “Na escola, consideraremos justo atribuir notas mais altas aos alunos que alcançarem um melhor desempenho. Resumindo, a regra a ser respeitada seria: “a cada um segundo seu mérito ou segundo seu talento”. (CRAHAY, 2013, p.12) Podemos entender que tal princípio não observa e desconsidera os diferentes pontos de partida, entre eles o (acesso a escola), desconsidera as especificidades dos diferentes pontos de partida. De onde esses alunos partem para chegar ou sair da escola?

E mais, ao analisarmos as igualdades de oportunidades e de tratamento na educação proposta por Crahay, somos convocados a refletir em Dubet (2003) no qual propõe uma distinção existente nas relações entre a educação e a exclusão. Para o sociólogo francês, as relações entre educação e exclusão são importantes para “distinguir o que depende da exclusão social e de seus efeitos na escola, da exclusão escolar propriamente dita.” (p. 2)

Isso explica que o acesso às raras posições na sociedade meritocrática não se dá de forma natural e estruturada, pois existem fatores sobre os quais os indivíduos não têm controle, inclusive no âmbito escolar. Ou seja, são as desigualdades sociais que regulam o acesso a quaisquer estabelecimentos de ensino tais como: escola de ensino fundamental, médio, técnico e superior. Dubet afirma: “(...) as igualdades sociais comandam diretamente a entrada nas carreiras escolares e os próprios processos escolares produzem essas desigualdades que, por sua vez, reproduzem as desigualdades sociais. O sistema está fechado.” (2003, p. 34) Com isso, estas desigualdades sociais vão se reproduzindo no âmbito escolar.

Dessa forma, os alunos que nos ajudarão a pensar e a discutir nossa pesquisa são “os vencidos”, são os que fracassam, ou seja, não são vistos como vítimas de uma injustiça social e sim, como responsáveis pelo seu fracasso.” (DUBET, 2004, p. 543) Para o autor, o sistema escolar deduz que lhe deu todas as oportunidades para concluir o seu processo de escolarização. O sociólogo francês considera que a instituição acaba se tornando “a principal agente dessa seleção escolar e social”, pois culpabiliza o indivíduo e legitima as desigualdades sociais e escolares.

Nesse sentido sabemos que a universalização e democratização do ensino produzem no sujeito em seu processo de escolarização determinados desconfortos relacionados ao modo como ele é visto e percebido na instituição escolar. Para Fanfani (2000), a crise tradicional da escola pública se dá pelos seguintes sintomas:

Os sintomas mais evidentes e estridentes são a exclusão e o fracasso escolar, o mal-estar, o conflito e a desordem, a violência e as dificuldades de integração nas instituições e, sobretudo, a ausência de sentido da experiência escolar para proporções significativas de adolescentes e jovens latino americanos (em especial aqueles que provêm de grupos sociais excluídos e subordinados) que têm dificuldades para ingressar, progredir e se desenvolver em instituições que não foram feitas para eles. (2000, p. 2)

Estes sintomas nos permitem repensar como a injustiça escolar e social tem uma dupla face, ou seja, dois lados. Principalmente quando os analisamos pelo ponto de vista dos “vencidos, dos excluídos”. Para Dubet, não basta apenas criar a igualdade de oportunidades, quando colocamos “a heterogeneidade dos alunos numa mesma escola, e, portanto, na mesma competição”, na verdade o que se está criando é uma “armadilha”. Para esse autor, existem outros mecanismos que são responsáveis por criar os sintomas acima elencados. Existe sim, uma seleção que coloca “os alunos para fora de sua escolarização: desde então, são os próprios mecanismos escolares, as notas e as decisões de orientação que fazem o trabalho sujo.” (DUBET, 2008, p. 32) Esta seleção já é falada em um outro texto do mesmo autor no qual em sua opinião a escola organiza uma competição que “do ponto de vista formal, atualmente todos os alunos podem visar à excelência, na medida em que todos podem, em princípio, entrar nas áreas de maior prestígio, desde que autorizados por seus resultados escolares.” (idem, 2004, P.542)

Para aprofundar o nosso estudo trazemos para nossa discussão Bourdieu (2001, p. 482), para tratar de como a exclusão é exercida no interior da escola. O autor considera que “(...) o processo de eliminação foi adiado e diluído no tempo: e isto faz com que a instituição seja habitada em longo prazo por excluídos potenciais, vivendo contradições e conflitos associados a uma escolaridade sem outra finalidade que ela mesma.” Para o autor de “Excluídos do Interior”, além da escola “produzir indivíduos que sofrem de um mal-estar crônico instituído”, por sua vez, ela tem uma aparência de estar maltratada ou mutilada.

No próximo tópico iremos analisar os dados de evasão/abandono e distorção idade-série nos últimos anos do Ensino Fundamental, que constata o processo de eliminação anunciado por Bourdieu. Muitos estudantes vão sendo segregados, marginalizados em determinadas etapas de sua escolaridade, em turmas homogêneas, e “sendo aos poucos excluídos de forma continuada”, esses são os denominados por Bourdieu (2001) como “marginalizados por dentro”. (p. 485)

4.3. A Distorção idade-série no 9º ano do Ensino Fundamental em números no Brasil

Ao nos interrogarmos sobre os dados quantitativos relacionados ao número dos jovens de 15 a 17 anos matriculados no ensino público brasileiro, verificamos de acordo com o Censo Escolar da Educação Básica de 2019 um total de 47.874.246 de crianças e jovens matriculados. A publicação nos informa que 8.096.598 são jovens na faixa etária de 15 a 17 anos.

Tabela 3- Jovens de 15 a 17 anos matriculados/as na Educação Básica por etapa e/ou modalidade de ensino

	Educação Básica	Ens. Fund. Anos Iniciais	Ens. Fund. Anos Finais	Ensino Médio	Ensino Profissional	Educ. Jovens e Adultos (Fund./Médio)
Nº de Matrículas	47.874.246	61.651	1.518.639	5.870.403	645.907	493.795

Fonte: Inst. Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira/ Censo Escolar / Sinopse Estatística da Educação Básica 2019. Elaboração Própria, 2021.

Quando analisamos as estatísticas educacionais na tabela acima, referentes ao Censo Escolar de 2019 sobre a faixa etária de 15 a 17 anos notamos que há um enorme número de estudantes cursando o ensino fundamental. Os dados dos anos iniciais e finais do ensino fundamental somados contam com um total de 1.580, 29 jovens. Este número evidencia uma preocupante situação, a de que estes estudantes que já deveriam estar no ensino médio, etapa de ensino adequada de acordo com a sua faixa etária, não conseguiram finalizar sequer o ensino fundamental. Mais à frente, outra evidência é trazida ao analisarmos o quantitativo de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), temos uma parcela de 493,795 de alunos muito jovens nesta modalidade.

Esses aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso na EJA; certificação nos exames e EJA a Distância foram estabelecidos na Resolução nº3/10 - elaborada e publicada pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB), que instituiu as “Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos”. (BRASIL, 2010)

A redução da idade possibilitou a matrícula de adolescentes com idade mínima de 15(quinze) anos completos no Ensino Fundamental da EJA, bem como a inscrição em exames nacionais para obtenção do certificado do Ensino Fundamental. A ação permitiu também uma oferta variada para o pleno atendimento dos jovens adolescentes situados nesta faixa etária, e que vinham do ensino regular com trajetórias notadas como insucesso escolar advindas dos seguintes fatores: defasagem idade-série, dada a duas reprovações no 6º e/ou 7º ano. Como também apresentavam dificuldades em permanecer no ensino regular dado a problemas disciplinares e pedagógicos e, finalmente, fatores excludentes como os conflitos, as atitudes e posturas individuais dos jovens prejudicavam sua interação com o aspecto social e cultural vivido por ele na e com a escola. Tal fenômeno tem recebido o nome de Juvenilização da EJA. Os estudantes são enviados para a modalidade Eja como se estivessem em estado de “retirada” e são colocados em salas de aula no turno noturno com adultos que têm em sua maioria o dobro da sua idade. Isso acontece porque a concepção original para a modalidade EJA era a de atender apenas pessoas idosas, adultos e jovens trabalhadores que não tiveram a oportunidade de estudar no tempo adequado. Entretanto, a proposição da lei vem sendo minada, mediante a

presença destes jovens adolescentes vindos de outros turnos e que foram colocados ali no “refúgio da EJA”, visto que inicialmente a modalidade era oferecida apenas no turno noturno.

Mais uma vez, se torna inevitável não lembrar do período em que exerci a função de vice-diretora no qual colaborei para a transferência de inúmeros estudantes do turno matutino para o noturno. Naquela ocasião, acreditava que estava fazendo o melhor para a escola, e posteriormente aos estudantes. Ao realocá-los de turno, ignorava suas vivências e memórias afetivas construídas na sua convivência com os pares do turno matutino. E nesse movimento, ao serem recepcionados no meio do ano letivo, tanto por professores e alunos com uma idade bem superior à deles, tinham como estigma: “aqueles que estavam dando trabalho de manhã”, ou ainda, “são os que já tomaram várias bombas”. Se antes estavam vulneráveis pela sua trajetória estigmatizada pelos sucessos escolares, para eles, este novo espaço na mesma escola em outro horário, representava mais uma tentativa de permanecer na escola e concluir sua escolaridade.

Tabela 4- Matrículas de jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental Regular (anos iniciais e anos finais) – por Região do Brasil em 2019:

Região	ANOS INICIAIS			ANOS FINAIS		
	Total	Nº 15 a 17 anos	%	Total	Nº 15 a 17 anos	%
Norte	1.721.583	15.344	0,89	1.293,990	215.939	16,68
Nordeste	4.380.618	26.397	0,60	3.508,643	554.928	15,83
Sul	1.953.646	4.704	0,24	1.596,852	203.371	12,73
Sudeste	5.785.299	12.407	0,21	4.563,989	439.678	9,63
Centro-Oeste	1.177.352	2.799	0,23	941.758	104. 723	1,11
Total (Brasil)	15.018,498	61.651	0,41	11.905,232	1.518,639	12,75

Fonte: Inst. Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira/ Censo Escolar / Sinopse Estatística da Educação Básica 2019. Elaboração Própria, 2021.

A tabela 2 nos permite observar o quantitativo de jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental (regular) matriculado por região no ano de 2019. Percebe-se que as regiões Norte e Nordeste detêm os maiores índices de jovens desse grupo etário inseridos nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Em 3º lugar vem à região

Sul, com aproximadamente 0, 24% nos anos iniciais. Diante desses números nos interrogamos como este grupo, que já deveria estar no ensino médio, lida com as contradições e conflitos visto que a sua vivência juvenil se dá em meio a um outro grupo de uma faixa etária menor e que, por sua vez, está cursando os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Em outras palavras, a cultura social e escolar do grupo em maioria (crianças) diverge da cultura escolar dos jovens adolescentes em situação de distorção em idade-série.

Como sabemos há uma predominância dos grupos sociais mais favorecidos que garantem acesso e monopolizam os níveis superiores do sistema escolar, garantindo dessa forma, carreiras e postos de trabalho de maior prestígio. Vimos nos dados acima apresentados, a predominância dos grupos menos favorecidos – no caso em análise, os jovens de 15 a 17 anos ocupando os mais baixos níveis de ensino. De acordo com Nogueira & Nogueira esta correlação não é casual. Ela pode ser explicada pelos autores ao retomar as discussões e reflexões do pensamento bourdieusiano na qual considera que:

a escola dissimuladamente valoriza e exige dos alunos determinadas qualidades que são desigualmente distribuídas entre as classes sociais, notadamente, o capital cultural e uma certa naturalidade no trato com a cultura e o saber que apenas aqueles que foram desde a infância socializados na cultura legítima podem ter. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2017, p. 80)

Dessa forma, conforme se avança à etapa ou modalidades de ensino, as desigualdades escolares vão se acentuando. E essa inadequação referente à presença de jovens nos anos iniciais e finais do ensino fundamental pode ser classificada como uma desigualdade escolar, que se desdobrará em desigualdade social. Embora não haja mais uma seleção social fora dos estudos, pois houve uma igualdade de oportunidades a partir da constituição de 1988, com ampliação do acesso à escola, isso não impede que “haja, através da seleção escolar, uma seleção social durante os estudos.” (DUBET, 2008, p. 28)

A tabela a seguir apresenta a taxa de distorção idade-série no ensino fundamental nos anos iniciais e finais referente ao período de 2015 a 2019. O indicador de distorção idade/ano permite verificar a condição de atraso escolar, pois indica o percentual de crianças e jovens com 2 (dois) anos ou mais de atraso, de acordo com a idade

adequada. Esta condição pode se dar através da reprovação, quando o estudante necessita repetir um determinado ano em questão, por abandono escolar – quando ele deixa de frequentar a escola por um período, e por fim, aquele aluno que realizou a matrícula de forma tardia na escola.

Ao analisar o indicador por região, nota-se mais uma vez que as regiões Norte e Nordeste concentram os maiores índices de alunos em situação de defasagem escolar. Isso significa que um determinado grupo de jovens irá cursar o ensino médio em uma idade tida como inadequada ou deixará de cursar o ensino fundamental. A taxa de distorção idade-série vem diminuindo gradualmente no período analisado, e isto permite inferir que há um entrave relacionado ao fluxo no ensino fundamental, dificultando por sua vez, a permanência e conclusão desta etapa.

Tabela 5- Taxa de distorção idade-série no ensino fundamental (iniciais e finais): 2015-2019

Região:	2015	2016	2017	2018	2019
Norte	28,3	27,3	26,4	25,2	24,2
Nordeste	26,3	25,2	24,5	23,1	21,7
Sudeste	12,7	12,5	12,2	11,7	11,1
Sul	15,9	15,5	15,4	14,9	14,2
Centro-Oeste	15,8	15,2	14,9	14,0	12,9
Brasil	19,2	18,6	18,1	17,2	16,2

Fonte: Inst. Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira/ Censo Escolar / Sinopse Estatística da Educação Básica 2015-2019. Elaboração Própria, 2021.

Além disso, ao examinarmos os índices de distorção idade/ano no ensino fundamental, podemos constatar também que as taxas mais elevadas de reprovação estão do 6º ao 9º ano - correspondentes aos anos finais desta etapa. No censo escolar de 2019, a média nacional é de respectivamente: 6º ano 24%, 7º ano 25%, 8º ano 23% e 9º ano 21%. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental o maior índice está no 5º ano com 17%. Não há dúvidas da existência da produção da distorção ainda nos anos iniciais, entretanto, a proporção de alunos matriculados em idade inadequada avança agilmente nos anos finais desta etapa.

5. A ESCOLA ESPERANÇA: CAMPO DE SABERES E SENTIDOS NA PESQUISA

Este estudo tem como campo de pesquisa uma das 41 escolas estaduais situadas no município de Ribeirão das Neves, especificamente a escola Estadual Esperança, localizada no distrito de Justinópolis. A construção desta instituição se deu a partir de uma demanda apresentada à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais pelos moradores através da associação comunitária moradores dos bairros Cruzeiro e Jardim São Judas Tadeu. Tais representantes apresentaram um documento com a assinatura de todos moradores, no qual alegavam não haver nenhuma escola que pudesse atendê-los próximo de suas residências. Em 2004 iniciou-se a construção, entretanto a escola começou suas atividades escolares em 2005.⁷

Nos dois primeiros anos de existência a instituição atendia os estudantes em estado de grande precariedade, pois apenas o prédio estava em condições de uso, uma vez que os sanitários não tinham sido construídos, as janelas estavam sem vidros e a área externa do prédio não estava cimentada. Toda a parte de acabamento e construção como, por exemplo a pavimentação de parte do pátio e corredores, pintura externa e interna, rede pluvial e elétrica foi sendo realizada ao longo do ano de 2005 até o final de 2006. No ano de 2009 a escola ganhou uma quadra poliesportiva com arquibancada, vestiários e um palco para apresentações e eventos culturais da escola e da comunidade. Além de um refeitório, banheiros mais amplos e reformados, uma nova pintura e rampas de acessibilidade para pessoas com deficiência.

⁷ As informações acima foram coletadas no Regimento Escolar da instituição pesquisada.



Figura 2- Foto Satélite com as demarcações da instituição Escola Estadual Esperança Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-19.7912154,-44.0279409,150m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR&authuser=0>

Desde a sua inauguração a instituição atende em suas 18 salas de aula: alunos do 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do ensino médio. A partir de 2013 foi implementado o turno noturno para o ensino médio regular e a Educação de Jovens e Adultos. E no ano seguinte, a instituição cedeu algumas salas de aula para que turmas da EJA- Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano pertencentes à Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão das Neves pudessem receber estudantes no período da noite.

A escola possui jardins em seu entorno, biblioteca, sala de informática, laboratório de ciências desativado e um laboratório de informática com aproximadamente 20 computadores. No entanto, a pavimentação da entrada da escola e do pátio, ampliação da rede elétrica e pluvial só se deu no ano de 2019. Isto foi o motivo de muitas reclamações, denúncias e solicitações de toda comunidade escolar, pelo fato

do chão da frente do prédio escolar ser de terra. Vários pedidos e relatórios foram enviados a SRE-C (Superintendência Regional de Ensino – Metropolitana C) para a realização da pavimentação da frente da escola, entretanto, isto só foi possível 14 (quatorze) anos depois.

Na Escola Estadual Esperança estão matriculadas crianças, jovens e adultos vindos de aproximadamente 10 bairros pertencentes ao distrito de Justinópolis em Ribeirão das Neves. Neste tópico faremos uma breve apresentação dos bairros onde vivem os sujeitos participantes desta pesquisa, por entendermos a instituição escolar como um espaço agregador no qual pessoas de diversas localidades se encontram, se misturam e vivenciam experiências sociais individuais e coletivas. Para isso nos debruçamos no conceito de território na perspectiva de Santos (2007) ao afirmar: “o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico.” (p.73) Este dado simbólico está relacionado a condição social das pessoas, pois de acordo com a condição geográfica existente no lugar onde o sujeito vive, podemos sem dúvida ter uma ideia de qual é a sua condição social.

E dentro do espaço escolar ao desenvolver meu trabalho como vice-diretora pude perceber a divisão do espaço geográfico da escola entre os estudantes de acordo com o bairro em que residiam. Essa divisão do espaço e as relações sociais era marcada por conflitos, tensões e diferenças que ocorriam no horário do intervalo, no término dos turnos e eventos internos e/ou abertos à comunidade.

Isto vai ao encontro da constatação de Albuquerque Júnior ao afirmar que no Brasil “as pessoas podem ser estigmatizadas por habitarem uma determinada região da cidade. (...) morar na periferia ou na Zona leste de São Paulo é carregar um estigma.” (2012, p.88)

.



Figura 3- Foto satélite com a demarcação da Escola Estadual Esperança e os bairros localizados ao seu redor. Fonte: Google Maps disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-19.7956349,-44.0239983,2021m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR&authuser=0>

Na Figura acima podemos ver a localização da escola Estadual Esperança e os bairros localizados ao seu redor. Os bairros foram destacados por diferentes cores e se referem à localização da maioria dos estudantes matriculados na instituição escolar. Para Dayrell “dizer que a escola é polissêmica implica levar em conta que seu espaço, seus tempos, suas relações, podem estar sendo significadas de forma diferenciada, tanto pelos alunos.” (1996, p.9) Apesar de sua aparente homogeneidade, dentro do espaço escolar podemos perceber a reprodução das desigualdades sociais nos diferentes grupos de estudantes, sejam crianças, jovens ou adultos. A escola pesquisada foi o “meu lugar de trabalho” durante 13 anos, e aos poucos fui percebendo que estudantes-moradores no bairro Cruzeiro, não podiam passar nas ruas do bairro Belo Vale. O muro da escola e vários outros espaços próximos à escola tinham também sua subdivisão na hora de receber um pixo ou grapixo.

Quando entramos na escola Estadual Esperança nos deparamos com um único portão de entrada. Logo na entrada, encontramos na parte lateral a esquerda, uma área reservada para o estacionamento de veículos para professores/as, e pelo lado direito, temos acesso a pequeno corredor que nos dá acesso a área reservada ao

atendimento da comunidade escolar realizada pela secretaria. No entanto, também podemos verificar a existência de uma grade, que impede o acesso imediato de qualquer pessoa a parte interna da escola, como também, dificulta a aproximação dos estudantes ao portão principal. A edificação escolar é composta de 4 blocos paralelos em apenas um pavimento. No primeiro bloco podemos localizar toda a parte administrativa da escola: secretaria, sala do diretor e vice-diretor, sala dos professores, biblioteca, laboratório de informática, e todos os banheiros dos funcionários e alunos. Já no bloco 2 (dois) funciona a cantina, refeitório, despensa, depósito de material de limpeza, depósito de almoxarifado e a sala da supervisão que também funciona como a sala de reprografia. Já os blocos 3, 4 e 5 são compostas por salas de aula. E finalmente ao fundo temos a quadra poliesportiva com o seu espaço reservado para apresentações individuais e coletivas, bebedouros e banheiros (feminino, masculino e para pessoas com deficiência física).

Uma característica marcante da instituição é a presença de lindos jardins por toda a escola. Em todos os corredores podemos encontrar a presença de rosas, azaleias, grama, entre outras plantas, além de pingos de ouro cercando todos os jardins. Muitas das rosas foram plantadas pela antiga diretora e cultivadas até os dias de hoje. A escola mantém uma grande horta nos fundos dos blocos: 4 e 5. Lá se colhe: couve, cebolinha, açafrão, rúcula, salsinha, chuchu e alface. Estes alimentos contribuem e fazem diferença na merenda escolar. A maioria dos estudantes se alimentam na escola, mesmo nos dias que o prato servido seja: mingau, canjiquinha ou sopa.

A movimentação dos estudantes ocorre no horário do recreio. Recentemente toda a parte interna (entrada principal, pátio, fundo do bloco 2) foi pavimentada. Os espaços cobertos são o refeitório, bebedouros e a quadra. No ano de 2019, a escola conseguiu arduamente, por meio de doações e recursos próprios, a instalação de mesinhas de alvenaria com jogos de tabuleiro, e bancos espalhados ao seu redor. Durante o recreio, os educandos se apropriam deste espaço para jogarem e se reunirem para conversar.

Cento e dois profissionais, entre professores/as, funcionários/as e direção compõem o quadro de servidores da instituição escolar. De acordo com o censo escolar docente publicado no ano de 2020, todos os professores, um total de 60 (25 efetivos e 35

contratados) possuíam o curso superior. Sendo que 91% dos docentes possuem formação superior em licenciatura ou bacharelado com complementação adequados a mesma área da disciplina que lecionam.

Ao realizarmos uma consulta na base de dados do Inep obtivemos a informação que do total do quadro docente acerca da escola pesquisada, 53,6% dos docentes foram classificados no nível 4. A classificação neste nível caracteriza o perfil do professorado efetivo e/ou contratados desta instituição que é o de educadores que lecionam para um número de 50 a 400 alunos, e conseqüentemente, atuam em dois turnos, em uma ou duas escolas e em duas etapas de ensino. Esta informação nos diz muito sobre a intensa e precária jornada de trabalho dos docentes.

A escola funciona em três turnos: dois diurnos e um noturno. No turno da manhã concentram-se estudantes nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e ensino médio (1º ao 2º ano). No turno da tarde estudam crianças distribuídas nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e anos finais do ensino fundamental (6º e 7º ano). E concluindo, no turno da noite funcionam uma turma de 2º ano do Ensino médio, 4 turmas do 3º ano do ensino médio e a EJA- Educação de Jovens e Adultos (ensino médio) e as salas cedidas a SMED-RN (Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão das Neves) na modalidade EJA (ensino fundamental).

Na época da construção da escola esta foi a primeira edificação da região do distrito de Justinópolis na qual a acessibilidade a todas as dependências do prédio pode ser feita por rampas. A partir daí, a escola começou a receber alunos com diferentes deficiências. Sendo assim pode se perceber na instituição escolar o compartilhamento de vivências e aprendizagens entre os estudantes independente da condição física, sensorial, psíquica, de gênero, raça, etnia dada a dificuldades motoras durante as aulas.

5.1. A periferização de Ribeirão das Neves

Primeiramente para entendermos e analisarmos a formação urbana da cidade de Ribeirão das Neves tivemos que nos dedicar a leituras sobre a criação e expansão da cidade de Belo Horizonte. Em 1897 foi realizada a transferência da capital de Ouro

Preto para Belo Horizonte e conseqüentemente foi acomodado todo o seu aparelho estatal, e tornando-se também, moradia dos funcionários públicos e pessoas com melhores condições econômicas vindas da antiga capital.

Belo Horizonte foi uma cidade em que antes de ser ocupada, foi uma cidade planejada pelo poder público através do engenheiro e arquiteto Aarão Reis com o objetivo de se tornar a sede política e econômica estadual. Sendo assim, nascia uma cidade que tinha como perímetro a atual Avenida do Contorno. Toda zona urbana deveria compreender como limítrofe o traçado localizado dentro da avenida. A área central urbana era constituída de “infraestrutura urbana, vias e aparatos comerciais e institucionais, entretanto não, completamente ocupada, com altos preços de lotes, valores esses devidos ao intuito de selecionar a população que ali viesse habitar.” (SILVA & STEPHAN, 2015, p.132) O aumento da população de baixa renda fez com que a ocupação se desse fora do perímetro estipulado pelo estado. Como era impossível comprar um lote dentro da cidade, as pessoas das classes populares começaram adquirir lotes com preços mais acessíveis mais longe da cidade. Encontramos na perspectiva de Santos, uma afirmação que nos explica a segregação socioespacial das classes populares dada na região metropolitana de Belo Horizonte: “A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo.” (2011, p.191)

A partir da década de 40 iniciou o processo de expansão da região metropolitana pela ocupação da região da Cidade Industrial, expandindo-se em duas direções: “para o vetor norte, onde estão Vespasiano, Santa Luzia e Ribeirão das Neves; e em direção ao vetor oeste, correspondente ao eixo industrial e integrado por Contagem, Betim, Ibirité, Igarapé e Juatuba.” (Idem, 2015, p.133)

Avançando um pouco mais no tempo, destacamos a participação de Ribeirão das Neves na expansão da região metropolitana de Belo Horizonte. É na década de 70, especificamente, no período de 1975 a 1978 que seriam vendidos os mais de 50% de todos os lotes das cidades pertencentes a região metropolitana. Para isso ocorrer não havia especificações, legislações e fiscalização para implementação dos loteamentos. Nessa época já haviam no município 4 (quatro) unidades prisionais, e a imagem de “lugar sem lei” já imperava no imaginário coletivo sobre a cidade.

Minha mudança para a cidade se deu em 1985, e ainda nessa época eram poucas as ruas que eram asfaltadas, não haviam linhas de ônibus em todos os bairros, telefônico público de ficha, postos de gasolina, postos de saúde, supermercados, padarias e escolas. Como morava no bairro Maria Helena no distrito de Justinópolis, o único centro comercial de referência era e ainda é o bairro Lagoinha - localizado na divisa entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves. Isso rendia uns 40 minutos de caminhada. Ao analisar a importância da representação da cidade de Ribeirão das Neves, mais uma vez, nos leva a reflexão posta por Santos a respeito sobre como é residir num território marcado pela ausência de serviços essenciais dos quais a distribuição dos serviços está em desacordo com as demandas da população:

Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. A pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se a pobreza gerada pelo modelo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhe ser entregue gratuitamente pelo poder público. (SANTOS, 2011, p.195)

Passados 46 (quarenta e seis) anos da expansão do município, ainda permanece o estigma, o preconceito contra quem mora ou apenas “dorme” na cidade, visto que menos da metade dos habitantes consegue um posto de trabalho dentro do município. A força de trabalho que leva e mantém boa parte da cidade de Belo Horizonte é da classe trabalhadora e residente em Ribeirão das Neves. Mais da metade da população de Ribeirão das Neves se dirige para Belo Horizonte pagando passagens caras, tendo acesso a ônibus ruins em viagens demoradas, em quase todos os dias da semana, não por opção, e sim pela falta de oportunidades dentro da própria cidade.

A mobilidade destas pessoas se dá forma precária e limitada, não é apenas na acessibilidade para transportes coletivos que os levam de casa para o trabalho ou para estudo. Como também para acesso a serviços públicos dentro da cidade de Belo Horizonte. O lazer é pago e de difícil acesso a classe trabalhadora de Ribeirão das Neves, o que acaba confinando as pessoas dentro da cidade periférica. Mais adiante iremos explorar este tópico na análise das entrevistas dialógicas realizadas com os sujeitos que participaram de nosso estudo.

5.2. A Escola Esperança em números

No estado de Minas Gerais, a proporção de crianças e jovens matriculados no ensino fundamental em situação de distorção idade-série de acordo com o Censo Escolar/2019 é de 4% nos anos iniciais e 17% nos anos finais. Na cidade de Ribeirão das Neves a taxa média de distorção apurada é de 2% do 1º ao 5º ano, e 19% do 6º ao 9º ano. Na escola pesquisada a taxa de distorção nos anos iniciais é mais baixa em relação ao município e ao estado, correspondente a 0,8% no ano base de 2019. Observe abaixo, a tabela 6 referente à instituição onde a pesquisa se desenvolveu.

Tabela 6- Escola Estadual Esperança: taxas de distorção idade-série												
Anos	Total	Anos iniciais	Anos Finais	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
2015	6.8	1.0	9.9	0	1.3	0	1.8	1.2	8.5	6.3	15.2	9.4
2016	6.4	0.8	9.0	0,0	0,0	1,3	0,0	1,8	6,8	4,9	7,0	17,0
2017	7.7	0.4	11.0	0,0	0,0	0,0	1,4	0,0	10,7	9,3	12,7	11,5
2018	9.4	0.7	13.8	0,0	0,0	1,8	0,0	1,2	12,5	13,2	14,5	15,2
2019	11.0	0.8	15.3	0,0	0,0	1,9	1,8	0,0	9,0	21,4	16,2	17,3

Fonte: INEP/Censo Escolar 2019. Elaboração Própria, 2021.

Observa-se na tabela acima referente à escola pesquisada que no período de 2015 a 2019 houve, no 1º e 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma diminuição significativa no número de alunos reprovados, isso possibilitou uma redução do atraso escolar e, portanto, uma melhor adequação idade/ano. Quando analisamos o fluxo geral desta 1ª etapa de ensino no período compreendido, vimos uma diferença no fluxo escolar geral comparado aos anos finais do ensino fundamental.

No entanto, a partir de 2017 o percentual de distorção idade-série começa a crescer do 3º ano do ensino fundamental I ao 9º ano do ensino fundamental II, especificamente do 6º ao 9º ano. Dentre eles destacamos o 7º ano, uma vez que em 2016 o seu

percentual era de 4,9%, e no ano de 2019 já correspondia a mais de 4(quatro) vezes esse percentual, indo, portanto, para 21,4%.

Coincidência ou não, é no ano de 2017 que a escola pesquisada começou a receber estudantes de uma escola municipal da Prefeitura de Ribeirão das Neves, localizada numa rua próxima. Até então, a escola Esperança recebia apenas alunos no 1º ano do ensino fundamental e ia complementando nos demais anos com poucos estudantes advindos de outras escolas. Por ser uma instituição bastante requisitada não só pelos bairros em torno da comunidade escolar, dificilmente, surgiam vagas para novos estudantes. Desta forma, com a entrada dos estudantes vindos da escola municipal, a escola passou a receber 4 (quatro) turmas por ano para 6º ano do ensino fundamental. E conseqüentemente, deixou de abrir novas turmas do 1º ano do ensino fundamental.

O conjunto de dados estatísticos levantados acerca do quantitativo de estudantes matriculados/das na educação básica e os índices de distorção idade-série em nosso estudo revelam a importância de que existam políticas públicas que levem em consideração as especificidades no processo de escolarização de crianças e jovens. Outra medida que também deve ser considerada é a superação da repetência. A reprovação é vista como um “remédio pedagógico”, isto é, como um recurso que a escola utiliza para corrigir uma “falha no processo de aprendizagem”. A justificativa adotada pelo corpo docente em reter o aluno alegando que o mesmo não conseguiu obter as competências necessárias para ser aprovado para o ano seguinte. No entanto, esta “medicação corretiva” não tem efeito para aquele aluno que foi retido. Em Correa *et al* (2014, p. 266) vamos encontrar o seguinte esclarecimento: “Os achados contradizem os discursos que advogam a favor da repetência”, mostrando que reter o aluno não é tão vantajoso como se pensa em termos cognitivos, pois não garante vantagens compensatórias futuras aos repetentes. No entanto, o que podemos ver até agora neste estudo apresentado é a existência de uma fonte inesgotável de estudantes – habitantes da instituição escolar no ensino regular – que representam “excluídos em potencial”, seja através do abandono escolar, seja por meio da reprovação.

Nesse sentido, o estudo quantitativo realizado nesta pesquisa, nos leva necessariamente a leitura do texto de Bourdieu: “A escola conservadora” e a consequente, discussão a respeito da importância que os dados acima representam. Quando pequena, cresci ouvindo de meus pais que apenas a escola seria capaz de me levar a ter uma vida digna. Isto ganhou mais força, quando uma prima de 2º grau conseguiu em seu 8º vestibular ser aprovada no curso de graduação em Enfermagem na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. A ideologia da escola que liberta e resgata a possibilidade de mobilidade social fornecia a aparência de que tudo era possível: “se eu apenas estudasse”.

Entretanto, os dados estatísticos, assim como os dados que obtivemos durante o processo de investigação na escola pesquisada, revelam a contrariedade e a representatividade da “escola libertadora”. Bourdieu nos revela a ação dos mecanismos objetivos de eliminação cultural e social utilizada pela escola em “função de conservar os valores que fundamentam a ordem social”. (BOURDIEU, 2007, p. 56) Ainda de acordo com o autor, a dificuldade em obter êxito dos estudantes das classes menos favorecidas em seus processos de escolarização se dá pelos diversos obstáculos culturais e sociais advindos da “ação do meio familiar sobre o êxito escolar” (ibidem, p.42) Em outras, palavras, é o nível cultural exemplificado no tamanho da família, o grau de escolaridade ou nível de instrução não só dos pais e mães, mas também a 1ª e 2ª geração, e finalmente o acesso a cultura “livre” é que definirá sobre as possibilidades, aspirações, privações e interdições existentes na relação do aluno frente a ascensão escolar.

Contudo, isso será melhor explorado mais adiante no capítulo 6 a análise das entrevistas realizadas com os jovens participantes da pesquisa, são muitas as contradições tecidas ao longo dos anos de escolarização num cenário repleto de estagnação e desigualdade escolar.

5.3. A Perpetuação das desigualdades de cor/raça e gênero na distorção idade-série

Ao nos interrogarmos sobre como os saberes dos jovens entre 15 a 17 anos se relacionam com seus percursos notados como insucesso escolar, vimos a necessidade de aprofundarmos a análise quantitativa sobre os seguintes marcadores: cor/raça e gênero que por sua vez estão associados à categoria – Juventude.

Para isso, acolhemos diálogos sugeridos na qualificação no entrelaçar das narrativas deste estudo, nos cercamos de leituras e releituras sobre o conceito de interseccionalidade. O conceito inaugurado e sistematizado pela feminista norte-americana Kimberly Crenshaw representa a interação entre os marcadores sociais da diferença: cor/raça e gênero, não apenas os localizando e os identificando em nosso estudo. Crenshaw o define como aporte teórico metodológico da seguinte maneira:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177)

Ao precedermos a discussão da interseccionalidade em diálogo com os dados quantitativos e qualitativos consideramos a perspectiva que este anuncia os sujeitos (os jovens-estudantes) como envolvidos por múltiplos eixos de subordinação de forma relacional e articulada. Nos referimos aos eixos representados por diferentes marcadores, e que atravessam e operam por sua vez, de formas combinadas. Sendo assim, nossa pesquisa analisou os jovens participantes não só por serem: negros ou pardos e do sexo masculino, e sim como por serem jovens, estudantes de uma escola pública periférica, marginalizados por residirem em Ribeirão das Neves e finalmente por terem uma trajetória escolar marcada por interdições. Esses fatores combinados fazem com que os indivíduos tenham experiências múltiplas e que nos permitem segundo a autora: (...) de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso (...) O segundo objetivo é enfatizar a

necessidade de empreendermos esforços abrangentes para eliminar essas barreiras. (CRENSHAW, 2012, p.8)

Entendemos que o tema juventude e processos de escolarização, mobilizam questões teóricas e empíricas, que por sua vez, propõem reflexões relacionadas no contexto escolar, tendo como base os marcadores de raça e gênero. Ao reconhecermos estes marcadores, pretendemos reconhecer de acordo com Louro (2000, p.62) “a identidade – aquilo que o sujeito é – e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é – a diferença.” Com isto, estamos evidenciando que determinadas características e traços são considerados “aptos, produtivos e ajustados – cada qual ao seu destino.” (ibidem, p.61) Nesse sentido na constituição do processo de escolarização do sujeito existe um processo de atribuição de identidades que o classifica, hierarquiza e o diferencia dos demais. Para esta investigação, a escolha destes marcadores também possibilita a composição do perfil de quem são os jovens e as jovens estudantes matriculados no 9º do ensino fundamental, não só na instituição escolar pesquisada, mas também em toda rede pública no Brasil.

A abertura das escolas para as pessoas das classes populares possibilitou a oferta de vagas, no entanto, sabemos das insuficiências existentes entre o acessar e permanecer no processo de escolarização. Para Dubet, o sistema escolar é dotado de uma igualdade meritocrática das oportunidades. Tal modelo de sistema fundamentado no mérito de justiça na educação “torna-se intolerável quando associa o orgulho dos ganhadores ao desprezo pelos perdedores”. (2008, p.08) Para o sociólogo, as desigualdades escolares contribuem através da hierarquização dos alunos em função de seu mérito para a perpetuação das desigualdades e discriminações sociais, sexuais, étnicas e outras.

Estas diferenças e desigualdades aparecem de forma nítida nas estatísticas nacionais entre brancos e negros, ou entre homens e mulheres, e ainda entre brancos e indígenas, entre outros. Da mesma forma, estes resultados educacionais podem também acenar para as desvantagens educacionais existentes nos distritos mais periféricos e com maior disparidade social. Eles podem concluir que pessoas com níveis mais altos de aprendizagem, para todos os grupos socioeconômicos ocorrem em escolas localizadas em bairros habitados na maioria por grupos médios e mais

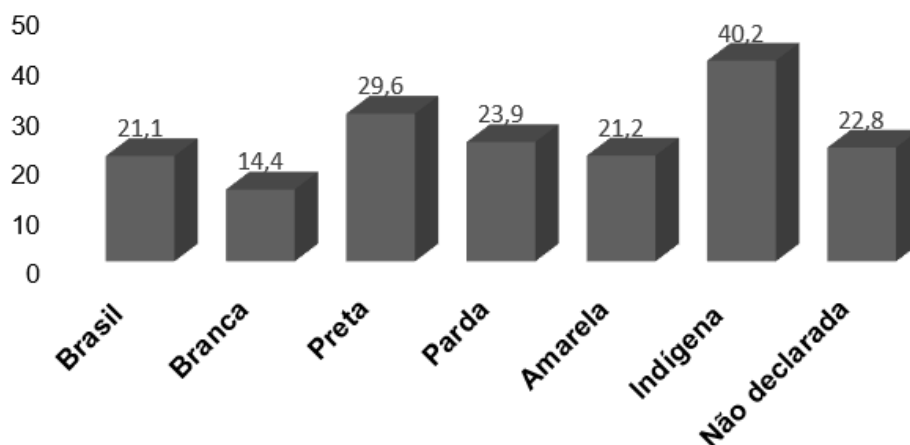
ricos. Ernica & Rodrigues apontam dois grandes processos - o primeiro corresponde à:

Transposição dos padrões de segregação socioespacial para o sistema escolar, no qual, transformados, assumem forma de segregação escolar. O outro é a distribuição desigual e regressiva, ao longo da cidade e dos sistemas de ensino, de recursos de políticas sociais e educacionais. (2020, p.3)

De acordo com o Censo Escolar de 2019, em toda rede pública brasileira tivemos um total de 2.251,818 entre crianças e adolescentes que foram reprovados. Destes 977,607 pertencem aos anos finais do ensino fundamental. Bem como, no total de 620,813 registros de abandono, tivemos 220,256 relacionados aos anos finais do ensino fundamental. Em nossa pesquisa vimos que a maior concentração de estudantes em situação de defasagem de idade e série se dá nas regiões: Norte, Nordeste e Sudeste, sugerindo assim que há uma distribuição desigual das oportunidades entre as regiões. Agora nosso foco é identificar através dos dados a existência dos sujeitos desiguais de acordo com os marcadores aqui selecionados levando em consideração o padrão de segregação escolar já apontada por Ernica & Rodrigues (2020).

No gráfico abaixo referente ao ano escolar de 2019 podemos perceber a reprodução das desigualdades sociais em escolares. O levantamento foi feito com base nos dados do Censo da Educação básica Escolar no de 2019 divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) no primeiro semestre de 2020. Eles indicam a porcentagem de estudantes reprovados de acordo com a cor/raça. Evidenciando a raça como sendo um dos mais importantes fatores que compõem a vulnerabilidade dos alunos levando-os à reprovação e a ficarem atrasados em relação à idade, aumentando o risco de abandonarem a escola. Podemos perceber qual é o perfil dos estudantes que mais sofrem na condição de distorção idade série. Eles evidenciam como é fracionado o processo de segregação escolar e social dentro da escola entre brancos, pretos, pardos e indígenas.

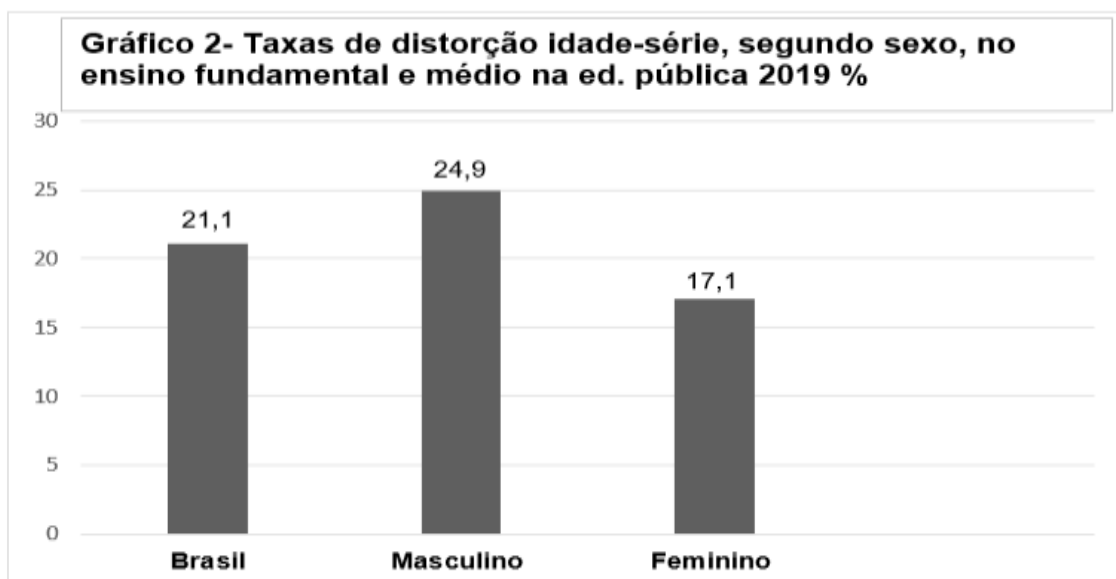
■ **Gráfico 1- Taxas de distorção idade-série, segundo cor/raça, no ensino fundamental e ensino médio, na rede pública - 2019 %**



Fonte: INEP/CENSO ESCOLAR 2019. Elaboração Própria, 2021.

Os dados mostram que a maioria das crianças e adolescentes excluídos é de cor: preta, parda e indígena. Segundo Valverde & Stocco (2011, p. 151) “as desigualdades educacionais entre brancos e negros são geradas por diferenças de renda, região de domicílio, estrutura familiar, escolaridade dos pais e estrutura do sistema de ensino”. Estes fatores reforçam e sistematizam “veladamente” as desigualdades no sistema nacional de ensino brasileiro, compondo, desta forma, a cultura do fracasso escolar. E, por fim, a combinação de fatores se fará presente através da reprovação, abandono e distorção idade-série explicitando o mecanismo de funcionamento denominado “fracasso escolar”. Tais mecanismos geram um ciclo conforme a UNICEF (2021, p. 9) “a combinação de indicadores se retroalimenta no ciclo que define o fracasso escolar.” Gradativamente, essas práticas e concepções hierárquicas vão contribuindo para que o estudante se sinta menos dotado, menos eficiente e tem sua “autoestima ameaçada”. (DUBET, 2008, p. 39)

Já o gráfico 2 a seguir representa a distribuição da distorção idade-série por sexo:



Fonte: INEP/CENSO ESCOLAR 2019. Elaboração Própria

Verificamos que os meninos são os que possuem uma maior defasagem escolar, se comparado às meninas. Assim podemos inferir que o perfil do adolescente ou jovem em situação de atraso em sua escolarização é composto de meninos ou jovens que se declaram pretos, pardos ou indígenas. Não há dúvidas que a distorção idade-série deve ser analisada levando em consideração as desvantagens acumulativas que os estudantes vêm carregando em seu processo de escolarização originadas de uma construção sócio-histórica na juventude brasileira. Não é coincidência que na publicação *Atlas da Violência 2020* (CERQUEIRA, 2020) ao analisar os dados dos últimos dez anos, constatou um aumento expressivo de jovens negros figurando como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de negros apresentam forte crescimento ao longo dos anos, entre os brancos os índices de mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução. Ainda dentro da análise da vulnerabilidade juvenil, de acordo com "Atlas da Violência": 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Destes, 55,6 eram jovens com idade entre 15 a 19 anos, do sexo: masculino, negros (soma dos que declaram pretos ou pardos) e que frequentaram a escola em média por 7,6 anos. (CERQUEIRA, 2020, p.47)

Nesse sentido, os dados até o momento ressaltam que apesar do “pluralismo cultural” e da “democracia racial” tão decantada em verso e prosa, parece fácil fazer um exercício de apontar quais as identidades raciais ou sexuais que são diferentes, “marcadas” (LOURO, 2000, p. 67). Ao se desviar da heteronormatividade hegemônica colocada como modelo vigente, o nosso estudo nos mostra que independente da articulação dos marcadores (de gênero, raça, classe social entre outros), estão constituídas pelas redes ou jogos de poder.

Diante desse perfil, temos como compromisso lutar por uma “nova escola” que tenha uma “pedagogia para as juventudes” para que os jovens consigam permanecer mais tempo na escola e aprender – concluir a sua escolaridade - e que possa prepará-los para não só para o mundo do trabalho e que tenham pleno direito a vida e a cidadania ainda em sua juventude.

5.4. O perfil dos jovens da Escola Esperança

Neste tópico iremos apresentar, os dados coletados na aplicação dos questionários sociocultural e da trajetória escolar dos jovens participantes desta investigação. A seleção dos estudantes foi realizada via videoconferência via WhatsApp em parceria com a vice-diretora Elisabeth e a professora de Português Maria José. Estávamos no mês de julho de 2021 e no Brasil ainda persistia um cenário crítico em relação a pandemia do Corona vírus. Apesar da vacinação ter se iniciado em todos os estados brasileiros na 2ª quinzena do mês de janeiro, ainda naquele momento havia menos de 20% da população com esquema vacinal completo com duas doses. Para se ter uma ideia, no mês de anterior (junho) haviam sido registrados 55.275 óbitos. O ensino presencial nas escolas públicas e particulares no estado de Minas Gerais ainda não era possível de acordo com o protocolo sanitário da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG) apoiada pelas evidências locais e mundiais acerca da pandemia da COVID-19.

Diante da impossibilidade de visitar a escola pesquisada, as docentes se colocaram à disposição de forma voluntária e remota com a finalidade de ajudar-nos numa primeira

aproximação com os jovens (futuros) participantes nesta pesquisa. Em agosto a instituição escolar foi reaberta apenas para atendimento ao público na secretaria escolar. Sendo assim, antes de aplicar os questionários realizei duas visitas nos dias 2 e 3 de agosto com a presença de alguns pais e poucos jovens participantes deste estudo. Prontamente, o diretor Bruno Denis e a Elisabeth Ribeiro me acompanharam prestando todo apoio necessário para que esta etapa acontecesse. O instrumento começou a ser aplicado no dia 16 de agosto de 2021, pois foram necessárias várias visitas para atingíssemos um total de 15 estudantes na Escola Estadual Esperança. A finalização da aplicação dos questionários só foi possível no dia 30 de agosto de 2021.

Começaremos a apresentação e análise dos dados pelos itens: idade e as categorias cor/raça do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Em nossa investigação priorizamos a participação dos jovens do sexo masculino. Visto que quando analisamos o quantitativo de jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, referentes a exclusão escolar e distorção, os marcadores de gênero indicam que este é o grupo mais vitimizado em sua escolarização. Além da presença de uma tão mais intrínseca justificativa que me trouxe a esta pesquisa: a perda precoce do meu irmão, de cor parda, sexo masculino e por não ter concluído os anos finais do ensino fundamental, bem como o ensino médio.

Nos gráficos 3 e 4 podemos perceber uma maior participação de jovens com idade de 15 anos. Evidenciamos que houve uma dificuldade em contatar sujeitos de 16 e 17 anos de idade. Em razão da pandemia do Coronavírus, alguns estudantes conseguiram trabalho em lugares distantes de sua casa ou até mesmo outras cidades no interior do estado de Minas Gerais. Ao cruzarmos esses dados com a categoria cor/raça, percebemos que a junção dos pretos e pardos é maior que a dos que se autodeclararam brancos. Desta forma, como Jesus e Dayrell nos afirmam:

Assim mesmo a genética, tendo atestado que somos todos humanos e que raças biológicas não existem, algumas pessoas e alguns grupos, identificados como pertencentes a uma determinada “raça inferior”, continuam a ser vítimas de discriminação e de exclusão em razão de seu pertencimento racial. (2018, p. 3)

Esta constatação vai ao encontro dos dados obtidos e já exposto em nosso estudo sobre este ser o grupo que mais é vítima da exclusão social e escolar.

Gráficos 3 e 4 - Divisão dos participantes por Idade e Cor/Raça

Para melhor entendermos as trajetórias escolares e os vários fatores que vêm desestimulando a permanência dos jovens na escola, consideramos fundamental a análise da realidade familiar. Ao lançarmos um olhar sobre a situação dos adolescentes pesquisados a respeito de como e onde eles vivem, irá nos ajudar entender mais da relação existente entre pobreza e exclusão escolar. Nesse sentido iniciamos o diagnóstico sobre os estudantes abordando a situação de suas moradias. Quando questionados sobre a localização de suas casas em relação à escola, os participantes informam não haver uma grande distância. Uma vez que dos 6 (seis) bairros abaixo (ver gráfico 5): 4 pertencem à comunidade localizada nas proximidades da escola. Sendo assim, dos 15 adolescentes, 13 deles declararam que não precisam usar transporte escolar, por considerar a distância entre a escola e a sua casa muito perto. Quando perguntados sobre as condições de suas moradias, dos participantes, apenas 4 (quatro) moram em uma casa alugada. Portanto, os 11 sujeitos restantes residem em casa própria.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Entretanto, embora a grande maioria das famílias não pague aluguel ou parcelas de financiamento imobiliário, podemos perceber a presença de um outro item determinante na discriminação social e escolar, a composição de renda per capita dos jovens estudantes participantes deste estudo. De acordo com o relatório da Unicef sobre o cenário da exclusão escolar no Brasil:

Há uma alta relação entre pobreza e exclusão da escola. Apenas 9,9% dos que estavam fora da escola tinham de 4 a 17 anos em 2019 vivem em famílias com mais de um salário mínimo per capita; 90,1% vivem em famílias com renda familiar per capita menor que um salário mínimo. Unicef (2021, p. 30)

A exemplo disto, temos em um determinado questionário preenchido por um dos estudantes-participantes, a informação de que em sua casa moram 7 pessoas e a renda média mensal é 1 a 2 salários mínimos. Ao realizarmos o cálculo sobre a renda *per capita* tivemos um valor de: R\$ 346,28 (trezentos e quarenta e seis reais e vinte e oito centavos). Reiterando que o valor-base cálculo levado em consideração foi o de 2 salários mínimos. Ao compararmos o valor *per capita* da família pesquisada com a base de dados do IBGE- Pnad 2019, observamos uma correspondência de informações, pois a maioria das famílias dos adolescentes da faixa etária de 15 a 17 anos do estudo citado refere-se a 62, 9% que acessam até $\frac{1}{4}$ do salário *per capita*.

Nos gráficos 6 e 7 a seguir, podemos ver que a situação não é confortável para os sujeitos da pesquisa. Nos lares de doze adolescentes-participantes, a composição familiar é de 5 a 7 pessoas sobrevivendo com uma renda mensal que varia de menos de 1 salário mínimo e de 1 a 2 salários.

Gráfico 6- Número de moradores na moradia do estudante

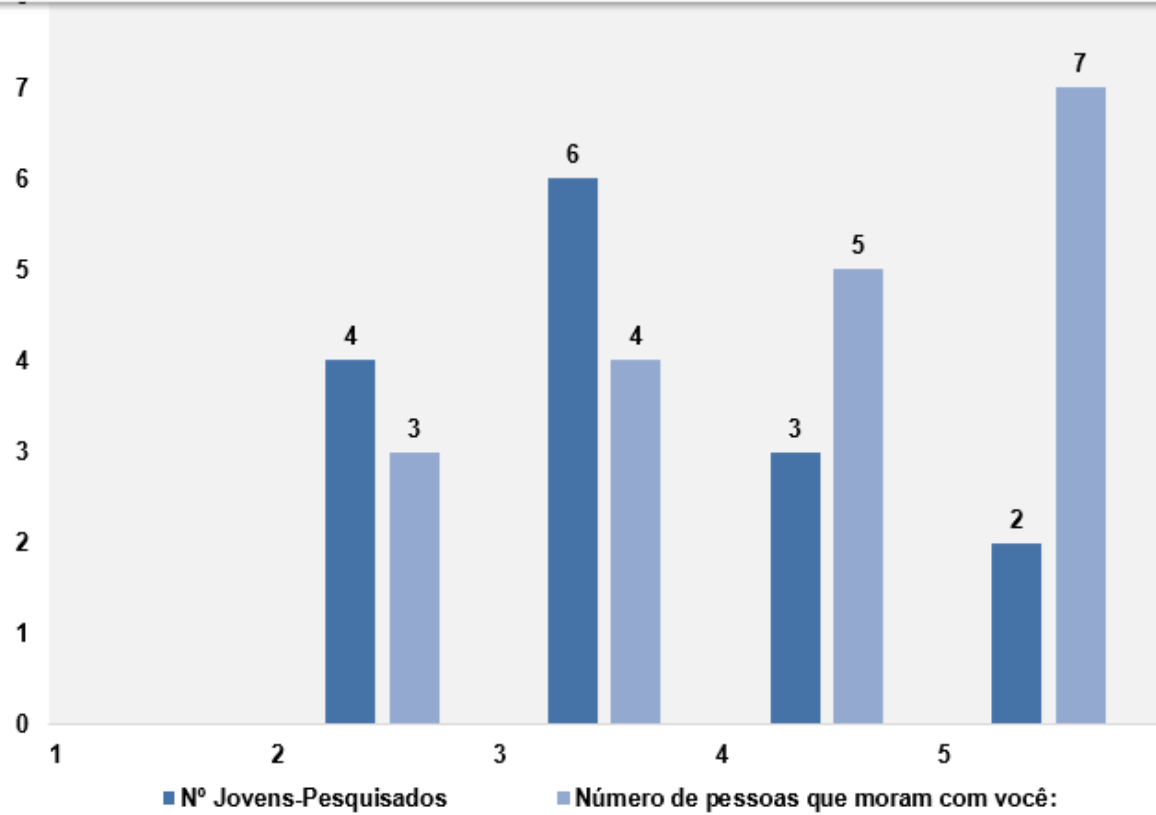
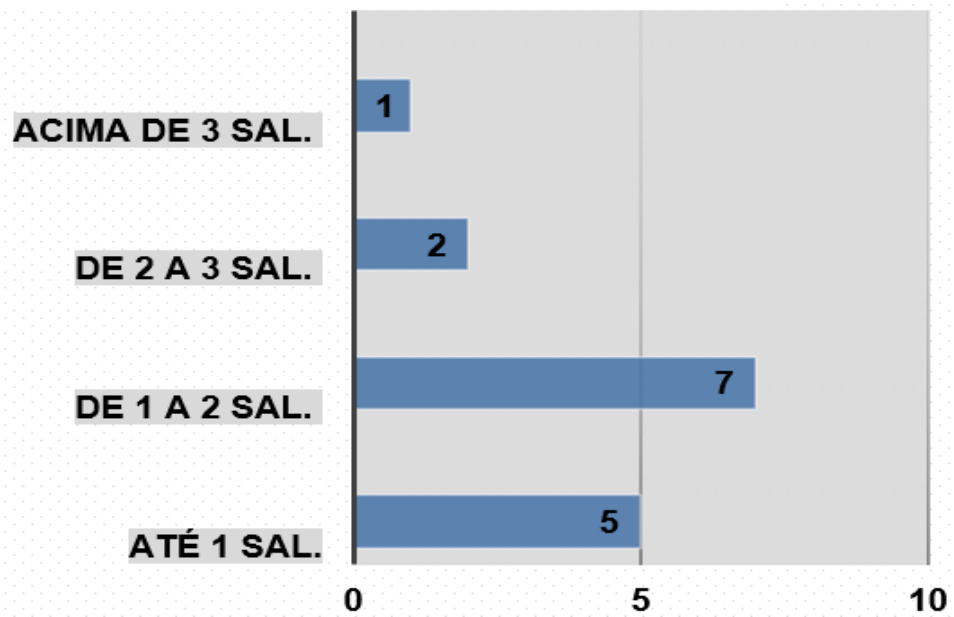


Gráfico 7- Renda média mensal da família do estudante



As informações coletadas nos gráficos acima, nos fizeram refletir na afirmativa do sociólogo José de Souza Martins ao afirmar sua visão sobre o todo contraditório existente na sociedade: “(...) a sociedade que exclui é a mesma que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condições de privilégios e não de direitos” (2002, p. 11) Haja vista a condição desumana anunciada e vivida pelos jovens-estudantes, pois a mesma sociedade que inclui o sujeito na escola, é a que o empurra para fora dela. Para grande parte dos estudantes viver em uma casa na qual a situação econômica está difícil, pois as vezes lhe falta alimentação, fica extremamente complicado se comprometer com a escola.

Outro dado importante revelado durante o preenchimento do questionário diz respeito ao grau de parentesco dos responsáveis pela renda média familiar. Chamamos a atenção na tabela 7 – Grau de Parentesco dos responsáveis, para o número maior de mães como as principais responsáveis pelos estudantes. Também tivemos a presença de um irmão – maior de 18 anos, apontado como uma pessoa responsável por um estudante.

Tabela 7- Grau de Parentesco dos responsáveis:

Grau de Parentesco dos responsáveis	Quantitativo
Mãe	13
Pai	12
Irmão (maior de 18 anos)	01

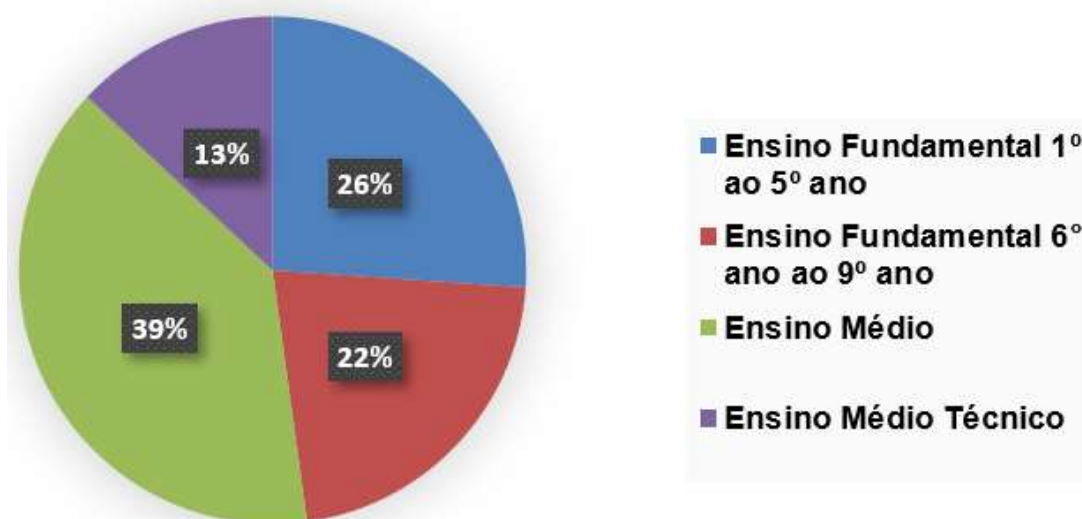
Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Estes dados confirmam a tese de Zago ao apontar sobre a importância de considerarmos processo de reconfiguração na relação família e escola:

A família sofreu igualmente profundas mudanças decorrentes das transformações globais (industrialização, urbanização, ingresso das mulheres no mercado do trabalho), mudanças nos comportamentos do casal (entre outras: ruptura do quadro tradicional provedor/dona de casa, diminuição do número de filhos), transformações nas formas de organização familiar: aumento de divórcios e de famílias monoparentais, ou ainda recompostas, entre outras formas. (ZAGO, 2012, p.64)

Finalmente, outro fator no processo contraditório já anunciado por Martins (2002), e que denuncia antigos modos de reprodução das desigualdades sociais está presente quando observamos abaixo, o gráfico 8- Grau de escolaridade dos responsáveis. Há uma predominância de um baixo grau de escolaridade entre os indicados como responsáveis pelos jovens. Neste estudo temos 48% dos pais, mães e um irmão gerenciando lares com um nível de escolaridade concentrado no ensino fundamental. Este percentual significativo presente na escolaridade dos responsáveis revela uma trajetória escolar curta, e nos faz questionar o processo de universalização do ensino no Brasil. Como também, reforça de acordo com a Unicef:” a diferença cultural significativa da cultural oral, formas de socialização com valores e visões de mundo próprias, dentre outras características, que também vão interferir nas relações que essas famílias estabelecem com a escola.” (2013, p. 40)

Gráfico 8- Grau de Escolaridade dos responsáveis



Fonte: Elaboração Própria, 2021.

E atrelado ao nível de instrução do grupo familiar dos estudantes participantes nesta pesquisa está a ocupação informal no mercado de trabalho. Na tabela 8- Profissão dos responsáveis abaixo, percebemos a permanência de uma evidente desvantagem em suas profissões:

Tabela 8- Profissão dos Responsáveis

Mãe:	Quant.	Pai:	Quant.	Irmão	Quant.
Empregada Doméstica	5	Encarregado de carpinteiro	1	Servente de Pedreiro	1
Vendedora	1	Pedreiro	4		
Secretaria	1	Marceneiro	1		
Pensionista	2	Comerciante	1		
Técnica em Enfermagem	1	Mecânico de automóveis	1		
Dona de casa	2	Gesseiro	1		
Técnica em Saúde Bocal	1	Empreiteiro	1		
		Jardineiro	1		
		Técnico de laboratório	1		

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Nela observamos o efeito perverso da pobreza no domínio de profissões ocupadas predominantemente por pessoas de baixa escolaridade tais como: empregada doméstica, dona de casa, encarregado de carpinteiro, pedreiro, servente, jardineiro e gesseiro. Em todas estas ocupações vimos duas faces de um mesmo momento em comum: a primeira as relaciona como formas de trabalho precário, limitação de acesso a direitos básicos trabalhistas tais como: férias, 13º salário, recolhimento do FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, vale-transporte, variação da renda, carteira assinada entre outros.

Já a outra face diz sobre o ingresso dessas ocupações menos formais através de fatores associados a discriminação por gênero e raça. No quadro acima notamos a prevalência da profissão de doméstica para as mães, e a predominância do trabalho de pedreiro e suas variações para os pais e um irmão. Estas posições no mercado de trabalho não são um mero acaso. Como afirmado por Lima (2002, p.5) a cor tem um lugar na estrutura ocupacional marcado pelos “arranjos sociais que fazem com que os negros permaneçam nas ocupações mais subordinadas com uma forte correlação com a baixa educação e qualificação deste grupo. A tabela acima evidencia parte da constituição dos “guetos ocupacionais” entre homens e mulheres. Ainda segundo a autora: “Os homens negros têm o seu lugar marcado nos serviços gerais e indústria tradicional, enquanto que as mulheres negras ainda têm no serviço doméstico o seu nicho ocupacional no mercado de trabalho brasileiro”. (ibidem, p.6)

Concluindo as informações e dados coletados acerca das famílias sugerem uma alta probabilidade de que as condições de vida, de moradia e de acesso a vários serviços básicos de saúde e alimentação podem estar comprometidos. Estas condições tão adversas nos levam a refletir sobre o que Dayrell, Nogueira e Miranda afirmam ao pontuar as características e especificidades acerca dos jovens de 15 a 17 anos: “É a condição ser jovem que os impulsiona numa antecipação do futuro para se refunde um passado ainda não distante (...)” (2011, p. 38). Este futuro que a todo tempo se mostra espelhado e presente na vida dos jovens desta pesquisa através da trajetória de vida de seus familiares, se apresenta como quase um destino certo aos olhos de quem os vê apenas pelo viés de uma reprovação escolar. Essa possibilidade se evidencia quando voltamos aos dados coletados em nossa investigação, quando pensamos na vida dos 11 participantes autodeclarados pretos e pardos, ou ainda nas famílias dos 12 jovens, pois 5 (cinco) participantes sobrevivem com uma renda mínima de até 1 (um) salário, já os outros 7 (sete) tentam viver com valores que variam de 1 a 2 salários mínimos.

5.5. As dimensões do ser jovem e suas interdições escolares

Para o desenvolvimento da pesquisa em questão fez-se necessário realizar um estudo minucioso das respostas de 7 questões abordadas sobre as temáticas: lazer, internet, atividade esportiva, religião e trabalho. Vale salientar a importância de integrarmos o trabalho como importante componente da condição juvenil dos jovens periféricos, em virtude da impossibilidade financeira de seus responsáveis em custear condições básicas para a sua sobrevivência.

A primeira dimensão abordada foi a temática do lazer. Em nossa investigação associamos esta categoria como “um tempo livre”, dissociado da escola e trabalho, ou seja, “em oposição aos momentos de compromisso laboral ou de estudo, para crianças e adolescentes” (MARQUES, DELL’AGLIO & SARRIERA, 2009, p. 80). Durante o tempo livre, os jovens realizam atividades que mais gostam de fazer dentre elas temos: festas, ir a shoppings centers, assistir filmes e séries, navegar na internet pelo celular e jogos virtuais com amigos.

Dentre as 12 opções contidas no formulário, temos na tabela 9- “O que você costuma fazer no seu tempo livre “abaixo, as 11 (onze) opções mais citadas pelos sujeitos participantes deste estudo:

Tabela 9- O que você costuma fazer no seu tempo livre?	
Opções marcadas pelos estudantes :	Nº citações:
Navegar na internet no celular	12
Joga Videogame	8
Ouve Música	8
Vê tv	6
Joga bola no campo	6
Dorme	5
Ficar em casa sem fazer nada	4
Lê	4
Vai para a casa de amigos	3
Fica na rua, esquina ou praça conversando com amigos	2
Vai para festas, bailes etc.	1

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Na lista acima dentre as atividades individuais de lazer, destaca-se primeiramente: “navegar na internet no celular”, como a mais citada por 12 estudantes, seguida, respectivamente por “jogar videogame” e “ouvir música”, citadas em cada uma delas por 8 participantes. O uso da internet revelou ser uma prática muito presente neste segmento populacional. Os dados evidenciam a inserção da internet e dos jogos digitais no cotidiano dos jovens. A televisão vem em 4º lugar no conjunto de opções de lazer, demonstrando desta forma, o maior interesse dos sujeitos desta pesquisa para o uso de celulares e computadores. Além disso, as informações obtidas sobre o lazer dos jovens tornam visíveis aspectos referentes à revolução digital, no sentido de explicitar a preferência dos jovens pelo mundo de interação virtual, seja em redes sociais ou jogos virtuais. Conforme afirma Santana:

Os adolescentes constituem uma geração imersa em interfaces tecnológicas e usuária das novas mídias digitais. A internet e os aparelhos celulares cheios de funções e possibilidades comunicativas são as mídias mais usuais deste grupo na sociedade atual. (2006, p. 2)

O acesso à internet e dispositivos usados para a conexão estão disponíveis para 14 estudantes. A acessibilidade e a conexão dos jovens com o mundo da internet têm

reformulado e interferido na maneira da juventude se relacionar com a escola, a família, amigos e a sua própria singularidade. Sousa destaca que a partir da relação do mundo juvenil com o mundo midiático:

Os modos de olhar a vida interferem nos seus modos de ler o mundo: quantos valores são aí construídos, quantas opiniões são aí formadas, quantos comportamentos são aí identificados, quantas aprendizagens são aí conquistadas e quantas leituras do mundo são aí traduzidas. (SOUSA, 2014, p.76)

Abaixo nas tabelas 10 e 11 podemos verificar o quantitativo de equipamentos: celular, computador de mesa (desktop) e computador portátil (notebook) e a acessibilidade a rede de internet em casa.

Tabela 10- Equipamentos	Nº estudantes
Celular	10
Computador Portátil + Celular	2
Computador de Mesa + Celular	2
Computador de Mesa + Computador Portátil + Celular	1
Total	15

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

O segundo tema presente no formulário é a prática de esportes. Quando perguntados sobre a realização de alguma atividade esportiva, 11 (onze) estudantes responderam ser frequente a prática de algum exercício físico. E entre os praticantes do lazer físico: o futebol é o esporte acessível para 7 jovens ao preencher o questionário, como podemos constatar na tabela 13- Atividades Esportivas.

Tabela 12- Prática de Esportes	
Sim	11
Não	4

Tabela 13- Atividades Esportivas	
	Nº Citações
Futebol	7
Corrida	2
Bicicross	1
Bicicleta	1
Musculação	2

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

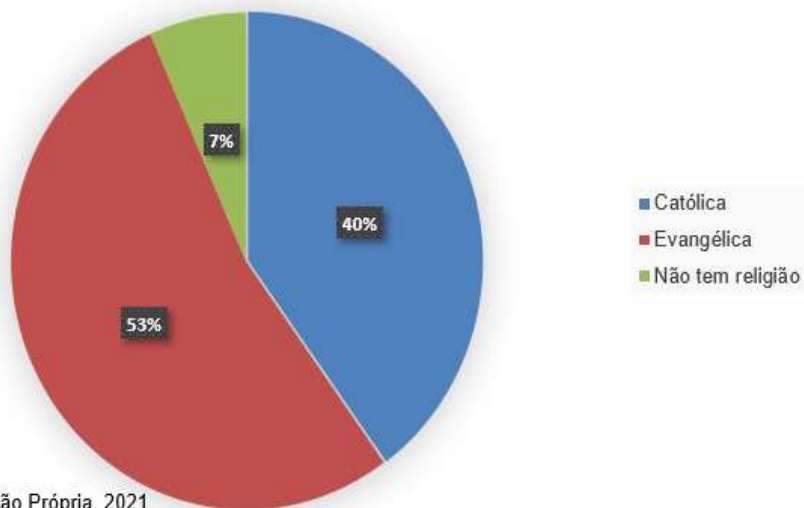
Ao observar as respostas dadas pelos entrevistados na tabela 13 acima é possível verificar nas quase todas as predileções, exceto a musculação, semelhanças. Em sua maioria são preferências de lazer não-pago, em outras palavras, os participantes realizam atividades esportivas que não necessitam de um valor a ser pago mensalmente para realizá-la. Diante desta constatação, somos levados a refletir sobre algumas hipóteses que os tenha levado a estas escolhas.

É interessante ressaltarmos a importância do futebol no processo de socialização de jovens em periferia urbanas, tais como a cidade de Ribeirão das Neves. Dada a situação juvenil, poucas opções de lazer lhes restam, e a prática de jogos futebolísticos em sua maioria “transforma áreas vazias (terrenos baldios, áreas públicas não urbanizadas) em campos de futebol.” (BAULER, 2004, p.16) No entorno da escola Esperança temos duas áreas que ao longo do tempo foram transformadas em campinhos. Em alguns dias durante a semana no horário da manhã estes locais funcionam como escolinhas de futebol improvisadas tendo como público alvo: crianças de 6 a 12 anos de idade. Sendo assim, esta prática esportiva tece relações de amizade através de suas partidas, competições e bate-papo vivida ao redor do futebol.

Ao analisarmos a relação dos jovens com a religião no gráfico 9- Religião dos participantes podemos verificar que 53% deles declararam frequentar alguma igreja

evangélica. Em 2º lugar, 40% se denominaram como católicos. E finalmente, 7% dos jovens que se declaram não ter religião.

Gráfico 9- Religião dos Participantes



A relação dos estudantes da escola pesquisada com a igreja tem outra finalidade além de possuir uma religião ou “como um lugar que o aproxima a Deus”. Nas ruas próximas a escola é possível percebermos mais 7 igrejas evangélicas de diversas denominações. Na ausência ou falta de espaços de lazer, a igreja se torna o espaço da sociabilidade juvenil. As reuniões, cultos, grupos de jovens e atividades de ensaio para apresentações durante as demais cerimônias religiosas, são de acordo com Gomes “como espaço de diversão, de brincar e de interagir, de se tornarem um grupo. Na igreja, o indivíduo, além de evangélico, é também jovem, ou seja, manifesta dupla condição.” (GOMES, 2007, p.8)

Na ausência de atividades juvenis promovidas pelo poder público, a igreja se mantém como única opção para o jovem morador da periferia. Nesse sentido, mesmo as instituições religiosas estarem localizadas na periferia, em algumas a estrutura física se torna espaço de eventos e formaturas escolares, dada a situação precária das escolas públicas dentro do distrito de Justinópolis. Nesse sentido, a igreja funciona como “palco” das manifestações artísticas envolvendo danças e música atraindo dessa forma o jovem carente, pois se tornam espaços de sociabilidade de

pertencimento. Em seu estudo, Juarez Dayrell nos aponta a importância e a centralidade da música para a juventude:

A música acompanha os jovens em grande parte das situações no decorrer da vida cotidiana: música como fundo, música como linguagem comunicativa que dialoga com outros tipos de linguagem, música como estilo expressivo e artístico; são múltiplos as dimensões e os significados que convivem no âmbito da vida interior e das relações sociais dos jovens, sendo mais vivida do que apenas escutada. Como lembra Muchow (1968, p. 110), ‘os jovens sentem através da música alguma coisa que não podem explicar nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido’. (DAYRELL, 2005, p. 36)

Para concluir este tópico apresentamos o último tema, mas que, entretanto, aparece como um obstáculo no processo de escolarização dos jovens pesquisados é o trabalho. Em nosso estudo, dos 15 (quinze) participantes, 66% deles afirmaram trabalhar ou estar em condição de desempregado. Como podemos observar na tabela 14- Você trabalha, logo abaixo:

Tabela 14- Você trabalha?	
Sim	7
Não	5
Estou Desempregado	3

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

De acordo com Leão e Nonato, no Brasil, “o trabalho faz parte da condição juvenil. Estudar e trabalhar é uma realidade para muitos!” (2014, p.18) Uma das hipóteses levantadas pelos autores é que o trabalho possui muitas características, entre as quais podemos destacá-lo como condição de sobrevivência e também como algo que dá sentido à vida das pessoas, e com isso, acabam atraindo os jovens. Os dados obtidos nesta pesquisa afirmam a importância de levarmos em consideração também, não apenas os aspectos escolares, e sim, os obstáculos existentes na desigualdade social dos adolescentes e que contribuem para a não conclusão de escolarização básica dos estudantes da faixa etária de 15 a 17 anos.

Ainda sobre os dados coletados e analisados, podemos ver abaixo – vide Tabela 15- O jovem e o trabalho, a afirmação já evidenciada em pesquisas sobre o jovem e a relação com o mundo do trabalho (Pais, 2003; Guimarães, 2005; Unicef, 2013) acerca

do sentido e da centralidade do trabalho como necessidade. Além de já enunciar as primeiras experiências de socialização no trabalho, muitas das vezes, apresentadas pelos “pais ou outro membro familiar”, e que podem se tornar destino de muitos jovens pertencentes as camadas populares, mesmo que ainda seja apenas a respeito de 4(quatro) participantes de nosso estudo.

Tabela 15- O jovem e o trabalho

Onde trabalha?	Quantas horas por dia	Quanto você ganha por esse trabalho?	Você gosta desse trabalho ?
Oficina mecânica onde o pai trabalha	8 horas	R\$ 20 reais por dia	Não
Ajudante de Pedreiro em Itabirito	10 horas	280 reais por semana	Sim
Ajudante de Pedreiro em domicilio	10 horas	Não Inform.	Sim
Trabalha com o pai na obra	6 horas	50,00 reais	Sim

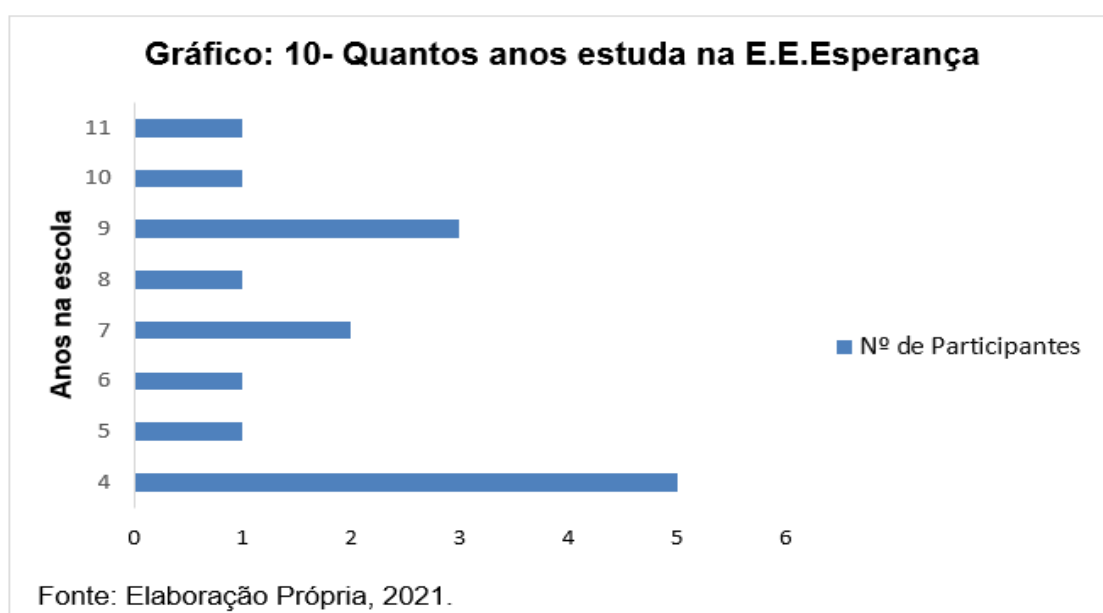
Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Na tabela acima, também vimos um outro aspecto do trabalho juvenil: a precarização e condição do trabalho, expressa no elevado número de horas trabalhadas, baixa remuneração, e sob uma condição informal, pois não lhes garante uma rede de proteção legal com: carteira assinada, 13º salário, auxílio transporte etc. E finalmente, quando perguntados sobre o gostar do trabalho, chama-nos a atenção, a resposta de um estudante que por sua vez, afirmou não gostar da atividade ao qual executa com o pai em uma oficina mecânica. Desta forma, o “não gostar” associa-se a algo mais próximo da sobrevivência e aumento da renda familiar, ou até mesmo, diz muito sobre a atitude dos pais preocupados com o filho, o levam para o trabalho com o objetivo de afastá-lo das ruas e não o expor ao tráfico de drogas ou outras formas de violência na comunidade.

Finalizando a análise dos resultados obtidos na aplicação do questionário sociocultural e da trajetória escolar dos estudantes participantes deste estudo, iremos neste tópico abordar o tema da escolarização. Esta última sessão do formulário é composta de 8 itens, nos quais 5 são questões de múltipla escolha e entre estas inserimos 3 perguntas dissertativas advindas do item anterior.

Já no primeiro item observamos a presença da escola pública como única instituição na qual todos os estudantes passaram todo o tempo em seu processo de escolarização. Em outras palavras, nenhum participante durante seu percurso escolar estudou em uma escola privada.

No gráfico 10- Quantos anos estuda na E. E. Esperança iniciamos a análise do vínculo dos participantes com a instituição pesquisada:



Os dados acima especificam o início da trajetória escolar para os estudantes-participantes na escola pesquisada. Ao analisarmos detidamente o tempo de estudo na instituição temos respectivamente um dado que nos chama a atenção, do total dos participantes, 5 jovens iniciaram seus estudos na escola a partir do 6º ano. Esta informação marca uma mudança no processo de matrículas e atendimento aos estudantes a partir do 6º ano. Este fato se inicia devido a construção de uma escola municipal localizada a uma distância de 850 metros da escola Esperança, cujo atendimento é para crianças com idade de 6 a 11 anos, matriculadas do 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental.

A construção desta instituição representa uma importante conquista para os bairros: Cruzeiro, Belo Vale, Jardim São Judas Tadeu e Vera Lucia. Visto que a não existência de uma escola fazia com que as crianças se deslocassem a uma distância de 3 a 5

quilômetros até uma instituição escolar e pública mais próxima. É também um “divisor de águas” na escola Esperança, pois até então a grande maioria dos estudantes eram recebidos a partir do 1º ano do ensino fundamental com um número limitado de 40 vagas.

E finalmente, a tabela 16- Distribuição dos adolescentes de 15 a 17 anos, de acordo com o ano em que foi reprovado, reproduz os dados obtidos no último item do questionário sobre a distorção idade-série. Tomamos para nosso estudo o conceito de distorção idade-série:

A distorção idade-série (ou defasagem idade-escolaridade) é a diferença entre a idade adequada para a série do estudante e a idade real do estudante. recomendado é que esta diferença seja zero, isto é, que o estudante esteja na série adequada para sua idade. [...] Os motivos para a existência de defasagem idade-série são a reprovação, quando o aluno precisa repetir a série em questão; o abandono escolar, quando o aluno deixa de frequentar a escola por um período; ou, por fim, a matrícula tardia do estudante na escola. (PORTELLA, BUSSMANN & OLIVEIRA, 2017, p.480)

Sendo assim, do total de 15 estudantes temos respectivamente: 11 que se declararam já ter sido reprovados, os outros 4 participantes informaram ter deixado de frequentar um período a escola por motivos de: mudança de casa, separação dos pais ou não ter conseguido vaga em uma escola em um determinado ano. Identificamos uma maior incidência de reprovação no 6º ano, ou seja, na mudança de ciclo.

Tabela 16- Distribuição dos adolescentes de 15 a 17 anos, e acordo com o ano em que foi reprovado:

Qual ano/série foi reprovado ?	Nº Estudantes
6º ano	4
7º ano	3
6º e 7º ano	3
8º ano	1

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Sabemos de acordo com os estudos brasileiros, inclusive o de Barros & Mendonça (1998, p.11) a respeito das consequências da retenção escolar na vida de crianças e adolescentes, de acordo com estes autores: (...) a reprovação e a subsequente repetência têm efeitos negativos sobre a autoestima e a motivação dos alunos, além

de estigmatizá-los, favorecendo a sua discriminação na escola.” A estigmatização os torna parte de um grupo distinto dos demais na sala de aula. Quando um estudante passa por uma retenção, o efeito negativo ocasionado por esta o torna propenso a reprovações futuras.

6. NARRATIVAS DIALÓGICAS COM OS JOVENS ENTREVISTADOS: SABERES E CAMPOS DE TENSÃO COM A ESCOLA

No capítulo anterior pudemos nos aproximar dos 15 (quinze) estudantes pesquisados na E. E. Esperança através dos dados obtidos no questionário sociocultural e da trajetória escolar. Eles nos possibilitaram conhecer o perfil socioeconômico e cultural dos jovens e suas famílias. Além de trazer alguns dados sobre seus processos de escolarização, tais como seu ingresso na rede pública de ensino, anos escolares na instituição pesquisada e as retenções no ensino fundamental.

É chegado o momento de apresentarmos a entrevista dialógica com os 3 (três) sujeitos entrevistados que me ajudaram a entrelaçar esta dissertação. O modo como compreendem e percebem as suas vivências juvenis e como as relacionam com suas experiências escolares. Residindo em uma cidade reconhecida nacionalmente como “cidade dos presídios”, esses jovens nos possibilitaram perceber que cada narrativa tem sua centralidade temática. Sabemos, de acordo com Delory-Momberger (2012, p. 524), que na pesquisa biográfica temos em cada narrativa um enredo próprio com histórias comuns e ao mesmo tempo diferentes. Para esta autora, é preciso mostrar “[...] os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência.”

Para tecermos as narrativas dos entrevistados foram necessários dois encontros na escola pesquisada, além de pesquisas em redes sociais tais como: Facebook, Instagram e status do WhatsApp. Sabemos o quanto os jovens dominam as redes sociais e as utilizam para se inserir, serem vistos e curtidos pelos amigos. Em Sousa encontramos o seguinte esclarecimento a respeito do uso das redes sociais pelos grupos juvenis:

(...) os jovens têm destacado muito a importância da convergência linguística e midiática (...) como por exemplo o facebook que permite a utilização de recursos tais como: linguagens imagéticas, sonoras, escritas e humorísticas,

além de executar conexões com outras redes sociais, como Twitter, Youtube, Ask e entre páginas, sites, grupos culturais, empresas de ramos diversos. (2014, p. 158)

Muitas das informações específicas sobre os estudantes foram colhidas tendo como fonte o meio virtual (Instagram, Facebook, Whatsapp e Youtube), pois tivemos a possibilidade de obter mais detalhes sobre as coisas que gostam, suas interações sociais na internet, entre outros aspectos que não foram possíveis colher na entrevista.

6.1. Sujeitos, Tramas Singulares

Tomando como inspiração a frase de Pedro Karp Vasquez sobre a escritora Clarice Lispector, digo: “escrever era viver e viver era escrever” (LISPECTOR, 2010, p. 9), utilizo da escrita das narrativas dos três jovens entrevistados nesta pesquisa como um fio condutor de suas vidas. Para o desenvolvimento deste estudo levamos em consideração uma série de etapas descritas por Goodson (2015, p. 35) como necessárias para a realização de uma entrevista. Na base de cada parte do processo narrativo há um objetivo principal que deve estar presente: “ajudar o narrador a contar sua história, não a estória que queremos ouvir ou as perguntas a que queremos que responda.”

Durante o processo de análise das entrevistas foi possível perceber pausas e momentos de silêncios, entendidos na narrativa como representantes de “partes da vida [...] ou qualquer coisa muito importante sobre o modo como o indivíduo está a construir a estória da sua vida, ou, pelo menos, sobre o modo como está a apresentar essa estória a um público mais vasto” (Goodson, 2015, p.37). Como também as palavras soltas após o término da gravação da entrevista, em falas, sorrisos, expressões corporais e, finalmente, em imagens sobre os entrevistados contidos em outros espaços: seja em fotografias ou vídeos de um familiar expostos em uma rede social, seja na postagem de um desenho no aplicativo de WhatsApp.

Nos vários tópicos temáticos a serem apresentados neste capítulo teremos em nossa base teórica o conceito de Experiência Social de François Dubet. Isto se faz necessário dada a importância do estudo crítico dos clássicos da sociologia realizada

pelo sociólogo, no qual traça uma compreensão da sociedade atual, caracterizando-a pela sua diversidade e heterogeneidade. Segundo este autor, “a dispersão do modelo clássico implica uma multiplicidade de soluções, conduzindo algumas delas à própria recusa da ideia de sistema” (DUBET, 1994, p.13). Nesse sentido, podemos compreender a separação e diversidade advindas do estilhaçamento e a problematização das unidades contesta uma visão unificada e centralizada do mundo (ou sistema) social. Baseados na teoria da experiência social, podemos entender ao longo de nosso estudo, que os jovens pesquisados estão simultaneamente inseridos e inscritos em processos socializadores heterogêneos: escola, família, internet, trabalho e amigos. As suas passagens pelas várias experiências socializadoras fizeram-nos perceber em nossa pesquisa a existência de uma heterogeneidade de sentidos produzidos por cada entrevistado, de acordo com a diversidade dos espaços socializadores.

Começo por apresentar o primeiro jovem entrevistado, trazendo a sensibilidade e a luminosidade presente na história de Ukeme Taiyo.

Ukeme Taiyo - *“Eu, antes não acreditava que tinha motivo a vida. Eu não acredito assim que a vida tem um motivo. Desde que eu o ajudei, eu aprendi que o meu propósito é ajudar as pessoas.”*

Ukeme Taiyo é o codinome escolhido pelo jovem para se fazer representar no processo de pesquisa, marcando sua escolha por uma palavra pertencente ao idioma japonês e que traduzida para a língua Portuguesa significa: “Sol Pacífico”. Este apelido foi escolhido por um grupo de amigos para o grande amigo-entrevistado. Para eles, Ukeme se dá pelo fato do jovem ser uma pessoa muito calma e pacífica, e que por sinal deixa claro que detesta brigas. Já o termo Taiyo traduzido para o português significa Sol. Ukeme representa para seus amigos: uma luz, protegendo-os não importa que seja dia ou noite.

Ukeme Taiyo⁸ é um estudante de 17 anos, aquariano, autodeclarado pardo, de olhos e cabelos castanhos, alto e magro. Se for para ele escolher entre o dia e a noite,

⁸ Em alguns momentos de nossa narrativa se fez necessário nos referirmos ao jovem entrevistado Ukeme Taiyo, ora apenas como Ukeme, especificamente nos momentos em que sua presença representava a calmaria. Em outros

prefere a companhia da noite. O estudante adora receber cartas das pessoas e sua música favorita é "Cabelos arco-íris", de Kamaitachi. Ukeme nasceu em Belo Horizonte, mas mora há 16 anos no bairro Belo Vale, distrito de Justinópolis, na cidade de Ribeirão das Neves, em uma casa própria com os pais: Yin e Yang e o irmão mais novo, Paulo. A escolha feita pelo jovem para os nomes dos seus pais neste estudo justifica-se pelo fato que tal como os símbolos mais importantes da filosofia tradicional chinesa, eles são vistos por Ukeme como opostos que se complementam. Como se fossem a lua e o sol, o claro e escuro.

Ao falar sobre sua família, ficou latente a importância que Ukeme dá, não apenas aos pais e ao irmão em sua vida, como também aos demais membros familiares: bisavó, avós maternos, tia, tio e primas, dos quais ele sente apreço e gratidão. Filho de um excelente gesseiro e de uma artesã, para o estudante, o “início de tudo” se deu muitos anos antes, quando seu pai ainda morava em uma comunidade humilde na cidade de Belo Horizonte.

O jovem começa a nos contar sua história através das vivências de seu pai Yin. Desde muito pequeno seu pai “foi obrigado a aprender muita coisa”. Quando compara a sua vida com a de Sérgio, ele “acredita que para seu pai tudo era bem pior”. De acordo com Ukeme, as condições de vida de Yin eram muito ruins, pois vivia em uma casa onde o “chão era de barro, não tinha muita coisa, nem luz, e seu banheiro era no córrego.” Para o entrevistado, mesmo que apesar de não ter tido a presença de seu pai durante uma parte de sua infância e de não expressar em palavras, Yin é um grande pai: “Mesmo eu não demonstrando que ele é um grande pai. Eu tento mostrar isso todo dia para ele como filho primeiro, eu tento mostrar a minha gratidão pela vida.”

A avó paterna nem sempre foi presente na vida de Ukeme. Na verdade, o jovem reconhece que pouco sabe sobre os demais membros familiares paternos. A tal ponto que, em sua casa quase não se fala sobre os familiares por parte de pai. Para o entrevistado, é como se “escondessem muita coisa que aconteceu”. O único familiar paterno conhecido por ele de verdade é a sua bisavó, ainda viva. O estudante afirma saber sobre toda a sua história de vida, entretanto, não sabe nada sobre o avô

momentos, preferia chamá-lo de Taiyo, quando suas vivências e narrativas significavam luz.

paterno. Segundo o entrevistado, seu pai sabe quem é o seu avô paterno, inclusive sabe o nome e a profissão e conta que seu avô era um policial que tentou obter o pedido de sua guarda, porém, não o conheceu pessoalmente. E no final a avó de seu pai foi quem o criou. Já sua avó paterna teve 5 (cinco) filhos de diferentes relacionamentos, e Ukeme não sabe nada sobre ela. Ao se referir sobre sua avó o jovem afirma: “minha avó por parte de pai nem sempre foi presente, ninguém da família do meu pai não foi presente na minha vida. Eu não me importo muito porque até que minha vida foi tranquila, porque eu nunca precisei deles, graças a Deus.”

O posicionamento de Ukeme perante as origens e os mistérios que rondam a família do pai, nos trazem a reflexão colocada por Lispector em *Laços de Família*: “perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar.” (LISPECTOR, 1998, p.68) Na história em questão, o silêncio e a ausência de conversas sobre os familiares de seu pai com os filhos talvez não pudessem ser explicados, porém, apenas compreendidos. Diante disso, a falta de comunicação e privação de sentimentos afetivos não vividos e sentidos na família paterna por Ukeme, foi preenchida pela família de sua mãe, Lidianne.

Contar sobre a presença da família materna é motivo de alegria, orgulho, carinho, reconhecimento, admiração e com direito a lágrimas nos olhos ocorridos nos nossos dois encontros durante a entrevista. Se fosse para resumir um sentimento que representa a família da mãe, Ukeme a resumiria em "alegria".

Ao iniciar seu relato, ele a nomeia como: “sempre festeira, muito brincalhona, era a parte da família mais legal.” Ao relembrar sobre sua infância, em sua memória surgem vários momentos vividos desde sua infância até os dias de hoje na casa da avó, tida por ele como uma 2ª mãe.

E, eu vivi a maior parte da minha vida, é, desde que eu me conheço por gente, que a gente começa a ter a noção do dia, é, na casa da minha avó, na parte de mãe. Eu comecei a perceber que lá era, desde, até hoje, toda vez que eu volto pra escola eu como lá em casa e vou pra casa da minha avó, porque lá é meu, é a minha segunda casa, digamos assim.

Durante a sua primeira infância, Ukeme Taiyo morava com a mãe na casa dos avós e tios. Seu pai morava com seu tio paterno, pois trabalhava viajando. Mas quando voltava de viagem ia visitá-los e levar um monte de coisas boas. Passados alguns anos, sua mãe engravidou de seu irmão. Embora hoje seja muito ligado a ele, o nascimento do irmão mais novo foi motivo de inúmeras situações de ciúme por parte do nosso entrevistado. Tanto que sua mãe, com receio, o deixou passar mais tempo na casa do seu pai. Passado algum tempo, seus pais decidiram levá-lo para conhecer o irmão.

A preocupação dos seus avós maternos era a de não deixar nada faltar em sua casa, inclusive comida. O que corroborou e fez com que sua casa fosse construída sobre a casa dos avós. Pouco depois, Ukeme e sua família moraram de aluguel, por 5 anos. Durante esse período seu pai conseguiu comprar um lote e construir uma casa na qual ainda continuam morando até os dias de hoje.

Os momentos da infância na vida de Ukeme na casa dos seus avós maternos foram repletos de presentes, pois o jovem se recorda que seus familiares gostavam de lhe dar muita coisa. Ukeme se recorda de sua tia, considerada como uma 3ª (terceira) mãe: ela sempre deu tudo para ele e o irmão. Solteira e sem filhos, sua 3ª mãe sempre lhe dava as coisas, apesar do sobrinho nunca ter lhe pedido nada: “Embora seu irmão fosse sempre de pedir alguma coisa. Ela sempre dava por dar mesmo. (...) ela era muito mãezona, ela nunca teve filho, ela já teve namorado, nunca casou, nunca teve nada. E a gente é como filho dela.” Os presentes dados e o sentimento recebido pelo jovem no momento da entrevista me remeteram a Lispector (1998, p.16): “Só depois eu ia compreender que estar também é dar.”

Em seguida, Taiyo nos conta sobre sua tia e tio maternos. A presença dos tios e avós maternos eram dadas em diversas situações, mesmo em situações complicadas, quando ele e o irmão se machucavam, eles os socorriam, se faziam bagunça, “desciam a lenha, porque o certo de cuidar é assim, porque quem ama cuida, e eu nunca reclamei quando eles batiam, porque eu sabia que eles me batiam para eu aprender a não fazer de novo”.

Outra pessoa guardada no coração do jovem é o seu tio materno. O jovem se refere a ele como sempre brincalhão e atencioso, mesmo apesar da distância, pois se casou e teve duas filhas e mora atualmente na região da Pampulha, nada mudou na convivência com os sobrinhos. Além disso, sobre sua relação com tio, o estudante nos contou sobre a sua inserção no mundo do trabalho durante a pandemia. Ele trabalhou por um ano na distribuidora do tio, entretanto, resolveu pedir para sair, porque não achou uma boa experiência trabalhar para alguém da família. Ele gostaria mesmo era de ter um emprego independente, no qual pudesse trabalhar longe de sua família.

A razão do estudante ser apelidado por Taiyo pôde ser percebida quando ele relatou um momento vivido com seu avô na construção de um fogão a lenha feito de alvenaria. Ele faz questão de dizer que não ofereceu para ajudá-lo por dinheiro e sim porque quis ajudá-lo, pois seu avô tem mais de sessenta anos de idade.

Como ele é de idade, ele não pode ficar carregando peso, até porque eu sei que não pode pegar peso essas coisas. Ele botava tudo pra eu pegar, eu parecia um burro de carga, estava pegando uns cimentos nas costas, estava descendo, pegando água, cimento, mexendo cimento todo, eu só olhando ele fazer os negócios. Muitas das vezes eu que fazia as coisas, que ele estava descansando, e às vezes as costas doía. Mas foi, foi o trabalho mais difícil que eu acho assim.

Mais à frente iremos comentar sobre outra experiência de trabalho que Ukeme teve com o pai, que é gessoeiro, e as aprendizagens dela decorrentes.

Mário –

Mário: Minha família. Meus pais, eles me incentivam muito a ler, e também eles me mostram muito conteúdo.

Daniela: E o que eles te incentivam a ler?

Mário: Muito livro didático, livro de leitura de texto, quadrinho, revista, jornal, assistir televisão também: esses jornais.

Daniela: E o que seus pais te mostram de conteúdo na internet?

Mário: É mais sobre profissão. Porque meu pai também gosta muito de mecânica, então ele que mais me mostra sobre a engenharia.

A Escolha pelo codinome “Mário” foi realizada de forma despretensiosa e espontânea pelo nosso entrevistado no dia da primeira entrevista. Entretanto, ao pesquisarmos a origem do nome Mário pudemos relacioná-lo intimamente ao jovem participante. Tal como o codinome Mário, variante masculina de Maria, o entrevistado é um rapaz com

aparência de menino, mas que em muitos momentos teve que se fazer forte para superar as barreiras escolares impostas dentro do espaço escolar.

O jovem Mário tem 16 anos de idade, evangélico, atleticano, se autodeclara preto, nasceu na cidade de Belo Horizonte, porém mora em Ribeirão das Neves há 16 anos. Quando tem oportunidade o jovem se exercita fazendo musculação, andando de bicicleta e corrida. Também gosta de assistir animes – um tipo de animação de origem japonesa com uma temática diversas e públicos. Uma característica presente nos animes é a demonstração dos sentimentos e emoções dos personagens por meio de expressões faciais.

À primeira vista, “seus olhos mais do que suas palavras” informaram-me de sua abundante humildade. Humildade demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. “O fato é que o seu pedido pareceu ir ao encontro de uma lacuna, de talvez dar uma resposta que podia servir para a minha pergunta interna nesta pesquisa, tal “como uma chuva pode matar a sede de quem queira apenas uns goles de água.” (LISPECTOR, 2015, p. 249) A sua atenciosa dedicação expressa na colaboração deste estudo, pôde ser vista, nas diversas vezes que nos encontramos na escola, pois ele sempre compareceu nos dias e horários combinados, sempre vestido com a blusa do uniforme, calça jeans ou bermuda. Deixando não só no “ar”, mas também nos olhos e no tom da voz o desejo de querer fazer parte de algo “diferente” e importante para a escola.

Mário reside em uma casa própria no bairro São Judas Tadeu com seu pai Júlio, sua mãe Cláudia e suas irmãs: Valentina de 14 anos e Ana de 13. Seus pais nasceram em Minas Gerais, entretanto, seu pai morou por um longo tempo no estado do Espírito Santo. Ao retornar para Belo Horizonte, mudou-se para o bairro Santa Mônica, onde conheceu Ana, a mãe de Mário. Atualmente, seu pai concluiu o ensino médio e trabalha como carpinteiro, tendo como renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. Já sua mãe estudou até o Ensino Fundamental I e não tem nenhuma renda, após se casar com Júlio, se dedicou à criação dos filhos e dos afazeres domésticos, me contou ele.

A trajetória de vida de Mário e a de seus pais é bem parecida com a de milhares de pessoas que moram em Ribeirão das Neves. Inclusive em muitos momentos, me interrogo, se essa também não é uma parte da minha história. A vinda dos seus pais para “Neves” foi dada ao desejo deles de comprar uma casa própria. E foi no distrito de Justinópolis que encontraram uma casa construída com um preço que poderiam pagar.

Em nossa narrativa dialógica, Mário nos conta sobre o que ele e sua família mais gostam de fazer juntos: conversar e sair de casa. Nos dias e horários de folga em que seu pai não trabalha, geralmente a família do jovem tem como opções de lazer: visitar a casa de algum parente, dar uma volta de carro na Lagoa da Pampulha, ou ir ao Shopping Estação – localizado no distrito de Venda Nova. E nas férias do mês de janeiro, Mário e sua família viajam para a casa de uma tia e seu avô no Espírito Santo. No dia a dia, quando pensa no tempo livre em casa, o jovem diz gostar algumas vezes de não fazer nada, já outras vezes, reserva um tempo para assistir filmes, jogar vídeo game e “mexer” no celular (ouvir música, conversar com amigos nas redes sociais, assistir vídeos no Youtube e jogar). Além disso, o estudante nos fala das visitas à casa da avó e das partidas de futebol jogadas com os amigos na rua de sua casa.

Paulo – “Minha avó que me criou primeiro”

Finalmente, apresentamos o nosso terceiro participante entrevistado na pesquisa. Tal como uma esfinge, que por sua vez se configura como um ser mitológico que tem corpo de leão e rosto com feições humanas. Percebemos o jovem Paulo, em todos os nossos encontros e análises, como alguém misterioso e enigmático, pois por ser uma pessoa que fala poucas palavras, pouco sabemos sobre quem é ele. Para isso, a análise das entrevistas se deu nas entrelinhas, no aprofundamento e significados de seus silêncios. Foram muitas as vezes que durante as transcrições nos deparamos com suas pausas. O silêncio de Paulo se deu por 9 vezes, e que analisados separadamente, se deram tal como um “nado sincronizado”, doze segundos era o tempo necessário para que o jovem tomasse fôlego e voltasse a superfície. Do mesmo modo que a natação artística exige do indivíduo as habilidades de nadar, dançar e a pratica de uma série de movimentos de força e flexibilidade sincronizados com uma

música escolhida. Por vezes, o jovem exercitou a sua comunicação através do corpo, ao passo de ter que se calar-se para poder dançar e nadar conforme a música.

O jovem Paulo tinha 16 anos na época das entrevistas, de olhos castanhos e cabelos pretos, e de cor parda, nasceu em Almenara, mas a maior parte da sua vida tem sido na cidade de Ribeirão das Neves. Ao me debruçar sobre os possíveis estudantes que poderiam participar deste estudo, seu nome foi um dos primeiros listados. Como bem disse a professora Maria José: “- O Paulo podia participar para sabermos o que se passa em sua cabeça sobre a escola.” Paulo foi o nome escolhido pelo estudante como forma de manter seu verdadeiro nome no anonimato.

Se me fosse possível descrever ou dizer sobre “o jovem Paulo”, confesso que me ousaria apenas falar um pouco de sua condição de estudante, pois tal como Clarice Lispector: “Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que vive” (LISPECTOR, 1998, p. 138). Talvez um dia eu poderia desenhá-lo, pois desde os tempos em fui sua professora, lá no 6º ano, sempre achei que tudo que ele pensa e não diz, se esvai em silêncios vindos de dentro e que, às vezes, lhe escapam. Ao ler e reler inúmeras vezes a transcrição das duas entrevistas realizadas com Paulo, foram inúmeras as tentativas de encontrar algo que tenha se escapado, e talvez tivesse se prendido em algumas de suas palavras.

“Imersos e alienados no mundo virtual”, é assim que os adultos se referem aos jovens nos dias atuais. Desta forma, eu o tentei encontrar e conhecer sobre o “menino de bico de pena”, da Clarice Lispector, em várias redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp), entretanto, ao final resumo esta tentativa como: “emudecidas redes”. Porventura o jovem poderia me dizer na multiplicidade de sentidos: “Eu não sei dizer, nada por dizer. Então, eu escuto.” (Porque Sim, Por que Não? 1991) como já dizia a música de Luli e Lucina.

A narrativa de Paulo tem a sua singularidade nos diversos momentos e muitos minutos de silêncio. Minutos seguidos de poucas palavras que estavam presas e acorrentadas dentro do tão jovem estudante do 9º ano. Sua postura contida e extremamente humilde marca a sua personalidade quando as pessoas o conhecem pela 1ª, 2ª e

outras tantas vezes. Como num acaso bem marcado, ao nos perguntarmos sobre a origem do nome Paulo na internet acabamos por descobri-lo como de origem do latim e seu significado nos leva a palavra pequeno, e conseqüentemente, aos sinônimos de humilde e modesto.

Iniciamos a narrativa do jovem contando as histórias e os acontecimentos vividos em sua cidade Natal e que o trouxeram até a este momento. O lugar de onde Paulo veio já é por si só um mote para pensarmos quais memórias de sua infância ainda permanecem em sua vida. Almenara é uma cidade situada às margens do rio Jequitinhonha com sua praia da saudade e cercada pelo Morro do Cruzeiro.

O jovem inicia sua história nos dizendo: “- Minha avó que me criou primeiro.” Conseguir emprego e ter uma condição básica de vida foram grandes desafios vivenciados pela família de Paulo, lá no final da década de 90. Morar na zona rural de uma cidade com aproximadamente 42 mil habitantes e pertencer a grande maioria das famílias de baixa renda impossibilitou os pais, Flávia e Cláudio, de permanecerem em Almenara. A partida para a cidade grande - Belo Horizonte, fez seus genitores deixarem para trás, só por um tempo determinado, os três filhos ainda muito pequenos sob os cuidados da avó materna. Quem veio primeiro foi sua mãe, pois havia conseguido um emprego, logo em seguida, foi a vez de seu pai vir para a “capital dos mineiros.”

Ao se recordar sobre esse período na casa dos avós, o rosto de Paulo se enche de sorrisos. Para o ainda menino, podemos ainda ver marcado na sinceridade ilustrada por seus sentimentos - a estrada de terra, as festas às margens do rio repletas de fogueiras, barraquinhas e muita gente. O jovem Paulo se lembra de suas risadas quando ele e seus irmãos brincavam com a avó e das coisas gostosas feitas por ela: cheias de amor e carinho que até hoje o fazem regressar à cidade todos os meses de dezembro e janeiro – período das férias escolares.

A primeira moradia de Paulo e sua família em Belo Horizonte se deu no bairro Piratininga. O jovem não se recorda de quanto tempo permaneceu nessa moradia, como também nem o local exato onde residiu. A Lembrança é de uma casa grande e localizada em uma rua de asfalto. Entretanto, diante das condições financeiras, pois

o valor do aluguel era incompatível com a renda familiar, sua mãe decidiu mudar-se. A próxima residência seria no bairro Belo Vale, em Ribeirão das Neves, onde atualmente Paulo reside com os pais e os dois irmãos mais velhos.

Atualmente, todos os membros familiares do jovem trabalham. Ele nos diz sobre sua irmã de 20 anos: - “ela arruma e limpa a casa das pessoas”. Já seu irmão, o mais velho dos três, com 21 anos de idade, exerce a profissão de jardineiro. Ao refletir sobre o seu relacionamento com os irmãos, Paulo os resume em situações repletas de descontração e diversão: “Nós brincamos muito até hoje. Nós zoamos demais. Nós brincamos de porrada, né. É, mas é de brincadeira, né.”

As narrativas apresentadas pelos jovens nos fazem interrogar sobre o papel da família e de sua centralidade na vida dos jovens, dentro e fora da escola. É preciso considerar as famílias populares em sua diversidade, marcada por afetos, cuidados, busca pela sobrevivência, desafetos, violências, sofrimentos, cumplicidade, segredos, traumas e partilhas. Muitas das vezes, há uma generalização de que os pais não se interessam pela vida escolar dos filhos, que os abandonam a própria sorte, mas tais concepções são questionadas quando apresentarmos os jovens e suas famílias. A seguir, trataremos da relação deles com a escola, foco central da nossa pesquisa.

6.2. As trajetórias escolares dos jovens e suas contradições

Agora vamos iniciar este tópico apresentando a relação dos jovens com a escola. No tópico anterior anunciamos, detalhadamente, os três entrevistados participantes da última etapa de nosso estudo. Na descrição traçada por cada um deles na entrevista dialógica pudemos notá-los como pessoas possuidoras de potencialidades e que têm uma boa relação com a família e amigos. Ao analisarmos o perfil de cada participante, uma pergunta interna ou um questionamento disposto no início deste de nossa pesquisa: Por que estes alunos tiveram sua trajetória escolar interditada? Ou, ainda, quais saberes eles supostamente não conseguiram adquirir nos anos em que foram retidos?

Em nossa análise, pudemos constatar uma contradição sobre a compreensão existente entre a escola e as interdições sofridas pelos estudantes ao longo do seu

percurso escolar. De acordo com Charlot: que podemos constatar é que certos alunos fracassam no aprendizado e pertencem frequentemente a famílias populares. Nada mais. Falar em deficiência e atribuir fracassos à origem familiar é dizer sua prática: é, sim, formular uma teoria" (CHARLOT, 2000, p. 25). Nesse sentido, duas teorias postas pelo sociólogo caminham em direção aos achados e análises: a primeira relaciona o que falta aos alunos cuja “cultura familiar não está conforme com a que o sucesso escolar supõe”. E a última tem a ver com a deficiência ou “desvantagem gerada pela própria escola, em sua maneira de tratar as crianças pertencentes às camadas populares (currículos, programas, expectativas docentes...)” (CHARLOT, 2000, p.26) Nesse sentido, diante não só das entrevistas realizadas com os jovens, como também esta situação que se repete para inúmeros estudantes brasileiros, entendemos a necessidade de construirmos possíveis respostas para que possam trazer uma interpretação e compreensão mais adequada sobre as novas demandas colocadas na vida dos jovens estudantes de escolas públicas pelo país.

Manteremos nosso foco aqui nas singularidades de cada jovem para, em seguida, buscar pontos comuns e conclusões.

6.2.1. "Depois que eu fui pra escola, eu fui perdendo esse certo brilho, sabe?"

Essa fala de Ukeme no subtítulo deste item sobre sua relação com a instituição escolar apareceu em nosso primeiro encontro ao se recordar dos primeiros anos escolares. Ela aponta que a intimidade e afinidade tão esperados por ele no ambiente escolar deram lugar a uma experiência extremamente traumática e desmotivante, a tal ponto de imobilizá-lo.

Este período é sintetizado em sua narrativa como um tempo difícil em que aos poucos foi “perdendo esse certo brilho”. No entanto, os acontecimentos vividos por ele na escola não guardam compatibilidade com as suas habilidades e o conhecimento demonstrados por exemplo quando relata sobre o aprendizado e práticas aprendidas no trabalho do pai gesseiro. Essa contrariedade pode ser definida através da “experiência como uma combinação de lógica de acção, lógicas que ligam o actor a cada uma das dimensões de um sistema. O actor é obrigado a articular lógicas de acção diferentes (...)” (DUBET, 1994, p.107). Nessa perspectiva, o jovem Ukeme teve que construir seu modo de agir e a sua reflexividade de acordo com cada experiência

vivida em cada sistema socializador. Vale a pena nos deter um pouco sobre essas experiências e a riqueza das aprendizagens adquiridas nos universos do trabalho e da família.

Em suas “andanças e vivências no mundo do trabalho com a sua família”, Ukeme nos conta sua experiência de trabalhar muito tempo com o pai gesseiro. Na opinião do estudante, o gesso é um trabalho muito bonito, entretanto muito desvalorizado. Ele nos fala que no Brasil este trabalho não é valorizado. O jovem cita que em Portugal as pessoas pagam uma fortuna para apenas fazer um rebaixamento de teto, e ainda reitera que “mexer com gesso não é nem um pouco fácil”.

Conta que, com a crise econômica e o aumento do preço das coisas, as condições financeiras em casa têm estado bem difíceis, já que seu pai “só sabe mexer com gesso”. O jovem nos relata que o amor de Yin pelo gesso vai muito além de “só saber mexer com gesso, ele ama mexer com gesso”. Seu pai tem mais de 15 anos de profissão, e diz para o filho “que nunca vai largar, porque ele ama o que ele faz”. Sendo assim, Ukeme Taiyo leva como lição sobre o mundo do trabalho: “O importante é você trabalhar com o que você ama. Se você trabalha com o que você não ama, não vale a pena você continuar. Porque você vai fazer aquilo com má vontade, com desânimo, com muita coisa.”

Na fala de Ukeme podemos ver reproduzidos os efeitos da experiência tida na relação social no trabalho com o pai, vista “nem como uma esponja nem um fluxo de sentimentos, ela não é a expressão de um ser ou de um puro sujeito, pois que é socialmente construída” (DUBET,1994, p.103) Na narrativa de Ukeme é possível percebermos a caracterização das relações sociais pela oposição e integração— “entre eles e nós” (ibidem, p.117) interiorizadas e redefinidas. Esse saber do mundo do trabalho aprendido pelo jovem de forma sagaz e sensível, e que a escola não parece valorizar, permitiu a ele perceber qual a relação deve ter e não ter com o trabalho.

Yin quis levar o filho para trabalhar com ele com a finalidade de lhe apresentar o trabalho “que sempre amou”. Por sua vez, o filho quis ajudar o pai no trabalho por achar sua profissão muito bonita. No dia a dia como auxiliar de gesseiro, Ukeme destacou a experiência de fazer uma ilha de gesso (um serviço inovador e ao mesmo

tempo clássico proporcionado por um forro de gesso rebaixado iluminado indiretamente e muito utilizado em salas de jantar ou sala de estar em casas e apartamentos). Ele achou um serviço extremamente complicado, que requer um corte eficiente, com medidas exatas no qual a pessoa tem que ter muita força.

Ukeme ainda destacou os cuidados repassados pelo pai ao se utilizar uma pistola "finca pino" - uma ferramenta usada na construção civil para serviços de fixação de placas e amarração em alvenaria, montagem de guias de drywall, fixação de forros e instalações elétricas suspensas, bem como para montagens e instalações diversas.

Porque você precisa, digamos, aquelas ilhas que fica, digamos fala ilha de gesso, que fica negócio assim, é muito complicado, você tem que fazer muito corte, certinho, você tem que medir muito, tem que medir muito perfeitamente e tem que ter uma arma, não uma arma, ela é uma arma de calibre não tão alto, mais pra acionar ela, você tem que pressionar ela na parede, tem um jeito de acionar ela. Ela tem, ela não precisa de negócio pra, pra venda, ela não é necessária, mas é acima de dezoito, creio eu, e ela é realmente muito perigosa, porque ela tem um pino de aço, pino de aço é se for numa velocidade machuca. Que meu pai até contou que um garoto, alguém que estava trabalhando com ele mirou na parede, o certo é mirar pra cima e por num grau certinho. Pois na parede a pessoa não viu, não percebeu que tinha uma pessoa atrás e varou na parede, porque é muito forte e varou numa viga. É muito potente o disparo, aí atravessou ele todo. Ele não morreu graças a Deus! Eu acho que não chegou a morrer. Meu pai disse que a pessoa não chegou a morrer, mas ficou gravemente ferida. Porque atravessou o corpo dele todo e ele disse que nunca se deve brincar com isso, porque isso não é era brincadeira.

Diante das aprendizagens indiretas narradas pelo jovem entrevistados, nos interrogamos acerca do lugar do conhecimento e das experimentações vividas por Ukeme teria dentro da cultura comum escolar. O conhecimento obtido através do manuseio com as ferramentas e o gesso não poderiam ser bem incorporados à história, matemática, física ou língua Portuguesa? Além disso a inserção da cultura desenvolvida nos indivíduos em suas experiências individuais e coletivas possibilita “uma significação subjetiva do trabalho” (WALTIER, 2003, p.195)

Neste período em que trabalhou como auxiliar do seu pai, Ukeme aprendeu a fazer o “detalhamento de uma ilha de gesso”, técnica considerada por ele como algo difícil de fazer na prática. Yin sempre dizia para Ukeme: “Que trabalho *não era coisa pra brincar, era muito perigoso.*” Desta maneira, no contexto extraescolar, ou seja, “fora da escola aprendemos muitas coisas (e coisas muito importantes) e temos uma forma

de relação com o mundo, com os outros, com o saber, com a linguagem, com o tempo, que é diferente daquela que se encontra na escola.” (CHARLOT, 2013, p. 148) A relação com o saber construída e descoberta no trabalho com o pai levou o jovem a necessidade de aprender a manusear outros objetos.

Com isso, Ukeme aprendeu que a pistola "finca-pinos" não era a única ferramenta capaz de provocar acidentes. Entre outros utensílios, o jovem destacou também a utilização da fibra do sisal (uma fibra vegetal transformada em forma de bucha é considerada um produto necessário para a instalação do forro de gesso). A arte do gesso exigiu de Ukeme o manuseio da máscara, espátula, serrote, linha nylon, desempenadeira e furadeira. Como também lançou mão do aprendizado da matemática tão necessário ao colocar em prática o uso do esquadro, linha de marcar e mangueira de nível.

Refletindo sobre tudo que o pai lhe ensinou, O jovem considera ter aprendido muita coisa sobre a profissão de gesseiro e como ela é desvalorizada pela sociedade.

Ele me ensinou muita coisa: como cortar, como raspar o gesso, como fazer as curvinhas - que é a coisa mais difícil, como por aquelas cerâmicas, como deixar elas limpas. Como deixar as quininhas limpas com água com gesso. E isso você passa na parede bem certinho para ela não soltar. E um trabalho muito complicado como esse, como são as quininhas, as que têm assim pra fazer, é muito complicado e muito desvalorizado no Brasil.

De todo esse aprendizado, o participante de nossa pesquisa resume a profissão do pai como: “muito bonita, e é como uma arte.” O conceito de arte elaborado pelo Ukeme vem de perceber no trabalho do pai algo associado ao prazer, a mobilização e sentimento construídos diariamente. Nesse sentido a arte marginalizada na escola, pois “ela não é uma disciplina do vestibular que todos devem enfrentar; ainda bem, de certa forma, mas tal omissão não deixa de ser significativa do pouco valor que a sociedade e a instituição docente conferem às artes”. (CHARLOT, 2013, p.118)

Nesse sentido, tal marginalização é percebida pelo entrevistado “fora da escola”, na desvalorização da arte realizada pelo seu pai a começar como é calculado o valor recebido por cada empreitada. Yin ganha por metro, e não por dia trabalhado. Ele lhe explicou que não trabalha por dia, pois “dependendo daquele dia, você tem que fazer

rápido pra chegar no prazo.” Você cumpriu prazos de acordo com a data final combinada com o solicitante do serviço. O contrário acontece quando você executa todo o trabalho por metro. Ukeme nos explica: “Quando você trabalha por metro, você não tem dia pra ir, não tem dia pra voltar e não tem hora pra sair do trabalho.”

Como a arte de seu pai é movida pelo corpo e sensibilidade, Ukeme já o viu muitas vezes passar “muito mal e quando ele não suporta ficar mais no trabalho passando mal, ele me dizia: - Eu vou pra casa, porque que eu estou realmente muito mal. Daí quando ele larga o dia, volta para casa por volta das 13 horas.” Em outros dias, seu pai acorda com a cabeça não muito boa, devido a problemas em casa, ou quando a moto estragou, ou quando tem que pagar muitas contas. Ele pensa muito e diz: - Hoje não vou trabalhar.” Como o trabalho de seu pai exige muito raciocínio com os números, e com a cabeça “cheia” de problemas não conseguirá fazer uma boa “arte”, então: “Ele prefere ficar em casa, do que fazer um trabalho mal feito. Ele prefere fazer um trabalho muito bem feito do que fazer um trabalho sujo.”

A profissão exercida pelo pai é mais que “um ganha pão”, se torna e é vista como arte. O jovem sente isso quando toda vez que conversam em casa sobre o gesso.

Que é uma arte. Para ele toda vez que a gente, eu falo de gesso, ele sempre tem um, eu sinto uma palavra bem no fundo assim das letras e das palavras que ele fala uma palavra bem sutil, bem pequena, falando que é arte, o que ele faz é arte, é uma maneira de expressar os sentimentos dele, que tudo que ele passa em casa: dos preços, dos negócios, a comida, que muitas vezes infelizmente falta lá em casa. Ele desconta a frustração e a falta de dinheiro no trabalho dele. O que ele move é uma arte.

Foram inúmeros os moradores do bairro que tiveram o privilégio de ter a arte do pai de Ukeme Taiyo em suas casas. Quando anda pelas ruas, Yin é reconhecido e conhecido pela grande parte da vizinhança. Antes disso, o pai do jovem já havia trabalhado em outro estado. Mas o que o entristece são os baixos ganhos com a sua arte. Ukeme esclarece sobre o fato de, as vezes, seu pai receber R\$ 1.000,00 (um mil reais) por um trabalho, pois este valor nos dias atuais não representa nada mediante os inúmeros gastos com contas, água, alimentos, ração para os animais domésticos, além de consertar a moto, pois esta é o seu veículo de transporte, e finalmente despesas com combustível. Ele já chegou a ver o pai com 200 reais e até R\$ 2.000,00 (dois mil reais) ou voltar para casa com apenas R\$ 50,00 (cinquenta reais).

O pai é o único que trabalha em sua casa, visto que sua mãe saiu do emprego porque tinha que continuar os estudos dela. Ela conseguiu se formar e hoje em dia trabalha em casa, tecendo tapetes e fazendo máscaras, artesanato que o estudante acredita que sua mãe herdou de sua avó. Sua avó costura roupas e faz crochê. Ele já até tentou aprender, mas achou muito difícil e complicado colocar as linhas certinhas. Os tapetes feitos por ela são considerados magníficos por Ukeme. Para o filho orgulhoso de sua mãe, tudo que ela faz é muito bem feito. Inclusive ela tem um “montão de coisa tricotada.” Ele tem muito orgulho dos pais que tem, embora não consiga se expressar ou demonstrar. Mas ao mesmo tempo, ele acha que o “orgulho” é mútuo, pois sente que seu pai o considera muito esforçado, pois faz muitas coisas sem pedir ou esperar a ajuda das pessoas.

Veremos que fora da escola Ukeme também aprendeu muito com suas experiências com jogos on-line, ricas em aprendizagens sobre si mesmo, amigos e familiares, o que contrasta com as suas inquietações e percepções sobre a escola. Constantemente em sua infância, muito antes de entrar para a escola, Ukeme era tratado pela sua família como alguém que sempre fazia o que não era para ser feito exatamente, a começar pelo seu modo de brincar. Ao recordar tudo isso, ele sente que não foi lhe ensinado “desde o início que o mundo era ruim, que não era um mundo de conto de fadas.” Quando entrou para a escola, aí sim, o jovem pôde perceber “o peso que o mundo tem”. A socialização inicial no ambiente escolar foi um processo muito difícil para Ukeme que, por sua vez, considera ter aprendido “muita coisa boa, e muita coisa ruim”.

Ao nos atermos ao sentido da experiência escolar narrada por esse jovem na escola, principalmente, quando a descreve como lugar no qual sentiu o “o peso do mundo”. Trazemos para o nosso diálogo, a sustentação teórica nos fundamentos de François Dubet através do conceito de experiência social. Pelo fato desta teoria trazer as ambiguidades e incoerências presentes no ambiente escolar. De acordo com Dubet, a experiência social “designa as condutas individuais ou coletivas dominadas pela heterogeneidade de seus princípios e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido de suas práticas no meio desta heterogeneidade”. (DUBET, 1994, p. 15)

Ainda segundo ele, foram essas coisas ruins que o ajudaram, “a prestar mais atenção” para que enfim pudesse apenas enxergar o caminho certo a se seguir. Em sua caminhada aconteceram-lhe “muitas coisas” e acontecimentos o fizeram se tornar: “uma pessoa como eu sou hoje mais ou menos comunicativa, menos extrovertida, sem muitas palavras, uma pessoa quieta no meu canto, sem sentimentos”. Entretanto, ao discorrer sobre as vivências do pai e da mãe, a sensibilidade e a delicadeza de Ukeme se faz presente.

Sendo assim, em toda a narrativa de Ukeme, podemos perceber nos seus sentimentos durante as experiências sociais vividas em seu percurso escolar, a persistência de uma “representação subjetiva do mundo vivido, individual e coletivo” e cognitiva (é uma construção crítica do real, um trabalho reflexivo dois indivíduos que julgam sua experiência e a redefinem” (WALTIER, 2003, p.181). Por passar por muitas situações difíceis, o jovem afirma ter deixado de aprender as mais fáceis de lado, entre elas, o estudar. O entrevistado traz à tona a percepção da existência de uma hierarquização do saber nas crianças, “de uma única cultura autêntica, a que possui apenas um valor universal, e reconhecida por todos os que saíram da barbárie” (CHARLOT, 1983, p.185). Logo, um sentimento de inadaptação o fez se isolar, enclausurar-se, recolher-se em si, mesmo estando materialmente na escola.

Recorrendo novamente a Bernard Charlot (2000) em seu livro: “Da relação com o saber: elementos para uma teoria” trazemos o conceito de Educação. Para o sociólogo francês, educação “é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com a sua ajuda. (...) é o processo através do qual a criança que nasce inacabada se constrói enquanto ser humano, social e singular” (CHARLOT, 2000, p.54). Tendo em vista as primeiras impressões sobre a escola e os sentidos atribuídos pelo jovem entrevistado ao ambiente escolar, nos colocamos a refletir sobre as trocas e conhecimentos construídos por Ukeme junto às pessoas das quais se relacionou na instituição escolar: professoras, colegas de sala e demais funcionários.

Olhando como alguém que vê sua vida no retrovisor, Ukeme entende que o “Estudar era muito difícil, mas ao mesmo tempo era muito fácil e nesse fácil o mundo decidiu

deixar mais difícil pra mim poder aprender melhor em muitas coisas”. A definição de fácil e difícil dada pelo jovem está associada a sua inserção na escola como algo fácil. No entanto, a atividade de socialização com os pares fez o ato de estudar como algo difícil. O peso do mundo vivenciado na escola de uma forma muito difícil, pôde ser exemplificado e “sentido” pelo participante quando se recordou do seu primeiro ano do ensino fundamental. O primeiro dia foi legal, porém no segundo, a escola começou a se apresentar de uma forma um pouco diferente. Um sentimento de que os colegas não gostavam dele, começou a tomar seu ser. A rejeição sentida pelo pequenino em meio a grandiosidade da escola e da imensidão de “coisas novas” ganhou um nome, uma forma: o Bullying ou vitimização entre pares no contexto escolar.

De acordo com Costa & Pereira (2010, p.1810 apud Olweus, 1999, p.10), o bullying pode ser definido na seguinte circunstância: “um estudante está sendo vitimizado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes” (1999, p.10) A agressão se dá através dos pares e além da vítima estão envolvidos os colegas de sala ou de outras turmas o(s) agressor (es), professores, supervisores, funcionários auxiliares de serviço básico da educação e também, os responsáveis pela vítima (pai, mãe e avós).

Sendo assim, o menino que aos 7 (sete) anos de idade era extrovertido em casa, brincalhão, sorridente, jogador de bola e participante ativo das atividades e brincadeiras em sua rua com os vizinhos da rua com idade de 11 a 13 anos. Ainda sobre essa época, ele se recorda da rua ainda não era asfaltada, portanto, passava muito tempo na rua brincando e só se divertindo com os amigos. Ele ainda se lembra dos campeonatos de meninas *versus* meninos. Tempos de “muita alegria”. No entanto, na sala de aula, o modo menino extrovertido deu lugar ao aluno quieto, calado e que sempre “ficava na dele” perante os colegas de classe.

Depois de cinco longos anos na mesma escola, a mudança não representou, em suas memórias, nada positivo: “Depois que eu fui pra escola, eu fui perdendo esse certo brilho, sabe? Aí depois eu fui pra escola aqui embaixo, aí depois nessa escola não mudou muita coisa. Lá também eu não apanhava, mas eu sofri um pouquinho foi na mão da professora.”

Por sua vez, os colegas da nova escola o humilhavam, xingavam e o empurravam a todo momento. Estas são as caracterizações descritas por Olweus (1999) como uma das formas mais recorrentes do Bullying. Para Ukeme o olhar deles parecia que o julgavam de algo que ele nunca falou, era como se o julgassem como uma pessoa ruim também.

Entretanto, o seu sofrimento se fazia maior e mais presente no seu relacionamento com as professoras. Eram os primeiros dias de aula e a professora pediu aos alunos que fizessem bolinhas de cetim e as colassem em uma folha de papel. E para aquele menino que não havia frequentado a educação infantil ou como ele mesmo diz: “no prezinho”: tudo era muito novo. Ainda mais para aquela criança que nunca havia “mexido com cola”. Na sala de Ukeme todos os alunos e alunas já haviam entrado anos antes naquele lugar: a sala de aula. Portanto, os colegas já sabiam fazer diversas atividades e conheciam diferentes materiais, como por exemplo, a cola. As habilidades solicitadas pela professora aos alunos eram desconhecidas por aquela criança recém chegada na instituição escolar. Conforme o Santos *et al* (2016), “Frequentar a pré-escola traz uma diferença de cerca de um ano de resultados no ensino fundamental II, fase que vai do 6º ao 9º ano”. Nessa perspectiva, o nosso entrevistado já estava em “desvantagem de aprendizagem” perante ao conhecimento imposto pela cultura escolar. Ainda de acordo com esse estudo, o acesso à pré-escola “é considerada uma das estratégias mais efetivas para interromper a cruel trajetória que leva ao ciclo intergeracional da pobreza”. (2016, p. 3)

Nesse contexto, como a professora não o tinha ensinado, o menino Ukeme decidiu “colar tudo”. Logo, suas mãos e tudo ao seu redor ficaram sujos de cola. A coordenação motora do menino precisa se desenvolver, e isso se daria com o tempo e acolhimento da professora e da escola como um todo. Dialogando com Charlot, gostaríamos de trazer para esta discussão, três conceitos na análise da relação com o saber ocorrida no fato narrado pelo jovem. Na perspectiva de Charlot, é necessário haver “mobilização caracterizada pela ideia de colocar-se em movimento (“de dentro”), seguida da motivação enfatizada pelo “fato de que se é motivado por alguém ou algo (“de fora”) (CHARLOT, 2000, p.55). Havendo ao final, de acordo com o autor, uma convergência entre mundos. Em meio ao ocorrido durante a atividade com o ainda criança Ukeme é possível perceber que a ausência de motivação por parte da

educadora, provocou uma falta de sentido definido por Charlot *apud* Leontiev (1975, p. 56) como uma “relação entre o que incita a agir e o que orienta a ação, como resultado imediatamente buscado.”

Contrariando toda a teoria de Charlot, nesse fatídico dia, a professora de Ukeme o pegou pelo braço e o beliscou. Em consequência disso para se defender, Ukeme a mordeu. Sendo assim, foi a vez da docente pegá-lo pelo braço com mais força e encaminhá-lo à diretoria. A direção da escola solicitou a presença de sua mãe que sempre apoiava o filho. O episódio rendeu, de acordo com o jovem, a transferência ou desligamento da professora como regente da turma. Bem como a retaliação de Ukeme pelos colegas que o acusaram de ter criado uma situação para que a “professora fosse expulsa”, e isso para eles não era justo porque ela era uma pessoa legal com eles.

Eram inúmeras as situações de bullying sofridas pelo menino por colegas de sala. Os abusos psicológicos geraram na vida do estudante uma queda no aprendizado, “efeitos que a acção sistemática do bullying pode comprometer o aproveitamento escolar” (COSTA & PEREIRA, 2010, p.1812 *apud* NANSEL, et al., 2001). Isso pode ser percebido através da afirmativa de Ukeme: “eu era muito bom na escola. Depois disso tudo eu fui só piorando. Eu tive queda de aprendizado, de escrever, ler, pois eu lia muito bem, mas agora eu não sei muito bem lê, tô aprendendo, tô retomando as leituras, mas é muito pior do que nunca antes.”

A falta de empatia da professora fez com que o Ukeme -criança percebesse e entendesse como lição aprendida “que não é tudo, nem tudo é fácil e é do jeito que a gente imagina.” Aprendizado vivido na pele e ainda muito presente, mesmo tendo passado anos depois, se resumiu em uma frase repetida por ele diversas vezes em vários momentos de sua vida: “quando alguém conhece o amor tem muitas chances de conhecer a dor.” Sendo assim vimos nas memórias do jovem a persistência de um sentimento represado.

Por todas as situações e tudo de ruim vivido na primeira escola, local onde cursou os anos iniciais do ensino fundamental, o jovem afirma ter aprendido a “perceber quando a pessoa quer conversar, quando a pessoa não quer”. Ele foi aprendendo sozinho,

aprendido tudo bem novo, e muito rápido. Também ele aprendeu a tratar as pessoas, aliás a como tratar todo mundo: quando conversar, quando não conversar, quando a pessoa gosta, quando não gosta. Essa forma de perceber o mundo e as pessoas fez com que soubesse o que fazer e o que não fazer. Mesmo sem seu pai ou sua mãe explicarem-lhe nada, ele sempre soube.

Notadamente no discurso do jovem Ukeme percebe-se uma conflituosa relação com “o saber” postulada por Bernard Charlot. Tal constatação se dá quando analisamos o uso das seguintes palavras: aprender, mundo, pessoas e, principalmente, o vocábulo dor. Essas palavras foram essenciais para entendermos como foi construída a relação do jovem com a escola e o saber. Para o autor: “Toda a relação com o saber é também uma relação com outro. E esse outro é o que me ajuda a aprender matemática, aquele que me mostra como desmontar um motor, aquele que eu admiro ou detesto.” (CHARLOT, 2000, p.72) Desde o início, a relação da criança Ukeme pertencente a uma família da classe trabalhadora com a cultura escolar se deu de maneira complexa. Em todas as salas de aula nas quais ele pertenceu por diferentes anos e escolas públicas imperava-se um ambiente tenso e desinteressante. E isso impede a relação com o saber:

(...) professores que “explicam” de maneira mais ou menos correta, que estimulam ou, às vezes, proferem insuportáveis” palavras de fatalidade”. Não há relação com o saber senão a de um sujeito. Não há sujeito senão em um mundo e em uma relação com o outro. (...) A relação com o saber não deixa de ser uma relação social, embora sendo de um sujeito. (CHARLOT, 2000, p.73)

Atualmente, os episódios de Bullying ficaram para trás, pois as pessoas pararam de “mexer”, mesmo porque, para Ukeme, quando você os ignora, não liga, acaba virando uma coisa que não faz sentido continuar. Atualmente o seu modo de pensar sobre como ele se relaciona com as pessoas na escola, o faz perceber e se sentir respeitado. Todos o respeitam por ser uma pessoa quieta, que não se envolve em brigas. No entanto, o estudante deixa claro que não conversa com ninguém.

Ao refletir sobre o significado da escola em sua vida, o jovem considera ter uma relação de aprendizado. Com as suas palavras, ele se apropria da escola como um lugar onde você obtém aprendizado para tudo na vida. Embora quando perguntado sobre os sentidos existentes no que ele aprende na escola e como ele os associa com

a sua vida, o jovem deixa claro que mantêm longe os jogos online da matéria da escola. Ele acha que os dois no mesmo lugar, poderá perder o controle da situação, pois ao invés de pensar em um, vai ficar pensando no outro. O jovem demonstra uma invejável capacidade de se orientar na vida e no mundo.

6.2.2. "No "início de tudo, [...] aprendi muita coisa."

"É no início foi até bom é... eu estudava pra caramba eu vinha, eu estudava a tarde é. [...] foi o início de tudo né, onde aprendi a lê muita coisa, aprendi muita coisa."
Mário

Em sua narrativa, Mário fala sobre experiências que marcaram sua trajetória na Escola Estadual Esperança e a sua relação com a família e amigos. Ao refletir sobre a sua relação com o saber, o estudante Mário transmite uma reação positiva. Ao contrário de Ukeme, o jovem-participante ingressou nesta instituição escolar no ano de 2010 no 1º ano do ensino fundamental. Há nele uma condição semelhante vivida por Ukeme: a de não ter frequentado nenhuma escola de educação infantil.

Ao recordar sobre o período do 1º ao 5º ano dos anos iniciais, o estudante o compreende como "o início de tudo", se referindo à escola como um lugar onde "aprendeu a lê muita coisa", além de ter conhecido muita gente e feito muitos amigos. Por ser criança, Mário acredita que nesta época era mais fácil fazer amigos. Havia nele um sentimento de amor, de gostar demais da escola. Para ele, a instituição escolar, por ser grande demais, representava um lugar de "possibilidades". Durante esse período, Mário afirma não terem ocorrido situações ou momentos difíceis que dificultaram a sua trajetória escolar na escola Esperança.

A compreensão dada pelo jovem Mário sobre a escola nos fez trazer para o nosso estudo a constatação de Dayrell, no sentido de tê-la como um espaço que representa um projeto na vida dos alunos. Na narrativa do estudante somos convocados a pensar como:

a escola é polissêmica, ou seja, tem uma multiplicidade de sentidos. (...) Dizer que a escola é polissêmica implica levar em conta que seu espaço, seus tempos, suas relações, podem estar sendo significadas de forma diferenciada, tanto pelos alunos, quanto pelos professores, dependendo da cultura e projeto dos diversos grupos sociais nela existentes. (DAYRELL,

2001, p.9)

Um outro aspecto presente na fala de Mário sobre o significado da escola é o que a relaciona como um espaço não apenas para a transmissão de conhecimentos, e sim, como lugar de encontros. Isso é o que Dayrell denominará como “um espaço coletivo de relações grupais” e a forma como essas “relações ocorrem entre os sujeitos vai variar também dependendo do momento em que ocorrem, seja forma ou dentro da escola” moldando e transformando, numa clara relação entre o espaço ao longo do tempo. (DAYRELL, 2001, p.10)

Entretanto, a mudança de ciclo, configurada na inserção dos estudantes no 6º ano do ensino fundamental - é destacada por Mário como um período marcado por grandes mudanças. Em princípio, ele se recorda do nome de cada uma das professoras que ministraram aulas em cada ano: do 1º ao 5º ano. No entanto, ao se referir aos professores do 6º ano demonstra ter dificuldades em relacioná-los de acordo com cada disciplina.

Além disso, Mário se recorda das “más influências” dos colegas de sala, pois em razão de seu envolvimento com eles acabava conversando demais e, portanto, foi ficando desatento durante as aulas. Inúmeras vezes foi encaminhado à sala da diretoria em função do seu comportamento indisciplinado. Dessa forma utilizaremos aqui o conceito de alteridade para tratarmos do relacionamento de Mário com os seus colegas de sala. Para Geraldi, à luz do pensamento bakhtiniano, o conceito de alteridade pressupõe:

(...)o Outro como existente reconhecido pelo “eu” como Outro que não-eu e a dialogia, pela qual se qualifica a relação essencial entre o eu e o Outro. Evidentemente, assumir a relação dialógica como essencial na constituição dos seres humanos não significa imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos. (2003, p.42)

A partir deste conceito, podemos perceber a presença de alguns elementos característicos do contato entre o “eu” e o “outro”. Para que o “eu” possa se reconhecer, compreender e afirmar seu próprio ‘eu’, é necessário que se tenha a presença e a visão do “outro”. É na diferença que o eu se constitui e se reconhece.

Ao ser questionado sobre o significado das “más influências”, Mário se refere aos alunos repetentes – como “aqueles que já tinham tomado bomba” e estavam repetindo o 6º ano, são os alunos que lhe dizem “que não faz diferença você fazer recuperação [daquilo] que você vive não fazendo, como você vai passar? Também perder tempo com conversa fiada, e ficar andando na escola. Fazer coisa errada e você pega aquilo como uma coisa boa.” “[...] eram os mais bagunceiros da escola.” Ao conceituar a expressão “má influência”, o jovem nos mostra uma apropriação do termo usado em outros meios sociais (família, comunidade e trabalho) transposto para o ambiente escolar.

Frente ao contexto apresentado, ele se lembra que aos poucos foi se distanciando dos estudos, tornando-se aquele aluno desinteressado nas aulas. Para ele as matérias se tornaram difíceis, apesar de hoje perceber que na “verdade não tinha nada difícil”, era ele que não estudava mesmo.

Com isso seus pais eram constantemente convocados a comparecer na escola. Geralmente quem comparecia era sua mãe que “achava ruim” esta situação. Uma das estratégias familiares de intervenção na vida escolar utilizadas não só pelos seus pais, mas por membros de diferentes camadas sociais era de o castigar em casa, retirando-lhe o telefone celular e o videogame. Na incapacidade de ajudar o filho, pois não tem capital escolar suficiente para auxiliar o filho nos conteúdos dados em sala de aula, alguns pais tendem a relacionar-se de forma dolorosa ou punitiva em casa. Lahire nos explica que na “configuração familiar da criança é permitido “realmente ver que o “fracasso escolar” de uma criança não está necessariamente associado às “omissões dos pais”, mas, neste caso preciso, a uma distância grande demais em relação às formas escolares de aprendizagem e de cultura” (LAHIRE, 1997, p.87). De fato, isso não fez diferença para o jovem, pois no final daquele ano, a sua situação continuou do mesmo jeito na escola. Dada a sua situação escolar, para ele, o resultado final já podia ser imaginado.

6.2.3. "Eu tô doido pra me formar logo pra começar em um serviço, ser feliz."

Assim como os dois primeiros entrevistados, Paulo não cursou a educação infantil. Sendo assim, o seu primeiro ano escolar se deu no 1º ano do ensino fundamental na

escola municipal quando ainda morava no bairro Piratininga em Belo Horizonte. Já o 2º ano do Ensino Fundamental foi matriculado na E. M. Lindomar Teixeira da Costa em razão da sua mudança de toda a sua família para a cidade de Ribeirão das Neves. Ao se recordar de sua rotina nos primeiros anos escolares, o jovem se lembra que já com idade de 7 anos ia sozinho para a escola. Uma estratégia utilizada pela família do jovem como forma de garantir o acompanhamento escolar estava presente no papel desempenhado por sua irmã ao ajudar o irmão na realização das tarefas e trabalhos escolares, uma vez que seus pais trabalhavam o dia todo.

A substituição do acompanhamento escolar ocorrida na família de Paulo, no qual a irmã mais velha auxilia o entrevistado nas atividades escolares, nos faz estar atento às configurações e arranjos que as famílias das classes populares fazem para que os filhos consigam frequentar e concluir seus processos de escolarização.

Pesquisadora: E quando você passou para o sexto ano, né? Quando você chegou aqui na escola. Tem alguém na sua casa que te ajudava?

Paulo: Minha irmã sempre.

Pesquisadora: Foi alguém da sua casa que pediu para ela te ajudar?

PAULO: Eu mesmo pedia porque eu não sabia.

Pesquisadora: E sua mãe?

Paulo: Minha mãe falava comigo: pedi sua irmã para te ensinar.

De acordo com Barbosa (2007, p.1069): “São estas novas crianças, com suas experiências de infância múltiplas, que chegam todos os dias na escola.” O modelo legítimo colocado pela cultura escolar é a de pais capazes e interessados pela rotina escolar do filho. No entanto, de acordo com o nosso estudo, há outros modelos familiares tidos como não-legítimos, mas que têm o mesmo objetivo, o de proporcionar ao filho a oportunidade de frequentar e ter uma escolaridade.

A respeito das coisas que mais gostava na escola, Paulo afirma ter gostado de tudo, entretanto amava o recreio e a quadra. Era rotina dos professores levar os estudantes quase todos os dias para o espaço poliesportivo da escola. Ele diz que “não gostava muito dos meninos, mas gostava mesmo era de jogar bola.” O sentido atribuído pelo jovem Paulo para a escola vai ao encontro com a definição de Barbosa: “A escola, atualmente, funciona muito mais como um espaço de socialização, organização, integração, análise de conhecimentos, percepção de pontos de vista diferenciados do que como transmissora de informações.” (2007, p. 1078) As lembranças do

entrevistado acerca dessa época não dizem respeito às informações ou conhecimentos aprendidos em alguma disciplina, elas dizem muito sobre “como o recreio e a merenda era boa”. Paulo não se recorda do nome de nenhuma das professoras, mas nos fala sobre estudar ainda com alguns colegas da “escola Lindomar”.

Passados 5 (cinco) anos, o jovem teve que mudar novamente de escola. O motivo era porque a escola anterior só ofertava apenas os primeiros anos do ensino fundamental. O entrevistado foi matriculado na escola Esperança no 6º ano do ensino fundamental. A principal diferença apontada por Paulo foi a presença de muitos professores e por sua vez também havia muitas matérias. Além disso, os professores escreviam muito no quadro. Ele diz: “Nossa, eu achei diferente demais. E eu ainda continuei vindo.” Embora a transição no ensino fundamental não seja considerada como uma mudança pedagógica, linguística, relacional, espacial e temporal para a escola, na narrativa do jovem é possível perceber a dificuldade e o reconhecimento de todos estes elementos ao vivenciar essa fase do nível escolar. Ainda nesse período, ele pôde contar com ajuda de sua irmã mais velha. O que ele não conseguia fazer, ela o ajudava e muito. A assistência dada por ela foi até o 7º ano. Depois disso ficou difícil para sua irmã ajudá-lo, pois ela havia iniciado já o trabalho como diarista.

Paulo afirma não ter tido muitos colegas. Atualmente acha que “não tá nem valendo a pena mais, já era. Poucos que tá do meu lado.” A expressão usada pelo entrevistado - “não tá nem valendo a pena” - se refere aos colegas que “entram para a vida errada, atoa”. Ele afirma que precisou deixar de conversar com eles, pois seus ex-colegas têm usado droga e feito muitas besteiras na vida.

A fala de Paulo sobre as amizades remete-nos em nosso estudo à questão da vulnerabilidade juvenil à violência. Durante a entrevista, o jovem nos conta sobre as várias vezes em que viu colegas e outros estudantes usando droga na porta da escola antes de adentrar o espaço escolar. No término da gravação, o entrevistado nos deu mais detalhes a respeito do uso contínuo de drogas ilícitas por vários estudantes no término do turno nas ruas próximas da escola esperança. Inclusive nos diz que sempre muda o caminho de volta para a sua residência devido a oferta regular de drogas a ele pelos colegas de escola.

À medida que levantamos dados sobre o Índice de desenvolvimento humana (IDH) baseado nas três dimensões: longevidade, educação e renda, publicado em 2021, podemos relacioná-los com a narrativa de Paulo. Ribeirão das Neves é a 2ª cidade entre os 14 municípios da região metropolitana de Belo Horizonte com o menor IDH: 0,684 e também é 2º maior em proporção da população autodeclarada negra ou parda. Estes dados fornecem fortes provas diárias sociais ao analisarmos a vida dos estudantes neste estudo.

6.3. "E no caminho veio a reprovação": seus sentidos e significados

Para cada um dos três entrevistados a reprovação se deu por diferentes fatores. Por meio deste tópico apresentaremos os seus efeitos socioafetivos negativos, percepções sobre si mesmo e a não-eficiência das práticas dos estudos de recuperação nos resultados finais dos entrevistados.

Ukeme foi o entrevistado que mais vezes sofreu repetências, pois teve duas reprovações: uma no 6º ano e outra no 7º ano. Quando acabou por repetir o 7º ano pela 1ª vez conseguiu ter a companhia do mesmo amigo do ano anterior. De acordo com o entrevistado, no início o plano era passar, por achar que tinha poucos amigos desde quase sempre, no 6º ano era para ele ser aprovado.

O jovem sempre teve um plano em sua mente: o de passar menor tempo possível na escola, e durante o seu percurso poder seguir sendo da mesma sala dos amigos que eram os mesmos desde a sua infância. As conversas com o melhor amigo de sala de aula foram se tornando cada vez mais frequentes e intensas durante as aulas e com isso, o estudante sente que foi perdendo o interesse pela escola. O resultado escolar no final do ano letivo no 6º ano foi reprovado.

Hoje o jovem percebe que aquela reprovação já era esperada, inclusive chega a afirmar que “eu fui lá e repeti porque quis”, a sua justificativa é dada pelo fato de não ter feito as atividades, avaliações e trabalhos propostos. A reprovação veio para Ukeme e também para o seu amigo de sala de aula.

Outra justificativa apontada pelo jovem em querer ser reprovado se deu pelo motivo de querer que os meninos da sua sala passassem de ano e fossem para uma outra turma, já que não tinha boa relação com eles. A ideia era não seguir com os colegas de sala. Uma vez que eram esses mesmos colegas que faziam bullying com ele desde a outra escola municipal (do 1º ao 5º ano do ensino fundamental) em que estudavam e eram todos da mesma sala.

O resultado no final foi a aprovação de ambos para o 7º ano. Entretanto, boas notícias não o aguardavam no ano seguinte, pois para a sua decepção, Ukeme não foi aprovado do 7º para o 8º ano. Ele sentiu feliz pela aprovação do amigo para o 8º ano, mas chorou por sua reprovação, pois tinha uma vontade muito grande de passar. Ukeme “não queria ficar para trás”. Desde esse evento, o jovem optou por ficar ainda mais calado, acha melhor não conversar com muita gente.

Ao pensar sobre as causas ou o que motivou a sua 2ª reprovação, o jovem considera que foi porque não prestava atenção. No seu entendimento, tinha a ver com as suas dificuldades de aprender as coisas. Diante de duas retenções intercaladas no 6º e 7º ano, os pais de Ukeme decidiram levá-lo ao médico com a finalidade de saber o porquê de seu filho não prestar atenção durante as aulas. Foram feitos alguns exames e veio o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A partir daí, o jovem começou a tomar um remédio que o ajudava a se concentrar e prestar mais atenção ao mundo à sua volta. Iniciado o trabalho, Ukeme afirma ter conseguido fazer as “coisas mais rápido, ter foco em tudo que faz e não fica mais voando”.

Antes de receber o resultado final que culminou com a repetição do 7º ano, Ukeme afirma ter tido os estudos de recuperação, considerada por ele como uma 2ª chance. Nessa 2ª chance, de acordo com o entrevistado:

(...) aluno é obrigado a estudar para poder passar de “ano”. E ainda, caso ainda não consiga os pontos necessários, o aluno vai para o EI – Estudos Independentes. E este sim, obriga de verdade, porque é a última das últimas chances de você poder passar de ano.

Há muito tempo, o jovem acha que o EI vem para poder deixar o estudante passar. Ele acha que quanto mais se repete numa certa escola, mais vai se diminuindo o nome dela no ranking de todas as escolas.

(...) E quanto mais se desce o nome de uma determinada escola, mais é vista pelas demais como a escola que tem muitas pessoas mais burras, ou menos inteligentes. Desta forma, se criou o EI para que o nome da escola não caia perante as demais, e sua imagem não acabar manchada, mal vista na região. Os Estudos de Recuperação não é tanto voltado para a aprendizagem, para o ensino e nem para se ensinar. Ele tem a função de empurrar você para passar. Mesmo porque obter 60 pontos não é nada fácil ao longo do ano. Como antes dessa última chance tem os trabalhos com a pontuação de 40 pontos, restam apenas 20 pontos para se tirar na prova.

Um dos objetivos da avaliação para o estudante pesquisado é apenas para passar o aluno mais rápido, pois “O estudante deve ler direito, escrever rápido, marcar as alternativas e ir embora para casa. O que se lê não fica “guardado na cabeça” é logo descartado em seguida.” Desta forma, o jovem ressalta a lógica instrumental e sistemática vigente no processo de avaliação escolar.

Todas essas reflexões de Ukeme nos obrigam a pensar sobre a forma como a escola se organiza. Agora passaremos para as percepções sobre os sentidos atribuídos à reprovação na entrevista de Mário. Para ele, a reprovação representou um ano de perdas: de amizades, de tempo, de convivência e de aprendizado. Ele se sentiu muito mal, consequentemente seus pais também ficaram bem chateados ao receber a notícia que seu filho foi reprovado no 6º ano.

Apesar de ter conquistado novos amigos no novo 6º ano. Os antigos colegas se foram para o 7º ano. A maioria dos colegas aprovados para o ano letivo seguinte deixaram de conversar com Mário. Sendo assim, teve que se acostumar com os novos. Já os antigos colegas de sala – reprovados, foram enturmados em outras salas do 6º ano. Em sua sala foram alocados outros alunos repetentes que até então, Mário ainda não os conhecia. Portanto, sendo esta uma tendência comum “separar as turmas anualmente, desfazendo as “panelinhas”, separando os “bagunceiros”, numa lógica que privilegia o bom comportamento em detrimento da possibilidade de um aprofundamento dos contatos.” (DAYRELL, 1996, p.15) O estudante teve que reiniciar seu ciclo de relações de amizades. A “lógica instrumental” da escola acaba por tornar os estudantes em objetos. O comportamento de Mário no “novo” 6º ano mudou. Ele

conta que ficou mais atento, deixou de lado as conversas e as pessoas. Começou a estudar mais.

Durante o período do distanciamento social em razão da pandemia da Covid-19 e ausência das aulas presenciais, ele afirma ter precisado de muita ajuda. Parte da ajuda veio da internet “porque eu não tinha ninguém pra poder me ajudar, me explicar porque meus pais ficavam sempre ocupados.” E o que motiva a frequentar a escola é a preocupação com o seu futuro.

Ao observá-lo no intervalo durante as aulas vejo que Mário é um jovem que conversa apenas com uma outra colega de sala. Atento ao tempo do intervalo, ele sobe para a área da cantina para se alimentar, circula com a colega pelos corredores da escola, vai ao banheiro e fica parado num canto da escola na espera pelo término do recreio. Durante algumas das minhas observações eu o questionei sobre o motivo de não conversar com outros colegas, e o porquê dele ficar apenas com uma colega. Prontamente, ele me responde: - Eu me acostumei. Não gosto de conversar com muita gente.” Na fala de Mário trazemos mais uma vez, a lógica da integração, o ator é reconhecido na medida em que ele está integrado. As diferenças entre os estudantes criam no espaço escolar: oposições e barreiras. O estudante entrevistado foi obrigado a se decidir diante da difícil escolha entre a disciplina e a sociabilidade.

Finalmente, falaremos sobre Paulo e o momento de sua reprovação. A interdição para o estudante se deu mais adiante comparado com os outros dois entrevistados neste estudo. O jovem não conseguiu ser aprovado do 8º ano para o 9º ano do ensino fundamental. Ele teve que repetir todo o 8º ano na escola pesquisada. O principal fator de não ter sido aprovado foi, segundo Paulo, devido a “bagunça demais e ir na dos outros”.

Ao se referir às formas de aprender, o jovem afirma que consegue aprender copiando “só de vez em quando”. Ele afirma ter dificuldades de prestar atenção em tudo durante as aulas e, por isso, “eu conversava demais. Eu não fazia nada. Eu ia para a diretoria direto, chamavam minha mãe. Ela me xingava. Conversar é muito bom, mas os professores acham ruim demais. Nossa! Nas aulas a gente ficava zoando o outro, brincando.”

6.4. Os projetos de futuro e saberes juvenis

Diante da análise do perfil e das vivências juvenis dos entrevistados na escola, pretendemos nesta seção apresentar nossa perplexidade perante os não-sucessos obtidos por eles em seus percursos escolares. Finalizaremos nossa investigação apresentando as potencialidades juvenis denominadas como: projetos de futuro e saberes juvenis.

O nosso primeiro entrevistado: Ukeme Taiyo desde muito pequeno queria muito ser bombeiro. No entanto, de uns anos para cá, surgiu uma vontade muito grande em seguir carreira no exército ou na polícia por ser um trabalho muito bonito, embora perigoso. A vontade não é por prazer, e sim, uma forma encontrada por ele para conseguir dinheiro.

Pesquisadora: Entendi. E o que que pensa assim em relação ao seu futuro? Aos seus projetos assim, Da sua vida mesmo.

Ukeme: Eu desde pequeno eu sonho, sonhava muito em ser bombeiro.

Ukeme: Aí esses anos pra cá eu fui lá e decidi ir pro exército.

Ukeme: Eu quero muito ir pro exército. Mas caso não dá, eu quero tentar uma profissão nas redes social. (...)

Ukeme: No momento eu estou querendo ir pro exército.

Pesquisadora: É?

Ukeme: Eu quero muito. Não é que eu quero muito. Se eu não conseguir também, eu vou tentar entrar na polícia, é um trabalho muito bonito também, muito perigoso, mas é um, eu tenho vontade, porque trabalhando lá eu posso ganhar bastante pra eu poder comprar os monitores, os PC, para me poder começar em uma carreira no que eu realmente quero, é, o meu sonho é trabalhar com o que eu gosto, que é trabalhar jogando, jogando vídeo game. Uma coisa que eu amo é jogar, porque, tipo, desenhar é um hobbie, mas pra mim, jogar é como uma arte, no meu ponto. Como meu pai tem a arte dele, eu tenho a arte que é jogar e jogando pra mim é muito bom porque eu jogo os meus sentimentos no jogo e o jogo me devolve como felicidade, porque me deixa mais alegre, mais esperto, porque jogando muitas vezes você tem que pensar. (...)

Sendo assim, poder construir seus sonhos, seus caminhos e fazer o que realmente gosta de fazer. Ele precisa de dinheiro, pois precisa comprar seu computador desktop e monitores. E assim realizar seu grande sonho que é ter uma profissão de Gamer nas redes sociais. No mundo virtual sua profissão seria jogar on-line e transmitir os jogos em “lives na twitch”. A Twitch é uma das maiores plataformas *on line* de streaming de jogos do mundo. Nesta plataforma, o jovem entrevistado poderia

transmitir seus jogos e interagir com os seus seguidores virtuais. A sua fonte de ganhos viria através da doação de pessoas e empresas que assistiriam suas transmissões, assinatura de seus espectadores (fãs), além da promoção de anúncios de marketing no qual divulgaria produtos e marcas parceiras.

A ideia de Ukeme sobre exercer a profissão de Gamer na Twitch nos remete a influência que as redes sociais e as demais novas formas de comunicação virtual têm tido na cultura juvenil. A criação das plataformas digitais de jogos on-line suscitam uma relação bidirecional acerca do uso da internet pelos jovens. Ao mesmo tempo que as redes sociais tem como finalidade a promoção da interação e a socialização dos jovens em grupos. Vimos também, na comercialização, aquisição de produtos, serviços por meio da internet e o marketing digital concentrados na trajetória de alguns jovens “bem sucedidos financeiramente no universo dos jogos virtuais. Em razão disso inserimos um questionamento acerca da vontade de muitos jovens em querer ser streamer, blogueiros(as) ou influenciador(a) digital é por necessidade ou oportunidade. De acordo com o teórico Guerreiro Ramos temos que traçar um paralelo entre estas duas situações: “o comportamento é aquele que é socialmente condicionado à mercê de eventos episódicos, ficando à mercê de necessidades e contingência; motivado por conveniência ou necessidade. (GUERREIRO-RAMOS apud BULGACOV et al., 2011, p.701)

Nesse sentido, o desejo de Ukeme em ter um Pc Gamer está relacionado a fazer live na Twitch sobre jogos e por uma necessidade financeira, o jovem vê nos jogos digitais uma oportunidade de mudança. Ele gosta muito de jogar e afirma que sabe jogar muito bem, e se fizesse um canal de interação jogando online com outros jogadores, poderia ganhar dinheiro e quem sabe, poder viver de jogos. Na fala abaixo do jovem pesquisado podemos observar a influência e “uma troca mais profunda entre os modos de ser jovem e as linguagens midiáticas. (...) O que temos então é uma “afetação” de mão dupla entre a linguagem midiática e a linguagem cotidiana dos jovens.” (SOUSA, 2014, p.76)

Ukeme: porque é fácil, pra mim é fácil

Pesquisadora: Hum rum

Ukeme: jogar e ganhar dinheiro

Pesquisadora: Hum rum

Ukeme: tem muito YouTube, muito pessoa que fazem live que é milionário fazendo só vídeo no YouTube.

Diversos são os temas dos jogos dos quais Ukeme pratica e se diverte na internet. Ele não gosta de jogos de tiro, como por exemplo, *Freefire*. O jovem se diz mais familiarizado com jogos com histórias de terror, suspense e alguns com histórias mais leves onde o jogador controla uma garotinha considerada como a “parqueira dos espíritos” que navega pelo mundo procurando seus familiares, e estes a ajudam a encontrar o caminho certo - só para passar o tempo.

O jovem relaciona os jogos virtuais a ações de interação, ação compartilhada e um lugar onde pode estabelecer relações e laços afetivos de amizades. O envolvimento afetivo e emocional do jogador com o jogo é o que podemos sentir ao ouvir o jovem entrevistado sobre o que os jogos virtuais representam em sua vida. Ele ama jogar e as horas dedicadas ao desenho é um hobbie. Ukeme os tem como uma arte. Assim como seu pai tem a arte dele, o jovem tem a dele que é jogar. Nos jogos estão seus sentimentos, e no ato de jogar são lhe devolvidos felicidade, pois sente mais alegre, esperto. Em suas palavras, o jogo te faz muitas vezes pensar.

Além de podermos considerar o jogo como um elemento estruturante da cultura, em Calleja (2007:2011 apud Cruz, 2012, p. 20) nos deparamos com 6 dimensões apontadas no envolvimento com o jogo. Os jogos virtuais não podem ser vivenciados isoladamente e sim somente em relação uma à outra. O autor relaciona performance (controles do jogo), envolvimento espacial (se refere às qualidades do engajamento no ambiente virtual), envolvimento narrativo (engajamento do jogador com as histórias que produziram o jogo), o envolvimento afetivo (diferentes alterações afetivas produzidas pelo jogo) e finalmente o envolvimento tático (correspondente ao engajamento do jogador nas escolhas e decisões). Na narrativa do jovem entrevistado é possível perceber a inter-relação de todas estas dimensões.

Entretanto, a visão dos adultos sobre os jogos infelizmente não é a mesma do nosso jovem entrevistado. De acordo com Ukeme, os jogos estão relacionados à atentados violentos, além de serem vistos como racistas. Sendo assim, deixam as crianças e adolescentes expostos e vulneráveis, pois os induzem a práticas e atos delinquentes. Este pensamento é também compartilhado por alguns membros da família do jovem. Sua família tem muito preconceito com a prática de jogar virtualmente. Isso se deve a

vários casos e/ou eventos veiculados nacionalmente e internacionalmente sobre a relação dos jogos à atentados violentos com armas.

Em nossa entrevista, Ukeme se recorda do “Massacre de Suzano”, ocorrido no ano de 2019. Quando um adolescente (ex-aluno) e um amigo invadiram encapuzados uma escola estadual e mataram 5 estudantes e duas funcionárias (uma professora e uma coordenadora pedagógica). Em seguida, um dos assassinos atirou no comparsa e, então, se suicidou. As emissoras de Tv e internet noticiaram exaustivamente o crime.

O jovem também se recordou de um outro massacre ocorrido dentro de uma igreja, no qual várias vidas foram ceifadas violentamente. Segundo o jovem, este último atentado estava relacionado a intolerância religiosa. No entanto, de acordo com o participante de nosso estudo, a veiculação midiática deste crime relacionou o crime ao jogo virtual: *GTA - Grand Theft Auto*. Conforme Ukeme cabe ressaltar que embora no GTA a temática esteja voltada para assaltos e outros crimes, o jogo em si não mostra como realmente é, mas sim como uma mente criminosa deveria agir, porém ao jogá-lo, você nunca é induzido a fazer isso em casa. Ukeme o vê como uma simples simulação. As pessoas tratam os jogos virtuais como algo perigoso. A reação de sua família sobre os jogos foi a de proibir o entretenimento em casa. Esse período foi para o jovem como um tempo muito estressante. Na verdade, seus pais o entenderam, pois já sabiam que aquilo era apenas um jogo, um passatempo. No entanto, sua tia (2ª mãe) via tudo isso com muita preocupação. Ele fala que ela lhe tirou todos os tipos de jogo, até a televisão. O medo a fez achar que aconteceria o mesmo com o sobrinho.

A finalidade dos jogos virtuais na vida do jovem não está associada ao ódio, uma forma de você aprender a matar outras pessoas na vida real ou “deixá-lo mais burro”.

O jogo para muita gente que trabalha nessa área, é um modo de arte, é um modo de..., porque caso muita gente não sabe, mas o Um jogo de terror pra outras pessoas se assustarem e se divertir ao mesmo tempo. Porque jogo de terror tem os seus memes, suas diversões e tem os seus terrores, seus sustos, coisas na sua cara como demônio, essas coisas e as pessoas cria pra divertir outras pessoas, nem divertir, muitas vezes as pessoas faz jogo de graça, não ganha nada em cima disso, faz por diversão. E fazer jogo é uma grande honra hoje em dia, porque muita gente hoje em dia trabalha nessa área, e tem orgulho de falar que é jogador, que trabalha que é streamer porque eu quero ser streamer pra poder gravar jogos, conversar com outras pessoas que eu nunca vou ver, mas que vai me apoiar e poder crescer numa comunidade que eu tenho certeza que eu vou adorar, é, bom, é uma coisa

ótima.

Indiretamente, o estudante afirma já ter tido um canal no Youtube, voltado a mostra de desenhos feitos por ele. A ideia surgiu diante dos momentos difíceis vividos e passados na escola e na vida. A arte era catarse emocional: “descontar tudo que aconteceu na minha vida, eu desenhava”. Em sua casa, ele ainda tem muitos desenhos daquela época em sua casa. A decisão de postar na internet é que lá ele podia mostrar seus desenhos inspirados em animes, não só no Youtube, mas também, no Instagram. Depois de um tempo, Ukeme decidiu excluir todos os vídeos, pois futuramente pretende retomar tudo novamente, assim que tiver condições financeiras para comprar um bom computador, uma boa gravadora para começar a gravar vídeos, aí sim poderá retomar o seu projeto. Recentemente o nosso entrevistado tem aprendido a desenhar “com a cabeça”, e pensa em um personagem. Sozinho tem praticado fazer a mão e o pé.

Os projetos de futuro de Mário são um pouco diferente: “Assim que eu terminar o ensino médio eu vou fazer uma faculdade e trabalhar e eu tenho muita vontade também de viajar, assim que eu formar, inclusive pra fora do Brasil.” Após a conclusão do seu processo de escolarização na educação básica, ele pretende fazer um curso de graduação em Engenharia Mecânica. Ele afirma ter muito conhecimento nessa área, embora nunca tenha de fato colocado “as mãos na massa”.

Em outras palavras, o jovem considera ter “muito conhecimento, mas experiência não, experiência de já ter pego e feito sabe, nunca fiz.” Uma das fontes desse saber foi recebida através da sua relação e afinidade com um tio e um primo que possuem uma oficina mecânica. E também pelo fato de seu pai gostar muito de mecânica e mostrá-lo vários vídeos sobre engenharia. Esta interação e estabelecimento de novos canais de comunicação entre pais e filhos, de acordo com Sousa (2014, p.199) promove vínculos afetivo-relacionais. Em sua rotina familiar, seus pais o incentivam muito a ler: “muito livro didático, livro de leitura de texto, quadrinho, revista, jornal, assistir televisão: esses jornais.” Como também lhes mostram muito conteúdo na internet. Os conteúdos são visualizados virtualmente na plataforma de vídeos: Youtube. A vontade de fazer um curso superior é porque ele “vinha vendo muitos vídeos de engenharia mecânica, essas coisas” e aí nas palavras dele: “gostei pra caramba. E também

porque é uma profissão que gera muito lucro.” Estas razões o fizeram ter mais vontade de pesquisar, de saber e se interessar em trabalhar como engenheiro mecânico.

Quando Mário fala sobre viajar, vejo nos seus olhos um brilho, uma vontade imensa de explorar o mundo. O sonho de viajar para fora do país é porque tem muitos amigos morando nos Estados Unidos, além de sua “vontade própria também.” Além de viajar com objetivo de conhecer diferentes lugares, ele considera o trabalho em um outro país como fonte de renda. O jovem acha que “além das coisas serem mais baratas, item doméstico, as coisas,” considera também, lá “fora” como um lugar de oportunidades, visto que “às vezes tem coisa que não consegue aqui no Brasil, mas lá eu posso conseguir”.

A percepção positiva sobre os Estados Unidos vem do gostar e admiração pela cultura americana exibida em filmes internacionais. Mário afirma ver em praticamente todos os filmes uma identificação com a realidade no país. Ele os compara com a vida real e acha tudo muito igual.

Por fim, encerramos a categoria Projeto de futuro com a narrativa de Paulo. O jovem deseja concluir o ensino médio, encontrar um serviço e ser feliz. Uma análise superficial acerca do último jovem entrevistado pode nos levar de início a uma interpretação equivocada e simples. Entretanto, ao aprofundarmos o debate sobre as futuras ações dos jovens pertencentes a esta faixa etária, somos levados a perceber quanta riqueza e lucidez existe nos planos de vida do nosso último entrevistado. A curto prazo, vimos no horizonte de Paulo: o diploma do ensino médio. E para isso, mesmo após ter encontrado barreiras pelo caminho, o jovem se mantém firme e certo de seu objetivo. Mais à frente, a médio prazo, Paulo planeja encontrar um trabalho, pois quer muito ajudar financeiramente sua família e também sobreviver. Ou, seja, mesmo não exemplificando e materializando seus sonhos materiais, contrariamente ao desejo de muitos jovens que querem um celular, um tênis legal ou sair com amigos, o jovem entrevistado se vê imerso no mundo do trabalho, após concluir o ensino médio. E paralelamente a isso tudo, o entrevistado deseja ser feliz. Podemos pensar em vários elementos para compor a cena sobre o que é ser feliz para um jovem com uma trajetória de vida tal como a do “nosso Paulo”, mas isso nós deixaremos para um outro estudo.

7. CONCLUSÃO

Esta pesquisa propôs compreender os sentidos da escola para jovens com idade de 15 a 17 anos, especificamente, os estudantes do sexo masculino matriculados no 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, buscando o seu olhar sobre as experiências ditas como fracasso escolar. Para tanto, procuramos conhecer e refletir quem eram os estudantes da escola pesquisada e quais as dimensões do ser jovem interferiam ou se relacionavam com a cultura escolar.

A pesquisa constituiu-se em intensos momentos de aprendizagens, seja na riqueza dos dados quantitativos coletados, seja no processo de realização e análise das narrativas dialógicas realizadas com os três jovens entrevistados. Dado ao contexto pandêmico ocorrido em razão do surgimento da Covid-19, entendemos que nem tudo foi possível traduzir nesta pesquisa. Nesse sentido, podemos dizer que nas análises apresentadas trazemos apenas uma visão possível do que pôde ser observado. Sendo assim, diante da complexidade das questões iniciais que nos trouxeram até aqui, chegamos ao final desse processo de escrita com a sensação de que as perguntas não se esgotaram. Muito se diz sobre os jovens, entretanto, pouco paramos para ouvi-los. Por isso mesmo, nosso estudo trouxe muitas descobertas e achados advindos da pesquisa quantitativa, como também da análise qualitativa das entrevistas, que por sua vez, surgiram das falas dos entrevistados. Sendo assim, tentaremos sintetizar algumas de nossas considerações a partir de agora.

Inicialmente, constatamos que uma série de fatores interferem nas relações dos estudantes com a instituição escolar, bem como os significados e sentidos atribuídos à experiência escolar. A participação voluntária dos 15 (quinze) estudantes pesquisados na E. E. Esperança nos deu a oportunidade de conhecer aspectos relacionados ao seu ingresso na rede pública de ensino, como também nos

possibilitou compreender os vários processos de socialização aos quais os jovens estão inseridos simultaneamente em diversos contextos.

Inicialmente tivemos como percurso metodológico a entrevista narrativa na qual objetivava trazer para o campo acadêmico através das falas dos entrevistados a reverberação dos saberes juvenis. Entretanto, após a sua realização e a qualificação deste trabalho, tivemos que retornar ao campo de pesquisa e com isso, lançamos mão da entrevista dialógica com a proposta de trazer com mais intensidade os sentidos e significados dos sujeitos a partir das poucas palavras ditas no primeiro encontro. E isso nos leva a perceber que, na pesquisa com e para os jovens, a dimensão do encontro não deve ocorrer apenas uma vez.

Deslocados para um segundo momento de entrevistas, porém, desta vez, dialógicas, os sujeitos produziram narrativas dotadas de sensibilidade e saberes em seu discurso. E nesse 2º momento denominado como entrevista dialógica, a condução foi feita pelos sujeitos entrevistados. A existência e localização deles nas camadas populares pode ser facilmente verificada quando analisamos os dados estatísticos não só nas esferas: federal, municipal e estadual, como também nas informações e dados coletados acerca das famílias dos estudantes pesquisados. Esses dados quantitativos nos levaram a sugerir uma alta probabilidade de que as condições de vida, de moradia e de acesso a vários serviços básicos de saúde e alimentação podem estar comprometidos. Condições de desigualdades sociais que podem ter sido aprofundadas e acirradas pela pandemia da Covid-19 que se repercutem nas escolas com a negligência e ausência de políticas públicas que busquem diminuir os altos índices de reprovações desta faixa etária.

Entretanto, o que pudemos ver em suas narrativas os coloca em um outro lugar permitindo e ressaltando a necessidade de termos um olhar mais sensível na escola. Nesse sentido, mesmo tendo terminado aqui o nosso estudo, continuamos a nos interrogar sobre o papel da escola e a legitimação dos conhecimentos. Desta forma, pensamos ser necessário o estabelecimento e o compromisso da escola em ouvir os sujeitos-estudantes através de atividades que se iniciariam com a formação docente. O trabalho precário e burocrático docente faz com que os professores se distanciem e, conseqüentemente, não tenham tempo para esse “exercício da escuta”.

Nesse sentido, foi verificado que no contexto escolar as desigualdades educacionais dos estudantes pesquisados são interpeladas pelas desigualdades sociais e estas se tornam mais evidentes quando os adolescentes chegam no 6º ano do ensino fundamental. Esta passagem para o Ensino Fundamental II, considerada um “novo ciclo” foi caracterizada pelos nossos entrevistados como um período “muito difícil”, especialmente pela presença de muitos professores e disciplinas. Esta afirmativa vai ao encontro dos dados quantitativos obtidos no sentido de que é 6º e no 9º ano estão localizados o maior número de retenções.

Ainda sobre o início do 2º ciclo do ensino fundamental destacamos, também, a relação dos jovens pesquisados com a escola como instância socializadora. Ao narrarem sobre as suas vivências ocorridas dentro e fora da escola, pudemos perceber um entrecruzamento de experiências com as amizades. Os amigos estiveram presentes em vários tempos e espaços. A sua importância pode ser percebida e sentida quando os jovens passaram por uma ou até mesmo, duas reprovações escolares. Diante das inúmeras perdas, as amizades perdidas foram relacionadas pelos três entrevistados. Isso denota e nos faz refletir sobre o papel da escola na vida dos estudantes como espaço do encontro, no qual os estudantes se apropriam, se constroem, reconstroem e se relacionam com seus pares. Diante disso, também nos interrogamos sobre “quem” e o “que” fica para trás quando um estudante se depara com uma interdição na figura da reprovação escolar.

Entretanto, analisando as práticas escolares tais como: homogeneização dos alunos repetentes, as etapas e processos dos estudos de recuperação, o nosso estudo pode perceber nas narrativas dos jovens entrevistados, a forma como a exclusão tem se dado no interior da própria instituição escolar. O estabelecimento de pontos de diálogos com os estudantes poderia contribuir para a adequação das necessidades e demandas dos estudantes. Isso possibilitaria uma mudança na percepção dos acontecimentos, conflitos e fatos que afetam a todos dentro do ambiente de ensino. Nas entrevistas realizadas pudemos compreender a necessidade do acolhimento e da escuta sensível como possibilidade de mudança na maneira como são percebidos estudantes desta faixa etária e com trajetórias de vida interditas dentro da escola.

Além disso, nossos sujeitos apontaram um senso de criticidade e conhecimento através das suas experiências de passagens em diversos processos socializadores simultâneos tais como: redes sociais, família, experiência no mundo do trabalho e amigos. Na narrativa dos entrevistados podemos interpretar que não há uma unicidade em sua socialização. E sim, a compreensão de que os estudantes estão inscritos, mas nunca totalmente inseridos e nem completamente socializados em cada processo. E essa sensação de incompletude que permite ao sujeito gerir e construir sua própria identidade. O modo como o jovem entrevistado se vê, se percebe e se visualiza nas narrativas dialógicas realizadas neste estudo reafirma a necessidade de deslocarmos e reconstruirmos as práticas escolares e quais os saberes devem ser incorporados na cultura escolar.

Quando nos deparamos com nossos entrevistados trazendo saberes e projetos de futuro tão alinhados com a cybercultura (mundo virtual) percebemos o quão distante está o universo escolar da realidade juvenil. Eles apontam para o reconhecimento por parte da escola com vistas a promover a incorporação destas novas formas de interação, saberes e sensibilidade nas atividades escolares. A entrevista dialógica nos diz muito sobre um dos maiores desafios: "(...) essa nova ambiência comunicativa inaugura novas formas de produzir e processar saberes, favorece novas formas de interação e remodela os modos de ser jovem-aluno na contemporaneidade." (SOUSA, 2014, p. 362)

Após todas essas discussões, com este trabalho, espera-se contribuir, de alguma forma, para a ampliação e compreensão da necessidade de as escolas buscarem promover a reflexão de quem são os jovens de 15 a 17 anos que sentem dificuldade em progredir nos estudos nos anos finais do ensino fundamental. Como também perceber o efeito que determinadas práticas pedagógicas têm produzido nestes indivíduos. E, com isso, evidenciar a importância das relações sociais e de um bom diálogo no cotidiano escolar, que podem corroborar para a conclusão dos percursos escolares na vida dos estudantes, como também para a superação das desigualdades escolares e sociais.

Ao final de nosso estudo, podemos apontar o surgimento de questões que podem dar origem a futuras pesquisas sobre jovens da faixa de 15 a 17 anos e a sua relação com

a escola: Como a escola pode incorporar através de ações e práticas escolares as aprendizagens indiretas que os jovens têm e trazem de outros processos socializadores? Ou ainda, quais os meios de aprendizagem poderiam ser mobilizados para promover e reconhecer a singularidade de cada estudante, e com isso, reduzir ou abolir a repetência? Visto que esta é uma prática de ensino injusta, ineficaz e que “afeta os alunos mais desfavorecidos, mesmo quando estes são tão competentes quanto seus colegas mais favorecidos.” (CRAHAY, 2013, p.880) Torna-se urgente, o exercício de nos interrogarmos sobre as relações sociais no espaço escolar, e repensarmos novas formas dialógicas com a finalidade de tecermos uma relação com os saberes entre a escola e as pessoas.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED n. 5-6, p. 25-36, 1997.

ABRANTES, Pedro. **Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade**. Oeiras: Celta, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Ed. MMM, 3ª Ed., 2012.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; XAVIER, Flavia Pereira. Indicadores multidimensionais para avaliação da infraestrutura escolar: o ensino fundamental. **Cad. Pesquisa.**, São Paulo: v. 48, n. 169, p. 708-746, Set. 2018.

ARAÚJO, G; OLIVEIRA, R.P. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 12/01/2006

ARROYO, Miguel G. **Vidas Ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência**. Petrópolis, Vozes, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R. **Consequências da repetência sobre o desempenho educacional**. Brasília: Ministério da Educação. Projeto de Educação Básica para o Nordeste. 1998.

BAULER, Silvia Regina Godinho. **O Futebol faz rolar mais do que uma bola: Um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana**. Dissertação elaborada como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano do curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS. 2004.

BOTIA, Antonio Bolívar. “¿De nobis ipsis silemus ?”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Vol. 4, N°1, 2002.

BOURDIEU, P. & CHAMPAGNE, P. Os excluídos no interior. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Orgs.). **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: Elementos para uma teoria de ensino**. Tradução: Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 3ª edição, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A “Juventude” é apenas uma palavra - Entrevista com Pierre. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983, p. 112-121.

_____, Pierre. A escola conservadora. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. 7ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 b.

_____, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Censo Escolar** /INEP 2020. Disponível em: <http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/> acessado em 13 de julho de 2021.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9394/96**. 20 de Dezembro de 1996.

_____. **Lei nº 10.172**. PNE- Plano Nacional de Educação. 09 de janeiro de 2001.

_____. **Emenda Constitucional nº 59 de 11 de novembro de 2009**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm#art6

_____. **Planejando a Próxima Década Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE), 2014.

_____. Secretaria Nacional de Juventude. **Estação Juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. ABRAMO, Helena Wendel (org.). Brasília: SNJ, 2014.

_____. **Resolução CNE/CEB nº03 de 15 de junho de 2010**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5642-rceb003-10&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192 acessado em 18 de junho de 2021.

CARRANO, Paulo César. Educação de jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, v.1, nº0, p.55-67, ago. 2007.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. Trad. Ruth Rissin Josef. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. **Da relação com o saber. Elementos para uma teoria**. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COSTA, P. & Pereira, B. O bullying na escola: A prevalência e o sucesso escolar. In: L. Almeida, B. Silva & S. Caires (Orgs.) **Actas do I Seminário Internacional Contributos da Psicologia em Contexto Educativo**. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho, p.1810-1821, 2010. ISBN: 978-972-8746-87-2.

CRAHAY, Marcel. Como a escola pode ser mais justa e eficaz? **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 03, n. 01, p. 9-40, jun.2013. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/viewFile/202/231>

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 30 dez.2021.

_____. Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**, 2012. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> > Acesso em 30 dez. 2021

CONJUE. Conselho Nacional de Juventude et al (Org.) **Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006.

CORREA, Erisson Viana; BONAMINO, Alicia; SOARES, Tufi Machado. Evidências do efeito da repetência nos primeiros anos escolares. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 25, n. 59, p. 242-269, 2014.

CORREA, Lycinia Maria. **Entre apropriação e recusa: os significados da experiência escolar para jovens de periferia urbana**. São Paulo: editora Unesp, 2011.

_____, Lycinia Maria. **Investigando a relação jovens, família e trabalho: aspectos que permeiam a exclusão escolar juvenil e o ensino médio**. 36ª Reunião Anual da ANPED, Goiânia – GO, 2013

CORREA, Lycinia Maria et CARMO, Helen Cristina do. O Ensino médio no Brasil: Desafios e perspectivas. **Cadernos temáticos: juventude brasileira e ensino médio**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014.

DAVIES, Nicholas & ALCÂNTARA, Alzira Batalha. **Fundeb: uma avaliação da evolução do número de matrículas e escolas na educação básica**. Revista Fineduca. São Paulo, vl. 10, nº 27, p. 1-20, 2020.

DIEHL, Astor Antônio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: _____ (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Set/Dez, 2003, n 24, pp. 44-52.

_____, Juarez Tarcísio. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

_____, Juarez (org.) **Por uma pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

_____, Juarez T. & JESUS, Rodrigo Ednilson. Juventude, ensino médio e processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.-jun., 2016.

_____. Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Os jovens de 15 a 17 anos: características e especificidades educativas. In: JOVENS de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental: **Caderno de reflexões**. Brasília: Via comunicação, MEC/SEB, 2011.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539–555, 2004.

DUBET, FRANCOIS. **O que é uma escola justa? A escola das oportunidades**. Tradução: Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008.

DUBET, F. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.119, p.29-45, jul. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a02.pdf>

ERNICA, Maurício; RODRIGUES, Erica Castilho. Desigualdades educacionais em metrópoles: território, nível socioeconômico, raça e gênero. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, 2020.

FANFANI, E.T. **Escola Jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio**. In: **Seminário Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Coordenação Geral de Ensino Médio, MEC: Brasília/DF, 2000.

FEIXA, Carlos & LECCARDI, Carmem. O Conceito de Geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília: Vol. 25, nº 2, maio/agosto, 2010.

Ferreira, V. S. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde & Sociedade**, 23(3): 979-992, 2014.

FORACCHI, Mariaalice Mencarini. **A Juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, n. 5, p. 28-49, 1992.

FERREIRA, Vítor Sérgio. **Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra. 37ª edição, 2016.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 25ª ed. 2002.

FLICK, Uwe. Tradução: Sandra Netz. **Uma Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman- 2ª ed., 2004.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Org.). **Pesquisa: leituras de Mikhail Ciências humanas e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, p. 39-56, 2003.

GIL, Natália de Lacerda. Reprovação e repetência escolar: A configuração de um problema político-educacional. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 37, 2015, Florianópolis-SC, **Anais da ANPED**. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos>. Acesso em: 03 de Mar. 2021.

GODOI, Renan Saldanha. Jovens do sistema socioeducativo: singularidade, percursos biográficos e experiências de escolarização. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 38, 2017, São Luis- MA, **Anais da ANPED**. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT03_1095.pdf. Acesso em: 03 de mar. 2021.

GOODSON, Ivor F. Trad. **Narrativas em Educação: a vida e a voz dos professores**. Portugal: Porto Editora, 2015.

GOMES, Alberto Albuquerque. A escola pública: formas de exclusão e de controle. **Perspectiva em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**. Naviraí, vol. 01, nº 01 págs. 1-13, jan-jun., 2014.

Gomes, E. E. (2007). No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. **Cadernos CERU**, n 18, 69-89. <https://doi.org/10.1590/S1413-45192007000100005>.

GROPPO. Luís Antônio. **Juventudes: sociologia, Cultura e movimentos**. Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, 2016.

_____. Luís Antônio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GUERREIRO-RAMOS, A. A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações. In: BULGACOV, Yára Lucia M. et al. Jovem empreendedor no

Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão? **Revista de Administração Pública (RAP)**. Rio de Janeiro, nº45, p. 695-720, maio/jun. 2011

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2015.

JR, Carlos Antônio Giovinazzo. Formação no ensino médio, escola e juventude: preparar para quê? In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 37, 2015, Florianópolis-SC, **Anais da ANPED**. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos>. Acesso em: 03 de Mar. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). Cerqueira, Daniel Ricardo de Castro, Coordenador et al. **Atlas da violência 2020**. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2020.

LIMA, Maria de Fátima Magalhães. Transição para o ensino médio: Relação entre política de correção de fluxo e trajetórias escolares. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 38, 2017, São Luis- MA, **Anais da ANPED**. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38a_nped_2017_GT14_1103.pdf. Acesso em: 03 de mar. 2021

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo – SP: Editora Ática, 1997.

LIMA, Márcia. “Serviço de ‘branco’, serviço de ‘preto’: o lugar da cor no mercado de trabalho. XXVI **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS 2002**, Caxambu – MG, 2002.

LIMA, Maria de Fátima Magalhães. **Transição para o ensino médio: Relação entre política de correção de fluxo e trajetórias escolares**. 38ª Reunião Anual da ANPED, São Luís- MA, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____, Clarice. Org. VASQUEZ, Pedro, Karp. **Crônicas para jovens: de escrita e de vida**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. **Revista Educação e Sociedade**. Págs 59-76. Jul/dez, 2000.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

Lucina. Porque sim, Porque não? In: Luli & Lucina. **Porque sim, Porque não?** Rio de Janeiro: Leblon Records, 1991. Faixa 1. Cd.

LUNA, Sérgio. **Planejamento de pesquisa: uma introdução – elementos para uma análise metodológica**. São Paulo: EDUC, 2002.

MACHADO, D.C.; GONZAGA, G. O impacto dos fatores familiares sobre a defasagem idade-série de crianças no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, 2007.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia do Conhecimento**. Trad. Maria da Graça Barbedo. Portugal: Porto, Rés Editora. 1952.

MARQUES, L. F., Dell'aglio, D. D., & Sarriera, J. S. O tempo livre na juventude brasileira. In R. M. Libório & S. H. Koller (Orgs.). **Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira**. São Paulo: Casa do psicólogo, p.79-106, 2009.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

MORAES, Cineri Fachin; STECANELA, Nilda. **Jovens e o cotidiano do ensino médio: a pesquisa na escola para além de uma curiosidade ingênua**. 38ª Reunião Anual da ANPED, São Luís- MA, 2017.

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a Educação**. 4ª ed.; 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NOSSA BH, Instituto. **Mapa das desigualdades: Belo Horizonte e Região Metropolitana de Belo Horizonte** - 14 municípios. Belo Horizonte, 71 páginas, 2021.

OLIVEIRA, Heli Sabino de & OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de. Juventudes, Periferias e o debate teórico acerca dessa temática no campo da educação. **Ensaios Filosóficos, Volume XIX** – julho, 2019.

PORTELLA, A. L.; BUSSMANN, T. B.; OLIVEIRA, A. M. H. de. A relação de fatores individuais, familiares e escolares com a distorção idade-série no ensino público brasileiro. **Nova Economia** v. 27, n. 3, p. 477-509, 2017. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/3138>. Acesso em: 23/03/2022

PAIS, José Machado. A Construção sociológica da Juventude: alguns contributos. **Análise Social**. Lisboa, v.15, p.105-106, 1990.

_____, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PEREGRINO, Mônica. Jovens, territórios e práticas educativas. **Revista Teias**: v. 12, n. 26 • 239-246, set./dez. 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

REIS, Juliana Batista dos; DAYRELL, Juarez. Transversalidade nos modos de socialização e individuação: uma jovem negra em movimento. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 37, 2015,

Florianópolis-SC, **Anais da ANPED.** Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/>. Acesso em: 03 de Mar. 2021.

SÁCRISTAN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAMPAIO, Gabriela Thomazinho Clementino; OLIVEIRA, Romualdo Luiz Portela de. Dimensões da desigualdade educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 31, n. 3, p. 511 - 530, jun. 2016.

SANTOS, D, et al. Educação Infantil e o Desenvolvimento Individual, **Journal of Development Studies**, Nº 53, 2016.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. (Org.) por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. **Coleção O Pensamento Político Brasileiro**. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, vl 3, 2011.

_____, Milton. **O Espaço do Cidadão**, 7. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTANA, Camila de Lima S. Adolescência e mídias digitais: considerações iniciais sobre a cultura digital e a educação. In: **II Seminário, Jogos Eletrônicos, Educação e Comunicação: construindo novas trilhas**, 2006, Salvador.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude Negra na EJA: o direito à diferença**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

_____, Natalino Neves da. **A (In)visibilidade da Juventude Negra na Eja: Percepções do sentimento fora do lugar**. 36ª Reunião Anual da ANPED, Goiânia – GO, 2013

SILVA, Santuza Amorim da; PÁDUA, Karla Cunha. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: Campos, Regina Célia Passos Ribeiro de. **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 105-126, 2010.

SOARES, Andreia Cristina da Silva. **O Diurno na Educação de Jovens e Adultos: Quem são esses sujeitos?** 36ª Reunião Anual da ANPED, Goiânia – GO, 2013.

SOARES, Enílvia Rocha Morato. **A Distorção idade-série e a avaliação: Relações**. 37ª Reunião Anual da ANPED, Florianópolis – SC, 2015.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Juventude(s), Mídia e Escola: ser jovem e ser aluno face à midiatização das sociedades contemporâneas**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção Castro. Da Condição Docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, nº 99, p. 426-443, maio/agosto. 2007.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: **Congresso Internacional sobre pesquisa (Auto) Biográfica**, II, 2006, Salvador: UNEB, 2006.

VALVERDE, Danielle Oliveira; STOCCO, Lauro. Notas para interpretação das desigualdades raciais na educação. In: BONETTI, Alinne de Lima; ABREU, Maria Aparecida A. (org.). **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Brasília: IPEA, 2011. p. 149-160.

UNICEF. **Os desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos**. Coordenação: Mario Volpi, Maria de Salete Silva e Júlia Ribeiro. Brasília, DF: UNICEF, 2014.

UNICEF. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: reprovação, abandono e distorção idade-série**. Brasília, DF: janeiro de 2021.

ZAGO, Nadir. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família-escola: tendências de pesquisas em sociologia da educação. **Revista Luso Brasileira de Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio. Edição especial, 2012b.

WAUTIER, Anne Marie. Para uma Sociologia da Experiência. **Uma leitura contemporânea: François Dubet**. Sociologias, Porto Alegre, n. 9, p. 174-214, jan. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 Apr. 2022.

9. APÊNDICES

Apêndice I. Termo de Anuência



TERMO DE ANUÊNCIA

Ilmo (a) Sr. Bruno Denis Ferreira / diretor escolar

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “*Narrativas de Jovens de 15 a 17 anos : seus saberes e insucessos escolares*” a ser realizada no (a) *Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais*, pelo aluno (a) de *pós-graduação Daniela Da Cruz Miranda Diniz*, sob orientação do Prof (a). *Dr (a) Karla Cunha Pádua - orientadora responsável*, com o(s) seguinte(s) objetivo(s): Compreender os sentidos da escola para jovens que têm suas trajetórias estudantis marcadas pelo insucesso escolar e os campos de tensão existentes entre seus saberes e a escola, necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem obtidos no setor de secretaria escolar para obtenção de dados relacionados à taxa de rendimento (proporção de alunos com aprovação, reprovação, distorção idade-série e abandono compreendendo o período de 2017 a 2019), como também aplicação de questionários para obter informações do perfil sociocultural e trajetória escolar desses jovens.

Solicitamos, também, autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Salientamos que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo. A pesquisa não acarretará despesas para esta Instituição, sendo esta, por sua vez, voluntária.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a colaboração, e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Belo Horizonte, 05 de abril de 2021.

DANIELA DA CRUZ MIRANDA DINIZ
Pesquisador(a) responsável

Apêndice II - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Responsáveis)



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEIS)

O(A) menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Narrativas de Jovens de 15 a 17 anos: seus saberes e insucessos escolares “. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é compreender e analisar como se constroem as trajetórias escolares de jovens entre 15 a 17 anos no processo de escolarização. Nesta pesquisa pretendemos: Identificar quem são os jovens de 15 a 17 anos que estão matriculados no 9º ano do ensino fundamental na escola pesquisada que vivenciam experiências ditas como fracasso escolar e como se relacionam com os seus saberes. Caso você concorde na participação do(a) menor vamos fazer as seguintes atividades com ele(a): preenchimento de um questionário para sabermos sobre as suas condições econômicas e sociais, faremos individualmente uma entrevista que acontecerá num espaço dentro da escola (biblioteca, pátio ou sala de aula), o dia e duração da entrevista será de acordo com a sua disposição. Você foi escolhido em participar porque acreditamos que suas vivências de vida e escolares irão contribuir para os estudos sobre jovens da sua idade que vivenciam situações conflitantes com a escola e acabam não concluindo seus estudos. É possível que durante esta pesquisa aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos como: de origem psicológica, intelectual e emocional: a. Possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; b. Desconforto em revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; c. Medo de sofrer discriminação a partir do for relavado; d. Vergonha; e. Estresse; f. Quebra de sigilo – divulgação de dados confidenciais; g. Cansaço ao responder às perguntas; e h. Quebra de anonimato – divulgação de imagem, ou quando houver filmagens ou registros fotográficos. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, como forma de minimizar tais riscos, serão avaliados a necessidade de adequar ou suspender o estudo em curso, visando oferecer a todos os benefícios do melhor regime. Além disso, visamos garantir o pleno acesso aos resultados individuais e coletivos, para minimizar desconfortos, garantiremos um local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, garantimos a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras). Como também asseguraremos a confidencialidade e a

privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico – financeiro. E por fim, Garantiremos que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes envolverem a comunidade em que você vive. Para participar desta pesquisa, o(a) menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o(a) menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele(a) nesta pesquisa, ele(a) tem direito a buscar indenização. Ele(a) terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo(a) menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo(a) participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e o fato em não deixá-lo(a) participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele(a) é atendido(a). Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do(a) menor não será liberado sem a sua permissão. O(A) menor não será identificado(a) em nenhuma publicação.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UEMG Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o(a) pesquisador(a) responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o(a) pesquisador(a) avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Belo Horizonte, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do (a) Responsável _____
 Assinatura do (a) Pesquisador (a)

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Nome Completo: DANIELA DA CRUZ MIRANDA DINIZ

Endereço: Rua Paraíba nº 232 – Santa Efigênia Belo Horizonte – MG Cep 30130-140

Fone: (31) 3029-5258 ou (31) 98887- 9070 Email: d.cmiranda36@gmail.com

Apêndice III - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para menores, crianças e adolescentes)



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (para menores, crianças e adolescentes)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Narrativas de Jovens de 15 a 17 anos: seus saberes e insucessos escolares” . Nesta pesquisa, pretendemos compreender e analisar como se constroem as trajetórias escolares de jovens entre 15 a 17 (matriculados no 9º ano do ensino fundamental) e como os seus saberes se relacionam com seus percursos notados como insucesso escolar. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é compreendida pelos fatores que permeiam as desigualdades no acesso e na permanência no ambiente escolar. Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): ter acesso aos dados a serem colhidos através da aplicação de um questionário socioeconômico e uma entrevista narrativa individual. Para participar desta pesquisa, o(a) responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo (se houver, indicar “FORMA DE RESSARCIMENTO”), nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O(A) responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a). O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS” (ou risco maior que o mínimo, se for o caso), sujeitos participantes da pesquisa ficarão assegurados por meio do uso de nomes fictícios. Compreendemos que os mesmos estarão disponíveis para qualquer esclarecimento no decorrer da pesquisa e que garantirão a total liberdade de retirar o consentimento em qualquer fase desta, sem que a instituição seja identificada e sem prejuízos para a mesma. Também estamos cientes de que a adesão à pesquisa é voluntária, podendo ser recusada a participação nesta a qualquer momento. A

pesquisa contribuirá para que as políticas públicas e a escola repensem suas práticas pedagógicas, irá também fomentar atividades e projetos que contribuam para a diminuição das reprovações e abandono escolar. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do(a) responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o(a) pesquisador(a) responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de assentimento será impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável no "LOCAL DA PESQUISA" e a outra será entregue a você. O(a)s pesquisadore(a)s tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12 e Nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e o(a) meu(minha) responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do(a) meu(minha) responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

DADOS DO(A) VOLUNTÁRIO(A) DA PESQUISA:

Nome Completo: _____

Endereço: _____

RG: _____ Fone: _____

Email: _____

Assinatura do(a) voluntário(a)

Cidade, data

DADOS DO(A) PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:

Nome Completo: _____

Endereço: _____

RG: _____ Fone: _____

Email: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Cidade, data

Apêndice IV- Questionário Sócio Cultural e trajetória Escolar

Olá!

Como já conversamos antes, sou uma pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais e realizo uma pesquisa sobre os saberes presentes nas narrativas de jovens de 15 a 17 anos matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental. Peço a sua colaboração na pesquisa, respondendo as perguntas do questionário abaixo. Asseguro que seu nome não será revelado e assumo o compromisso de utilizar os dados somente na pesquisa.

Pesquisadora: Daniela da Cruz Miranda Diniz

Orientador: Prof. Dr^a Karla Cunha Pádua

Data de aplicação: ____/____/2021 Hora: ____

1-Dados Pessoais

1.1. Qual é o seu nome?

1.2 Qual a sua idade? () 15 anos () 16 anos () 17 anos

1.3 Qual o seu sexo? () Feminino () Masculino

1.4 De acordo com as categorias raça/cor do IBGE(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) , você se declara :

() Branco () Preto () Indígena () Pardo () Amarelo

1.5 Onde você nasceu?

() Ribeirão das Neves () Belo Horizonte

() Em outra cidade ou estado. Qual? _____

1.6 Onde você mora?

Rua _____ nº _____ Bairro: _____

Cidade: _____

1.7 Há quanto tempo mora nesse bairro? _____Anos

1.8 Telefone : _____

2. Contexto sócio econômico

2.1 Sua casa é:

- () própria () alugada () emprestada
 () adquirida pelo Programa Minha Casa Minha Vida
 () de outro tipo. Explique _

2.2 Quantas pessoas moram com você? _____

2.3 Quantas pessoas são maiores de idade? _____

2.4 Quantas pessoas possuem alguma fonte de renda (salário, pensão, aposentadoria)? _____

Dados do(s) responsável (is)

Nome:	Nome:
Graú de parentesco:	Graú de parentesco:
Escolaridade: () Não estudou () Ensino fundamental (1º ao 5º ano) () Ensino fundamental (6º ao 9º ano) () Ensino Médio	Escolaridade: () Não estudou () Ensino fundamental (1º ao 5º ano) () Ensino fundamental (6º ao 9º ano) () Ensino Médio
Profissão:	Profissão:

2.5 Na sua casa, você possui algum equipamento abaixo? Pode marcar mais de uma alternativa:

- () Computador de mesa (desktop) () Tablet
 () Computador portátil (notebook ou laptop) () Celular (Smartphone)
 () Não possui nenhum equipamento

2.6 Na sua casa, como você tem acesso à internet?

- () Não tenho acesso à internet () Utilizo internet via rádio
 () Utilizo o plano de dados do meu aparelho celular
 () Utilizo internet via Cabo ou Fibra Ótica
 () Utilizo internet via satélite

2.7 Qual é a renda mensal de sua família?

- () Até 1 salário mínimo
 () De 1 a 2 salários mínimos
 () De 2 a 3 salários mínimos
 () Acima de 3 salários mínimos

2.8 Você tem filhos? () Sim () Não

Se sim, quantos? _____

Qual a idade deles? _____
 Os filhos moram com você? () Sim () Não
 Se não, com quem moram? _____

3. Contexto sociocultural

3.1 O que você costuma fazer no seu tempo livre?

Escolha as opções que representem o que você faz com maior frequência:

- () Fica em casa sem fazer nada () Dorme.
 () Vê TV () Ouve música
 () Joga videogame () Navega na internet no celular
 () Vai para casa de amigos/as () Frequenta bares/restaurantes
 () Vai à festas, bailes etc. () Lê
 () Joga bola no campo
 () Fica na rua, esquina ou praça conversando com amigos
 () Outro. O quê? _____

3.2 Você pratica alguma atividade esportiva? () Sim () Não

Se sim, qual? _____

3.3 Você participa de algum grupo ou de alguma atividade em sua comunidade? (Grupo de funk, banda de rock, grupo de *hip-hop*, grupo de pagode, grupo de teatro, time de futebol, grupo religioso etc.)?

() Sim () Não

Se sim, qual? _____

3.4 Você participa alguma religião? () Sim () Não

Se sim, Qual?

() Católica () Espírita () Candomblé () Umbanda () Evangélica ()

Outra. Qual _____

3.5 Você trabalha? () Sim () Não

() Estou desempregado/a

Se sim, o que você faz? _____

Onde trabalha? _____

Quantas horas por dia? _____

Quanto você ganha por esse trabalho? _____

Você gosta desse trabalho? () Sim () Não

Por quê? _____

3.6 Você costuma ajudar nas tarefas domésticas?

() Sim () Não

Se sim, quais tarefas você realiza?

4. Escolarização

4.1 Qual o tipo de instituição que você estudou a maior parte da sua trajetória

escolar:

- () Escola Pública () Escola particular
() Escola Particular com bolsa

4.2 Quantos anos estuda no MPA? _____

4.3 Você mora: () Perto da escola () Distante da escola

Você precisa pegar ônibus para chegar à escola? () Sim () Não

4.4 O que você faz durante o recreio?

4.5 Você tem amigos na escola? () Sim () Não

4.6 O que te motiva a frequentar a escola?

Que motivos o/a levam às vezes a faltar às aulas na escola?

4.7 Você já foi reprovado em algum ano na escola ? () Sim () Não

Se sim, em qual (is) ano(s) ?

() 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano

() 6º ano () 7º ano () 8º ano () 9º ano

Quais os motivos/causas que te levaram a reprovação naquele ano ?

4.8. Você já parou de estudar alguma vez? () Sim () Não

Se sim, por qual motivo parou?

Por que voltou a estudar?

Como seu nome não será revelado, crie um pseudônimo (nome fictício, apelido, etc.) para você

Apêndice V - Transcrição das Entrevista Narrativa e dialógicas

Ukeme – Transcrição da 1ª entrevista

Ukeme: É... bom, eu tô aqui desde o sexto ano de dois mil e dezesseis, no início da escola não foi muito fácil, porque eu acho que eu fiquei até metade do ano sem conversar com ninguém e ninguém conversava comigo também. Eu não sou bom de ficar puxando papo, essas coisas, mas aí eu fiz amizade com um garoto que era, ficava na minha frente, a gente puxou um assunto. Mais foi aí o resto do ano, foi tranquilo. Eu repeti de ano porque eu eu quis. Eu não tava fazendo nada, eu fui lá e repeti . Eu, aí depois foi passando o tempo eu fui pra... passei de ano de novo. Aí eu repeti, mas eu tava querendo muito passar, eu queria até, eu cheguei até chorar porque eu queria muito passar mesmo. É... depois que eu passei, é eu fiquei muito feliz, aí mais tudo que aconteceu mesmo foi só. Foi só rejeito mesmo. Ninguém conversava comigo, ninguém gostava de... acho que no máximo é isso mesmo. Eu não, pra mudar a escola eu acho que não tem nada pra mudar não. Eu acho que tá bom do jeito que tá. É né no máximo é isso mesmo. Muita coisa, às vezes, às vezes eu sofria bullying, mas era pouca coisa também. Eu não ligava, nunca liguei pra isso. Né? Mas foi mais ou menos isso. Eu conheço essa escola desde dois mil e dezesseis. E desde então eu tô aqui na escola. É né...

Daniela: E quando você entrou na escola lá trás no primeiro ano qual escola você estudou?

Ukeme: No Catavento, lá na avenida.

Daniela: Do mesmo jeito que você entrou aqui, que você disse que não gostava, ninguém gostava de você.

Ukeme: Eu acho que era um pouquinho pior.

Daniela: Por que você acha isso?

UKEME: No primeiro dia de aula foi legal o primeiro ano assim, mas o segundo começou a piorar porque eu desde pequeno eu tava sofrendo bullying também. Aí as professoras também batiam ne mim. Não batia. Era tipo judiava sabe? Pegava meu braço, beliscava tipo no primeiro dia de aula eu não sabia fazer aquelas bolinhas com

papel... papel fino sabe? Eu não mexia com cola, nunca mexi, aí eu coleí a folha toda, aí a professora tinha me beliscado, aí eu a mordi, aí ela falou, me puxou pra diretoria, aí explicou, minha mãe explicou, mas acho que desde sempre eu sempre fui quieto, sempre fui na minha. Minha mãe dizia que antes de eu ir pra escola, eu era uma pessoa muito extrovertida, brincava com todo mundo, eu sempre fui muito presente e sempre sorria. Depois que eu fui pra escola, eu fui, eu fui perdendo esse certo brilho, sabe? Aí depois eu fui pra escola aqui em baixo, aí depois nessa escola ela não mudou muita coisa também não, eu também eu também eu apanhava... não apanhava não, eu sofri um pouquinho na mão da professora, mais eu sempre contava pra minha mãe e sempre resolvia, até porque até a professora foi até expulsa, eu acho, eu acho que ela foi expulsa da sala, sofri é... até negócio psicológico dos alunos falando que porque eu falei pra mãe, porque eu fiz isso pra professora não sair, porque eles gostavam da professora, mas eu não. Eu era muito bom na escola. Depois disso tudo eu fui só piorando. Eu tive queda de aprendizado, de de escrever, ler, eu lia muito bem, mas agora eu não sei muito bem lê, tô aprendendo, tô retomando as leituras, mas é muito pior do que nunca antes.

Daniela: E esse bullying de que os meninos chamavam você, assim....

Ukeme: Ah... nem era de chamar mesmo, era mais pra bater mesmo, de empurrar, de humilhar mesmo, essas coisas.

Daniela: E por que você acha que acontecia isso assim? Porque os meninos iam em você, humilhavam você...

Ukeme: Acho que é porque eu era o mais quieto da sala.

Daniela: Ah...tá...

Ukeme: Eu também sempre fazia tudo também. Então, eu acho que era mais um motivo.

Daniela: Ah, entendi. E assim quando você fala que não gostam de muito você, e ainda dá para perceber isso até hoje... Como que é assim?

Ukeme: Como que é a pergunta?

Daniela: Quando você falou comigo que ninguém gostava de você, né? Quando você chegou aqui na escola, você já teve a sua impressão?

Ukeme: Hum rum

Daniela: Por que você teve essa impressão?

Ukeme: É porque por tudo que já aconteceu nas outras escolas, eu aprendi a perceber quando a pessoa quer conversar, quando a pessoa não quer, eu fui

aprendendo sozinho, aprendi tudo, tudo bem novo, eu aprendi muita coisa muito rápido, aprendi é como tratar as pessoas, como tratar todo mundo, quando conversar, quando não conversar, quando a pessoa gosta, não gosta, desde pequeno sempre tive essa mentalidade do que fazer e que não fazer. Mesmo sem meu pai, minha mãe explicar nada, eu sempre soube.

Daniela: E quando você chegou aqui na escola, você já tipo, você já tem essas regras, né? Que você já aprendeu. No olhar dos meninos você já via que eles não gostavam de você?

Ukeme: No olhar parecia que me julgavam de algo que eu nunca falei, como me julgasse como se eu fosse uma pessoa ruim também.

Daniela: E esse ano que você repetiu que você falou comigo que queria repetir né? Foi quando você veio pra cá né? Você falou comigo que queria repetir... por que você brincava muito?

Ukeme: É.

Daniela: Aí você tipo já pensou assim, ah vou tomar bomba mesmo, né? Eu acho que foi o ano que eu dei aula pra você.

Ukeme: Foi.

Daniela: Então foi quando você veio pra cá, né? Aí quando foi no ano seguinte você repetiu, e aí você passou?

Ukeme: Não . Eu repeti quando eu vim pra cá, eu repeti porque eu queria que os meninos que tivessem na minha sala, passasse pra outra pra mim continuar, pra mim não seguir com eles. Aí pra mim negociar eu fiquei na sala, aí o meu o meu amigo que eu fiz amizade com ele, ele repetiu também. Aí a gente ficou no, aí a gente a gente nesse repetir a gente passou quando a gente a gente passou de novo isso aí a gente foi pro sétimo aí eu repeti aí ele foi ele passou aí desde então eu fico sem conversar com muita gente.

Daniela: E aí quando você passou para o sétimo, beleza. Você fez o ano quando chegou no final do sétimo você repetiu ele...

Ukeme : É

Daniela: mas você queria passar?!

Ukeme : Queria muito passar.

Daniela: E por que que você acha que você repetiu esse ano? Que você não brincou, e que você foi um...

Ukeme: Ah... eu acho que é porque eu não como eu disse eu não prestava muita atenção. Eu tinha dificuldade de aprender essas coisas.

Daniela: Ah entendi, porque você não é um menino que conversa durante as aulas, que...

Ukeme: Eu sou mais uma pessoa quieta mesmo

Daniela: Entendi. E aí você ficou muito triste quando você repetiu

Ukeme: Fiquei

Daniela: Porque você queria passar

Ukeme: Eu queria muito passar

Daniela: E esse seu amigo passou?

Ukeme: Passou. Eu de certa forma eu fiquei triste pra mim, mas eu fiquei muito feliz por ele ter passado, porque ele queria muito. Então, eu comemorei junto com ele porque ele queria muito passar.

Daniela: Entendi. E como que tá assim hoje, agora...?! Aí beleza, você passou...você repetiu o sétimo, aí depois você passou pelo oitavo, né?

Ukeme: Hum rum

Daniela: Que foi ano passado.

Ukeme: Foi.

Daniela: E como que foi, como que foi pra você essa questão da pandemia, de tá longe da escola, de... e ter passado de ano, né? Para o nono ano esse ano.

Ukeme: É, não mudou muita coisa. Em casa eu sempre fui também quieto, sempre ficava na minha, mas quando eu tô na minha casa eu vou pra casa da minha vó que é perto significativamente é perto. Eu tenho um amigo de infância que é desde pequenininho. Eu chamei ele pra brincar muito tempo que eu vi ele na janela na varanda dele lá de cima eu falei pra minha tia que eu queria chamar ele pra brincar. Aí desde então a gente virou melhores amigos e até hoje somos melhores amigos, aí quando eu vou pra lá a gente vai a gente joga, a gente brinca na rua, a gente joga bola, a gente faz um montão de coisa.

Daniela: E ele é seu amigo fora da escola, você nunca estudou com ele.

Ukeme: Fora da escola e na escola também. Ele já foi na minha escola, da minha escola uma vez só. No dia, só no primeiro dia ele foi lá na escola, mas depois ele veio pra cá.

Daniela: Ah ele veio pra cá e você continuou lá no Catavento.

Ukeme: Hum rum

Daniela: Ah, entendi. E você sentiu falta da escola? Durante esse período você ficou... que a gente ficou longe da escola né?! O que isso representou pra você?

Ukeme: Ah, eu eu quando chegou a pandemia eu aprendi eu comecei a estudar muito eu retomei um tipo como que eu posso dizer? Não é lembrar é como se eu tivesse é reaprendido a tudo de novo. É eu estava estudando mais rápido, entregando tudo, lendo mais rápido aí depois quando veio a pandemia eu caí tudo de novo porque aí escola... quando eu fui pra escola quando estava na escola eu estava aprendendo porque os professores ajudam muito nos dever, nas questões lá e quando veio a pandemia eu caí muito eu comecei a não entregar os PET, os exercícios...

Daniela: E você não estava conseguindo fazer as atividades... você tava achando muito difícil...

Ukeme: Eu eu conseguia até entregar, mas eu ficava na cabeça porque eu vou entregar se eu não vou aprender. Porque eu posso até tentar lá é ler, pra mim tentar aprender, mas eu não vou lembrar de nada.

Daniela: Ah...

Ukeme: Por isso eu não entregava muita coisa.

Daniela: Entendi. Aí quando... aí você continuou aí alguns PETS você entregou. Depois...

Ukeme: É, alguns já entreguei, aí eu fiquei de recuperação, fiz uma recuperação, passei.

Daniela: Hum rum

Ukeme: Aí, aí esse ano eu tô de novo pra indo pra recuperação pra me retomar de novo, aí se entregar os PET tudo aí eu consigo passar direto. Já tô terminando os PET.

Daniela: Agora agora você tá conseguindo fazer. E por que que você tá conseguindo fazer a agora? Porque...

Ukeme: É porque quando eu tava no sétimo ano, no meu segundo sétimo ano que eu tava que eu tinha passado, quer dizer que eu tava repetindo o meu pai e minha mãe me levou para o médico pra mim saber porque eu não prestava atenção nessas coisas, aí eu tinha eu tenho déficit de atenção. Aí eu comecei a tomar um um remé... um comprimido lá que tá me ajudando a prestar mais atenção

Ukeme: aí eu consegui fazer as coisas mais rápido, presta... no que eu foco eu foco só naquilo não fico voando, essas coisas.

Daniela: Ah, entendi. Aí por isso... aí agora você voltou a tomar o remédio? É isso?

Ukeme: Não, é, eu voltei agora, eu tinha parado de tomar o remédio porque por causa da pandemia não podia saí, não podia fazer muita coisa, aí meus pais esqueceram do remédio, também não tava fazendo PET, não tinha esse negócio de PET ainda, aí na hora que voltou o PET, acho que no ano seguinte eles retomou, esse ano, eles retomou com o remédio.

Daniela: E aí agora você tá bem ?

Ukeme: Tô.

Daniela: E quando você começou a vim na escola agora esse ano, agora né, recente né?!

Ukeme: É agora, agora né. Foi bom, eu tava né...não mudou muita coisa de amizade, essas coisas até porque não ten... não conheço muita gente também na minha sala. É, não conheço e conheço, todo mundo me conhece, todo mundo me respeita mais agora eles me respeitam, todo mundo me respeita porque eu sou uma pessoa quieta, não sou de briga, nunca fui de briga e eles me respeita, mas eu num não converso com ninguém.

Daniela: Ah, entendi, mas é... essa sala que você tá, o ano que você tá você tá gostando assim...

Ukeme: Tô.

Daniela: Mas você sofre bullying ainda? Você acha?

Ukeme: Não. Como eu não, como eu aprendi a ignorar essas... os bullying, as pessoas pararam, porque quando a pessoa ignora, não liga é acaba virando uma coisa que não faz sentido continuar, sabe?

Daniela: Entendi. E o que você pensa sobre a escola na sua vida, o que que você acha assim? Qual é a sua relação com a escola?

Ukeme: Eu acho que é aprendizado mesmo.

Daniela: Aprendizado. Aprendizado de que assim...

Ukeme: De tudo. De vida da da vida, das pessoas, da matéria em si, tudo.

Daniela: Entendi. E o que que pensa assim em relação ao seu futuro? Aos seus projetos assim, Da sua vida mesmo.

Ukeme: Eu desde pequeno eu sonho, sonhava muito em ser bombeiro.

Ukeme: Aí aí esses anos pra cá eu fui lá e decidi ir pro exército.

Ukeme: Eu quero muito ir pro exército. Mas caso não dá, eu quero tentar uma profissão nas redes social.

Daniela: Ah eu entendi, trabalhar com marketing, com alguma coisa relacionada a rede social, né?

Ukeme: Fazendo live, essas coisas.

Daniela: Ah, entendi. E você já tem, assim... você já fez alguma coisa na internet assim...

Ukeme: Já, eu tinha um canal no YouTube que eu estava mostrando meus desenhos que eu fazia.

Daniela: Ah

Ukeme: Eu pra mim descontrar tudo que aconteceu na minha vida, eu desenhava.

Daniela: Hum

Ukeme: Até porque eu tenho muito desenho em casa

Daniela: Hum

Ukeme: aí eu deixava lá, aí eu decidi postar na internet aí eu postava na minha internet mostrava meus desenhos no meu instagram também tem meus desenhos lá, tudo tudo pra mim negociar mas depois eu eu tirei o car... eu exclui todos os vídeos do negócio pra mim tentar retomar de novo. Assim que eu tiver condições financeiras pra mim comprar um computador bom, um negócio bom, uma gravadora boa pra mim pode começar a gravar vídeos bom, aí eu posso retomar de novo.

Daniela: E seus desenhos são sobre o quê? Qual o tema dos seus desenhos?

Ukeme: Um pouco de tudo. Eu mais desenho mais é anime.

Daniela: Hum

Ukeme: Desenho qualquer tipo de desenho que assim que tiver assim que eu possa ver assim eu vou lá e desenho ele. Recentemente eu tô aprendendo a desenhar com a minha cabeça, tipo penso num personagem, eu vou lá e desenho. Eu tô tentando aprender a fazer a mão e pé. E é no máximo isso mesmo.

Daniela: Ah, entendi. Igual por exemplo, nesse tempo da pandemia, você deve ter aprimorado muito, né?

Ukeme: Hm-huh.

Daniela: E você estava trabalhando, você chegou a trabalhar na pandemia né....?

Ukeme: É... eu trabalhava né aí de vez em quando... eu comecei a trabalhar com meu tio na distribuidora dele, fiquei eu acho que um ano lá depois eu fui eu pedi pra sair porque eu queria tomar um emprego só pra mim porque trabalha pra familiar assim, eu não acho tão legal.

Ukeme: Aí eu comecei a trabalhar com meu vô porque ele tava precisando de ajuda e por ele ser de idade eu me ofereci pra ajudar ele. Aí eu aí a gente fez um fogão a lenha.

Daniela: É, a gente estava falando é você falou de comprar um computador?

Ukeme: É é isso. Eu queria comprar, eu queria comprar um PC, um PC gamer mesmo, porque o que eu quero mesmo é fazer, ah, fazer live na Twitch, pra mim sobre jogo, sobre os negócios, porque o que eu gosto mesmo é jogar e eu sei muito bem jogar e se eu fizesse esse negócio em algum lugar que dá, que desse dinheiro, talvez você conseguisse viver jogando

Daniela: Hum rum

Ukeme: porque é fácil, pra mim é fácil

Daniela: Hum rum

Ukeme: jogar e e ganhar dinheiro

Daniela: Hum rum

Ukeme: tem muito YouTube, muito pessoa que fazem live que é milionário fazendo só vídeo no YouTube.

Daniela: E você sabe que você é bom nisso, né?

Ukeme: Sou muito bom...

Daniela: E que tipo de jogo que você joga assim, qual que é o nome do jogo assim? Friferie? kkkk

Ukeme: Eu jogo. Não, eu não eu não. Eh eu não curto muito...

Daniela: kkkkk que eu conheço muito friferie kkkk

Ukeme: Eu não curto muito jogo de tiro.

Daniela: Ah...tá

Ukeme: Eu eu gostava, mas eu eu fui perdendo a graça, foi perdendo a graça, mas eu jogo um pouquinho de tudo, eu prefiro, eu não sou muito familiarizado com joga de terror, mas eu gosto de jogo de terror.

Daniela: Ah, tá, tem esses jogos que tem história...

Ukeme: Isso, de história...

Daniela: Que é um mistério, parece que você tem que descobrir... ele é mais...um jogo...

Ukeme: Hm-huh. Aqueles calminho também que é só pra você passar o tempo também. É bom.

Daniela: Tipo, que tipo de calminho assim?

Ukeme: Aquele, tipo, tem um, tem um jogo que é, eu esqueci o nome dele, mas é você controlar uma garotinha que ela navega pelo mundo, procurando os seus parentes.

Daniela: Ahm.

Ukeme: Pra poder, porque eles são umas almas e é acho que o nome é espirit alguma coisa

Daniela: Ah bom

Ukeme: ela procura os seus familiares pra poder ajudar eles a encontrar o caminho certo.

Daniela: Ahm.

Ukeme: É aí ela é a ela é a parqueira dos espíritos, é a que todo mundo chama ela assim. Aí o objetivo do jogo é esse, você encontrar seus sua família pra poder levar eles pro caminho bom. Aí você só só navega, você vai fazendo os negócios, a musiquinha do jogo é calma, tem muita coisa, tem muito dever, tem muitas coisas.

Daniela: E e como que a você associa assim.. você associa alguma coisa assim? Do que você quer fazer na escola, do que a escola vai te ajudar em alguma coisa. Você vê alguma coisa... qual que é o sentido que você vê assim na escola e a sua vida?

Ukeme: Bom, eu eu sei muito bem separar tudo na minha vida.

Daniela: Hum rum

Ukeme: Tipo, o jogo jogo online, essas coisas, eu deixo bem longe da da matéria de escola. Porque eu acho que se eu não se eu for os dois no mesmo lugar, eu não vou ter o controle da da situação. Eu vou ficar pensando em um, mas é pra mim pensar em outro,

Daniela: Hum rum

Ukeme: aí eu me mantenho separado, pra mim a hora de fazer algum vídeo eu vou lá e só foco nisso.

Daniela: Hm-huh.

Ukeme: Aí a hora pra mim estudar eu só foco em estudar.

Daniela: E você tem planos de continuar aqui na escola...

Ukeme: Tenho.

Daniela: de permanecer aqui...

Ukeme: Eu tenho planos pra até até fazer faculdade.

Daniela: Hum

Ukeme: Eu eu quero muito fazer faculdade, faculdade de direitos humanos e é informática.

Daniela: Ah... você já viu que na PUC tem um jogo... tem em federais também, né? Jogos digitais que aí eles ensinam, você criar as fotos, você tem essa ideia assim... de fazer alguma coisa assim?

Ukeme: Ah... já sim, eu já tive muitas ideias de criar jogo já. Tem uma plataforma chamada Roblox que é que uma pessoa criou pra outras pessoas que ou jogos lá dentro.

Daniela: Ah eu conheço!

Ukeme: Aí o meu eu e meu amigo tá criando um jogo lá. É ele ele mais pra técnica pra mover ajuda muitas das vezes eu ajudo, eu sou mais como designer, os desenhos, o gráfico, tipo, na hora da da cena, que vai acontecer, quando o bos chegar, como é que vai ser, tudo isso.

Daniela: Ah e faz a história também...

Ukeme: A história, tudo é eu que planejo, ele só realiza tudo que eu faço.

Daniela: Entendi. Nossa, muito bom, viu? Eu gostei muito da sua fala, viu Ukeme! Porque eu nunca imaginava, por exemplo é essa questão da amizade, da escola, igual você foi reprovar junto com um colega, né? Aí esse menino hoje, tá em que ano? ele tá aqui na escola?

Ukeme: Ele tá no primeiro, eu acho que ele tá no primeiro ano.

Daniela: Ele deve tá no primeiro, ele tá um ano a frente, né? Ah, entendi, mas gostei muito da sua fala. Depois, que que a gente vai fazer, eu vou desligar aqui.

UKEME – Transcrição da 2ª entrevista

Pesquisadora : Isso. Então é isso né, é... eu queria que você explicasse isso: o que você acha sobre o que aconteceu, o antes e o depois de entrar na escola.

Ukeme : Bom... é... quando, antes de entrar pra escola eu sempre fui é... desde pequeno eu era tratado como uma pessoa tipo... que fazia, o que não era pra fazer exatamente, como brincar... não ensinaram pra mim desde o início que o mundo era ruim, que não era um mundo conto de fadas digamos. Quando eu entrei pra escola eu percebi o peso que o mundo tem, aí eu aprendi muita coisa boa e também aprendi muito coisa ruim e essas coisas ruim me ajudaram a prestar mais atenção, pra mim pode só vê o caminho certo. É... eu... já aconteceu muita coisa e esses caminhos que eu trilhei, é... digamos trilhar me tornou uma pessoa como eu sou hoje mais, menos comunicativa, menos extrovertida, sem muitas palavras, uma pessoa quieta no

meu canto, sem sentimentos digamos assim e é... é isso eu aprendi muita e pouca coisa, e as muitas coisas que eu aprendi foi que o mundo me ensinou, que é... desde pequeno me ensinou muitas coisas difíceis pra mim aprender e as coisas fáceis eu deixei de lado, do tipo estudar. Estudar era muito difícil mais ao mesmo tempo era muito fácil e nesse fácil o mundo decidiu deixar mais difícil pra mim poder aprender melhor em muitas coisas. Bom é isso. O difícil da escola, o peso do mundo é que quando eu entrei, que nem eu disse, fazer, eu acho, acho que eu cheguei a dizer que um papelzinho, uma folha de cetim que fazia uma bolinha e colando. Eu nunca mexi com cola, era o meu primeiro dia de aula. Todo mundo já tinha entrado na escola e já era da escola, eu nunca fiz ôh, digamos, o prezinho, eu nunca cheguei a fazer o prezinho. Fui pra escola direto. E todo mundo sabia fazer isso, eu nunca tinha mexido com cola. Eu decidi, a professora não tinha ensinado, eu decidi colar tudo, eu sujei minha mão, sujei tudo, por que eu não sabia mexer com cola. Aí nesse dia a professora eh, pegou o meu braço e beliscou. Quando ela me beliscou eu mordi ela, aí ela foi e pegou o meu braço forte e me levou pra diretoria. Aí eu percebi que não é tudo, tudo é fácil é do jeito que a gente imagina. Porque pode ser ruim muita das vezes e e algumas pode ser boas.

Pesquisadora : humm

Ukeme : que nem eu vivo dizendo, é que quando alguém conhece o amor tem muitas chances de conhecer a dor. E é isso que eu aprendi.

Pesquisadora : Eh, eu queria entender o que aconteceu, né, eu queria que você me falasse sobre essa frase: “eu repeti de ano porque eu quis.”.

Ukeme : Bom, eu, quis repeti... na verdade, no início eu, meu plano era passar porque eu vim aqui pra escola em 2016, que eu lembro até hoje, foi no dia que eu fiz o meu segundo melhor amigo, que era aqui na escola. Ele era muito legal, a gente começou a conversar por um motivo muito bobo. Eu estava quieto num canto perto da porta, ele me perguntou porque eu estava sentando perto da porta, eu falei, que fica muito mais fácil de ir pra casa, que dá pra ir mais rápido. Aí ele, aí gente começou a rir e começamos a conversar. No início era pra mim passar de ano porque eu creio, na minha mente que como eu não tinha nenhum amigo desde quase sempre, aí eu, aí nesse ano era pra eu, pra mim, pra mim poder passar, pra mim continuar o menos tempo possível na escola, pra mim poder continuar com meus amigos, que é meus amigos de infância. Aí eu conheci ele, e aí a gente começou a conversar, aí fui

conversando, conversando, eu fui perdendo, perdendo muito interesse na escola, querer passar porque eu estava gostando dali, aí eu não passei junto com ele. Aí a gente, aí no sétimo ano como eu tinha dito, eu queria passar muito mas eu não consegui. Aí ele passou. Eu fiquei muito feliz por ele, é claro, mas eu queria muito passar. Porque não queria ficar pra trás. Aí foi o que aconteceu. Só isso.

Pesquisadora : E esse próximo ano que você queria muito passar, porque que você queria muito passar

Ukeme : Porque eu, por causa que quando eu entrei eu tinha, o meu amigo de infância Henrique, que eu conheço desde pequeno, a gente, eu considero ele até o meu irmão, porque desde bebezinho a gente já se conhecia. E, aí eu queria muito passar, pra mim poder sair na sala dele, porque eh, eh, tipo, ele era do, ele era do mesmo ano que eu né, e eu só queria ir pra sala dele pra gente poder continuar conversar, até no dia de aula. Mas infelizmente eu repeti, porque... acho que eu repeti em duas matérias eu acho, ou só uma, e não consegui passar. Por isso que eu fiquei triste. Aprender, igual, aprender de verdade , é que como eu estava, depois que eu passei de ano e antes da pandemia, uns dias que eu estava aqui, eu tinha conhecido uma menina, que eu fiquei, eu e ela tava, a gente começou a namorar, faz faz muito tempo, a gente ficou junto dois anos, aí a gente ficou, tipo, tava me deixando mais feliz, tava dando mais motivo pra mim fazer as coisas. E o, e ela tava fazendo os deveres e estava prestes a passar de ano e eu percebendo que pra mim não ficar atrás, pra gente não ficar distante, eu comecei a estudar também pra mim poder aprender a fazer as questões mais rápido, tudo mais rápido. E eu aprendi coisas que eu tinha esquecido, como o PI, eu tinha esquecido a fórmula de PI, aí eu aprendi de novo. Quando veio a pandemia, eu esqueci a fórmula de PI que eu não lembro nada de matemática, quase nada de português, de geografia, nada.

Pesquisadora : hum

Ukeme : Eh, aí , aí eu desandei porque, porque aprender da forma certa é aprender com os professor, porque tirar dúvidas, pode, ler mais na frente, fazer trabalho, os trabalho é muito importante porque te ajuda, ajuda aprender coisas que nem sequer ia aprender, e e a pandemia veio pra destruir muita, muita gente, tirou muita gente, é, é, da nossa família, é tirou muita gente, não da minha, de muitas pessoas tiraram, infelizmente, da minha graças a Deus não tirou ninguém, ninguém. Ninguém morreu. Mais aprendendo, eu não aprendi nada, porque não fazia nenhum sentido eu aprender, quer dizer, eu fazer o PET puxando da internet, porque, porque eu já não

sabia muita coisa, o que eu sabia eu tentava escrever, mas se eu puxar da da internet, do GOOGLE, eu não vou tá aprendendo, eu vou tá copiando, e copiando não vai me trazer inteligência pra mim aprender negócio, e eu por muito tempo eu comecei parei de fazer os PET, eu comecei a, eu quase repeti de ano, mas não podia repetir por causa do governo que disse que não era pra repetir, essas coisas, eu comecei a fazer mais o PET, só por fazer para não repetir, só por fazer mesmo. E aprendendo era muito mais fácil, quando o professor explicava, porque caso eu não sabia, sei lá, vou dar um exemplo bem simples, dois mais dois, se eu não soubesse dois mais dois eu ia lá perguntar ao professor, ele me explicava, uma forma direita com um jeito mais fácil de aprender ela. E sem professor, apenas com os meus pais, meus pais, eles chegaram até o quinto ano, e o quinto ano antigamente era tipo o nono, era muito pra frente mas eles num lembram muita coisa, minha família não lembra muita coisa de matemática essas parada. Quando eu eu aprendendo normal assim, eu meio que comigo sozinho, não era muito bom

Pesquisadora : hum, hum

Ukeme : que eu não ia aprender, eu não ia entender nada, então não fazia muito sentido continuar fazendo o PET.

Pesquisadora : Hum, entendi. Igual por exemplo, você quis dizer assim: que tem menino que tá indo lá na internet pega o PET completo e já entrega na escola e você não queria isso. Você queria de verdade aprender, né. Você vem pra escola : para você o que significa – vir para a escola ?

Ukeme : A muito tempo assim

Pesquisadora : hum

Ukeme : é a escola pra mim antes era como um castigo

Pesquisadora : É?

Ukeme : Porque antes na escola eu sofria muito, muito bullying, muita coisa, eu apanhava por tudo. E hoje a escola pra mim é um lugar de, pra mim sair de casa, porque na pandemia só ficava em casa, a pandemia só me trancou. E saí pra ir pra escola é um modo de sair daquela rotina que todo dia tava tendo. E ir pra escola pra mim é um jeito de retomar, tentar aprender tudo de novo, pra mim vê se eu começo a passar de ano por si próprio e não por El, não recuperação, por mim, aprende... passar de ano por vontade própria, querer passar de ano. Mais fica mais difícil a cada ano... dia.

Pesquisadora : Entendi. E pra você o que significa recuperação assim. Para que que serve essas recuperações no final do ano. O que você acha dessas recuperações que a escola tem.

Ukeme : Recuperação eu acho que é uma segunda chance.

Pesquisadora : Ham.

Ukeme : Pra você tentar aprender, é aprender assim. Você escreve na recuperação. Você é obrigado a estudar, para poder passar, passar o mês. O mês não, é...

Pesquisadora : o ano

Ukeme : o ano. Você negoça. Caso você não consegue os pontos necessários, você vai para o EI. O EI te obriga de verdade, porque é a última das últimas chances de você poder passar de ano. Eh, muito tempo eu achava, eu ainda acho, às vezes, que o EI vem pra poder deixar a gente pra não podermos passar porque, eu acho que, quanto mais repete é numa certa escola, essa escola vai descendo o nome dela, digamos o ranking, vai descendo o nome dela pra escola mais mais, que tem as pessoas mais burras, ou menos inteligente, então eles faz essas prova pra poder darmos a chance pra o nome não descer da escola, continuar ou subir mais e dar esse negócio pra nós podermos passar e o nome da escola não manchar. Eu acho que é isso.

Pesquisadora : e o EI você acha que dá pra você aprender. Assim, mesmo sendo no final do ano, você aprende alguma coisa. Que que cê acha dele.

Ukeme : o EI, eu acho que o EI ele é mais pra, não é tanto pra o ensino, pra ensinar, ele é mais pra te empurrar pra você passar mesmo. Tirar sessenta pontos não é fácil. Porque é muita, é muito ponto pra tirar e ... como os trabalhos antes da prova é muito, é essencial que dá quarenta e você precisa de pouco ponto pra passar. E, eu acho que a prova não ajuda muito porque ela só tá ali pra te empurrar pra te passar rápido pra você não ficar naquele ano de novo. E só isso, só te empurra pra você passar, e a prova pra mim não me ensina nada não. A gente tá ali só pra escrever rápido, lê direito pra gente escrever. O que a gente lê muito rápido a gente não guarda na cabeça. A gente descarta logo em seguida. A gente só tá ali, naquele momento a gente só pensa pra poder marcar e ir embora. Pra gente não repetir.

Pesquisadora : tipo, pra cumprir uma etapa né?

Ukeme : exato

Pesquisadora : e o que assim, você acha que não dá pra aprender muita coisa no EI. Você acha que é mais pra empurrar mesmo como você tá me falando né. Agora

eu também queria saber de você da sua família. Queria que você me falasse um pouquinho sobre ela assim. Como que é a sua família. Quantos irmãos vocês são, é, quanto tempo que vocês moram. Como que seu pai e sua mãe fazem. Essas coisas assim.

Ukeme : minha família ao todo, assim, vamos dizer, na parte da minha avó, parte de pai vamos dizer assim. Eu não conheci meu vô e nem meu pai conheceu o pai dele e ele desde muito pequeno ele sempre viveu na favela. E ele sabe muita coisa desde pequeno, ele foi obrigado a aprender. Não como eu, mas eu acredito que pior porque ele... o chão da casa dele era barro, ele não tinha muita coisa, ele não tinha luz, banheiro dele era no córrego. Então meio que ele é grande exemplo pra mim. E, mesmo ele não tendo pai nem nada, ele foi, ele é um grande pai hoje. Mesmo eu não demonstrando que ele é um grande pai, ele é um grande pai. Que eu tento mostrar isso todo dia pra ele como filho primeiro, eu tenho que mostrar a minha gratidão pela vida. E, minha avó por parte de pai nem sempre foi presente, ninguém da família do meu pai não foi presente na minha vida. Eu, eu não me importo muito por que até que, minha vida foi tranquila, porque eu nunca precisei deles, graças a Deus, eu só precisei, é do carinho de todo mundo mesmo da parte mesmo de vô, da parte de mãe e dos meus pais e mais nada. É, parte de mãe, a parte da família da minha mãe, ela sempre foi muito, muito, digamos muito festeira, muito brincalhona, era a parte da família mais legal. E, eu vivi a maior parte da minha vida, é, desde que eu me conheço por gente, que a gente começa a ter a noção do dia, é, na casa da minha avó, na parte de mãe. Eu comecei a perceber que lá era, desde, até hoje, toda vez que eu volto pra escola eu como lá em casa e vou pra casa da minha avó, porque lá é meu, é a minha segunda casa, digamos assim. É, meu pai e minha mãe sempre, meu pai não, ele sempre morou com o tio, por causa que ele trabalhava lá, ele tinha que morar lá pra ajudar. Ele fazia muitas viagens, que eu lembro muito pouco dele, é, na minha, parte da minha infância. Por que ele ficava um ano, dois, ficava muito tempo na, na, viajando, mas ele era muito presente quando ele vinha, nossa, ele trazia um montão de coisa, roupa, brinquedo, a gente brincava, a gente jogava bola no campo e, e, meus meus avós, no caso, ele sempre foi de dar muita coisa, sempre era muito presente, se a gente machucava eles passava, se a gente fazia bagunça, descia a lenha por que o certo, o jeito é cuidar sim, porque quem ama cuida, e, e, eu nunca reclamei quando eles batiam, eu nunca negoei, por que eu sabia que eles me batia pra mim aprender pra mim não fazer de novo. Que nem no dia que meu irmão começou a pôr fogo embaixo

do colchão. Eu tava vendo aquilo aí eu tipo, eu falava, eu sabia que não era certo, mas eu queria ver, mais aí, meu irmão apanhou e eu apanhei junto por não ter falado, aí eu falei, pô tenho que falar agora senão vou apanhar de novo. Minha tia e o meu tio, é... bem, eles são, minha tia não é muito mãe, ela é tipo minha terceira mãe, minha primeira mãe é minha mãe, a segunda minha avó e ela a terceira. Ela é muito, ela dá tudo, tudo o que a gente quer, antes eu, eu nunca pedi nada pra ela porque meu irmão sempre pedia alguma coisa, eu nunca pedi nada pra ela. De roupa, nada. Ela sempre me dava por me dar mesmo, porque eu era bom na escola, ela me dava essas coisas. Eh, ela era muito mãezonha, ela nunca teve filho, ela nunca teve, ela já teve namorado, nunca casou, nunca teve nada. E a gente é como filho dela. Meu tio teve as minhas primas e... mas antes disso, ele também era brincalhão, minha mãe dizia quando ele, eu tava mamando, é, ele chegava e fazia gracinha. Eu começava a rir mas não lagarva o peito, o leite saía todo na minha cara, ele brincando lá comigo, minha mãe gritando, falando pra ele parar. Era uma loucura, minha família era muito louca, vamos dizer louca na parte boa, porque é fazia de tudo, pra gente, pra mim rir e eu, tipo, eu acho que não durou muito tempo assim meu irmão veio, eu sempre fui sempre muito ligado ao meu irmão, eu sempre gostei desde pequenininho. Minha mãe dizia que eu ficava sempre só perto dela pra escutar meu irmão mexendo na barriga dela e quando ele nasceu meu pai e minha mãe, não meu pai, minha mãe no caso, ficou com medo de eu ficar com ciúmes e eu comecei a passar os anos lá na casa do meu pai. É, eu fiquei lá muito tempo, depois que eu é... depois eles decidiu me leva lá pra eu conhecer o meu irmão. No dia que eu conheci eles disseram que eu fiquei pra lá e pra cá segurando ele, gritando, ele gritava junto, a gente ficava rindo, ele... foi uma loucura também. É... bom minhas primas, eu mal via elas porque quando elas nasceu, elas nasceu longe. Elas nasceu lá perto da Pampulha, e eu via ela raramente assim, acho que eu via elas uma vez no ano, eu via elas. E a gente sempre foi ligado, a minha irmã mais velha, minha prima mais nova que, a gente era muito, muito amigado mesmo que, tudo que eu fazia ela fazia junto, meu ir...., minha prima mais velha fazia muita coisa com meu irmão. Muitas coisas também, a gente brincava, negociava. Eu tenho um irmão só, é, ainda bem né, por que ele já enche o meu saco e dois eu acho que não ia aguentar. Ou ia né, porque talvez ele ia encher o saco dele e ele ia esquecer de mim. É, mais é, eu lembro até hoje no dia que eu conheci o meu primeiro amigo, o meu amigo de infância, que, eu, antes eu não sabia, mais eu, ele era o meu irmão de leite porque a mãe dele teve que fazer uma cirurgia e não tava

amamentando e minha mãe deu leite pra ele pra ele poder se amamentar e, desde então, a gente tipo, eu via ele lá na varanda dele enquanto a gente brincava, porque a gente brincava na rua, todo mundo da rua era nosso amigo, todas as crianças brincava com todo mundo. E a gente via ele lá na varanda. E eu falei com a minha tia, tia posso lá chamar aquele menino pra brincar? Aí eu, eu, ela mal respondeu eu já tava descendo, chamando ele, aí a mãe dele, a mãe dele nunca deixou ele sair, mais viu que, a minha tia e era todo mundo lá e ela deixou. Aí a gente começou a brincar, aí ficamos um tempão, acho que a gente ficou até meia noite, que antigamente a rua, ela era de barro, uma parte da rua era de barro, e não passava carro, então não tinha perigo de carro vim pra lá e pra cá e antes não era tão perigoso como hoje em dia. A gente ficou um tempão brincando, é, se divertindo, aí desde então só foi alegria, a gente só brincava e a gente só se divertia, todo mundo da rua, às vezes....., quando tinha, quando aparecia meninas na rua, a gente fez tipo um campeonato de meninos versus meninas, a gente jogou bola, a gente, nossa, a gente fez muita coisa, nu, eu lembro, nu, na copa do mundo, a gente pintou a rua, quando eles passaram asfalto, finalmente passaram asfalto, tamparam aqueles, aquelas, aqueles, aí, caramba,

Pesquisadora : buraco?

Ukeme : é, aqueles buraco. É, brigado. Aqueles tanto de buraco, a gente tinha, não podia carro. Aí eles tamparam. No dia que eles tamparam, é eu acho que, depois de alguns meses, era a copa do mundo, aí todo mundo da rua reuniu pra pintar a rua toda, pra desenhar, cada um desenhar seu passeio, desenharam na rua toda assim, a bandeira do Brasil, o mascote que a minha mãe fez, todo mundo da rua ajudou a desenhar o mascote, a pintar, a gente, aí, a gente enfeitou a rua toda com negócio, acho que foi a rua mais enfeitada porque, a do bairro aqui, e, e, foi isso. No outro ano a gente fez a mesma coisa, foi sete a um, a gente. O Brasil perdeu, a gente fez a mesma coisa, a mesma cumplicidade não acabou, a gente continuou rindo, brincando, gente, eu, todo mundo da rua, a gente nem ligava pra futebol, a gente tava lá pra brincar mesmo. O jogo rolando e a gente jogando bola lá fora. E, é isso, muito tempo depois, é, muito dos meus amigos, eles eram muito mais velhos do que eu, uns quatro, cinco anos mais velhos do que eu, muitos começaram a ir pra escola e ia trabalhar, essas coisas, alguns ia trabalhar, porque já tinha passado de dezoito, outros tava indo pra escola, e eu tava lá porque eu não tinha idade pra ir pra escola. Mas no entanto, é isso, minha família era muito, minha família por parte de mãe era muito alegre, muito feliz, muito preocupada com a gente, sempre que faltava comida eles sempre davam

comida lá, a gente demorou um pouco, mais a gente saiu do aluguel, que a gente morava em cima da casa da minha avó, depois a gente foi para uma casa, para um aluguel, ficamos acho que cinco anos lá, não foi muito tempo, aí meu pai comprou um lote, arrumou a casa muito rápido, aí hoje em dia a gente tá morando na nossa casa.

Pesquisadora : hum

Ukeme : e, é isso , a parte de pai nunca, não dizemos nunca, digamos que algumas vezes assim, ia lá. Eu não conheço quase nada da parte de pai.

Pesquisadora : Hum rum

Ukeme : da família dele. Porque é muito, é como se eles escondessem muita coisa que aconteceu. A única parte da família que eu conheço direito é a minha bisa, ela tá até hoje viva, graças a Deus, eu conheço ao todo... eu conheço toda a história dela, eu conheço mais, meu pai sabe quem é o pai dele , mais ele nunca viu, nunca conheceu, mais sabe o nome, era um policial, e ele queria adotar o... o... , ele queria pegar o meu pai pra levar pra um negócio mas ele não quis. Não queria deixar ele levar, deu a maior briga, ele já estava com outro cara naquele momento , até que meu pai, acho que ele tem cinco irmãos e cada irmão é de pai diferente. É, isso. Esse é o máximo da família

Pesquisadora : Então agora eu entendi um pouco sobre essa questão de você ser brincalhão. Tudo vem muito da sua família né. E aqui você falou que trabalhou com o seu avô né. Como que foi trabalhar na você ajudou ele lá fazer um fogão a lenha.

Ukeme : nossa, foi um pórrri

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : meu avô como ele é de idade,

Pesquisadora : hum

Ukeme : ele estava com quanto, não sei, ele estava lá com sessenta pra cima. Como ele é de idade, ele não pode ficar carregando peso, até porque eu sei que não pode pegar peso essas coisas. Ele botava tudo pra eu pegar, eu parecia um burro de carga, estava pegando uns cimentos nas costas, estava descendo, pegando água, cimento, mexendo cimento todo, eu só olhando ele fazer os negócios. Muitas das vezes eu que fazia as coisas, que ele estava descansando, e às vezes as costas doía. Mas foi, foi o trabalho mais difícil que eu acho assim. Que trabalhar com ele nunca mais.

Pesquisadora : É? (risos)

Ukeme : (risos) que eu nunca vi um trabalho tão pesado, e bom, eu não fui lá por dinheiro, eu fui mais pra ajudar ele mais ele me deu um dinheirinho por ter ajudado.

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : Eu também trabalhei paro meu pai, por muito tempo, com gesso, é, um dos trabalhos que eu considero muito bonito, gesso é muito bonito, é um trabalho muito desvalorizado, eu acho gesso um trabalho muito bonito, porque aqui no Brasil não é valorizado porque o preço das coisas aumentou e como aumentou o meu pai só sabe mexer com gesso. Ele não só sabe mexer com gesso, ele ama mexer com gesso. Desde muito tempo assim, ele tem quatorze ou quinze anos de profissão de gesso, ele disse que nunca vai largar, porque ele ama o que ele faz. O importante é você trabalhar com o que você ama . Se você trabalha com o que você não ama, não vale a pena você continuar, porque você vai fazer aquilo com má vontade, com, com desânimo... com muita coisa. Como ele sempre amou, ele queria me levar pra... Eu queria ir pra ajudar ele, porque eu acho uma profissão muito bonita. Como no Portugal, Portugal eles pagam uma fortuna pra poder fazer apenas um rebaixamento. E mexer com gesso não é nem um pouco fácil. Porque você precisa, digamos, aquelas ilha que fica, digamos fala ilha, que fica negócio assim, é muito complicado, você tem que fazer muito corte, certinho, você tem que medir muito, tem que medir muito perfeitamente e tem que ter uma arma, não uma arma, ela é uma arma de calibre não tão alto, mais pra acionar ela, você tem que pressionar ela na parede, tem um jeito de acionar ela. Ela tem, ela não precisa de negócio pra, pra venda, ela não é necessária, mas é acima de dezoito, creio eu, e ela, ela é realmente muito perigosa, porque ela tem um pino de aço, pino de aço é se for numa velocidade machuca. Que meu pai até contou que um me..., garoto, não garoto, alguém que tava trabalhando mirou na parede, o certo é mirar pra cima e por num grau certinho. Pois na parede não viu, não percebeu que tinha uma pessoa atrás e varou na parede, porque é muito forte e varou uma viga.

Pesquisadora : Nu

Ukeme : É muito potente o disparo, aí atravessou ele, atravessou ele todo, ele não morreu graças a Deus eu acho que não chegou a morrer, meu pai disse, não chegou a morrer, mas ele ficou gravemente ferido porque atravessou o corpo dele todo e ele disse que nunca, ele sempre dizia pra mim não brincar com isso que isso não era brincadeira. Que trabalho não era coisa pra brincar, era muito perigoso o que ele fazia, é, cortar, ele pegava a arma pra atirar pra cima pra por os pinos, aí ele colocava as placas suspensa, dava certinho, nunca soltava, ele pôs, colocava chumbo, e diz chumbo era, era, era um negócio lá do tipo, esqueci o nome, acabei de lembrar aqui é cinzal, é cinzal o nome, pega o cinzal com gesso. Aquilo é que nem chumbo, pra

tirar aquilo é nem martelo tira. Você tem uma ferramenta lá, que nem sei que ferramenta ele tinha falado, lá pra tirar. Acho que nem aquilo não tira direito. Você tem que passar chumbo pra ficar retinho, pra não cair tem que, você pode tacar água, não tacar água mais o vapor do chuveiro da água que solta... Que não tem problema, que nunca vai negociar. Meu pai eh, ele também me ensino eh, as ilhas que eu tava dizendo, ele faz um pouquinho mais, corta uma outra , viga, do tamanho, num tamanho razoável, pra chegar na parede, depois ele vai, esse espacinho que sobrou, ele vai lá e faz outro mais fino ainda, e no outro, e na ilha suspensa é mais difícil porquê tem que cortar outro gesso, outra placa de gesso pra poder apoiar para ela não ficar mexendo, apoiando, quando ele apoia, ele vai descendo a placa , essas placas não é pesada , não é, tipo pegar duas , ela é bem pesada, o saco de cimento, ela tem quarenta quilos, e não é pesado pra mim, a de gesso, a de cimento também não é porque é cinquenta, mas você tem um jeito certo, você tem que abraçar e negociar, que é o jeito certo , Você pegar, você não vai conseguir levantar, porque é muito pesado. Ele me ensinou muita coisa, como cortar, como raspar o gesso, como fazer as curvinhas, que é a coisa mais difícil, como por aquelas cerâmicas, como deixar ela... como limpar, deixar as quininha dela, tirar as quininha, não é tirar, passa tipo uma água com gesso, bem água com gesso bem fininho, você passa na parede bem certinho, aí vai lá, ela não solta, negocia, eh, um trabalho muito complicado como esse, como o w (? - 31:12), que são as quininhas, as que tem assim pra fazer, é muito, é muito complicado e muito desvalorizado, no no Brasil. Que eu acho uma profissão muito bonita, é como uma arte, é como... você pode fazer na parede também, que nem no meu quarto, eu vou , eu vou desenhar na parede e eu vou , eu mesmo vou fazer um gesso, eu vou fazer uma parede falsa, não é uma parede falsa, eu vou fazer uma parede em volta do desenho, na verdade eu vou deixar o desenho livre e em volta vou fazer negócio e nele vou por tipo umas luzes de led no meio pra poder ele, ficar destacado o desenho. Que eu acho assim acho bonito, é uma arte bonita. Ele também faz , eh, como diz né, aqueles negócio que põe no meio, aquelas luz que fica no meio também, eles faz aquele moldizinho bonitinho, e, eh, um trabalho lindo. Muito lindo.

Pesquisadora : E como você percebe que é, que é um trabalho que é desvalorizado assim, já teve contato, você vê a vida do seu pai assim?

Ukeme : É que meu pai, ele ganha por metro, ele não ganha por dia, ele mesmo diz que trabalha por dia, e você trabalha é... dependendo do dia, dependendo daquele

dia, você tem que fazer rápido pra chegar no prazo. Quando você trabalha por metro, você não tem dia pra ir, não tem dia pra voltar e não tem hora pra sair do trabalho. Você, quando o meu pai, eu já vi muita das vezes, o meu pai passando muito mal e trabalhando quando ele não suporta passar mal, ele fala, não eu vou pra casa, porque que eu estou realmente muito mal, eu vou pra casa, vou negócio. Ele larga o dia, digamos ele chega tipo uma hora da tarde, ele fica até duas, ele larga o trabalho e vai embora pra casa, ele não tem a cabeça boa, ele tá pensando muito, e digamos, a moto dele estragou, ou tem que pagar as conta, ele pensa muito aí ele fala, não, hoje eu não vou trabalhar, hoje eu tô com a cabeça quente, pesada, ele não, quando ele tá com a cabeça pesada, ele não consegue raciocinar os números direito. Então ele prefere ficar em casa, do que fazer um trabalho mal feito. Ele prefere fazer um trabalho muito, muito bem feito do que fazer um trabalho sujo.

Pesquisadora : que é uma arte né

Ukeme : Que é uma arte. Para ele toda vez que a gente, eu falo de gesso, ele sempre tem um, eu sinto uma palavra bem no fundo assim das letras e das palavras. Ele fala uma palavra bem sutil, bem pequena, falando que é arte, o que ele faz é arte, é uma maneira de expressar os sentimentos dele, que tudo que ele passa em casa, dos preços, dos negócios, a comida, tudo que muitas vezes falta lá em casa, infelizmente que ele desconta o, a frustra... a frustração e a falta do dinheiro no trabalho dele. Que ele move uma arte, um negócio ele já trabalhou pra muita gente lá no meu bairro, ele já trabalhou pra todo mundo do meu bairro, aqui no Belo... aqui nesse bairro mesmo aqui, ele já trabalhou pra muita gente, até porque ele conhece todo mundo, ele trabalhou muito longe, até em outro estado ele já trabalhou, o dinheiro que hoje em dia não é muito, tipo, mil reais hoje em dia não é nada. Mil reais, ele, eu já vi ele com duzentos reais na mão, não, eu já vi ele com dois mil reais na mão, volta com cinquenta reais, por que ele tinha que pagar as conta, a água, é, comprar comida, comprar ração, consertar a moto, por gasolina, e voltava com muito pouco, com cinquenta abaixo de cinquenta ele voltava .

Pesquisadora : hum, hum

Ukeme : E vê ele todo dia trabalhando, o único que tem que trabalhar, no caso minha mãe trabalhava, mas ela saiu do emprego por que ela tinha que continuar os estudos dela. Ela conseguiu formar e, e, ela hoje em dia trabalha em casa, fazendo tapete e máscara, essas coisas, ela faz um trabalho muito bonito, que são uns tapetes magníficos.

Pesquisadora : Então a sua mãe é uma artesã, que legal ein.

Ukeme : Ela puxou da minha avó. Minha avó, ela faz roupa, e faz costura, não tapete, tapete minha mãe é quem faz. Ela fazia tapete, minha mãe faz tapete hoje, ela fazia crochê, eu acho um trabalho muito difícil, eu já parei pra tentar aprender, mas eu desisti, porque é muito difícil, muito complicado, pôr as linhas certinhas, tricota. E ela faz muito bem, minha mãe tem um montão de coisa tricotada, ela sabe fazer também e, bom , é isso. Tudo que tem, é o orgulho que eu tenho do meu pai, que ele tem de mim também por eu ser muito esforçado, muita das coisas, eu não peço tanto, eu não espero as pessoas ajuda, pra me ajudar. Que nem quando meu amigo, meu pai já percebeu, quando meu amigo estava muito mal, com a depressão dele altíssima, eu também estava com depressão, mas eu deixei a minha depressão, não ficava chorando, deixava o meu choro de lado, porque eu o via chorando, eu via minha necessidade de ajudar ele era muito maior do que a minha depressão, do que a minha, a minha dor, era muito mais grande a minha necessidade de fazê-lo bem, do que me fazer bem. Muitas das vezes, ajudar ele me fazia... me ajudava, porque ver alguém que estava lá embaixo, no fundo do poço, a ajudar a levantar, a continuar caminhando, é gratidão, é muito bom. É uma coisa que dá vontade de viver, é um motivo. Eu, antes não acreditava que tinha motivo a vida. Eu não acredito assim que a vida tem um motivo. Desde que eu o ajudei, eu aprendi que o meu propósito é ajudar as pessoas. Porque ajudar, além de te... além de a gente ajudar as pessoas, sua alma fica mais limpa, você se sente mais leve, você se sente mais livre, e, mesmo, preso numa sociedade tão rígida, você se sente tão livre que, você se sente voando, de tão leve que você tá. E, e muita das vezes, meu pai já chegou ne mim e falou, que eu era uma pessoa boa, que eu tenho um coração muito grande, ele falou. E vê ele trabalhando de uma coisa que ele ama, e que ele tem vontade de trabalhar, é ma, é mui, é maravilhoso. É é a coisa mais linda que eu consigo imaginar.

Pesquisadora : E aqui, deixa eu te falar uma coisa, você é um menino tão assim, eu estou o percebendo assim fora da escola, você conhece sobre tantas coisas, igual aquele dia você me falou de desenho, que você desenha, que você tem vontade de ser Youtuber e agora você falou de propósito. Qual é o seu propósito?

Ukeme : Meu propósito...?

Pesquisadora : É

Ukeme : de vida?! no momento eu estou querendo ir pro exército,

Pesquisadora : hum

Ukeme : No momento eu estou querendo ir pro exército, Eu quero muito. Não é que eu quero muito. Se eu não conseguir também, eu vou tentar entrar na polícia, é um trabalho muito bonito também, muito perigoso, mas é um, eu tenho vontade, porque trabalhando lá eu posso ganhar bastante pra eu poder comprar os monitores, os PC, para me poder começar em uma carreira no que eu realmente quero, é, o meu sonho é trabalhar com o que eu gosto, que é trabalhar jogando, jogando vídeo game. Uma coisa que eu amo é jogar, porque, tipo, desenhar é um hobbie mais pra mim, jogar é como uma arte, no meu ponto. Como meu pai tem a arte dele, eu tenho a arte que é jogar e jogando pra mim é muito bom porque eu jogo os meus sentimentos no jogo e o jogo me devolve como felicidade, porque me deixa mais alegre, mais esperto, porque jogando muitas vezes você tem que pensar. Porque é, muita gente infelizmente, trata jogo como, como um jeito de, é, de racista, como , é, como é que diz, é , como forma de , é de, sei lá, matar outras pessoas, porque tem muita gente que trata isso como roubo dessas coisas. Até a minha família teve muito preconceito com jogo porque passou na TV uns caras que estavam atirando. Acho que, acho que você chegou a ver que estava atirando na Igreja, que matou um monte de gente aqui na minha escola, que, uma escola que matou um tanto de gente,

Pesquisadora : sim, sim,

Ukeme : Aí nos EUA também teve isso, aí depois, depois de alguns tempos, depois de alguns dias...

Pesquisadora : do jogo né que aí passou. Que aí o pessoal da sua família ficou meio

Ukeme : é que nem eu estava falando do, do da quando teve esse atentado das escolas aqui nas escolas do Brasil. Alguns dias depois aconteceu um outro atentado, pro, passado na Internet, começou , é, digamos , eu acredito que foi mais uma injúria , é não uma injúria . Digamos que foi mais um, uma , uma, eu esqueci o nome. É quando a pessoa não gosta da outra religião, é

Pesquisadora : intolerância?

Ukeme : intolerância. Sim, intolerância religiosa. Ela entrou em uma igreja, acho que igreja católica, e atirou em todo mundo e depois tiraram a própria vida. E muita gente tratou isso como um jogo de GTA. Que GTA lá tem essas coisas, mostra lá do, mostra o lado dos de tratar assalto, essas coisas, como orquestrar de uma certa forma, não mostrando realmente como é, mas sim como uma mente criminosa deveria agir, mas

o jogo nunca, de uma forma nunca mostrou que nunca faça isso em casa. Que isso é apenas uma simulação . E muita gente tratou isso como é perigoso. E eu fiquei muito tempo sem jogar porque me deu muito estresse, minha família tirou . Meu pai e minha mãe não, porque meu pai e minha mãe já sabia que isso era apenas um jogo, um passatempo meu, mas minha tia, como ela muito preocupada comigo, ela tirou tudo que é tipo de jogo de mim, e até TV que eu assistia , é, uns desenho, aqui ali, ela tirou , porque ela tava com medo de ficar a mesma coisa, porque tava passando no jornal, ela acredita em qualquer coisa que passa no jornal ela acredita, e, bem, o jogo pra mim não é um modo de ódio, um modo de você aprender a matar outras pessoas na vida real, e, deixar você mais burro, menos negócio. O jogo, pra muita gente que trabalha nessa área, é um modo de arte, é um modo de..., porque caso muita gente não sabe, mas o jogo foi criado por uma pessoa aleatória no mundo, que resolveu falar, ah, eu vou criar um jogo pra outras pessoas se divertirem. Um jogo de terror pra outras pessoas se assustarem e se divertir ao mesmo tempo. Porque jogo de terror tem os seu memes, suas diversões e tem os seu terror, seus susto, coisas na sua cara como demônio, essas coisas e as pessoas cria pra divertir outras pessoas, nem divertir, muitas vezes as pessoas faz jogo de graça, pra, eles não ganha nada em cima disso, faz por diversão. E fazer jogo é uma grande honra hoje em dia, porque muita gente hoje em dia trabalha nessa área, e tem orgulho de falar que é jogador, que trabalha que é streamer porque eu quero ser streamer pra poder gravar jogos, conversar com outras pessoas que eu nunca vou ver, mas que vai me apoiar e poder crescer numa comunidade que eu tenho certeza que eu vou adorar, é, bom, é uma coisa ótima.

Pesquisadora : Então você quer trabalhar com jogos mesmo né?

Ukeme : É

Pesquisadora : O exército seria um caminho ali né? Ah, muito bem.

Ukeme : Uma forma de ganhar dinheiro pra mim poder construir meus, meus caminhos, pra mim poder fazer o que eu quero.

Pesquisadora : Entendi, muito bem. Ukeme agora eu gostaria de saber sobre o que você faz nas horas de lazer, no seu tempo livre.

Ukeme : Na minha hora livre.

Pesquisadora : É, seu tempo livre.

Ukeme : Eu vou pra casa da minha avó, que eu acho que é uns três minutos . Eu acho que é uns três minutos da minha casa até a casa da minha avó, e fico lá o dia todo. Fico assistindo TV, às vezes eu brinco com a minha ca... a cachorra lá, fico assistindo mais TV, comendo, porque comer eu acho que eu como de cinco em cinco segundos (risos). Eu nunca engordei mais eu sempre comi muito e em casa, quando eu estou em casa, ou eu vou comer mais, ou eu vou mexer no celular, ou eu vou mexer no notebook pra jogar.

Pesquisadora : Humm

Ukeme : ou desenhar. Muito raramente eu vou desenhar, mais recentemente eu não tô tendo tantas ideias, tanta vontade de desenhar. Mais é isso, não faço tantas coisas, sábado e domingo que é o dia que eu posso sair, digamos sair com meus amigos, muitos ficam “negoçados”, o Vitor e o Henrique que são meus amigos, que eu considero meus melhores amigos, melhores do que melhores amigos, ele tão, é, eu considero tipo irmãos mesmo, até minha família chama eles de, minha avó, chama eles de neto, eles chama ela de vó, é uma loucura. Mas quando eles tão , a gente às vezes vai no cinema pra, pra andar, às vezes eu vou na casa do Henrique, às vezes eu vou com o Henrique na casa da namorada dele, pra gente ficar jogando, conversando, e assistindo TV, assistindo filme, conversando mais e mais, comendo

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : o que eu faço mais é comer (risos).

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : Se perguntar pra mim a coisa que eu mais gosto, é comer, a coisa que eu mais gosto é comer e dormir. E a segunda coisa que eu mais gosto é jogar e desenhar. Que comer é outra coisa, comer...

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : é uma, cê se sente mais feliz,

Pesquisadora : Ham, ham, (risos)

Ukeme : se eu tô triste eu como , se eu tô chorando eu tô comendo, dá fome, se eu tô assistindo TV, eu tô com fome, eu tô comendo também. É isso.

Mário – Transcrição da 1ª entrevista

Mário : É... no início foi até bom é... eu estudava pra caramba eu vinha, eu estudava a tarde é...embolei todo pode ir?

Pesquisadora : Não pode continuar não tem problema não

Mário : É... foi bom, é... eu conheci muita gente, fiz muitos amigos é... aí com os dias de hoje eu ainda tenho muitos amigos, mas perdi muitos também, já que eu repeti de ano, né no sexto ano e tenho estudado muito também na pandemia. É... meus planos pro o meu futuro né?! Assim que eu terminar o ensino médio eu vou fazer uma faculdade e trabalhar é... eu tenho muita vontade também de viajar, assim que eu formar, inclusive pra fora do Brasil e é isso.

Pesquisadora : É... você da turma qual é o nome da primeira escola que você estudou? Foi essa escola, você entrou aqui no primeiro ano?

Mário : Foi aqui no primeiro...

Pesquisadora : Foi aqui?

Mário : Foi, eu estudo aqui desde o primeiro ano.

Pesquisadora : Então você entrou aqui quando você tinha com seis anos de idade e quando você entrou o que você lembra, que que você lembra desse período que você vivenciou aqui? Do primeiro aninho, quando você tinha seis, sete anos, qual foi sua professora, que que você achava de legal que acontecia...

Mário : No primeiro ano a minha professora foi a ... a Erica... não... foi a... Socorro.

Pesquisadora : Foi a Socorro?

Mário : Foi. Aí foi, foi bom foi pra mim foi... acho que foi o início de tudo né, onde aprendi a lê muita coisa, aprendi muita coisa. No segundo ano foi a Vernilânia,

Pesquisadora : hum

Mário : no terceiro foi a Eni

Pesquisadora : hummmmm

Mário : no quarto Maria Luiza, no quinto é o Renata e no sexto foi os outros.

Pesquisadora : Um monte de professor né e e quando você igual, no período do primeiro ao quinto ano que você entrou aqui na escola, você gostava de estudar aqui, que você achou dessa escola?

Mário : Aaaa...annnnn. Foi bom, eu gostei. Eu aprendi muita coisa, tem, gostei demais da escola, escola grande, é....

Pesquisadora : Você mora aqui no bairro?

Mário : Moro

Pesquisadora : Perto da escola? E sua mãe escolheu aqui pela distância? Ou porque ela ouviu falar da escola?

Mário : Eu acho que foi pela distância mas também ela gostou né

Pesquisadora : É perto né

Mário : É

Pesquisadora : Da sua casa né. Você vem a pé?

Mário : É

Pesquisadora : Ahhh entendi

Pesquisadora : E esse período assim do primeiro ao quinto ano, você já fez de cara amizade com suas colegas da sala?

Mário : Acho que assim tipo a Gross (?- 3:09) do primeiro ao quinto ano assim deve fazer muita amizade né, porque é criança né

Pesquisadora : Entendi

Mário : Aí essas amizades acho que foi mais fácil

Pesquisadora : Foi mais fácil né. E aí você tinha dificuldades assim? Teve alguma situação difícil que você vivenciou durante esse período do primeiro ao quinto?

Mário : Não

Pesquisadora : Não?

Mário : Não

Pesquisadora : E a partir do sexto ano, como que foi essa sua experiência. Teve muita experiência que foi muito difícil, como por exemplo tipo sexto ano

Mário : Tive

Pesquisadora : Qual experiência?

Mário : Ah tive muita má influência né, conversava demais, desatento. Aí depois que eu fui mudando, que fui deixando de lado assim, essas más influências.

Pesquisadora : E essas más influências que que ela... que que você acha assim, que que elas modificaram, que que aconteceu assim...

Mário : Tiraram a gente (?- 4:02), chamava atenção da gente é... muita coisa

Pesquisadora : Você conversava durante as aulas ou era mais quieto assim?

Mário : Conversava demais

Pesquisadora : É você conversava demais. E e as matérias você achava difícil ou era tranquilo?

Mário : Era difícil, pra mim era difícil, mas na verdade não tinha nada difícil, é porque eu não estudava mesmo.

Pesquisadora : Hummm

Mário : Aí acabava que eu ficava achando difícil.

Pesquisadora : Mas mesmo as más influências né, essas seus amigos eles já haviam ficado na sua sala antes

Mário : Não...

Pesquisadora : ou no sexto ano foi o primeiro ano que você teve contato com eles e aí começou a..

Mário : Meu primeiro contato com eles

Pesquisadora : Ahhh... eles não eram da escola não...

Mário : Eu acho que era, mas tinha repetido né

Pesquisadora : Ahhh entendi

Mário : Tinha tomado bomba né

Pesquisadora : Ahh entendi, são alunos que tavam repetindo o sexto e eles foram pra sua sala. Aí você pegou e começou a ter amizade com esses alunos. E aí você conversava muito e acabava que, o que que acontecia nessa conversa, essa brincadeira?

Mário : Eu ficava desatento, não prestava atenção em nada, eu subia pra diretoria toda hora

Pesquisadora : É?!

Mário : É!

Pesquisadora : E sua mãe, que que sua mãe falava disso, seu pai, sua família?

Mário : Ela achava ruim né

Pesquisadora : É?! Achava ruim, o que que eles falavam com vocês?

Mário : Ahh... eles me, castigavam eu

Pesquisadora : É?!

Mário : É. Tirava telefone, videogame

Pesquisadora : E o que você, quando eles faziam isso, adiantava? O que você pensa assim

Mário : Ah eu acho que assim, pra mim não fazia muita diferença não

Pesquisadora : É?!

Mário : Porque até o final do ano eu continuei mesma coisa

Pesquisadora : Ah entendi, você continua a mesma coisa, mesmo apesar dos castigos, né das questões que seu pai e sua mãe faziam em casa não adiantava muita mesma coisa né. Aí você repetiu o sexto ano, aí no final do ano você ficou surpreso ou você já imaginava que fosse isso?

Mário : Ah acho que eu já imaginava, imaginava

Pesquisadora : Você já imaginava né. E aí você repetiu, você estudava em qual horário? Manhã ou tarde?

Mário : De tarde

Pesquisadora : De tarde, aí você repetiu o sexto. Você continuou estudando a tarde e aí como que foi repetir o ano, no ano seguinte?

Mário : Pra mim foi ruim né, que eu perdi muitos amigos é...e fiz novos, mas perdi os antigos né porque tive que acostumar com alunos novos né... mas foi um negócio chato né,

Pesquisadora : Humm rumm

Mário : que num... ahhh não é uma experiência boa

Pesquisadora : Entendi, por isso não foi uma experiência boa. E teve alguém que tomou bom..., que foi reprovado e que foi da mesma sala que você?

Mário : Foi, mas esse não eram meus amigos, mas eles reprovaram e ficaram na turma

Pesquisadora : Ah entendi e esses meninos que você fez amizade no sexto ano eles, e que você fala que são más influências né. Eles passaram de ano ou repetiram de ano junto?

Mário : Repetiram junto, só que eles caíram em outra sala

Pesquisadora : Ah mudou, mudou de sala. Aí no ano seguinte, como que foi repetir o sexto ano, você repetiu, mas você conseguiu fazer as atividades?

Mário : Aí...

Pesquisadora : Como é que foi?

Mário : aí eu fiquei mais atento, aí eu já deixei de lado as conversas, as pessoas...

Pesquisadora : Entendi. Aí a partir desse momento você continuou aqui na escola, passou para o sétimo... passou para o oitavo...

Mário : Pro sétimo

Pesquisadora : Pro sétimo, aí você fez o sétimo, também tranquilo ou não você já foi reprovado mais alguma outra vez ou não? só sexto?

Mário : Só o sexto

Pesquisadora : E assim de tudo que aconteceu olhando pra trás, agora você está no nono ano, o que você acha que foi mais difícil pra você? Que você vivenciou na escola?

Mário : Mais difícil?

Pesquisadora : É

Mário : Você fala ein...

Pesquisadora : De tudo, de tudo, das amizades, da escola. O que que foi mais difícil pra você?

Mário : O mais difícil foi, foi no final do ano, do sexto ano que eu também fiquei em recuperação em algumas matérias e era muita coisa e eu tive que fazer correndo,

Pesquisadora : Humm

Mário : aí eu tive que fazer correndo, aí às vezes alguma coisa ficava pra trás, alguma matéria também ficava pra trás, uma coisinha ali outra aqui

Pesquisadora : Entendi, entendi. E aí depois disso o que você vivenciou no sétimo, no oitavo, infelizmente o oitavo e o nono é um só né por causa da pandemia né, mas assim você teve, que que foi mais prazeroso ou teve algum momento difícil pra você ou não?

Mário : Pra mim no...

Pesquisadora : Do sétimo, a partir do sétimo pra cá

Mário : Mais prazeroso?

Pesquisadora : É

Mário : Foi não ter ficado de recuperação né, passava direto porque pra mim eu não ia conseguir passar porque era duas séries difícil né. Apesar de que no oitavo ano eu num, não foi mais presencial, foi mais em casa fazendo os pets que é até fácil.

Pesquisadora : É até tranquilo pra você

Mário : É...

Pesquisadora : Depois disso tudo que que sua mãe fala, seu pai fala, como que...

Mário : Até agora nada

Pesquisadora : Nada?!

Mário : depois do sexto ano

Pesquisadora : É?! E sobre escola...

Mário : Isso é porque elogia quando eu passo...

Pesquisadora : Oi?!

Mário : Isso é porque elogia quando eu passo

Pesquisadora : Ah, eles te elogiam quando você passa né. E depois, agora que você está no nono ano é... que que você pensa em relação ao seu futuro?

Mário : É...

Pesquisadora : Igual você falou de faculdade né, qual faculdade você tem vontade de fazer, qual curso?

Mário : Eu tô pensando em engenharia mecânica

Pesquisadora : É...E o que te motivou a pensar em fazer esse curso?

Mário : De engenharia mecânica?! É que eu gosto muito de carro né, mecânica, essas coisas assim

Pesquisadora : Você já teve algum contato assim

Mário : não

Pesquisadora : trabalhando, mesmo...

Mário : não, eu tenho muito conhecimento, mais experiência não, experiência de já ter pego e feito sabe, nunca fiz

Pesquisadora : Ah e você tem algum familiar que trabalha com...?

Mário : Tenho

Pesquisadora : Quem?

Mário : Meu tio, meu primo

Pesquisadora : Eles tem o que? Eles trabalham?

Mário : Eles tem uma oficina

Pesquisadora : Ah, eles tem uma oficina mecânica. E seu pai trabalha com o quê?

Mário : Meu pai ele é carpinteiro.

Pesquisadora : Ah, seu pai é carpinteiro. E sua mãe ela...ela....

Mário : Dona de casa

Pesquisadora : Dona de casa, entendi. E aí você tem vontade de fazer engenharia, engenharia mecânica?

Mário : Isso

Pesquisadora : E trabalhar com isso

Mário : Isso

Pesquisadora : E quando você fala de viajar pra fora, que você me disse. É... você tem vontade de ir pra qual país?

Mário : Mais Estados Unidos...

Pesquisadora : É?!

Mário : É...Estados Unidos...é só isso

Pesquisadora : E você pensa em fazer o que lá assim, quando você falou em ir pra fora, ir para os Estados Unidos?

Mário : Ah acho que é mais também pra trabalho né

Pesquisadora : Hum rum

Mário : Ou se não pra turismo também

Pesquisadora : Hum entendi. Você acha legal em conhecer outro país...o que, que você acha que deve ser mais legal, assim lá fora

Mário : Lá?

Pesquisadora : É. Que que de prazeroso tem?

Mário : Ah acho eu que lá além das coisas serem muito barata, item doméstico, as coisas, acho que lá tem muita oportunidade também né.

Pesquisadora : Hum

Mário : que às vezes tem coisa que eu não consigo aqui no Brasil, mas lá eu posso conseguir alguma coisa

Pesquisadora : Ah, entendi. Você já conheceu alguém... que morou fora? Que foi pra fora...

Mário : Não

Pesquisadora : né...entendi...E agora você já voltou ao nono ano né e como que foi essa experiência sua de estudar o nono ano. Agora que você já voltou semana passada né?!

Mário : Não, eu vim semana retrasada

Pesquisadora : Ah...

Mário : e semana passada

Pesquisadora : Ah, você veio duas semanas seguidas. Aí essa semana você não e semana que vem você vem?

Mário : Semana que vem eu não sei se eu venho, mas provavelmente

Pesquisadora : E e fazer o pet, como que foi? Você conseguiu fazer em casa ou você precisou da ajuda de alguém?

Mário : Eu precisei de muita ajuda né, inclusive foi da da internet porque eu não tinha ninguém pra poder me ajudar, me explicar porque meus pais ficavam sempre ocupados né e... aí eu fui com a ajuda internet e entregava aqui na escola

Pesquisadora : E deixa eu te falar, é quando você fala em ajuda eu percebo sobre a questão dos professores daqui da escola...como que é seu relacionamento com os professores...com a escola?

Mário : É bom

Pesquisadora : É?!

Mário : Pra mim é bom, eu converso demais com eles, brinca né...

Pesquisadora : Hum rum

Mário : é

Pesquisadora : E esses professores seu relacionamento é bom com eles

Mário : É bom

Pesquisadora : E esse... assim... que que te... assim quando você pensa em relacionamento com professor, tem algum professor que você admira ou que você... ou todos em geral?. Que que te marca assim, “ah eu gosto do professor, porque ele...”, que que te motiva assim a se relacionar com eles?

Mário : Pra mim todos é bom né... pra mim todos tem sempre um motivo pra dá, pra você tá gostando deles... eles são professores bons...

Pesquisadora : Hum rum. E os seus colegas também de sala, assim?

Mário : Também

Pesquisadora : Também?!. Você quer dizer mais alguma coisa? ...(?-13:24)

Mário : Não

Pesquisadora : É isso mesmo...

Mário – Transcrição da 2ª entrevista - Reencontro

Pesquisadora : Carlos a gente já teve um primeiro momento. Teve uma primeira entrevista, uma primeira conversa. E hoje eu queria começar perguntando para você o seguinte: Quando você fez o sexto ano pela primeira vez, você fez uma recuperação no final do ano e eu gostaria que você me falasse sobre o que você acha sobre essa recuperação que você fez no final do ano, se deu para você recuperar?

Mário: No inicio eu comecei a pensar que fosse importante, aí graças as más amizades eu acabei não fazendo. Fiz poucas e acabei sendo reprovado. Aí depois

de algum tempo quando eu já estava no próximo ano aí que eu vi que era fazia importante pra eu fazer aqui a recuperação.

Pesquisadora : Graças as más amizades, o que são as más amizades pra você?

Mário: É dizer que não faz diferença você fazer recuperação, que você vive não fazendo como você vai passar ? Também perder tempo com conversa fiada, e ficar andando na escola. Fazer coisa errada e você pega aquilo como uma coisa boa. Sendo uma coisa ruim. E você acaba raciocinando que aquilo não vai fazer bem para você ou para as pessoas que estão próximas de você.

Pesquisadora : Isso que elas falavam pra você, essas pessoas assim se você fosse falar sobre elas. Quem são elas? Quem eram os colegas e as colegas que falavam isso para você?

Mário: A maioria já saiu da escola. Hum. Era os mais bagunceiro.

Pesquisadora : E relacionado a mudança quando você passou para o 6° ano. Você teve essa reprovação. O que ela representou na sua vida? Como você sentiu quando foi reprovado?

Mário: Eu me senti muito mal. Para mim representou mais um ano de né? Mais um ano perdido, né? Eu perdi amigos também, perdi meu tempo e é isso.

Pesquisadora : E como a sua família encarou, seus amigos encararam. Como que foi encarar essa reprovação?

Mário: Meus pais na verdade eles ficaram bem chateados, já meus amigos? Eles acham que nem conversam mais comigo a maioria.

Pesquisadora : E por que você acha que eles não conversam mais com você?

Mário: Ah! Acho que é porque ah! Não sei!

Pesquisadora : Você mencionou que você tem projetos né? Anteriormente na outra entrevista você tem vontade de viajar pra fora, de trabalhar, de fazer faculdade e conte-me mais sobre esses projetos que você tem para nós?

Mário: Dá vontade de fazer faculdade porque eu vinha vendo muitos vídeos de engenharia mecânica, essas coisas e eu gostei pra caramba. Já Meu sonho de viajar pra fora é porque também tem muitos amigos meus lá e com vontade própria também.

Pesquisadora : E o que te chamou atenção ao ver os vídeos? Teve algum acontecimento em especial?

Mário: Eu estava vendo alguns conteúdos na internet e acabei me deparando com o conteúdo de engenharia.

Pesquisadora : É engenharia?

Mário: mecânica.

Pesquisadora : E esses vídeos te ensinaram o quê assim sobre essa área?

Mário: É legal né, eu gostei para caramba. E também porque é uma profissão que gera muito lucro.

Pesquisadora : E essa questão de viajar para fora? Por que você essa vontade de viajar para outros países? Como por Estados Unidos, você me disse anteriormente.

Mário: É por vontade própria. Por gostar e ver, olhar e também por cultura. Você vê os filmes, e depois você compara com a realidade. Você vê que é muito igual, esses filmes internacionais.

Pesquisadora : Quais tipos de filme você vê e acha que é igual?

Mário: A maioria. Filme de terror, de luta, filmes, praticamente todos.

Pesquisadora : Agora, eu queria que você me falasse mais sobre você. Você é uma pessoa que tem uma visão de mundo, tem um conhecimento. Assim, eu queria saber onde que você aprende tudo que você sabe?

Mário: Minha família. Meus pais, eles me incentivam muito a ler, e também eles me mostram muito conteúdo.

Pesquisadora : E o que eles te incentivam a ler?

Mário: Muito livro didático, livro de leitura de texto, quadrinho, revista, jornal, assistir televisão também: esses jornais.

Pesquisadora : E o que eles te mostram de conteúdo na internet?

Mário: É mais sobre profissão. Porque meu pai também gosta muito de mecânica, então ele que mais me mostra sobre a engenharia.

Pesquisadora : E aí dele te apresentar, despertou essa vontade?

Mário: E aí tive essa vontade demais.

Pesquisadora : Na outra entrevista você me falou sobre a sua família. Mas eu gostaria que você me falasse mais sobre ela. Quem são as pessoas que vivem com você?

Mário: Eu tenho duas irmãs. Uma se chama Valentina e a outra Ana. As duas estudam na mesma escola que eu. Elas são mais novas. Meu pai: Julio e minha mãe: Cassia. Os dois nasceram aqui em Minas. Meu pai é carpinteiro, e minha mãe é dona de casa. Minhas irmãs uma de 14 e a outra de 13 e elas são mais novas que eu.

Pesquisadora : E você sempre morou aqui no bairro? Antes seus pais sempre moraram aqui? De onde eles vieram?

Mário: Meu pai nasceu aqui mas depois foi para o Espírito Santo. Depois ele voltou e morou no bairro Santa Mônica. Ai lá ele conheceu minha mãe e veio para cá.

Pesquisadora : E por que eles vieram para Neves?

Mário: Porque eles tinham o desejo de comprar uma casa própria. Aí eles encontraram uma casa construída com preço bom, e pegaram e compraram.

Pesquisadora : Daí, quando eles mudaram pra cá. Você já tinha nascido?

Mário: já

Pesquisadora : E o que você e sua família fazem na hora do lazer, no tempo livre no final de semana?

Mário: A gente costuma sair e conversar também.

Pesquisadora : Vocês saem pra onde?

Mário: Shopping, Pampulha, para a casa de parentes. As vezes a gente viaja.

Pesquisadora : Vcs viajam para onde?

Mário: Eu costumo ir para a casa do meu avô e da minha tia no Espírito Santo.

Pesquisadora ; E você sozinho, fora da escola, o que faz no seu tempo livre, nas horas vagas?

Mário: Eu vou na casa da minha avó, mexo celular, jogo futebol, assisto filme.

Pesquisadora : Você joga futebol?

Mário: Sim

Pesquisadora : onde?

Mário: na minha rua

Pesquisadora : E seus amigos fora da escola. Você tem amigos aqui da escola? Ou São amigos que não tem nada a ver com a escola?

Mário: São amigos que também são da escola.

Pesquisadora : E aqui na escola, o que significa ter amigos aqui dentro da escola?

Mário: É ter pessoas que podem fazer companhia para você. E as vezes até ajudar.

Pesquisadora : E você tem amigos aqui na escola que você pode dizer que é seu amigo/

Mário: Sim.

Pesquisadora : E como está sendo agora depois que você voltou?

Mário: Está sendo bom.

Pesquisadora : E os estudos aqui na escola?

Mário: Bom também.

Pesquisadora : Então é isso.

Paulo – Transcrição da 1ª entrevista

Paulo : Eu comecei a estudar no Piratininga com sete ou oito anos pra cima, depois eu mudei pro Belo Vale, fui estudar no Lindomar, fiquei até meu quinto ano. Depois vim pra passar, fazer o resto do ano no Maria Pereira, passei momento bom, momento ruim. Eh.....Tive relação muito pouco com os colegas um dia, que hoje em dia não tá nem valendo a pena mais, já era. Poucos que tá do meu lado. Hmmm... que mais... hmmm... que eu tô doido pra me formar logo pra começar em um serviço, ser feliz.

Silêncio durante um tempo (1:26 - 1:37)

Eu tinha uma relação boa com os professor, poucos mas tá tranquilo.

Silêncio durante um tempo (1:46 - 1:58)

Eu tenho uma relação muito boa com a minha família graças a Deus, com a minha mãe e com os meus tio. Hmmm... que mais... que eu posso dizer

Silêncio durante um tempo (2:22 - 2:35)

Que mais...

Silêncio durante um tempo (2:36 - 3:46)

Hmmm...

Que eu lembro é só isso, não tem mais nada

Silêncio durante um tempo (3:50 - 9:16)

Pesquisadora : Oh Paulo você morava lá em Piratininga? Quanto tempo você morou lá assim... Você era pequenininho?

Paulo : Não, eu morei na roça primeiro.

Pesquisadora : Oi?

Paulo : Eu vim da roça.

Pesquisadora : Ah! Qual cidade?

Paulo : Almenara

Pesquisadora : Ah... Almenara. Você nasceu lá?

Paulo : Foi.

Pesquisadora : E aí lá em Almenara você nas... você morou com quem... com sua mãe...

Paulo : Com a minha avó

Pesquisadora : Ah sua avó... e sua mãe?

Paulo : Minha mãe veio pra cá.... ela deixou nós lá e depois nós veio pra cá

Pesquisadora : Entendi... ela veio pra... pra trabalhar?

Paulo : É

Pesquisadora : E aí você ficou morando com sua avó

Paulo : Eu fiquei um bom tempo com a minha avó

Pesquisadora : Aí depois você veio morar em Piratininga?

Paulo : Foi

Pesquisadora : Por que sua mãe tinha alugado... uma casa lá né...

Paulo : Isso

Pesquisadora : e aí lá em Piratininga você já foi a estudar lá, na escola. Você lembra o nome dela, assim...

Paulo : Não

Pesquisadora : Não né

Paulo : Não (som com a boca dizendo que não)

Pesquisadora : E aí né.... porque que assim... como que foi essa mudança sua de Piratininga aqui pro bairro?

Paulo : Foi muito pouco pra acostumar

Pesquisadora : Ahn?

Paulo : Não acostumei muito rápido na escola não

Pesquisadora : É?!

Paulo : Nossa senhora....

Pesquisadora : E aqui você veio morar... é.... como que foi essa mudança sua do Piratininga? Eu falo de casa mesmo, você veio de lá de Piratininga e morou, mudou pra qual bairro aqui?

Paulo : Humm

Pesquisadora : Qual bairro?

Paulo : Ali perto do Labanca

Pesquisadora : Ah tá. E aí no Lablanca você estudava lá no Catavento?

Paulo : Não... Eu estudei aqui em baixo aqui no Lindo...

Pesquisadora : Ah no Lindomar?! Sei... Aí do Lindomar como que você.. que que você acha que... assim a escola do Piratininga e a escola do Lindomar você vivenciou as mesmas coisas ou foi diferente?! Tinha alguma coisa diferente aqui...

Paulo : Não, não tinha nada de diferente não

Pesquisadora : Não?

Paulo : Não (som com a boca dizendo que não), tô de boa

Pesquisadora : É... e aí você estudou lá no Lindomar até que ano? Você lembra?

Paulo : Até o quinto

Pesquisadora : Até o quinto ano... e muita gente que estudava com você veio junto pra cá?! Ou...

Paulo : É pouco né...

Pesquisadora : Ahm?

Paulo : Poucos

Pesquisadora : Poucos né... e você foi da mesma sala que seus colegas ou...

Paulo : Foi...

Pesquisadora : Foi?!

Paulo : Até o sétimo

Pesquisadora : Ah, até o sétimo ano...

Paulo : ma memo assim... (11:37)

Pesquisadora : Aí no sexto ano você veio, conseguiu... você se adaptou aqui... teve até os seus colegas né...

Paulo : Né...

Pesquisadora : E que que você achou de diferente aqui na escola do Lindomar?

Paulo : Os professor né...

Pesquisadora : Oi?

Paulo : Os professor né...

Pesquisadora : É?! Os professores daqui são diferentes dos de lá?

Paulo : É

Pesquisadora : O que que eles tem de diferente?

Paulo : Hum...

Pesquisadora : Que que você acha assim?

Paulo : Eles escreve mais mais no quadro

Pesquisadora : Ah... entendi. Aqui escreve mais no quadro

Paulo : É mais no quadro

Pesquisadora : Entendi. E o relacionamento assim com os professores daqui eles são... gostô dos professores?

Paulo : Foi bom

Pesquisadora : Foi bom?

Paulo : Foi

Pesquisadora : E aí você estudou o sexto ano aí você passou pro sétimo...

Paulo : Passei pro sétimo depois eu fui pro oitavo aí agora tomei bomba...(? - 12:32)

Pesquisadora : Ah... e você já... cê cê passou direto ou cê teve que...

Paulo : Não, tive que fazer recuperação

Pesquisadora : Ah entendi, mas você já foi reprovado assim? Em algum momento?

Paulo : Hum... acho que não se... acho que sim

Pesquisadora : É?! Você sabe porque você foi reprovado? Não porque, mas o que aconteceu...

Paulo : Bagunça demais

Pesquisadora : É?!

Paulo : Indo nos outro...

Pesquisadora : Oi?!

Paulo : E indo na onda dos outros

Pesquisadora : É?! Essa ir na onda, o que que você fez? Assim...

Paulo : Seguia o caminho dos outro...

Pesquisadora : Ah... entendi... E até hoje você vai... assim...

Paulo : Nem...

Pesquisadora : Aí por isso que você falou assim que não vale a pena... colegas...

Paulo : Vale a pena não

Pesquisadora : Oi?

Paulo : Não vale a pena mar não

Pesquisadora : É... mas cê teve alguma coisa que aconteceu que te deixou triste assim...

Paulo : Nadaaaa!

Pesquisadora : Colega...

Paulo : Hum hum

Pesquisadora : Não?!

Paulo : Não (som com a boca dizendo que não)

Pesquisadora : E porque que você fala que são poucos professores que você gosto?

Paulo : Não, eu gostei mais do Siras

Pesquisadora : Do Silas?!

Paulo : É

Pesquisadora : O que que ele tem de de... ?

Paulo : Ele ajudou demais

Pesquisadora : É?! Que que ele te ajudou assim...

Paulo : Ele me deu uma força né...

Pesquisadora : É... Força em que ? ... na sua... em estudo?

Paulo : É... nas atividades também...

Pesquisadora : É?! Que jeito que cê acha que como pessoa... que que ele fez de diferente dos outros professores, que os outros professores poderiam de repente que aprender com ele?

Paulo : Na humildade.

Pesquisadora : É?! Cê admira a humildade dele?

Paulo : Eu gosto demais nó

Pesquisadora : É... Ele dá aula pra você até hoje?

Paulo : Acho que dá.

Pesquisadora : É?! Então você acha ele uma pessoa muito humilde.

Paulo : Muito humilde.

Pesquisadora : É. Como que você percebe humildade nele assim? Conversando com ele...

Paulo : Conversando né...

Pesquisadora : É?! Ele é um professor bravo... Um professor...

Paulo : De vez em quando

Pesquisadora : De vez em quando?! kkkkkkkk

Paulo : kkkkkkkkkk

Pesquisadora : É kkkk. Mas quando, quando você conversa com ele você gosta de tá com ele, de conversar com ele...

Paulo : Eu gosto, é bom demais

Pesquisadora : É?! Se você fosse resumir assim o que você vê nele, o que você pode falar mais... além da humildade. O que você acha que é legal nele?

Paulo : Que ele não passa muito atividade né

Pesquisadora : Oi?

Paulo : Que ele não passa muito aquelas atividades

Pesquisadora : Há... ele não passa muito aquela atividades, que você fala é de que? De copiar... de... de...

Paulo : É de copiar

Pesquisadora : É. E você aprende a matéria mais assim?

Paulo : Bem de vez em quando.

Pesquisadora : É? Porque de vez em quando?

Paulo : Porque eu não prestava muita atenção no que ele passava

Pesquisadora : Ah tá. Entendi. E o que sua ma... família assim... é você mora com quem agora?

Paulo : Minha mãe, todo mundo, meu pai, minha irmã

Pesquisadora : Mora seu pai, sua mãe...

Paulo : Meus dois irmão

Pesquisadora : Ah, você tem dois irmãos?

Paulo : Tenho.

Pesquisadora : Eles estudam aqui na escola também... ou tão em outra escola?

Paulo : Não, minha irmã já formou já.

Pesquisadora : Ah, já formou?

Paulo : Já

Pesquisadora : E sua irmã estudou aqui ou não?

Paulo : Não!

Pesquisadora : Ela estudou em outra escola?

Paulo : Em outra escola

Pesquisadora : Quem estuda aqui na escola é só você?

Paulo : Só eu

Pesquisadora : Você é o mais novo?

Paulo : Sô

Pesquisadora : Ah. E todo mundo lá na sua casa... as pessoas que são mais velhas elas já trabalham? Igual sua irmã que já é maior...

Paulo : Já, todo mundo trabalha já

Pesquisadora : E geralmente você fica sozinho ou... ?

Paulo : Eu fico em casa fácil...

Pesquisadora : É. E o que você gosta de fazer quando você tá lá?

Paulo : Eu fico lá mais mexendo no celular

Pesquisadora : É?! Você gosta de jogar?

Paulo : Não... é bom dá uma jogada

Pesquisadora : Ahm?

Paulo : É bom dá uma jogada de vez em quando

Pesquisadora : kkkkkkk e conversar com os colegas, você conversa?

Paulo : Não... nada, converso mais ou menos

Pesquisadora : É!? Você tem amigos daqui da escola? Você tem amigos lá fora ou ...

Paulo : Tenho...

Pesquisadora : É?! Vocês se encontram? Nessa pandemia vocês têm se encontrado fazendo algo assim ...

Paulo : Ah só com os Santo (? - 16:35)

Pesquisadora : É... Ele é... ele sempre foi da sua sala?

Paulo : Sempre foi

Pesquisadora : É?!

Paulo : Desde o sétimo ano

Pesquisadora : Ah, desde o sétimo ano... entendi. E quando você fala que você está doido pra formar... pra arrumar um serviço...

Paulo : Tá na hora já

Pesquisadora : Sua mãe fala, seu pai fala algo?

Paulo : Nossa, minha mãe tá doi...

Pesquisadora : O que?

Paulo : Minha mãe endoia demais kk

Pesquisadora : Porque? kkkkk

Paulo : Se... pra formar logo

Pesquisadora : Ela ela conversa muito com você? Sobre escola...

Paulo : Ela conversa

Pesquisadora : É!? O que que ela diz pra você assim...

Paulo : Vamo formar né meu filho

Pesquisadora : É?! kkkkkkkkkk então, esse esse é seu plano assim, de formar,

Paulo : formar logo

Pesquisadora : de... de... ter... quando você fala ser feliz que você acha que é felicidade assim?

Paulo : Hum... deixa eu ver...

Pesquisadora : Trabalhar?!

Paulo : É trabalhar, dá uma divertida de vez em quando também

Pesquisadora : É?! Você é de sair aqui no bairro, essas coisas...

Paulo : Naaaaaaa, não só mais de ficar dentro de casa mesmo

Pesquisadora : É!? Você joga bola?

Paulo : Ah jogo de vez em quando assim...

Pesquisadora : É?! Entendi. E... essa escola aqui, esse ano você ainda não voltou não?

Paulo : Ainda não

Pesquisadora : E você tá doido pra voltar?

Paulo : Tô esperando eu voltar logo

Pesquisadora : É, nós vamos... é, depois a gente vê essa questão da escola aí, como é que vai ser... Então é isso Paulo , obrigada por ter participado

Paulo : Nada

Pesquisadora : Tem alguma coisa que você queira falar...

Paulo : Não

Pesquisadora : Não?!

Paulo – Transcrição da 2^a entrevista – REENCONTRO

Pesquisadora: você morava com a sua avó quando nasceu. Sua mãe teve você

Paulo : Teve eu e mais duas irmãs

Pesquisadora: ah tá e a sua avó morava com vocês

Paulo: isso. Minha avó que me criou primeiro

Pesquisadora: Ah Por que como assim?

Paulo : Minha mãe veio embora para cá.

Pesquisadora : Você falou mesmo, mas sua mãe vem embora será pequenininho

Paulo: Isso

Pesquisadora : lá na roça

Paulo: Aham

Pesquisadora : É não roça, não na cidade mesmo é na cidade mesmo de Almenara né

Paulo: Sim

Pesquisadora: E o que que você lembra desse lugar lá de Almenara como que era a rua

Paulo: Não era de assalto

Pesquisadora: Não era de asfalto. Era rua de terra?

Paulo: Era rua de terra

Pesquisadora : E assim tinha muitas casas?

Paulo: Tinha

Pesquisadora: O que você achava de morar lá era bom morar lá hoje

Paulo: É bom até hoje.

Pesquisadora: E o que é bom lá? O que é diferente assim que você gosta, por exemplo de ir lá?

Paulo: das festas que tem fim de ano.

Pesquisadora: Ah, lá tem muita festa. Então deixa eu anotar aqui: lá tem festas. É uma cidade pequena?

Paulo : Sim. Mas tem muitas festas.

Pesquisadora : E quando você vai para lá? Você vai quando?

Paulo: No meio do mês de dezembro e fico até o meio de janeiro.

Pesquisadora: Quem mora lá da sua família?

Paulo: Minha avó e meus tios.

Pesquisadora: Então, sua avó ficou lá e você veio para morar com a sua mãe e com seu pai.

Paulo: Sim

Pesquisadora: E quem veio primeiro foi seu pai ou sua mãe?

Paulo: Minha mãe.

Pesquisadora: E sua mãe veio conseguiu o trabalho, né? E aí depois seu pai veio ?

Paulo: Sim. E aí depois veio eu e meus irmãos.

Pesquisadora: Aí uma coisa que eu queria saber : você tem dois irmãos, né? Qual que é a idade deles ?

Paulo: Um tem 21. E a outra tem 20.

Pesquisadora: Ah já são maiores. E eles trabalham?

Paulo: Trabalham. Uma trabalha na casa das pessoas

Pesquisadora: Você sabe o que faz lá?

Paulo: Ela limpa e arruma casa.

Pesquisadora: E seu irmão trabalha?

Paulo: Ele é jardineiro.

Pesquisadora: E como que é a relação com eles assim é?

Paulo: É muito bom.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer com eles?

Paulo: Tudo.

Pesquisadora: O que é tudo para você?

Paulo : Nós brincam muito até hoje. Nós zoa demais. Nós brinca de porrada, né. É mas é de brincadeira né

Pesquisadora : E aqui e você que ficou esse tempo lá com a sua avó, né? Durante esse tempo assim, você era o menorzinho, né? O que você lembra desse tempo lá morando com a sua avó?

Paulo: SILÊNCIO DE 30 S.

Pesquisadora: Você consegue lembrar assim? Como que era quando sua avó tomava conta de você e seus dois irmãos, né? Era só ela (sozinha) com vocês?

Paulo: Silêncio

Pesquisadora: O que era bom ? O que ela fazia com vocês que sempre você lembra assim com muito carinho.

Paulo: Ela fazia nós ri. E ela fazia coisas gostosas.

Pesquisadora : E deixa eu te falar, porque que quando você veio de lá de Almenara você veio morar no Piratininga.

Paulo: Nossa primeira casa

Pesquisadora: Por quanto tempo você ficou lá? Você lembra assim?

Paulo: Não lembro o tempo.

Pesquisadora: E como que era a casa?

Paulo: Era uma casa boa demais.

Pesquisadora: A rua era como?

Paulo: Era de asfalto.

Pesquisadora: E aí porque que vocês não continuaram lá?

Paulo: Minha mãe que quis mudar né?

Pesquisadora: Seu pai sempre teve com você ?

Paulo: Sim. Graças a Deus

Pesquisadora: Ai que bom. Você me falou que mudou para perto do ?

Paulo : Para o Belo Vale.

Pesquisadora : Ah não foi para perto do Labanca , não?

Paulo : Primeiro no Labanca e depois o Belo Vale.

Pesquisadora : E Lá no Labanca, como que era lá era morar lá?

Paulo : Era bom.

Pesquisadora : É ali perto da escola do Labanca mesmo?

Paulo : sim

Pesquisadora : E como que era morar lá, você gostava?

Paulo : Bom demais.

Pesquisadora : E Sempre vocês todos juntos, né?

Paulo : Sempre todos nós juntos.

Pesquisadora : E quando você entrou para escola já morando no labanca.Você me falou que foi para o Catavento, né? Aquela escola do Lindomar não é? E aí Quem que te levava para escola

Paulo : Eu costumava ir sozinho.

Pesquisadora : Pequenininho, você já ia sozinho?

Paulo : É.

Pesquisadora : E as atividades em casa, tem que te ajudava?

Paulo : Minha irmã mais velha, né.

Pesquisadora : E na escola assim, o que você lembra ?.

Paulo : Eu não lembro, não.

Pesquisadora : Você gostou da escola desde o início?

Paulo : De tudo agora o recreio e a quadra, né?

Pesquisadora : Ela é muito grande, né? E lá na escola O que eles faziam? Eles levavam vocês Sempre para a quadra?

Paulo: Quase todo dia.

Pesquisadora : E aí você lembra do que você gostava muito lá? Você brincava de quê?

Paulo : Ah eu não gostava muito dos meninos, mas gostava mesmo era de jogar bola.

Pesquisadora : E do recreio, o que você gostava?

Paulo : É a comida boa. A merenda era boa.

Pesquisadora : Então tá bom. E das professoras? Você lembra de alguma de lá?

Paulo: Não lembro nem o nome de nenhuma.

Pesquisadora: E dos colegas. Tem algum colega seu, que era de lá e veio aqui para escola?

Paulo : Tem. Eu converso pouco.

Pesquisadora : Você disse na primeira entrevista que você mudou para essa escola e achou diferentes os professores. Por que os professores daqui já são diferentes dos outros?

Paulo: Porque tem muitas matérias, entende.

Pesquisadora : E o que você achou quando você chegou aqui, já tinha algumas matérias bem diferentes?

Paulo: Nossa eu achei diferente demais. E eu continuei vindo.

Pesquisadora : Isso se você teve alguma assim, você tem alguma lembrança dessa prazerosa ou difícil desse momento? Quando você chegou aqui tinha muita matéria.

Paulo: Não.

Pesquisadora : E quando você passou para o sexto ano, né? Quando você chegou aqui na escola. Tem alguém na sua casa que te ajudava ?

Paulo: Minha irmã sempre.

Pesquisadora : Foi alguém da sua casa que pediu para ela te ajudar?

Paulo : Eu mesmo pedia porque eu não sabia.

Pesquisadora : E sua mãe?

Paulo: Minha mãe falava comigo : pedi sua irmã para te ensinar.

Pesquisadora : E ela te ensina até ?

Paulo: Ensina nada . Eu tenho que fazer sozinho.

Pesquisadora : E ela te ensinou até quando?

Paulo: Até o sétimo ano.

Pesquisadora : E você gostava de quando ela te ensinava ?

Paulo : Demais.

Pesquisadora: O que você sentia quando ela te ensinava ? O que você guarda na sua memória assim, de prazeroso , de legal desse momento que você estudava com ela.

Paulo : De fazer atividade também, né? Eu também Ah, ela fazia algumas atividades. Ah entendi.

Pesquisadora : E você disse naquela outra entrevista que você foi reprovado por bagunçar demais, né? Aí eu queria que você me falasse o que é bagunça para você ?

Paulo : Eu só ficava conversando toda aula. Eu não fazia nada.

Pesquisadora : E aí , você não conseguia fazer o que acontecia?

Paulo : Eu ia para a diretoria direto, chamava minha mãe.

Pesquisadora : E o que sua mãe falava?

Paulo : Minha mãe xingava.

Pesquisadora : E o que você pensava quando eles te chamavam porque você estava bagunçando. Você acha que estava bagunçando?

Paulo : Estava. Conversava demais.

Pesquisadora: Mas era bom conversar ?

Paulo: Conversar é muito bom, mas os professores acham ruim demais. Nossa.

Pesquisadora: E o que vocês conversaram?

Paulo: Um ficava zoando o outro, brincando .

Pesquisadora: Mas ao mesmo tempo você me disse que as amizades não estão valendo a pena. Por que não está valendo a pena ?

Paulo: Ah tem uns que entra pra vida errada, atoa. Ai não vale a pena. Você tem que deixar de conversar. Você é doido.

Pesquisadora : Ai você deixa de conversa. Mas você tem amigos que você conversa?

Paulo: Tenho.

Pesquisadora : E o que é vida errada ?

Paulo: risos

Pesquisadora: Pode falar. Não tem problema porque eu tenho uma sobre é vida errada. risos

Paulo: risos

Pesquisadora: Vida errada é que eles estão fazendo coisa errada?

Paulo: É.

Pesquisadora : O que é coisa errada?

Paulo: Usar droga, esses trem. Fazer besteira na vida.

Pesquisadora : Você já chegou a conversar com alguém, com algum colega seu , como que você sabe que ele está na vida errada?

Paulo: Eu já vi. Eu vejo direto na porta da escola.

Pesquisadora : E na pandemia agora, ou melhor depois da pandemia, você acha que está a mesma coisa, sempre você viu essas coisas ?

Paulo: Era difícil saber que estava acontecendo isso.

Pesquisadora: E com a pandemia :aumentou ou está a mesma coisa?

Paulo: Aumentou um pouco.

Pesquisadora: Agora tem uma coisa que você me disse que o Silas te deu muita força.

Paulo: Nossa...

Pesquisadora : Aí eu queria que você me dissesse como que ele te ajudou? Como que ele te deu tanta força?

Paulo: Conselho. Parar de bagunçar e fazer atividade.

Pesquisadora : Até hoje você guarda hoje ?

Paulo: Até hoje. Gente boa demais. Eu pensei que ele ia dar aula de geografia pra nós, mas não é ele.

00:12:11

Pesquisadora: Então às vezes nem todas as turmas ele consegue dar aula, né? E então ele te falava isso desde quando ?

Paulo: Desde o 7º ano. Ele mesmo avisava todo mundo.

Pesquisadora : O que ele falava?

Paulo: Dentro da sala de aula : vigia, vigia.

Pesquisadora: E você como sabia? O que você achava dele falar isso ? Você achava que tinha algum fundamento mesmo que tinha que vigiar?

Paulo: Eu achava que ele ajudava todo mundo.

Pesquisadora: E de muita coisa que ele fez com você, você lembra disso?

Paulo: sim

Pesquisadora: E tem algum outro professor? Você lembra assim que te ajudou que você guarda na sua cabeça, esse espaço legal?

Paulo: É só o Silas.

Pesquisadora: É. E o jeito dele falar como que é ?

Paulo: Engraçado demais.

Pesquisadora: É ? Ele fala tipo brincando? E os outros professores não falam assim?

Paulo: Não. Tem uns que fala sério.

Pesquisadora : Fala sério é. E aí que que você acha assim, quando fala muito sério?

Paulo : Hi, tem que ficar quieto.

Pesquisadora : Aí você me disse que você gosta de mexer no celular, né? Aí o que que você gosta de mexer no celular?

Paulo : Ah Instagram , WhatsApp e jogar.

Pesquisadora : No instagram, o que você fica fazendo ?

Paulo : Eu vejo tudo quanto é tipo de coisa. Vejo vídeos.

Pesquisadora : E o WhatsApp?

Paulo: Eu converso com a minha mãe com meu tio, minha tia que mora aqui também, com meus irmãos, grupo de escola.

Pesquisadora : E outra coisa que você me falou é jogar né? Aí eu jogar. você joga ?

Paulo: No celular

Pesquisadora : Qual jogo que você gosta de jogar ?

Paulo: Free Fire

Pesquisadora : Aí outra coisa que você me falou é que sua mãe falou que está doida para você forma, né? E o que que ela te fala assim, geralmente ela.

Paulo : Sempre tá falando isso. direto O tempo todo.

Pesquisadora : E seu pai ?

Paulo : Meu pai não fala nada. Só minha mãe, minha irmã, meu tio que mora perto de casa.

Pesquisadora : Então é isso Paulo . Muito obrigada pela segunda entrevista.

Ukeme – Transcrição da 2ª entrevista

Pesquisadora: Isso. Então é isso né, é... eu queria que você explicasse isso: o que você acha sobre o que aconteceu, o antes e o depois de entrar na escola.

Ukeme : Bom... é... quando, antes de entrar pra escola eu sempre fui é... desde pequeno eu era tratado como uma pessoa tipo... que fazia, o que não era pra fazer exatamente, como brincar... não ensinaram pra mim desde o início que o mundo era ruim, que não era um mundo conto de fadas digamos. Quando eu entrei pra escola eu percebi o peso que o mundo tem, aí eu aprendi muita coisa boa e também aprendi muito coisa ruim e essas coisas ruim me ajudaram a prestar mais atenção, pra mim pode só vê o caminho certo. É... eu... já aconteceu muita coisa e esses caminhos que eu trilhei, é... digamos trilhar me tornou uma pessoa como eu sou hoje mais, menos comunicativa, menos extrovertida, sem muitas palavras, uma pessoa quieta no meu canto, sem sentimentos digamos assim e é... é isso eu aprendi muita e pouca coisa, e as muitas coisas que eu aprendi foi que o mundo me ensinou, que é... desde pequeno me ensinou muitas coisas difíceis pra mim aprender e as coisas fáceis eu deixei de lado, do tipo estudar. Estudar era muito difícil mais ao mesmo tempo era muito fácil e nesse fácil o mundo decidiu deixar mais difícil pra mim poder aprender melhor em muitas coisas. Bom é isso. O difícil da escola, o peso do mundo é que quando eu entrei, que nem eu disse, fazer, eu acho, acho que eu cheguei a dizer que um papelzinho, uma folha de cetim que fazia uma bolinha e colando. Eu nunca mexi com cola, era o meu primeiro dia de aula. Todo mundo já tinha entrado na escola e já era da escola, eu nunca fiz ôh, digamos, o prezinho, eu nunca cheguei a fazer o prezinho. Fui pra escola direto. E todo mundo sabia fazer isso, eu nunca tinha mexido com cola. Eu decidi, a professora não tinha ensinado, eu decidi colar tudo, eu sujei minha mão, sujei tudo, por que eu não sabia mexer com cola. Aí nesse dia a professora eh, pegou o meu braço e beliscou. Quando ela me beliscou eu mordi ela , aí ela foi e pegou o meu braço forte e me levou pra diretoria. Aí eu percebi que não é

tudo, tudo é fácil é do jeito que a gente imagina. Porque pode ser ruim muita das vezes e algumas pode ser boas.

Pesquisadora : humm

Ukeme : que nem eu vivo dizendo, é que quando alguém conhece o amor tem muitas chances de conhecer a dor. E é isso que eu aprendi.

Pesquisadora : Eh, eu queria entender o que aconteceu, né, eu queria que você me falasse sobre essa frase: “eu repeti de ano porque eu quis.”.

Ukeme : Bom, eu, quis repeti... na verdade, no início eu, meu plano era passar porque eu vim aqui pra escola em 2016, que eu lembro até hoje, foi no dia que eu fiz o meu segundo melhor amigo, que era aqui na escola. Ele era muito legal, a gente começou a conversar por um motivo muito bobo. Eu estava quieto num canto perto da porta, ele me perguntou porque eu estava sentando perto da porta, eu falei, que fica muito mais fácil de ir pra casa, que dá pra ir mais rápido. Aí ele, aí gente começou a rir e começamos a conversar. No início era pra mim passar de ano porque eu creio, na minha mente que como eu não tinha nenhum amigo desde quase sempre, aí eu , aí nesse ano era pra eu , pra mim , pra mim poder passar, pra mim continuar o menos tempo possível na escola, pra mim poder continuar com meus amigos, que é meus amigos de infância. Aí eu conheci ele, e aí a gente começou a conversar, aí fui conversando, conversando, eu fui perdendo, perdendo muito interesse na escola, querendo passar porque eu estava gostando dali, aí eu não passei junto com ele. Aí a gente, aí no sétimo ano como eu tinha dito, eu queria passar muito mas eu não consegui. Aí ele passou. Eu fiquei muito feliz por ele, é claro, mas eu queria muito passar. Porque não queria ficar pra trás. Aí foi o que aconteceu. Só isso.

Pesquisadora : E esse próximo ano que você queria muito passar, porque que você queria muito passar

Ukeme : Porque eu, por causa que quando eu entrei eu tinha, o meu amigo de infância Henrique, que eu conheço desde pequeno, a gente, eu considero ele até o meu irmão, porque desde bebezinho a gente já se conhecia. E, aí eu queria muito passar, pra mim poder sair na sala dele, porque eh, eh, tipo, ele era do, ele era do mesmo ano que eu né, e eu só queria ir pra sala dele pra gente poder continuar conversar, até no dia de aula. Mas infelizmente eu repeti, porque... acho que eu repeti em duas matérias eu acho, ou só uma, e não consegui passar. Por isso que eu fiquei triste. Aprender, igual, aprender de verdade , é que como eu estava, depois que eu

passei de ano e antes da pandemia, uns dias que eu estava aqui, eu tinha conhecido uma menina, que eu fiquei, eu e ela tava, a gente começou a namorar, faz faz muito tempo, a gente ficou junto dois anos, aí a gente ficou, tipo, tava me deixando mais feliz, tava dando mais motivo pra mim fazer as coisas. E o, e ela tava fazendo os deveres e estava prestes a passar de ano e eu percebendo que pra mim não ficar atrás, pra gente não ficar distante, eu comecei a estudar também pra mim poder aprender a fazer as questões mais rápido, tudo mais rápido. E eu aprendi coisas que eu tinha esquecido, como o PI, eu tinha esquecido a fórmula de PI, aí eu aprendi de novo. Quando veio a pandemia, eu esqueci a fórmula de PI que eu não lembro nada de matemática, quase nada de português, de geografia, nada.

Pesquisadora : hum

Ukeme : Eh, aí , aí eu desandei porque, porque aprender da forma certa é aprender com os professor, porque tirar dúvidas, pode, ler mais na frente, fazer trabalho, os trabalho é muito importante porque te ajuda, ajuda aprender coisas que nem sequer ia aprender, e e a pandemia veio pra destruir muita, muita gente, tirou muita gente, é, é, da nossa família, é tirou muita gente, não da minha, de muitas pessoas tiraram, infelizmente, da minha graças a Deus não tirou ninguém, ninguém. Ninguém morreu. Mais aprendendo, eu não aprendi nada, porque não fazia nenhum sentido eu aprender, quer dizer, eu fazer o PET puxando da internet, porque, porque eu já não sabia muita coisa, o que eu sabia eu tentava escrever, mas se eu puxar da da internet, do GOOGLE, eu não vou tá aprendendo, eu vou tá copiando, e copiando não vai me trazer inteligência pra mim aprender negócio, e eu por muito tempo eu comecei parei de fazer os PET, eu comecei a, eu quase repeti de ano, mas não podia repetir por causa do governo que disse que não era pra repetir, essas coisas, eu comecei a fazer mais o PET, só por fazer para não repetir , só por fazer mesmo. E aprendendo era muito mais fácil, quando o professor explicava, porque caso eu não sabia, sei lá, vou dar um exemplo bem simples, dois mais dois, se eu não soubesse dois mais dois eu ia lá perguntar ao professor, ele me explicava, uma forma direita com um jeito mais fácil de aprender ela. E sem professor, apenas com os meus pais, meus pais, eles chegaram até o quinto ano, e o quinto ano antigamente era tipo o nono, era muito pra frente mas eles num lembram muita coisa, minha família não lembra muita coisa de matemática essas parada. Quando eu eu aprendendo normal assim, eu meio que comigo sozinho, não era muito bom

Pesquisadora : hum, hum

Ukeme : que eu não ia aprender, eu não ia entender nada, então não fazia muito sentido continuar fazendo o PET.

Pesquisadora : Hum, entendi. Igual por exemplo, você quis dizer assim: que tem menino que tá indo lá na internet pega o PET completo e já entrega na escola e você não queria isso. Você queria de verdade aprender, né. Você vem pra escola : para você o que significa – vir para a escola ?

Ukeme : A muito tempo assim

Pesquisadora : hum

Ukeme : é a escola pra mim antes era como um castigo

Pesquisadora : É?

Ukeme : Porque antes na escola eu sofria muito, muito bullying, muita coisa, eu apanhava por tudo. E hoje a escola pra mim é um lugar de, pra mim sair de casa, porque na pandemia só ficava em casa, a pandemia só me trancou. E saí pra ir pra escola é um modo de sair daquela rotina que todo dia tava tendo. E ir pra escola pra mim é um jeito de retomar, tentar aprender tudo de novo, pra mim vê se eu começo a passar de ano por si próprio e não por EI, não recuperação, por mim, aprende... passar de ano por vontade própria, querer passar de ano. Mais fica mais difícil a cada ano... dia.

Pesquisadora : Entendi. E pra você o que significa recuperação assim. Para que que serve essas recuperações no final do ano. O que você acha dessas recuperações que a escola tem.

Ukeme : Recuperação eu acho que é uma segunda chance.

Pesquisadora : Ham.

Ukeme : Pra você tentar aprender, é aprender assim. Você escreve na recuperação. Você é obrigado a estudar, para poder passar, passar o mês. O mês não, é...

Pesquisadora : o ano

Ukeme : o ano. Você negoça. Caso você não consegue os pontos necessários, você vai para o EI. O EI te obriga de verdade, porque é a última das últimas chances de você poder passar de ano. Eh, muito tempo eu achava, eu ainda acho, às vezes, que o EI vem pra poder deixar a gente pra não podermos passar porque, eu acho que, quanto mais repete é numa certa escola, essa escola vai descendo o nome dela, digamos o ranking, vai descendo o nome dela pra escola mais mais, que tem as pessoas mais burras, ou menos inteligente, então eles faz essas prova pra poder darmos a chance pra o nome não descer da escola, continuar ou subir mais e dar esse

negócio pra nós podermos passar e o nome da escola não manchar. Eu acho que é isso.

Pesquisadora : e o EI você acha que dá pra você aprender. Assim, mesmo sendo no final do ano, você aprende alguma coisa. Que que cê acha dele.

Ukeme : o EI, eu acho que o EI ele é mais pra, não é tanto pra o ensino, pra ensinar, ele é mais pra te empurrar pra você passar mesmo. Tirar sessenta pontos não é fácil. Porque é muita, é muito ponto pra tirar e ... como os trabalhos antes da prova é muito, é essencial que dá quarenta e você precisa de pouco ponto pra passar. E, eu acho que a prova não ajuda muito porque ela só tá ali pra te empurrar pra te passar rápido pra você não ficar naquele ano de novo. E só isso, só te empurra pra você passar, e a prova pra mim não me ensina nada não. A gente tá ali só pra escrever rápido, lê direito pra gente escrever. O que a gente lê muito rápido a gente não guarda na cabeça. A gente descarta logo em seguida. A gente só tá ali, naquele momento a gente só pensa pra poder marcar e ir embora. Pra gente não repetir.

Pesquisadora : tipo, pra cumprir uma etapa né?

Ukeme : exato

Pesquisadora : e o que assim, você acha que não dá pra aprender muita coisa no EI. Você acha que é mais pra empurrar mesmo como você tá me falando né. Agora eu também queria saber de você da sua família. Queria que você me falasse um pouquinho sobre ela assim. Como que é a sua família. Quantos irmãos vocês são, é, quanto tempo que vocês moram. Como que seu pai e sua mãe fazem. Essas coisas assim.

Ukeme : minha família ao todo, assim, vamos dizer, na parte da minha avó, parte de pai vamos dizer assim. Eu não conheci meu vô e nem meu pai conheceu o pai dele e ele desde muito pequeno ele sempre viveu na favela. E ele sabe muita coisa desde pequeno, ele foi obrigado a aprender. Não como eu, mas eu acredito que pior porque ele... o chão da casa dele era barro, ele não tinha muita coisa, ele não tinha luz, banheiro dele era no córrego. Então meio que ele é grande exemplo pra mim. E, mesmo ele não tendo pai nem nada, ele foi, ele é um grande pai hoje. Mesmo eu não demonstrando que ele é um grande pai, ele é um grande pai. Que eu tento mostrar isso todo dia pra ele como filho primeiro, eu tenho que mostrar a minha gratidão pela vida. E, minha avó por parte de pai nem sempre foi presente, ninguém da família do meu pai não foi presente na minha vida. Eu, eu não me importo muito por que até que, minha vida foi tranquila, porque eu nunca precisei deles, graças a Deus, eu só precisei,

é do carinho de todo mundo mesmo da parte mesmo de vó, da parte de mãe e dos meus pais e mais nada. É, parte de mãe, a parte da família da minha mãe, ela sempre foi muito, muito, digamos muito festeira, muito brincalhona, era a parte da família mais legal. E, eu vivi a maior parte da minha vida, é, desde que eu me conheço por gente, que a gente começa a ter a noção do dia, é, na casa da minha avó, na parte de mãe. Eu comecei a perceber que lá era, desde, até hoje, toda vez que eu volto pra escola eu como lá em casa e vou pra casa da minha avó, porque lá é meu, é a minha segunda casa, digamos assim. É, meu pai e minha mãe sempre, meu pai não, ele sempre morou com o tio, por causa que ele trabalhava lá, ele tinha que morar lá pra ajudar. Ele fazia muitas viagens, que eu lembro muito pouco dele, é, na minha, parte da minha infância. Por que ele ficava um ano, dois, ficava muito tempo na, na, viajando, mas ele era muito presente quando ele vinha, nossa, ele trazia um montão de coisa, roupa, brinquedo, a gente brincava, a gente jogava bola no campo e, e, meus meus avós, no caso, ele sempre foi de dar muita coisa, sempre era muito presente, se a gente machucava eles passava, se a gente fazia bagunça, descia a lenha por que o certo, o jeito é cuidar sim, porque quem ama cuida, e, e, eu nunca reclamei quando eles batiam, eu nunca negoei, por que eu sabia que eles me batia pra mim aprender pra mim não fazer de novo. Que nem no dia que meu irmão começou a pôr fogo embaixo do colchão. Eu tava vendo aquilo aí eu tipo, eu falava, eu sabia que não era certo, mas eu queria ver, mais aí, meu irmão apanhou e eu apanhei junto por não ter falado, aí eu falei, pô tenho que falar agora senão vou apanhar de novo. Minha tia e o meu tio, é... bem, eles são, minha tia não é muito mãe, ela é tipo minha terceira mãe, minha primeira mãe é minha mãe, a segunda minha avó e ela a terceira. Ela é muito, ela dá tudo, tudo o que a gente quer, antes eu, eu nunca pedi nada pra ela porque meu irmão sempre pedia alguma coisa, eu nunca pedi nada pra ela. De roupa, nada. Ela sempre me dava por me dar mesmo, porque eu era bom na escola, ela me dava essas coisas. Eh, ela era muito mãezonha, ela nunca teve filho, ela nunca teve, ela já teve namorado, nunca casou, nunca teve nada. E a gente é como filho dela. Meu tio teve as minhas primas e... mas antes disso, ele também era brincalhão, minha mãe dizia quando ele, eu tava mamando, é, ele chegava e fazia gracinha. Eu começava a rir mas não lagarva o peito, o leite saía todo na minha cara, ele brincando lá comigo, minha mãe gritando, falando pra ele parar. Era uma loucura, minha família era muito louca, vamos dizer louca na parte boa, porque é fazia de tudo, pra gente, pra mim rir e eu, tipo, eu acho que não durou muito tempo assim meu irmão veio, eu sempre fui

sempre muito ligado ao meu irmão, eu sempre gostei desde pequenininho. Minha mãe dizia que eu ficava sempre só perto dela pra escutar meu irmão mexendo na barriga dela e quando ele nasceu meu pai e minha mãe, não meu pai, minha mãe no caso, ficou com medo de eu ficar com ciúmes e eu comecei a passar os anos lá na casa do meu pai. É, eu fiquei lá muito tempo, depois que eu é... depois eles decidiram me levar lá pra eu conhecer o meu irmão. No dia que eu conheci eles disseram que eu fiquei pra lá e pra cá segurando ele, gritando, ele gritava junto, a gente ficava rindo, ele... foi uma loucura também. É... bom minhas primas, eu mal via elas porque quando elas nasceram, elas nasceram longe. Elas nasceram lá perto da Pampulha, e eu via elas raramente assim, acho que eu via elas uma vez no ano, eu via elas. E a gente sempre foi ligado, a minha irmã mais velha, minha prima mais nova que, a gente era muito, muito amigado mesmo que, tudo que eu fazia ela fazia junto, meu irmão..., minha prima mais velha fazia muita coisa com meu irmão. Muitas coisas também, a gente brincava, negociava. Eu tenho um irmão só, é, ainda bem né, por que ele já enche o meu saco e dois eu acho que não ia aguentar. Ou ia né, porque talvez ele ia encher o saco dele e ele ia esquecer de mim. É, mais é, eu lembro até hoje no dia que eu conheci o meu primeiro amigo, o meu amigo de infância, que, eu, antes eu não sabia, mais eu, ele era o meu irmão de leite porque a mãe dele teve que fazer uma cirurgia e não tava amamentando e minha mãe deu leite pra ele pra ele poder se amamentar e, desde então, a gente tipo, eu via ele lá na varanda dele enquanto a gente brincava, porque a gente brincava na rua, todo mundo da rua era nosso amigo, todas as crianças brincava com todo mundo. E a gente via ele lá na varanda. E eu falei com a minha tia, tia posso lá chamar aquele menino pra brincar? Aí eu, eu, ela mal respondeu eu já tava descendo, chamando ele, aí a mãe dele, a mãe dele nunca deixou ele sair, mais viu que, a minha tia e era todo mundo lá e ela deixou. Aí a gente começou a brincar, aí ficamos um tempão, acho que a gente ficou até meia noite, que antigamente a rua, ela era de barro, uma parte da rua era de barro, e não passava carro, então não tinha perigo de carro vir pra lá e pra cá e antes não era tão perigoso como hoje em dia. A gente ficou um tempão brincando, é, se divertindo, aí desde então só foi alegria, a gente só brincava e a gente só se divertia, todo mundo da rua, às vezes....., quando tinha, quando aparecia meninas na rua, a gente fez tipo um campeonato de meninos versus meninas, a gente jogou bola, a gente, nossa, a gente fez muita coisa, nu, eu lembro, nu, na copa do mundo, a gente pintou a rua, quando eles passaram asfalto, finalmente passaram asfalto, taparam aqueles, aquelas, aqueles, aí, caramba,

Pesquisadora : buraco?

Ukeme : é, aqueles buraco. É, brigado. Aqueles tanto de buraco, a gente tinha, não podia carro. Aí eles tamparam. No dia que eles tamparam, é eu acho que, depois de alguns meses, era a copa do mundo, aí todo mundo da rua reuniu pra pintar a rua toda, pra desenhar, cada um desenhar seu passeio, desenhou na rua toda assim, a bandeira do Brasil, o mascote que a minha mãe fez, todo mundo da rua ajudou a desenhar o mascote, a pintar, a gente, aí, a gente enfeitou a rua toda com negócio, acho que foi a rua mais enfeitada porque, a do bairro aqui, e, e, foi isso. No outro ano a gente fez a mesma coisa, foi sete a um, a gente. O Brasil perdeu, a gente fez a mesma coisa, a mesma cumplicidade não acabou, a gente continuou rindo, brincando, gente, eu, todo mundo da rua, a gente nem ligava pra futebol, a gente tava lá pra brincar mesmo. O jogo rolando e a gente jogando bola lá fora. E, é isso, muito tempo depois, é, muito dos meus amigos, eles eram muito mais velhos do que eu, uns quatro, cinco anos mais velhos do que eu, muitos começaram a ir pra escola e ia trabalhar, essas coisas, alguns ia trabalhar, porque já tinha passado de dezoito, outros tava indo pra escola, e eu tava lá porque eu não tinha idade pra ir pra escola. Mas no entanto, é isso, minha família era muito, minha família por parte de mãe era muito alegre, muito feliz, muito preocupada com a gente, sempre que faltava comida eles sempre davam comida lá, a gente demorou um pouco, mais a gente saiu do aluguel, que a gente morava em cima da casa da minha avó, depois a gente foi para uma casa, para um aluguel, ficamos acho que cinco anos lá, não foi muito tempo, aí meu pai comprou um lote, arrumou a casa muito rápido, aí hoje em dia a gente tá morando na nossa casa.

Pesquisadora : hum

Ukeme : e, é isso, a parte de pai nunca, não dizemos nunca, digamos que algumas vezes assim, ia lá. Eu não conheço quase nada da parte de pai.

Pesquisadora : Hum rum

Ukeme : da família dele. Porque é muito, é como se eles escondessem muita coisa que aconteceu. A única parte da família que eu conheço direito é a minha bisá, ela tá até hoje viva, graças a Deus, eu conheço ao todo... eu conheço toda a história dela, eu conheço mais, meu pai sabe quem é o pai dele, mais ele nunca viu, nunca conheceu, mais sabe o nome, era um policial, e ele queria adotar o... o... , ele queria pegar o meu pai pra levar pra um negócio mas ele não quis. Não queria deixar ele levar, deu a maior briga, ele já estava com outro cara naquele momento, até que meu

pai, acho que ele tem cinco irmãos e cada irmão é de pai diferente. É, isso. Esse é o máximo da família

Pesquisadora : Então agora eu entendi um pouco sobre essa questão de você ser brincalhão. Tudo vem muito da sua família né. E aqui você falou que trabalhou com o seu avô né. Como que foi trabalhar na você ajudou ele lá fazer um fogão a lenha.

Ukeme : nossa, foi um pórrri

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : meu avô como ele é de idade,

Pesquisadora : hum

Ukeme : ele estava com quanto, não sei, ele estava lá com sessenta pra cima. Como ele é de idade, ele não pode ficar carregando peso, até porque eu sei que não pode pegar peso essas coisas. Ele botava tudo pra eu pegar, eu parecia um burro de carga, estava pegando uns cimentos nas costas, estava descendo, pegando água, cimento, mexendo cimento todo, eu só olhando ele fazer os negócios. Muitas das vezes eu que fazia as coisas, que ele estava descansando, e às vezes as costas doía. Mas foi, foi o trabalho mais difícil que eu acho assim. Que trabalhar com ele nunca mais.

Pesquisadora : É? (risos)

Ukeme : (risos) que eu nunca vi um trabalho tão pesado, e bom, eu não fui lá por dinheiro, eu fui mais pra ajudar ele mais ele me deu um dinheirinho por ter ajudado.

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : Eu também trabalhei paro meu pai, por muito tempo, com gesso, é, um dos trabalhos que eu considero muito bonito, gesso é muito bonito, é um trabalho muito desvalorizado, eu acho gesso um trabalho muito bonito, porque aqui no Brasil não é valorizado porque o preço das coisas aumentou e como aumentou o meu pai só sabe mexer com gesso. Ele não só sabe mexer com gesso, ele ama mexer com gesso. Desde muito tempo assim, ele tem quatorze ou quinze anos de profissão de gesso, ele disse que nunca vai largar, porque ele ama o que ele faz. O importante é você trabalhar com o que você ama . Se você trabalha com o que você não ama, não vale a pena você continuar, porque você vai fazer aquilo com má vontade, com, com desânimo... com muita coisa. Como ele sempre amou, ele queria me levar pra... Eu queria ir pra ajudar ele, porque eu acho uma profissão muito bonita. Como no Portugal, Portugal eles pagam uma fortuna pra poder fazer apenas um rebaixamento. E mexer com gesso não é nem um pouco fácil. Porque você precisa, digamos, aquelas ilha que fica, digamos fala ilha, que fica negócio assim, é muito complicado, você tem que fazer

muito corte, certinho, você tem que medir muito, tem que medir muito perfeitamente e tem que ter uma arma, não uma arma, ela é uma arma de calibre não tão alto, mais pra acionar ela, você tem que pressionar ela na parede, tem um jeito de acionar ela. Ela tem, ela não precisa de negócio pra, pra venda, ela não é necessária, mas é acima de dezoito, creio eu, e ela, ela é realmente muito perigosa, porque ela tem um pino de aço, pino de aço é se for numa velocidade machuca. Que meu pai até contou que um me..., garoto, não garoto, alguém que tava trabalhando mirou na parede, o certo é mirar pra cima e por num grau certinho. Pois na parede não viu, não percebeu que tinha uma pessoa atrás e varou na parede, porque é muito forte e varou uma viga.

Pesquisadora : Nu

Ukeme : É muito potente o disparo, aí atravessou ele, atravessou ele todo, ele não morreu graças a Deus eu acho que não chegou a morrer, meu pai disse, não chegou a morrer, mas ele ficou gravemente ferido porque atravessou o corpo dele todo e ele disse que nunca, ele sempre dizia pra mim não brincar com isso que isso não era brincadeira. Que trabalho não era coisa pra brincar, era muito perigoso o que ele fazia, é, cortar, ele pegava a arma pra atirar pra cima pra por os pinos, aí ele colocava as placas suspensa, dava certinho, nunca soltava, ele pôs, colocava chumbo, e diz chumbo era, era, era um negócio lá do tipo, esqueci o nome, acabei de lembrar aqui é cinzal, é cinzal o nome, pega o cinzal com gesso. Aquilo é que nem chumbo, pra tirar aquilo é nem martelo tira. Você tem uma ferramenta lá, que nem sei que ferramenta ele tinha falado, lá pra tirar. Acho que nem aquilo não tira direito. Você tem que passar chumbo pra ficar retinho, pra não cair tem que, você pode tacar água, não tacar água mais o vapor do chuveiro da água que solta... Que não tem problema, que nunca vai negociar. Meu pai eh, ele também me ensino eh, as ilhas que eu tava dizendo, ele faz um pouquinho mais, corta uma outra , viga, do tamanho, num tamanho razoável, pra chegar na parede, depois ele vai, esse espacinho que sobrou, ele vai lá e faz outro mais fino ainda, e no outro, e na ilha suspensa é mais difícil porquê tem que cortar outro gesso, outra placa de gesso pra poder apoiar para ela não ficar mexendo, apoiando, quando ele apoia, ele vai descendo a placa , essas placas não é pesada , não é, tipo pegar duas , ela é bem pesada, o saco de cimento, ela tem quarenta quilos, e não é pesado pra mim, a de gesso, a de cimento também não é porque é cinquenta, mas você tem um jeito certo, você tem que abraçar e negociar, que é o jeito certo , Você pegar, você não vai conseguir levantar, porque é muito pesado. Ele me ensinou muita coisa, como cortar, como raspar o gesso, como

fazer as curvinhas, que é a coisa mais difícil, como por aquelas cerâmicas, como deixar ela... como limpar, deixar as quininha dela, tirar as quininha, não é tirar, passa tipo uma água com gesso, bem água com gesso bem fininho, você passa na parede bem certinho, aí vai lá, ela não solta, negoça, eh, um trabalho muito complicado como esse, como o w (? - 31:12), que são as quininhas, as que tem assim pra fazer, é muito, é muito complicado e muito desvalorizado, no no Brasil. Que eu acho uma profissão muito bonita, é como uma arte, é como... você pode fazer na parede também, que nem no meu quarto, eu vou , eu vou desenhar na parede e eu vou , eu mesmo vou fazer um gesso, eu vou fazer uma parede falsa, não é uma parede falsa, eu vou fazer uma parede em volta do desenho, na verdade eu vou deixar o desenho livre e em volta vou fazer negócio e nele vou por tipo umas luzes de led no meio pra poder ele, ficar destacado o desenho. Que eu acho assim acho bonito, é uma arte bonita. Ele também faz , eh, como diz né, aqueles negócio que põe no meio, aquelas luz que fica no meio também, eles faz aquele moldizinho bonitinho, e, eh, um trabalho lindo. Muito lindo.

Pesquisadora : E como você percebe que é, que é um trabalho que é desvalorizado assim, já teve contato, você vê a vida do seu pai assim?

Ukeme : É que meu pai, ele ganha por metro, ele não ganha por dia, ele mesmo diz que trabalha por dia, e você trabalha é... dependendo do dia, dependendo daquele dia, você tem que fazer rápido pra chegar no prazo. Quando você trabalha por metro, você não tem dia pra ir, não tem dia pra voltar e não tem hora pra sair do trabalho. Você, quando o meu pai, eu já vi muita das vezes, o meu pai passando muito mal e trabalhando quando ele não suporta passar mal, ele fala, não eu vou pra casa, porque que eu estou realmente muito mal, eu vou pra casa, vou negócio. Ele larga o dia, digamos ele chega tipo uma hora da tarde, ele fica até duas, ele larga o trabalho e vai embora pra casa, ele não tem a cabeça boa, ele tá pensando muito, e digamos, a moto dele estragou, ou tem que pagar as conta, ele pensa muito aí ele fala, não , hoje eu não vou trabalhar, hoje eu tô com com a cabeça quente, pesada, ele não, quando ele tá com a cabeça pesada, ele não consegue raciocinar os números direito. Então ele prefere ficar em casa, do que fazer um trabalho mal feito. Ele prefere fazer um trabalho muito, muito bem feito do que fazer um trabalho sujo.

Pesquisadora : que é uma arte né

Ukeme : Que é uma arte. Para ele toda vez que a gente, eu falo de gesso, ele sempre tem um, eu sinto uma palavra bem no fundo assim das letras e das palavras. Ele fala

uma palavra bem sutil, bem pequena, falando que é arte, o que ele faz é arte, é uma maneira de expressar os sentimentos dele, que tudo que ele passa em casa, dos preços, dos negócios, a comida, tudo que muitas vezes falta lá em casa, infelizmente que ele desconta o, a frustra... a frustração e a falta do dinheiro no trabalho dele. Que ele move uma arte, um negócio ele já trabalhou pra muita gente lá no meu bairro, ele já trabalhou pra todo mundo do meu bairro, aqui no Belo... aqui nesse bairro mesmo aqui, ele já trabalhou pra muita gente, até porque ele conhece todo mundo, ele trabalhou muito longe, até em outro estado ele já trabalhou, o dinheiro que hoje em dia não é muito, tipo, mil reais hoje em dia não é nada. Mil reais, ele, eu já vi ele com duzentos reais na mão, não, eu já vi ele com dois mil reais na mão, volta com cinquenta reais, por que ele tinha que pagar as conta, a água, é, comprar comida, comprar ração, consertar a moto, por gasolina, e voltava com muito pouco, com cinquenta abaixo de cinquenta ele voltava .

Pesquisadora : hum, hum

Ukeme : E vê ele todo dia trabalhando, o único que tem que trabalhar, no caso minha mãe trabalhava, mas ela saiu do emprego por que ela tinha que continuar os estudos dela. Ela conseguiu formar e, e, ela hoje em dia trabalha em casa, fazendo tapete e máscara, essas coisas, ela faz um trabalho muito bonito, que são uns tapetes magníficos.

Pesquisadora : Então a sua mãe é uma artesã, que legal ein.

Ukeme : Ela puxou da minha avó. Minha avó, ela faz roupa, e faz costura, não tapete, tapete minha mãe é quem faz. Ela fazia tapete, minha mãe faz tapete hoje, ela fazia crochê, eu acho um trabalho muito difícil, eu já parei pra tentar aprender, mas eu desisti, porque é muito difícil, muito complicado, pôr as linhas certinhas, tricota. E ela faz muito bem, minha mãe tem um montão de coisa tricotada, ela sabe fazer também e, bom , é isso. Tudo que tem, é o orgulho que eu tenho do meu pai, que ele tem de mim também por eu ser muito esforçado, muita das coisas, eu não peço tanto, eu não espero as pessoas ajuda, pra me ajudar. Que nem quando meu amigo, meu pai já percebeu, quando meu amigo estava muito mal, com a depressão dele altíssima, eu também estava com depressão, mas eu deixei a minha depressão, não ficava chorando, deixava o meu choro de lado, porque eu o via chorando, eu via minha necessidade de ajudar ele era muito maior do que a minha depressão, do que a minha, a minha dor, era muito mais grande a minha necessidade de fazê-lo bem, do que me fazer bem. Muitas das vezes, ajudar ele me fazia... me ajudava, porque ver alguém

que estava lá embaixo, no fundo do poço, a ajudar a levantar, a continuar caminhando, é gratidão, é muito bom. É uma coisa que dá vontade de viver, é um motivo. Eu, antes não acreditava que tinha motivo a vida. Eu não acredito assim que a vida tem um motivo. Desde que eu o ajudei, eu aprendi que o meu propósito é ajudar as pessoas. Porque ajudar, além de te... além de a gente ajudar as pessoas, sua alma fica mais limpa, você se sente mais leve, você se sente mais livre, e, mesmo, preso numa sociedade tão rígida, você se sente tão livre que, você se sente voando, de tão leve que você tá. E, e muita das vezes, meu pai já chegou ne mim e falou, que eu era uma pessoa boa, que eu tenho um coração muito grande, ele falou. E vê ele trabalhando de uma coisa que ele ama, e que ele tem vontade de trabalhar, é ma, é mui, é maravilhoso. É é a coisa mais linda que eu consigo imaginar.

Pesquisadora : E aqui, deixa eu te falar uma coisa, você é um menino tão assim, eu estou o percebendo assim fora da escola, você conhece sobre tantas coisas, igual aquele dia você me falou de desenho, que você desenha, que você tem vontade de ser Youtuber e agora você falou de propósito. Qual é o seu propósito?

Ukeme : Meu propósito...?

Pesquisadora : É

Ukeme : de vida?! no momento eu estou querendo ir pro exército,

Pesquisadora : hum

Ukeme : No momento eu estou querendo ir pro exército, Eu quero muito. Não é que eu quero muito. Se eu não conseguir também, eu vou tentar entrar na polícia, é um trabalho muito bonito também, muito perigoso, mas é um, eu tenho vontade, porque trabalhando lá eu posso ganhar bastante pra eu poder comprar os monitores, os PC, para me poder começar em uma carreira no que eu realmente quero, é, o meu sonho é trabalhar com o que eu gosto, que é trabalhar jogando, jogando vídeo game. Uma coisa que eu amo é jogar, porque, tipo, desenhar é um hobbie mais pra mim, jogar é como uma arte, no meu ponto. Como meu pai tem a arte dele, eu tenho a arte que é jogar e jogando pra mim é muito bom porque eu jogo os meus sentimentos no jogo e o jogo me devolve como felicidade, porque me deixa mais alegre, mais esperto, porque jogando muitas vezes você tem que pensar. Porque é, muita gente infelizmente, trata jogo como, como um jeito de, é, de racista, como , é, como é que diz, é , como forma de , é de, sei lá, matar outras pessoas, porque tem muita gente que trata isso como roubo essas coisas. Até a minha família teve muito preconceito com jogo porque passou na TV uns caras que estavam atirando. Acho que, acho que

você chegou a ver que estava atirando na Igreja, que matou um monte de gente aqui na minha escola, que, uma escola que matou um tanto de gente,

Pesquisadora : sim, sim,

Ukeme : Aí nos EUA também teve isso, aí depois, depois de alguns tempos, depois de alguns dias...

Pesquisadora : do jogo né que aí passou. Que aí o pessoal da sua família ficou meio

Ukeme : é que nem eu estava falando do, do da quando teve esse atentado das escolas aqui nas escolas do Brasil. Alguns dias depois aconteceu um outro atentado, pro, passado na Internet, começou , é, digamos , eu acredito que foi mais uma injúria , é não uma injúria . Digamos que foi mais um, uma , uma, eu esqueci o nome. É quando a pessoa não gosta da outra religião, é

Pesquisadora : intolerância?

Ukeme : intolerância. Sim, intolerância religiosa. Ela entrou em uma igreja, acho que igreja católica, e atirou em todo mundo e depois tiraram a própria vida. E muita gente tratou isso como um jogo de GTA. Que GTA lá tem essas coisas, mostra lá do, mostra o lado dos de tratar assalto, essas coisas, como orquestrar de uma certa forma, não mostrando realmente como é, mas sim como uma mente criminosa deveria agir, mas o jogo nunca, de uma forma nunca mostrou que nunca faça isso em casa. Que isso é apenas uma simulação . E muita gente tratou isso como é perigoso. E eu fiquei muito tempo sem jogar porque me deu muito estresse, minha família tirou . Meu pai e minha mãe não, porque meu pai e minha mãe já sabia que isso era apenas um jogo, um passatempo meu, mas minha tia, como ela muito preocupada comigo, ela tirou tudo que é tipo de jogo de mim, e até TV que eu assistia , é, uns desenho, aqui ali, ela tirou , porque ela tava com medo de ficar a mesma coisa, porque tava passando no jornal, ela acredita em qualquer coisa que passa no jornal ela acredita, e, bem, o jogo pra mim não é um modo de ódio, um modo de você aprender a matar outras pessoas na vida real, e, deixar você mais burro, menos negócio. O jogo, pra muita gente que trabalha nessa área, é um modo de arte, é um modo de..., porque caso muita gente não sabe, mas o jogo foi criado por uma pessoa aleatória no mundo, que resolveu falar, ah, eu vou criar um jogo pra outras pessoas se divertirem. Um jogo de terror pra outras pessoas se assustarem e se divertir ao mesmo tempo. Porque jogo de terror tem os seu memes, suas diversões e tem os seu terror, seus susto, coisas na sua cara como demônio, essas coisas e as pessoas cria pra divertir outras pessoas, nem divertir, muitas vezes as pessoas faz jogo de graça, pra, eles não ganha nada em

cima disso, faz por diversão. E fazer jogo é uma grande honra hoje em dia, porque muita gente hoje em dia trabalha nessa área, e tem orgulho de falar que é jogador, que trabalha que é streamer porque eu quero ser streamer pra poder gravar jogos, conversar com outras pessoas que eu nunca vou ver, mas que vai me apoiar e poder crescer numa comunidade que eu tenho certeza que eu vou adorar, é, bom, é uma coisa ótima.

Pesquisadora : Então você quer trabalhar com jogos mesmo né?

Ukeme : É

Pesquisadora : O exército seria um caminho ali né? Ah, muito bem.

Ukeme : Uma forma de ganhar dinheiro pra mim poder construir meus, meus caminhos, pra mim poder fazer o que eu quero.

Pesquisadora : Entendi, muito bem. Ukeme agora eu gostaria de saber sobre o que você faz nas horas de lazer, no seu tempo livre.

Ukeme : Na minha hora livre.

Pesquisadora : É, seu tempo livre.

Ukeme : Eu vou pra casa da minha avó, que eu acho que é uns três minutos . Eu acho que é uns três minutos da minha casa até a casa da minha avó, e fico lá o dia todo. Fico assistindo TV, às vezes eu brinco com a minha ca... a cachorra lá, fico assistindo mais TV, comendo, porque comer eu acho que eu como de cinco em cinco segundos (risos). Eu nunca engordei mais eu sempre comi muito e em casa, quando eu estou em casa, ou eu vou comer mais, ou eu vou mexer no celular, ou eu vou mexer no notebook pra jogar.

Pesquisadora : Humm

Ukeme : ou desenhar. Muito raramente eu vou desenhar, mais recentemente eu não tô tendo tantas ideias, tanta vontade de desenhar. Mais é isso, não faço tantas coisas, sábado e domingo que é o dia que eu posso sair, digamos sair com meus amigos, muitos ficam “negoçados”, o Vitor e o Henrique que são meus amigos, que eu considero meus melhores amigos, melhores do que melhores amigos, ele tão, é, eu considero tipo irmãos mesmo, até minha família chama eles de, minha avó, chama eles de neto, eles chama ela de vó, é uma loucura. Mas quando eles tão , a gente às vezes vai no cinema pra, pra andar, às vezes eu vou na casa do Henrique, às vezes eu vou com o Henrique na casa da namorada dele, pra gente ficar jogando, conversando, e assistindo TV, assistindo filme, conversando mais e mais, comendo

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : o que eu faço mais é comer (risos).

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : Se perguntar pra mim a coisa que eu mais gosto, é comer, a coisa que eu mais gosto é comer e dormir. E a segunda coisa que eu mais gosto é jogar e desenhar. Que comer é outra coisa, comer...

Pesquisadora : (risos)

Ukeme : é uma, cê se sente mais feliz,

Pesquisadora : Ham, ham, (risos)

Ukeme : se eu tô triste eu como , se eu tô chorando eu tô comendo, dá fome, se eu tô assistindo TV, eu tô com fome, eu tô comendo também. É isso.

Mário – Transcrição da 2^a entrevista

Pesquisadora : Carlos a gente já teve um primeiro momento. Teve uma primeira entrevista, uma primeira conversa. E hoje eu queria começar perguntando para você o seguinte: Quando você fez o sexto ano pela primeira vez, você fez uma recuperação no final do ano e eu gostaria que você me falasse sobre o que você acha sobre essa recuperação que você fez no final do ano, se deu para você recuperar?

Mário: No inicio eu comecei a pensar que fosse importante, aí graças as más amizades eu acabei não fazendo. Fiz poucas e acabei sendo reprovado. Aí depois de algum tempo quando eu já estava no próximo ano aí que eu vi que era fazia importante pra eu fazer aqui a recuperação.

Pesquisadora : Graças as más amizades, o que são as más amizades pra você?

Mário: É dizer que não faz diferença você fazer recuperação, que você vive não fazendo como você vai passar ? Também perder tempo com conversa fiada, e ficar andando na escola. Fazer coisa errada e você pega aquilo como uma coisa boa. Sendo uma coisa ruim. E você acaba raciocinando que aquilo não vai fazer bem para você ou para as pessoas que estão próximas de você.

Pesquisadora : Isso que elas falavam pra você, essas pessoas assim se você fosse falar sobre elas. Quem são elas? Quem eram os colegas e as colegas que falavam isso para você?

Mário: A maioria já saiu da escola. Hum. Era os mais bagunceiro.

Pesquisadora : E relacionado a mudança quando você passou para o 6º ano. Você teve essa reprovação. O que ela representou na sua vida? Como você sentiu quando foi reprovado?

Mário: Eu me senti muito mal. Para mim representou mais um ano de né? Mais um ano perdido, né? Eu perdi amigos também, perdi meu tempo e é isso.

Pesquisadora : E como a sua família encarou, seus amigos encararam. Como que foi encarar essa reprovação?

Mário: Meus pais na verdade eles ficaram bem chateados, já meus amigos? Eles acham que nem conversam mais comigo a maioria.

Pesquisadora : E por que você acha que eles não conversam mais com você?

Mário: Ah! Acho que é porque ah! Não sei!

Pesquisadora : Você mencionou que você tem projetos né? Anteriormente na outra entrevista você tem vontade de viajar pra fora, de trabalhar, de fazer faculdade e conte-me mais sobre esses projetos que você tem para nós?

Mário: Dá vontade de fazer faculdade porque eu vinha vendo muitos vídeos de engenharia mecânica, essas coisas e eu gostei pra caramba. Já Meu sonho de viajar pra fora é porque também tem muitos amigos meus lá e com vontade própria também.

Pesquisadora : E o que te chamou atenção ao ver os vídeos? Teve algum acontecimento em especial?

Mário: Eu estava vendo alguns conteúdos na internet e acabei me deparando com o conteúdo de engenharia.

Pesquisadora : É engenharia?

Mário: mecânica.

Pesquisadora : E esses vídeos te ensinaram o quê assim sobre essa área?

Mário: É legal né, eu gostei para caramba. E também porque é uma profissão que gera muito lucro.

Pesquisadora : E essa questão de viajar para fora? Por que você essa vontade de viajar para outros países? Como por Estados Unidos, você me disse anteriormente.

Mário: É por vontade própria. Por gostar e ver, olhar e também por cultura. Você vê os filmes, e depois você compara com a realidade. Você vê que é muito igual, esses filmes internacionais.

Pesquisadora : Quais tipos de filme você vê e acha que é igual?

Mário: A maioria. Filme de terror, de luta, filmes, praticamente todos.

Pesquisadora : Agora, eu queria que você me falasse mais sobre você. Você é uma pessoa que tem uma visão de mundo, tem um conhecimento. Assim, eu queria saber onde que você aprende tudo que você sabe?

Mário: Minha família. Meus pais, eles me incentivam muito a ler, e também eles me mostram muito conteúdo.

Pesquisadora : E o que eles te incentivam a ler?

Mário: Muito livro didático, livro de leitura de texto, quadrinho, revista, jornal, assistir televisão também: esses jornais.

Pesquisadora : E o que eles te mostram de conteúdo na internet?

Mário: É mais sobre profissão. Porque meu pai também gosta muito de mecânica, então ele que mais me mostra sobre a engenharia.

Pesquisadora : E aí dele te apresentar, despertou essa vontade?

Mário: E aí tive essa vontade demais.

Pesquisadora : Na outra entrevista você me falou sobre a sua família. Mas eu gostaria que você me falasse mais sobre ela. Quem são as pessoas que vivem com você?

Mário: Eu tenho duas irmãs. Uma se chama Valentina e a outra Ana. As duas estudam na mesma escola que eu. Elas são mais novas. Meu pai: Julio e minha mãe: Cassia. Os dois nasceram aqui em Minas. Meu pai é carpinteiro, e minha mãe é dona de casa. Minhas irmãs uma de 14 e a outra de 13 e elas são mais novas que eu.

Pesquisadora : E você sempre morou aqui no bairro? Antes seus pais sempre moraram aqui? De onde eles vieram?

Mário: Meu pai nasceu aqui mas depois foi para o Espírito Santo. Depois ele voltou e morou no bairro Santa Mônica. Ai lá ele conheceu minha mãe e veio para cá.

Pesquisadora : E por que eles vieram para Neves?

Mário: Porque eles tinham o desejo de comprar uma casa própria. Aí eles encontraram uma casa construída com preço bom, e pegaram e compraram.

Pesquisadora : Daí, quando eles mudaram pra cá. Você já tinha nascido?

Mário: já

Pesquisadora : E o que você e sua família fazem na hora do lazer, no tempo livre no final de semana?

Mário: A gente costuma sair e conversar também.

Pesquisadora : Vocês saem pra onde?

Mário: Shopping, Pampulha, para a casa de parentes. As vezes a gente viaja.

Pesquisadora : Vcs viajam para onde?

Mário: Eu costumo ir para a casa do meu avô e da minha tia no Espírito Santo.

Pesquisadora: E você sozinho, fora da escola, o que faz no seu tempo livre, nas horas vagas?

Mário: Eu vou na casa da minha avó, mexo celular, jogo futebol, assisto filme.

Pesquisadora : Você joga futebol?

Mário: Sim

Pesquisadora : onde?

Mário: na minha rua

Pesquisadora : E seus amigos fora da escola. Você tem amigos aqui da escola? Ou São amigos que não tem nada a ver com a escola?

Mário: São amigos que também são da escola.

Pesquisadora : E aqui na escola, o que significa ter amigos aqui dentro da escola?

Mário: É ter pessoas que podem fazer companhia para você. E as vezes até ajudar.

Pesquisadora : E você tem amigos aqui na escola que você pode dizer que é seu amigo/

Mário: Sim.

Pesquisadora : E como está sendo agora depois que você voltou?

Mário: Está sendo bom.

Pesquisadora : E os estudos aqui na escola?

Mário: Bom também.

Pesquisadora : Então é isso.

Paulo – Transcrição da 2^a entrevista – REENCONTRO

Pesquisadora : você morava com a sua avó quando nasceu. Sua mãe teve você

Paulo : Teve eu e mais duas irmãs

Pesquisadora : ah tá e a sua avó morava com vocês

Paulo : isso. Minha avó que me criou primeiro

Pesquisadora : Ah Por que como assim?

Paulo : Minha mãe veio embora para cá.

Pesquisadora : Você falou mesmo, mas sua mãe vem embora será pequenininho

Paulo : Isso

Pesquisadora : lá na roça

Paulo : Aham

Pesquisadora : É não roça, não na cidade mesmo é na cidade mesmo de Almenara né

Paulo : Sim

Pesquisadora : E o que que você lembra desse lugar lá de Almenara como que era a rua

Paulo : Não era de asfalto

Pesquisadora : Não era de asfalto. Era rua de terra?

Paulo : Era rua de terra

Pesquisadora : E assim tinha muitas casas?

Paulo : Tinha

Pesquisadora : O que você achava de morar lá era bom morar lá hoje

Paulo : É bom até hoje.

Pesquisadora : E o que é bom lá? O que é diferente assim que você gosta, por exemplo de ir lá?

Paulo : das festas que tem fim de ano.

Pesquisadora : Ah, lá tem muita festa . Então deixa eu anotar aqui: lá tem festas. É uma cidade pequena?

Paulo : Sim. Mas tem muitas festas.

Pesquisadora : E quando você vai para lá? Você vai quando?

Paulo : No meio do mês de dezembro e fico até o meio de janeiro.

Pesquisadora : Quem mora lá da sua família?

Paulo : Minha avó e meus tios.

Pesquisadora : Então, sua avó ficou lá e você veio para morar com a sua mãe e com seu pai.

Paulo : Sim

Pesquisadora : E quem veio primeiro foi seu pai ou sua mãe?

Paulo : Minha mãe.

Pesquisadora : E sua mãe veio conseguiu o trabalho, né? E aí depois seu pai veio ?

Paulo : Sim. E aí depois veio eu e meus irmãos.

Pesquisadora : Aí uma coisa que eu queria saber : você tem dois irmãos, né? Qual que é a idade deles ?

Paulo : Um tem 21. E a outra tem 20.

Pesquisadora : Ah já são maiores. E eles trabalham?

Paulo : Trabalham. Uma trabalha na casa das pessoas.

Pesquisadora : Você sabe o que faz lá?

Paulo : Ela limpa e arruma casa.

Pesquisadora : E seu irmão trabalha?

Paulo : Ele é jardineiro.

Pesquisadora : E como que é a relação com eles assim é?

Paulo : É muito bom.

Pesquisadora : O que você mais gosta de fazer com eles?

Paulo : Tudo.

Pesquisadora : O que é tudo para você?

Paulo : Nós brincam muito até hoje. Nós zoa demais. Nós brinca de porrada, né. É mas é de brincadeira né

Pesquisadora : E aqui e você que ficou esse tempo lá com a sua avó, né? Durante esse tempo assim, você era o menorzinho, né? O que você lembra desse tempo lá morando com a sua avó?

Paulo : SILÊNCIO DE 30 S.

Pesquisadora : Você consegue lembrar assim? Como que era quando sua avó tomava conta de você e seus dois irmãos, né? Era só ela (sozinha) com vocês?

Paulo : Silêncio

Pesquisadora : O que era bom ? O que ela fazia com vocês que sempre você lembra assim com muito carinho.

Paulo : Ela fazia nós ri. E ela fazia coisas gostosas.

Pesquisadora : E deixa eu te falar, porque que quando você veio de lá de Almenara você veio morar no Piratininga.

Paulo : Nossa primeira casa

Pesquisadora : Por quanto tempo você ficou lá? Você lembra assim?

Paulo : Não lembro o tempo.

Pesquisadora : E como que era a casa ?

Paulo : Era uma casa boa demais.

Pesquisadora : A rua era como?

Paulo : Era de asfalto.

Pesquisadora : E aí porque que vocês não continuaram lá?

Paulo : Minha mãe que quis mudar né?

Pesquisadora : Seu pai sempre teve com você ?

Paulo : Sim. Graças a Deus

Pesquisadora : Ai que bom. Você me falou que mudou para perto do ?

Paulo : Para o Belo Vale.

Pesquisadora : Ah não foi para perto do Labanca , não?

Paulo : Primeiro no Labanca e depois o Belo Vale.

Pesquisadora : E Lá no Labanca, como que era lá era morar lá?

Paulo : Era bom.

Pesquisadora : É ali perto da escola do Labanca mesmo?

Paulo: sim

Pesquisadora : E como que era morar lá, você gostava?

Paulo : Bom demais.

Pesquisadora : E Sempre vocês todos juntos, né?

Paulo : Sempre todos nós juntos.

Pesquisadora : E quando você entrou para escola já morando no labanca. Você me falou que foi para o Catavento, né? Aquela escola do Lindomar não é? E aí Quem que te levava para escola

Paulo : Eu costumava ir sozinho.

Pesquisadora : Pequenininho, você já ia sozinho?

Paulo : É.

Pesquisadora : E as atividades em casa, tem que te ajudava?

Paulo : Minha irmã mais velha, né.

Pesquisadora : E na escola assim, o que você lembra ?.

Paulo : Eu não lembro, não.

Pesquisadora : Você gostou da escola desde o início?

Paulo : De tudo agora o recreio e a quadra, né?

Pesquisadora : Ela é muito grande, né? E lá na escola O que eles faziam? Eles levavam vocês Sempre para a quadra?

Paulo : Quase todo dia.

Pesquisadora : E aí você lembra do que você gostava muito lá? Você brincava de quê?

Paulo : Ah eu não gostava muito dos meninos, mas gostava mesmo era de jogar bola.

Pesquisadora : E do recreio, o que você gostava?

Paulo : É a comida boa. A merenda era boa.

Pesquisadora : Então tá bom. E das professoras? Você lembra de alguma de lá?

Paulo : Não lembro nem o nome de nenhuma.

Pesquisadora : E dos colegas. Tem algum colega seu, que era de lá e veio aqui para escola?

Paulo : Tem. Eu converso pouco.

Pesquisadora : Você disse na primeira entrevista que você mudou para essa escola e achou diferentes os professores. Por que os professores daqui já são diferentes dos outros?

Paulo : Porque tem muitas matérias, entende.

Pesquisadora : E o que você achou quando você chegou aqui, já tinha algumas matérias bem diferentes?

Paulo : Nossa eu achei diferente demais. E eu continuei vindo.

Pesquisadora : Isso se você teve alguma assim, você tem alguma lembrança dessa prazerosa ou difícil desse momento? Quando você chegou aqui tinha muita matéria.

Paulo : Não.

Pesquisadora : E quando você passou para o sexto ano, né? Quando você chegou aqui na escola. Tem alguém na sua casa que te ajudava ?

Paulo : Minha irmã sempre.

Pesquisadora : Foi alguém da sua casa que pediu para ela te ajudar?

Paulo : Eu mesmo pedia porque eu não sabia.

Pesquisadora : E sua mãe?

Paulo : Minha mãe falava comigo : pedi sua irmã para te ensinar.

Pesquisadora : E ela te ensina até ?

Paulo : Ensina nada . Eu tenho que fazer sozinho.

Pesquisadora : E ela te ensinou até quando ?

Paulo : Até o sétimo ano.

Pesquisadora : E você gostava de quando ela te ensinava ?

Paulo : Demais.

Pesquisadora : O que você sentia quando ela te ensinava ? O que você guarda na sua memória assim, de prazeroso , de legal desse momento que você estudava com ela.

Paulo : De fazer atividade também, né? Eu também Ah, ela fazia algumas atividades. Ah entendi.

Pesquisadora : E você disse naquela outra entrevista que você foi reprovado por bagunçar demais, né? Aí eu queria que você me falasse o que é bagunça para você ?

Paulo : Eu só ficava conversando toda aula. Eu não fazia nada.

Pesquisadora : E aí , você não conseguia fazer o que acontecia?

Paulo : Eu ia para a diretoria direto, chamava minha mãe.

Pesquisadora : E o que sua mãe falava?

Paulo : Minha mãe xingava.

Pesquisadora : E o que você pensava quando eles te chamavam porque você estava bagunçando. Você acha que estava bagunçando?

Paulo : Estava. Conversava demais.

Pesquisadora : Mas era bom conversar ?

Paulo : Conversar é muito bom, mas os professores acham ruim demais. Nossa.

Pesquisadora : E o que vocês conversaram?

Paulo : Um ficava zoando o outro, brincando .

Pesquisadora : Mas ao mesmo tempo você me disse que as amizades não estão valendo a pena. Por que não está valendo a pena ?

Paulo : Ah tem uns que entra pra vida errada, atoa. Ai não vale a pena. Você tem que deixar de conversar. Você é doido.

Pesquisadora : Ai você deixa de conversa. Mas você tem amigos que você conversa?

Paulo : Tenho.

Pesquisadora : E o que é vida errada ?

Paulo : risos

Pesquisadora : Pode falar. Não tem problema porque eu tenho uma sobre é vida errada. risos

Paulo : risos

Pesquisadora : Vida errada é que eles estão fazendo coisa errada?

Paulo : É.

Pesquisadora : O que é coisa errada?

Paulo : Usar droga, esses trem. Fazer besteira na vida.

Pesquisadora : Você já chegou a conversar com alguém, com algum colega seu , como que você sabe que ele está na vida errada?

Paulo : Eu já vi. Eu vejo direto na porta da escola.

Pesquisadora : E na pandemia agora, ou melhor depois da pandemia, você acha que está a mesma coisa, sempre você viu essas coisas ?

Paulo : Era difícil saber que estava acontecendo isso.

Pesquisadora : E com a pandemia :aumentou ou está a mesma coisa?

Paulo : Aumentou um pouco.

Pesquisadora : Agora tem uma coisa que você me disse que o Silas te deu muita força.

Paulo : Nossa...

Pesquisadora : Aí eu queria que você me dissesse como que ele te ajudou? Como que ele te deu tanta força?

Paulo: Conselho. Parar de bagunçar e fazer atividade.

Pesquisadora: Até hoje você guarda hoje ?

Paulo : Até hoje. Gente boa demais. Eu pensei que ele ia dar aula de geografia pra nós, mas não é ele.

00:12:11

Pesquisadora: Então às vezes nem todas as turmas ele consegue dar aula, né? E então ele te falava isso desde quando ?

Paulo : Desde o 7º ano. Ele mesmo avisava todo mundo.

Pesquisadora : O que ele falava?

Paulo : Dentro da sala de aula : vigia, vigia.

Pesquisadora : E você como sabia? O que você achava dele falar isso ? Você achava que tinha algum fundamento mesmo que tinha que vigiar?

Paulo : Eu achava que ele ajudava todo mundo.

Pesquisadora : E de muita coisa que ele fez com você, você lembra disso?

Paulo : sim

Pesquisadora : E tem algum outro professor? Você lembra assim que te ajudou que você guarda na sua cabeça, esse espaço legal?

Paulo : É só o Silas.

Pesquisadora : É. E o jeito dele falar como que é ?

Paulo : Engraçado demais.

Pesquisadora : É ? Ele fala tipo brincando? E os outros professores não falam assim?

Paulo : Não. Tem uns que fala serio .

Pesquisadora : Fala sério é. E aí que que você acha assim, quando fala muito sério?

Paulo : Hi, tem que ficar quieto.

Pesquisadora : Aí você me disse que você gosta de mexer no celular, né? Aí o que que você gosta de mexer no celular?

Paulo : Ah Instagram , WhatsApp e jogar.

Pesquisadora : No instagram, o que você fica fazendo ?

Paulo: Eu vejo tudo quanto é tipo de coisa. Vejo vídeos.

Pesquisadora : E o WhatsApp?

Paulo : Eu converso com a minha mãe com meu tio, minha tia que mora aqui também, com meus irmãos, grupo de escola.

Pesquisadora : E outra coisa que você me falou é jogar né? Aí eu jogar. você joga ?

Paulo: No celular

Pesquisadora : Qual jogo que você gosta de jogar ?

Paulo : Free Fire

Pesquisadora : Aí outra coisa que você me falou é que sua mãe falou que está doida para você forma, né? E o que que ela te fala assim, geralmente ela.

Paulo : Sempre tá falando isso. direto O tempo todo.

Pesquisadora : E seu pai ?

Paulo : Meu pai não fala nada. Só minha mãe, minha irmã, meu tio que mora perto de casa.

Pesquisadora : Então é isso Paulo . Muito obrigada pela segunda entrevista.